

Immaculée Ilibagiza

com Steve Erwin



SOBREVIVI PARA CONTAR

O poder da fé me salvou de um massacre

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Immaculée Ilibagiza
com Steve Erwin

SOBREVIVI PARA CONTAR

O poder da fé me salvou de um
massacre

Tradução
Sonia Sant'Anna



Copyright © 2006 by Immaculée Ilibagiza
Originalmente publicado por Hay House Inc., Estados Unidos

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA. Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — CEP: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original

Left to Tell

Capa

Marcela Perroni / Ventura Design
(adaptação da capa original de Patrick Flood)

Imagem de capa

J. Salvatorie Tangorre

Copidesque

Elisabeth Xavier de Araújo

Revisão

Ana Kronemberger

Diogo Henriques

Raquel Corrêa

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I29s

Ilibagiza, Immaculée

Sobrevivi para contar [recurso eletrônico] : o poder da fé me salvou de um
massacre / Immaculée Ilibagiza, com Steve Erwin ; tradução Sonia Sant'Anna. - Rio

de Janeiro : Objetiva, 2012.

Tradução de: *Left to tell*

Formato: e-Pub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

234p. ISBN 978-85-390-0352-5 (recurso eletrônico)

1. Ilibagiza, Immaculée. 2. Católicos - Ruanda - Biografia. 3. Ruanda - História - Guerra civil, 1994- - Narrativas pessoais. 4. Livros eletrônicos. I. Erwin, Steve. II. Título.

12-1921. CDD: 922.2

CDU: 929:272

Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[Epígrafe](#)

[Apresentação](#)

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[Parte I - A tempestade em formação](#)

[Capítulo 1 - A Eterna Primavera](#)

[Capítulo 2 - Todos de Pé](#)

[Capítulo 3 - Estudos Secundários](#)

[Capítulo 4 - Na Universidade](#)

[Capítulo 5 - Novamente em Casa](#)

[Capítulo 6 - Sem Saída](#)

[Capítulo 7 - A Casa do Pastor](#)

[Capítulo 8 - Adeus aos Rapazes](#)

[Parte II - No esconderijo](#)

[Capítulo 9 - Para Dentro do Banheiro](#)

[Capítulo 10 - Confrontando Minha Ira](#)

[Capítulo 11 - Esforçando-me por Perdoar](#)

[Capítulo 12 - Sem Amigos a quem Recorrer](#)

[Capítulo 13 - Uma Reunião de Órfãos](#)

[Capítulo 14 - O Dom das Línguas](#)

[Capítulo 15 - Os Improváveis Salvadores](#)

[Capítulo 16 - Manter a Fé](#)

[Parte III - Um novo caminho](#)

[Capítulo 17 - As Dores da Liberdade](#)

[Capítulo 18 - Uma Carta de Damascene](#)

[Capítulo 19 - O Conforto do Acampamento](#)

[Capítulo 20 - Na Rota dos Rebeldes](#)

[Capítulo 21 - A Caminho de Kigali](#)

[Capítulo 22 - O Trabalho do Senhor](#)

[Capítulo 23 - Enterrar os Mortos](#)

[Capítulo 24 - Perdoar os Vivos](#)

[Epílogo - Amor novo, vida nova](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre os autores](#)

Aos meus amados pais, Leonard e Rose, e a meus queridos irmãos Damascene e Vianney, pelo amor desinteressado que me ofertaram. Vocês tornaram o céu um lugar mais brilhante, e eu os amarei para sempre.

Ao meu irmão Aimable, com muito amor e na esperança de que dores silenciadas possam ser curadas.

E a minha nova família — Bryan e nossos adoráveis filhinhos, Nikki e Bryan Jr. —, que me deu uma nova vida, amor e inspiração. Vocês fazem minha vida completa.

Em memória das vítimas de holocausto, seja onde for.



Mapa de Ruanda e países vizinhos. Mataba, a cidade natal de Immaculée, fica ao norte de Kibuye, nas margens do lago Kivu.

*Se não podemos mudar uma situação,
mudar a nós mesmos se torna o desafio.*

Viktor E. Frankl, M.D. ph.D., psiquiatra e escritor,
sobrevivente do holocausto da Segunda Guerra Mundial

APRESENTAÇÃO

Devo ter lido alguns milhares de livros nos últimos cinquenta anos. Este que o leitor tem em mãos é, sem sombra de dúvida, o mais emocionante e mais dolorosamente significativo em meio à vasta biblioteca que representa uma vida inteira dedicada à leitura.

Você está prestes a embarcar numa viagem que certamente haverá de alterar — e para sempre — sua opinião a respeito do poder da fé. Uma frase da Sagrada Escritura nos lembra que “para Deus, tudo é possível”. Cito-a freqüentemente em minhas palestras, muitas vezes seguida de uma pergunta retórica: “Essa frase prevê exceções?” A resposta é óbvia para qualquer um. “Tudo significa todas as coisas.”

Você já deve ter lido que a fé em estado puro, aquela que não admite dúvidas, pode mover montanhas e mesmo fazer com que um camelo passe pelo buraco de uma agulha. Entretanto, apesar da sua fé inabalável, a montanha provavelmente permaneceu imóvel em seu lugar de sempre, e o buraco de uma agulha é pequeno demais para permitir a passagem de uma simples pestana de camelo — quanto mais que a criatura inteira passe por essa minúscula abertura. Pois bem, tenho o prazer de dizer-lhe que, quando terminar sua primeira leitura de *Sobrevivi para Contar*, sua noção do que sejam *todas* as possibilidades não será mais a mesma. À medida que testemunhar a experiência transcendental vivida por Immaculée Ilibagiza em meio a um holocausto terrível demais para ser contemplado, compreenderá como a força ilimitada de uma fé pura e inamovível pode levar à obtenção de milagres.

Apesar da horrenda demonstração da desumanidade de que os seres humanos são capazes de perpetrar uns para com os outros, acontecida em Ruanda há uma década ou pouco mais, esta é na verdade uma história de amor no sentido mais puro da palavra — uma história do triunfo do espírito humano, a história da fé profunda de uma mulher e de sua determinação em sobreviver (a despeito de

dificuldades literalmente invencíveis) para narrar esses fatos e fazer-se mensageira de uma nova consciência religiosa. Uma história em que o amor a Deus se mostra tão forte que, diante dele, o ódio e o desejo de vingança se dissolvem.

Convivo há um ano com Immaculée e posso dizer que a conheço bem, muito bem — em verdade, nos comunicamos diariamente. Ela tem sido minha companheira em muitas viagens, para contar sua história a platéias que compreendem alguns milhares de pessoas, e compartilhamos do mesmo palco. Conversamos a sós por horas a fio a respeito de suas vivências do holocausto e de suas atuais aspirações, e passei muito tempo com ela e sua família. Dialoguei com seus colegas de trabalho e com outros que com ela sobreviveram, e ela conviveu muito tempo com meus filhos. Trocamos idéias durante as longas viagens de trem ou avião, que nos levam de uma palestra a outra, e a vi dirigir-se a platéias numerosas ou reduzidas. Posso dizer que conheço tão bem essa mulher dinâmica e poderosa que posso incluí-la entre os meus amigos mais íntimos. Eu lhe quero tanto bem e a admiro tanto que lhe dediquei meu livro mais recente, *Inspiration* (Inspiração).

Faço questão de revelar aqui, na introdução a este livro extraordinário, qual é minha relação pessoal com Immaculée, para que você, leitor, que vai mergulhar numa experiência que mudará para sempre sua vida (e estou convencido de que igualmente fará *deste mundo* um mundo melhor), seja informado em primeira mão do quanto Immaculée Ilibagiza é admirável aos meus olhos. Durante as inúmeras horas que passamos juntos, em ambientes públicos ou privados, essa mulher espiritualmente transcendental sempre — *sempre* é a palavra certa — irradia uma luz que contagia todos ao seu redor.

Em uma simples conversa à mesa do jantar, os presentes não apenas a escutam, como também sentem sua atração magnética; é possível ouvir uma mosca voar em meio a uma platéia numerosa, à medida que as palavras brotam do seu coração com tamanha convicção. Trata-se de algo mais do que simples carisma — Immaculée não se limita a falar e escrever a respeito do amor incondicional e do perdão, mas os irradia onde quer que esteja. Sua

vida transcorre num nível superior de consciência espiritual que eleva o nível de energia de todos que dela se aproximam... inclusive eu mesmo.

No momento em que a conheci, soube imediatamente, como se através de uma revelação, que estava na presença rara de uma pessoa singularmente Divina (o que se tornará evidente quando você chegar ao final deste livro). Nos falamos ligeiramente após uma palestra que proferi no Instituto Omega, na cidade de Nova York, e, depois de um ou dois segundos, ela havia desaparecido da minha vista — mas durante esses poucos segundos eu havia sido conquistado. Intuí sua energia excepcionalmente forte, tal como havia acontecido ao me encontrar, anos atrás, com Mãe Meera, uma indiana que muitos acreditam ser uma reencarnação da Mãe Divina.

Immaculée não pediu minha ajuda para publicar este livro — fui eu quem a procurou. Aquela centelha interior de amor e júbilo que eu havia sentido em sua presença não me abandonava, então pedi a minha filha Skye, que havia trocado endereços de e-mail com Immaculée, para contatá-la. Dias se tornaram semanas, e nada de comunicação. Diariamente eu perguntava a Skye: “Já teve alguma resposta daquela mulher de Ruanda?”

Até que, finalmente, Immaculée respondeu a minha filha, e eu lhe telefonei imediatamente. Perguntei: “Você está disposta a escrever a história de sua sobrevivência? Sinto-me na obrigação de contribuir para que sua mensagem seja ouvida em todo o mundo.” Foi então que Immaculée me contou que já havia escrito, ela mesma, cada detalhe de suas provações como uma tútsi em Ruanda por ocasião do genocídio de 1994, perseguida e marcada para morrer. Contou-me também acreditar que fora poupada com essa finalidade, mas suas tentativas de publicar essas notas tinham sido em vão, principalmente porque o inglês era sua terceira língua, e precisava de alguém para ajudá-la a selecionar o essencial em sua história e convertê-lo em algo mais legível.

Então pedi-lhe que me enviasse tudo que havia escrito, o que somava cerca de 150 mil palavras, com as quais, laboriosamente, uns cinco anos após partir de Ruanda, ela tinha registrado cada detalhe. Telefonei para meu amigo Reid Tracy, presidente da editora

Hay House, e ficou combinado que o escritor Steve Erwin ajudaria Immaculée a contar sua história, do modo como é contada neste livro. Prometi a Reid que apoiaria o projeto de todas as formas possíveis: eu não só escreveria a Apresentação, mas também incluiria Immaculée e sua história em minhas aparições públicas. E mais: iria a Ruanda com ela e sua família, com a finalidade de ajudá-la a angariar fundos para sua missão em favor das muitas crianças que ficaram órfãs quando a matança finalmente cessou.

Disse, ainda, a Reid que gostaria de apresentar Immaculée no meu especial de televisão — *Inspiração: seu objetivo primordial*¹ — e faria o que estivesse ao meu alcance para tornar conhecida do público a saga espiritual dessa mulher. Tudo por causa do que eu sentira ao encontrá-la pela primeira vez, ao fundo de uma sala cheia de gente e por alguns momentos apenas.

Dizem que *as leis do mundo material não se aplicam aos que vivem na consciência da presença de Deus em si mesmos*. Estou certo de que o leitor concordará com essas palavras ao terminar a leitura deste livro. Vezes sem conta, a pureza do sentimento de Immaculée da presença de Deus em seu eu mais íntimo permitiu-lhe erguer barreiras invisíveis, de tal modo que os assassinos com seus facões, a uma distância de alguns centímetros, ficaram cegos à sua presença. À medida que sua fé se fortalecia, os milagres se tornavam mais extraordinários. Suas visões tornaram-se tão realistas — e todas as dúvidas se dissiparam nela — que ela se fez una com Deus. Sabia que Deus estava ao seu lado, ao ver uma cruz luminosa livrá-la e a suas companheiras de uma morte certa. Anjos de amor e compaixão pareciam surgir do nada quanto mais intensa era sua comunhão com Deus. Pôde olhar fixamente para um assassino empedernido e esperar, confiantemente, vê-lo deixar cair a arma e permanecer imóvel, enquanto seu desprezo se transmudava em bondade.

E, finalmente, quando abandonou todo o sentimento de ódio e vingança que nutria pelos assassinos — a despeito de que um dia isso lhe houvesse parecido impossível —, fundiu-se em uma união divina com Deus ao oferecer aos seus perseguidores não apenas

compaixão, mas perdão completo e amor incondicional. Sim, ela se uniu ao Espírito, com o qual permanece até hoje.

Você se sentirá profundamente tocado por sua história. Será capaz de sentir o seu medo, certamente há de chorar, e perguntará a si mesmo aquilo que todos nós costumamos perguntar: *Como algo assim pôde acontecer? De onde vem tamanha animosidade? Por que não somos como Deus, que é a Fonte de todos nós?* Mas haverá de sentir, intensamente, algo mais: sentirá esperança, uma esperança de que, passo a passo, o ser humano caminhe em direção a novas atitudes — isto é, caminhamos em direção a uma vida consciente da presença de Deus em nós.

A meu ver, Immaculée não sobreviveu apenas para contar esta história horripilante, mas é, acima de tudo, um exemplo vivo do que podemos realizar quando nos voltamos para nosso interior e optamos integralmente por viver em perfeita harmonia com o Espírito que nos deu origem.

Honra-me ter sido em parte o responsável por chamar a atenção mundial para esta história. Sinto-me honrado pela oportunidade de, lado a lado com Immaculée, colaborar com sua missão de compaixão e amor — não somente em Ruanda, assim como em todos os lugares em que o ódio há tanto tempo se faz presente. Sinto-me profundamente honrado ao escrever estas poucas palavras neste livro que você, leitor, está prestes a iniciar. Asseguro-lhe que, à medida que prosseguir na leitura, terá avançado mais um passo em direção a uma vida unida à Essência Divina, da qual somos todos originários.

Amo este livro, amo Immaculée Ilibagiza.

Immaculée, obrigado por você fazer parte da minha vida.

— **Wayne Dyer**, Maui, Havaí.

Prefácio

Este livro não pretende contar a história de Ruanda ou do genocídio; pelo contrário, trata-se da minha história pessoal. Já foram escritos inúmeros livros, bons e informativos, que explicam detalhadamente as causas políticas e a maneira pela qual se processou o genocídio de 1994, durante o qual, segundo as estimativas do governo ruandês, mais de um milhão de pessoas foram mortas em aproximadamente cem dias.

Esta é a minha história, contada como eu a lembro... e em minha memória é como se tivesse acontecido ontem. Trata-se de uma história real; utilizo meu próprio nome e os dos membros de minha família. Entretanto, modifiquei a maioria dos nomes de outros participantes, para proteger a identidade dos sobreviventes e para evitar que o ciclo de ódio se perpetue.

Creio que as vidas de todos nós estão interligadas, que devemos aprender através das experiências uns dos outros. Escrevi este livro na esperança de que outros possam se beneficiar do meu relato.

— **Immaculée Ilibagiza**, cidade de Nova York.

Introdução

Eu me chamo Immaculée

Ouvi quando os assassinos chamaram meu nome.

Estavam do outro lado da parede, menos de 2,5 centímetros de gesso e madeira nos separavam. Suas vozes eram frias, duras e decididas.

— Ela está aqui... sabemos que está aqui em algum lugar... Tratem de encontrá-la, encontrem Immaculée.

Eram muitas as vozes, muitos os assassinos. Eu podia vê-los com os olhos da mente: meus antigos amigos e vizinhos, que sempre me haviam recebido com amor e bondade, andavam pela casa, munidos de lanças e facões, e chamavam meu nome.

— Já matei 399 baratas — disse um deles. — Com Immaculée serão quatrocentas. Esse é um bom número para se matar.

Encolhi-me, sem mexer um músculo sequer, em um canto de nosso minúsculo banheiro secreto. Assim como as outras sete mulheres que se escondiam comigo para proteger suas vidas, prenda a respiração para que os perseguidores não nos ouvissem.

Suas vozes dilaceravam minha carne. Senti-me em fogo, como se estivesse deitada sobre um leito de carvões ardentes. Uma avassaladora onda de medo tomou conta de mim; milhares de agulhas invisíveis penetraram meu corpo. Eu nunca havia imaginado que o medo pudesse provocar tamanho sofrimento físico.

Tentei engolir, mas minha garganta se fechou. Não havia saliva em minha boca, que parecia mais seca do que areia. Fechei os olhos, na tentativa de desaparecer, mas as vozes soavam cada vez mais alto. Eu sabia que eles não teriam piedade, e um único pensamento ecoava em minha mente: *Se me pegarem, eles vão me matar. Se me pegarem, eles vão me matar. Se me pegarem, eles vão me matar...*

Os assassinos estavam do outro lado da porta, eu sabia que a qualquer momento eles me encontrariam. Tentei imaginar o que sentiria quando o facão cortasse minha pele e penetrasse até os ossos. Pensei em meus irmãos e em meus queridos pais, perguntando a mim mesma se estariam vivos ou mortos, e se em breve estaríamos reunidos no paraíso.

Juntei as mãos, segurei o rosário de meu pai e comecei a orar silenciosamente:

— Ó, Deus, por favor, me ajude. Não permita que eu morra assim, assim não. Não permita que esses assassinos me encontrem. O Senhor nos diz na Bíblia que se pedirmos, receberemos... pois bem, Deus, eu estou pedindo. Por favor, faça com que esses assassinos se afastem. Por favor, não permita que eu morra neste banheiro. Por favor, Deus, por favor, por favor, por favor, me salve por favor! Me salve!

Os assassinos abandonaram a casa e todas nós voltamos a respirar. Eles partiram, mas voltariam inúmeras vezes durante os três meses seguintes. Acreditei que Deus havia poupado a minha vida, mas, durante os 91 dias que passei tremendo de medo, com mais sete pessoas, num banheiro do tamanho de um armário, eu aprenderia que ser poupada não é o mesmo que ser salva... e essa lição me modificou para sempre. Foi uma lição pela qual, em meio a assassinatos em massa, aprendi a amar os que me odiavam e perseguiram — e como perdoar aqueles que executaram minha família.

Meu nome é Immaculée Ilibagiza. Esta é a história de como encontrei Deus durante um dos holocaustos mais sangrentos da História.

PARTE I

TEMPESTADE EM FORMAÇÃO

CAPÍTULO 1

A Eterna Primavera

Nasci no paraíso.

Pelo menos era assim que me sentia a respeito da minha terra natal durante meus primeiros anos de vida.

Ruanda é um país pequenino, engastado como uma jóia na África Central. Sua beleza é tanta que é impossível não ver a mão de Deus no ondular de suas luxuriantes colinas, montanhas envoltas em névoa, vales verdejantes e lagos que cintilam. A brisa suave que desce das montanhas, por entre florestas de pinheiros e cedros, traz consigo o doce perfume dos lírios e dos crisântemos. E o clima é tão ameno o ano todo que os alemães, chegados no final da década de 1830, chamavam-na “terra da eterna primavera”.

Durante a infância, jamais me falaram sobre a existência das correntes do mal que um dia dariam origem ao holocausto que inundou meu país num banho de sangue. A menina que eu era só conhecia do mundo a encantadora paisagem ao seu redor, a gentileza dos vizinhos e o amor profundo de meus pais e irmãos. Em nossa casa, racismo e preconceito eram totalmente desconhecidos. Eu não tinha consciência de que as pessoas pertenciam a tribos e raças diferentes e, até entrar para a escola, jamais havia escutado palavras como tútsi ou hútu.

Em minha aldeia, crianças caminhavam mais de 12 quilômetros, por trechos desertos de estrada, para ir e voltar da escola, mas seus pais não se preocupavam com a possibilidade de serem raptadas ou de alguma forma maltratadas. Meu maior medo nessa época era o de ficar sozinha no escuro — a não ser por isso, eu era uma menina muito feliz, em uma família feliz, habitante do que me

parecia ser uma aldeia feliz, onde as pessoas se respeitavam e eram amigas umas das outras.

Nasci em Kibuye, uma província de Ruanda Ocidental, na aldeia de Mataba. Nossa casa se erguia sobre o topo de uma colina, com vista para o lago Kivu, que parecia estender-se até o infinito diante de nós. Em manhãs claras eu podia avistar as montanhas na outra margem do lago, no vizinho Zaire, hoje República Democrática do Congo. Entre as cenas indelevelmente gravadas em minha memória está a arriscada descida da encosta íngreme que ia da nossa casa até o lago. Assim que os raios do sol dissipavam os derradeiros vestígios da neblina da madrugada, eu ia nadar com meu pai e irmãos. A temperatura da água era cálida, o ar que tocava nossa pele era fresco, e avistar nossa casa, muito acima da margem do lago, sempre me emocionava.

O caminho de volta era uma verdadeira aventura, porque a colina era muito íngreme, e a terra sob nossos pés, instável e traiçoeira. Eu muitas vezes escorregava e sentia medo de rolar ladeira abaixo até cair no lago. Meu pai sempre percebia quando eu estava com medo e me carregava em seus braços até em casa. Era um homem grande e forte, e, aconchegada naqueles braços vigorosos, eu me sentia amada e protegida. Causava-me grande emoção ser levada assim, de forma tão carinhosa, já que meu pai era antiquadamente reservado e raramente demonstrava emoção ou falava de seu amor por mim ou por meus irmãos — embora tivéssemos certeza desse amor.

Ao chegarmos da natação, encontrávamos minha linda mãe ocupada na cozinha, preparando o prato quente de arroz com feijão que costumava nos servir diariamente antes de nos despachar para a escola. Sua energia jamais cessava de me surpreender. Mamãe era sempre a primeira a acordar e a última a se deitar — levantava-se muito antes de todos para conferir se a casa estava em ordem, nossas roupas estendidas, nossos livros e lições separados, e os papéis do trabalho de papai organizados. Confeccionava todas as nossas roupas, cortava nossos cabelos e enfeitava a casa com objetos feitos à mão por ela mesma.

Os feijões servidos em nosso desjejum eram cultivados em nossas terras, que mamãe supervisionava todas as manhãs enquanto ainda estávamos dormindo. Inspeccionava a lavoura, distribuía as ferramentas aos trabalhadores temporários e verificava se nossas vacas e demais animais estavam alimentados e com os bebedouros cheios. Então, findas as tarefas matinais e tendo nos mandado para a escola, se encaminhava para a escola primária local onde trabalhava como professora em tempo integral.

Meus pais eram ambos professores e acreditavam firmemente em uma boa educação como única defesa contra a pobreza e a fome. Apesar de ser um dos menores países da África, Ruanda — que tem aproximadamente a mesma extensão que o estado brasileiro de Alagoas — é um dos mais densamente povoados do continente e um dos mais pobres do mundo. Papai e mamãe foram os primeiros de suas famílias a obter um diploma de segundo grau e estavam decididos a fazer com que seus filhos fossem mais além. Papai ensinava pelo exemplo, trabalhou duro e estudou muito a vida toda. Recebeu muitas honrarias e promoções em sua carreira e ascendeu continuamente os degraus que o levaram de professor primário até o posto de diretor da escola secundária e, por fim, administrador-chefe de todas as escolas católicas em nosso distrito.

Em Ruanda, cada membro de uma mesma família tem sobrenome diferente. Quando os filhos nascem, seus pais lhes dão um sobrenome, que reflete os sentimentos do pai e da mãe ao ver pela primeira vez o bebê. Em kinyarwanda, língua nativa de Ruanda, meu nome (Ilibagiza) significa “bela e brilhante de corpo e alma”. O nome foi escolhido por papai, o que sempre me faz lembrar o quanto ele me amou desde o momento em que nasci.

O nome de meu pai era Leonard Ukulikiyinkindi, e o de minha mãe, Marie Rose Kankindi, mas seus amigos a chamavam de Rose. Eles haviam se conhecido na casa de um de meus primos, no verão de 1963, a caminho das bodas de um amigo em comum. Ao serem apresentados, mamãe examinou papai e estalou a língua diante do seu cabelo crescido.

— Você vai a um casamento com esse cabelo?

Meu pai deu de ombros e argumentou que não conseguia encontrar um barbeiro. Mamãe arranhou um par de tesouras, mandou-o sentar-se e se pôs a trabalhar ali mesmo. Ela deve ter se saído bem na tarefa, pois se tornaram inseparáveis. Casaram-se dentro de um ano, e papai nunca mais permitiu que alguém cortasse seus cabelos, a não ser mamãe.

Meus pais conseguiram juntar algumas economias trabalhando como professores e cultivando as terras que meu avô lhes havia doado (cultivavam e comercializavam feijão, banana e café). Papai projetou e construiu nossa casa, a qual, muito modesta pelos padrões ocidentais, era considerada luxuosa em nossa aldeia. Tínhamos uma cozinha, uma sala de jantar e outra para visitas, nossos quartos e um quarto de hóspedes, e papai possuía até um escritório. Um pátio, fechado por um portão, dava para um pequeno anexo em que os trabalhadores temporários se alojavam, e — graças a Deus — tínhamos um galpão reservado para os animais, de modo que as vacas não dormiam dentro de casa conosco. Papai colocou uma caixa d'água no telhado para captar água da chuva e não termos que buscar água no lago Kivu, e os painéis solares que instalou nos forneciam luz elétrica por cerca de uma hora nos dias ensolarados.

Possuíamos dois veículos, o que era inaudito na parte de Ruanda que habitávamos: uma motocicleta cross-country amarela, que papai usava para visitar escolas em vilarejos remotos na montanha, e também um carrinho para ir à igreja aos domingos e para visitar os parentes. Alguns moradores da aldeia nos consideravam ricos, o que não era verdade, e chamavam meu pai de *Muzungu*, que significa “homem branco”, ou “gente rica”, o que, para muitos ruandeses, dava no mesmo.

Ninguém mais na aldeia possuía uma moto, e mamãe sempre se preocupava com a possibilidade de papai ser assaltado por bandidos em algum desfiladeiro solitário das montanhas. Preocupar-se com a família era uma constante com mamãe, a ponto de, sempre que algum de nós passava mais de uma noite fora de casa, escutar os óbitos divulgados toda tarde pelo rádio.

— Mãe, pense em todas as coisas boas que poderiam nos acontecer, em vez de se concentrar no que pode dar errado — eu insistia em vão.

— Oh, Immaculée, eu não resistiria se alguém batesse em minha porta com más notícias sobre um dos meus filhos ou sobre seu pai. Eu rezo para morrer antes de vocês todos. Ela rezava incessantemente por nossa saúde, segurança e bem-estar.

Meus pais eram católicos fervorosos e nos transmitiram suas crenças. A missa aos domingos era obrigatória, assim como as orações da noite, com toda a família reunida. Eu também gostava de orar, de ir à igreja e de tudo mais que se referia a Deus. Amava particularmente a Virgem Maria, convicta de que era minha segunda mãe, que me protegia lá do céu. Não sei explicar o motivo, mas rezar fazia-me sentir contente e feliz. Tão feliz que um dia, aos 10 anos de idade, escapuli do colégio com minha amiga Jeanette para visitar o padre Clement, um padre sábio e idoso, muito amigo da família e que eu considerava como uma espécie de avô.

Jeanette e eu caminhamos por cerca de 11 quilômetros, através de campos e florestas, e atravessamos um rio a pé para encontrar padre Clement. Ele nos recebeu calorosamente, mas ficou preocupado porque chegamos à sua capela exaustas, ofegantes, encharcadas e pra lá de sujas. Sua aparência era a de um santo, mais alto do que nós, com sua batina branca folgada, braços abertos em boas-vindas e um lindo rosário pendurado ao pescoço.

— O que é isso, meninas? Em que posso ajudá-las? — perguntou.

— Padre, queremos dedicar nossas vidas a Deus — disse Jeanette em tom solene.

— É isso mesmo, padre — concordei. — Pensamos muito e queremos ser freiras.

— Freiras? Entendi — disse ele, balançando a cabeça afirmativamente e com seriedade, mas acho que provavelmente disfarçava um sorriso. Com as mãos pousadas sobre nossas cabeças, deu-nos uma bênção especial. — Que Deus abençoe essas queridas meninas, defenda-as do mal e proteja-as por toda a vida. — Então olhou para nós e ordenou: — Agora vão para casa, todas duas.

Voltem quando tiverem completado 18 anos, e então, se ainda desejarem ser freiras, tornaremos a conversar.

SE MEUS PAIS ERAM CATÓLICOS FERVOROSOS, eram cristãos no sentido mais amplo da palavra. Acreditavam na Lei de Ouro² e nos ensinaram a tratar o próximo com bondade e respeito. Sentiam-se fortemente ligados a sua aldeia e se dedicavam à criação de uma comunidade próspera e harmoniosa. Papai passava muitos fins de semana ocupado em trabalhos voluntários, tais como a construção de uma capela ecumênica, e pagou do próprio bolso boa parte dos custos. Além disso, criou um fundo escolar que concedia bolsas de estudo às crianças carentes, fundou com essa finalidade uma das poucas cooperativas cafeeiras de Ruanda e permitiu que uma dúzia de cafeicultores plantasse em suas terras sem lhes cobrar arrendamento, se prometessem doar parte dos lucros ao fundo. O programa foi tão bem-sucedido que sobrou dinheiro para a construção de um centro comunitário, um campo de futebol para os adolescentes e um telhado novo para a escola.

Mamãe também era conhecida por suas obras beneficentes. Era incapaz de dar as costas a um necessitado, e freqüentemente tínhamos outra família morando conosco porque estava em dificuldades e precisava de um teto até se recuperar.

Depois do trabalho, minha mãe muitas vezes se oferecia como voluntária para dar aulas particulares a estudantes, e vivia comprando tecido para fazer os uniformes das alunas da escola local. Uma vez eu a entreouvi quando conversava com uma vizinha que estava muito triste porque não podia comprar um vestido de noiva para a filha.

— Rose, que espécie de mãe sou eu, que mando minha filha para sua nova vida usando roupas velhas? — perguntou a mulher. — Se ao menos eu tivesse uma cabra para vender, poderia vesti-la corretamente no dia do seu casamento.

Minha mãe disse-lhe para não se preocupar — Deus havia de prover, era preciso ter fé. No dia seguinte vi mamãe contando o dinheiro que havia economizado do salário de professora. Em seguida dirigiu-se à aldeia e voltou para casa com os braços

carregados de tecidos de cores variadas. E passou a noite acordada, costurando vestidos para a noiva e as damas de honra.

Papai e mamãe consideravam a aldeia como uma extensão de nossa família, e os aldeões freqüentemente os tratavam como pais substitutos. Papai gozava em toda a região da reputação de homem culto, esclarecido e justo. Conseqüentemente, vinha gente de longe em busca de seus conselhos quanto a problemas de família, dificuldades financeiras e investimentos em algum negócio. Era chamado muitas vezes para arbitrar discussões locais e incutir disciplina em jovens rebeldes.

Crises na aldeia eram geralmente seguidas de batidas em nossa porta e do pedido:

— Leonard, você pode nos ajudar? O que devemos fazer, Leonard?

Papai, fosse a hora que fosse, mandava-os entrar e discutia seus problemas até chegarem a uma solução. Era bom diplomata e sempre fazia as pessoas pensarem que elas próprias haviam solucionado suas dificuldades.

Mamãe também era requisitada como conselheira, principalmente por mulheres jovens que passavam por problemas com os maridos. Ao longo dos anos, tantos dos nossos vizinhos haviam sido seus alunos que muitos aldeões a chamavam simplesmente Professora.

Mas, apesar de muito dedicados à aldeia, eram pais extremosos e passavam conosco o maior tempo que podiam.

De vez em quando, depois de trabalhar até tarde e sair para tomar uma cerveja com os amigos, papai chegava em casa muito tempo depois de estarmos na cama.

— Onde estão os meus pequenos? Onde estão meus filhos queridos? — perguntava, um pouco "alto", mas cheio de afeição.

Mamãe ralhava com ele:

— Estão dormindo, Leonard, como deveriam estar. Se quiser vê-los, trate de chegar em casa mais cedo.

— Acontece que eu não gosto de jantar sozinho — dizia ele, e nos tirava da cama carinhosamente. Nós nos sentávamos de pijama em torno da mesa, enquanto ele jantava e contava como tinha passado o dia. Nós adorávamos esses momentos.

Terminado o jantar, papai nos mandava ajoelhar na sala de visitas e recitar a oração noturna.

— Mas eles já rezaram, Leonard. E eles têm escola amanhã!

— Tudo bem, Rose, eu também tenho trabalho amanhã, e orações nunca são demais. Não concorda, Immaculée?

— Sim, papai — eu respondia timidamente. Eu adorava meu pai e ficava radiante por ele me fazer uma pergunta tão séria.

Eram momentos mágicos esses — quando papai deixava de lado sua aparência severa —, e seu amor por nós era visível.

ÉRAMOS QUATRO CRIANÇAS NA FAMÍLIA: eu e meus três irmãos. O mais velho era Aimable Ntukanyagwe, nascido em 1965, um ano depois do casamento de meus pais. Mesmo quando pequeno, era o mais sério de todos. Tão quieto e introspectivo que dizíamos que era o padre da família. Mamãe o adorava, seu primogênito e favorito, mas Aimable era humilde, tímido e sentia-se constrangido pelo excesso de atenção que ela lhe dispensava. Além disso, era gentil e detestava violência. Sempre que os outros meninos brigavam ou se entregavam a provocações, ele os afastava e os fazia reconciliarem-se.

Nas ausências de papai, Aimable ocupava seu lugar. Tomava conta de tudo: se havíamos terminado os deveres de casa, feito nossas orações antes de dormir, e nos mandava para a cama na hora certa. Era o último a se recolher, mas antes verificava se as portas estavam trancadas e a casa em segurança. Parecia bem mais velho do que sua idade real, mas era um irmão amoroso, que sempre perguntava como tinha sido meu dia, como eu estava indo nos estudos e se meus amigos me tratavam bem. A diferença entre nós era de cinco anos e, quando crianças, suficiente para dificultar nossa intimidade.

Eu tinha 7 anos quando ele foi para o colégio interno, e, depois disso, só nos víamos nas férias e em datas especiais. No dia em que ele partiu, tive uma terrível dor de barriga. Embora sua escola ficasse numa cidade próxima, para mim era como se meu irmão estivesse indo para a Lua. Foi a primeira vez que senti a dor física de perder alguém que se ama. Dias depois, quando meu pai nos fez sentar para escrevermos cartas para Aimable, eu só conseguia

pensar em duas coisas para dizer. Escrevi em letras grandes e arredondadas:

Querido Aimable.

Eu amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você, estou com saudades suas, amo você... e estou com saudades suas.

Beijos.

Immaculée.

P.S.: Estou com saudades suas.

Meu pai riu ao ler a carta.

— Immaculée, você não contou a visita à casa da vovó, nem disse como estão passando seus irmãos. Tente escrever de novo, com mais notícias e menos “eu amo você” e “estou com saudades suas”.

— Mas é assim que eu me sinto, papai.

Eu não entendia por que ele queria que eu amasse menos meu irmão — mas papai nunca se cansou de implicar comigo por causa dessa carta.

Dois anos depois do nascimento de Aimable, veio ao mundo meu segundo irmão mais velho. Seu nome era Damascene Jean Muhirwa, e ele era brilhante, arteiro, engraçado, generoso, extremamente amoroso e irresistivelmente adorável. Ele me fazia rir diariamente e sempre sabia como secar minhas lágrimas. Damascene... até hoje não consigo pronunciar seu nome sem sorrir... ou chorar. Era três anos mais velho do que eu, mas eu me sentia como se fôssemos gêmeos. Meu maior amigo e minha alma gêmea.

Quando eu estava triste, Damascene logo aparecia para me consolar — como no dia em que fiquei furiosa porque mamãe me mandou limpar o quintal enquanto os meninos iam jogar futebol. Damascene preferiu faltar ao jogo, abandonar os amigos e me ajudar — vestido com uma saia!

— Trabalho de mulher nunca tem fim — ele cantarolou em voz fina e apanhou um ancinho, fazendo-me morrer de rir. E passou a tarde inteira trabalhando comigo.

Até quando se comportava mal, o que raramente acontecia, tudo acabava dando certo. Aos 12 anos, ele secretamente “pegou emprestado” o carro de papai e aprendeu sozinho a dirigir. Normalmente, meu pai o castigaria de forma severa por essa falta, mas ele simplesmente abraçou Damascene quando descobriu o acontecido. Tudo se passou assim: papai tinha viajado a trabalho, e mamãe sofreu um grave ataque de asma. Ela caiu no chão, semi-inconsciente, e mal conseguia respirar. Damascene a colocou no ombro, levou-a até o carro, sentou-a cuidadosamente no banco de trás e dirigiu 14,5 quilômetros até o hospital mais próximo. Embora quase tenha atropelado duas vacas, três cabras e vários vizinhos pelo caminho, chegou a tempo. O médico disse que mamãe teria morrido se demorassem mais um pouco.

Quase todos que conheciam Damascene gostavam dele — seu sorriso fácil e temperamento jovial eram contagiantes. Era o palhaço da classe, mas também um aluno brilhante, regularmente classificado entre os melhores da escola — e seria o primeiro jovem da região a obter o mestrado. Estudava muito, mas conseguia tempo para se dedicar ao judô, no qual chegou à faixa marrom, tornar-se capitão do time de basquete, tanto na escola secundária quanto na universidade, e servir como o principal coroinha da igreja. Chorei uma semana inteirinha quando ele foi para o colégio interno e pensei que eu nunca mais conseguiria dar uma risada.

Damascene era a luz da minha vida.

O caçula da família era meu irmãozinho John Marie Vianney Kazeneza, três anos mais novo do que eu. Vianney tinha um jeito inocente, com seus olhos arregalados, e, como todo caçula, era adorável mas irritante. Ao crescer, tornou-se um rapaz musculoso, muito mais alto do que eu, mas para mim seria sempre meu irmãozinho caçula — nunca deixei de pensar que era minha obrigação cuidar dele. Era um menino encantador, que me seguia por toda parte, como um cachorrinho. Acostumei-me a tal ponto à sua presença constante que sentia sua falta quando não estava por perto implicando comigo.

Fui a terceira entre os filhos de meus pais, e a única menina, o que, numa sociedade dominada pelos homens, representava uma

exigência maior. Na cultura de Ruanda, ter uma “boa reputação” é tudo. E meus pais se mantinham vigilantes para que sua filha conservasse uma reputação sem manchas. Eram mais severos comigo do que com meus irmãos, cabia-me executar um número maior de tarefas domésticas, devia chegar em casa mais cedo, minhas roupas eram escolhidas por eles, que aprovavam ou desaprovavam meus amigos. Meus pais me incentivaram a ser uma boa aluna e a adquirir conhecimentos, mas, como mulher numa sociedade muito conservadora, esperava-se que eu fosse vista, mas não ouvida.

É irônico que tenha sido eu a destinada a contar nossa história.

2 Não faça aos outros o que não quer que seja feito com você.

CAPÍTULO 2

Todos de Pé

— De pé, tútsis!

Cadeiras se arrastaram sobre o chão, e seis alunos da quarta-série em que eu estudava se puseram de pé imediatamente. Eu não entendi o que estava acontecendo, já que até então freqüentara a escola de minha mãe. Agora, aos 10 anos, era meu primeiro dia na escola para os mais velhos, e me senti confusa com a movimentação. Eu nunca havia visto um professor fazer a chamada baseando-se na etnia.

— De pé, *todos* os tútsis — berrou o professor Buhoro. E foi marcando os nomes a lápis numa lista, a seguir parou diante de mim e me encarou.

— Immaculée Ilibagiza, você não se levantou quando chamei os hútus, não se levantou quando chamei os twas, e continua sentada depois que chamei os tútsis. Por quê? — Buhoro sorria, mas sua voz soava dura e má.

— Não sei, professor.

— A qual tribo você pertence?

— Não sei, professor.

— Você é uma tútsi ou hútu?

— E... eu não sei, professor.

— Saia! Saia da classe e não volte até saber quem é.

Recolhi meus livros e saí da sala, envergonhada e de cabeça baixa. Embora ainda não o soubesse, eu acabava de receber minha primeira aula sobre as diferenças étnicas em Ruanda, e foi um despertar doloroso.

Corri para o pátio e me escondi atrás de uns arbustos, à espera de que meu irmão Damascene acabasse sua aula. Até então eu

conseguiu evitar as lágrimas, mas agora chorei até ensopar meu uniforme azul. Eu não entendia o que tinha acabado de acontecer, queria voltar para a classe e pedir uma explicação a minha melhor amiga, Janet. Ela havia se levantado quando o professor chamou os hútus — talvez ela pudesse me dizer por que o professor havia me tratado tão mal. Mas continuei ali, encolhida entre os arbustos, até ser encontrada, ainda choramingando, por Damascene.

— Quem brigou com você, Immaculée? — perguntou meu irmão, com a autoridade dos seus 13 anos. Damascene sempre foi meu principal defensor, pronto a iniciar uma guerra se alguém me tratasse mal, e eu lhe contei o que Buhoro tinha dito.

— Buhoro é um homem desagradável — comentou meu irmão —, mas não se preocupe com isso. Na próxima vez que ele fizer a chamada, faça como eu, levante-se junto com seus amigos. Fique de pé ao mesmo tempo que Janet.

— Janet ficou de pé quando ele chamou os hútus.

— Então fique de pé quando chamarem os hútus. Se nossos amigos são hútus, isso quer dizer que nós também somos. Somos todos iguais, não somos?

Eu não tinha como saber, mas Damascene devia ser tão ignorante quanto eu em matéria de tribalismo em Ruanda... e isso era estranho, já que estávamos entre os jovens mais instruídos da vizinhança. Todos os dias, depois das aulas, meus irmãos e eu tínhamos direito a noventa minutos de tempo livre até sermos chamados à sala de visitas, para fazer nossos deveres sob a supervisão de mamãe. Quando faltava uma hora para o jantar, papai a substituía e armava, no meio da sala, um quadro-negro como o da escola. Distribuía giz e nos passava exercícios de matemática, gramática e geografia.

Mas nossos pais não nos ensinaram nossa própria História. Não sabíamos que Ruanda era povoada por três tribos: uma maioria hútu, uma minoria tútsi e um número insignificante de twas, povo semelhante a pigmeus, que vivia nas florestas. Não nos ensinaram que os colonizadores alemães, e depois os belgas que os substituíram, tinham convertido a estrutura social então reinante em Ruanda — uma monarquia, sob reis tútsis, que, por séculos,

manteve Ruanda em paz e harmonia — em um sistema discriminatório de classes, tendo por base a raça dos indivíduos. Os belgas apoiavam a aristocrática minoria tútsi e os colocaram à testa do governo; assim sendo, os tútsis recebiam uma educação superior para melhor dirigir o país e gerar maiores lucros para seus senhores belgas. Estes instituíram uma carteira de identidade étnica para mais facilmente distinguir quem pertencia a qual tribo, aprofundando o fosso que cavaram entre tútsis e hútus. Esses erros imprudentes criaram um duradouro ressentimento da parte dos hútus, base para o futuro genocídio.

Quando os tútsis reivindicaram mais independência, os belgas se voltaram contra eles e, em 1959, encorajaram uma sangrenta revolta dos hútus, que depuseram a monarquia. Mais de 100 mil tútsis foram assassinados. Quando os belgas abandonaram Ruanda, em 1962, o governo hútu estava consolidado, e os tútsis foram relegados a cidadãos de segunda classe, sujeitos a perseguições, violência e morte pelas mãos dos hútus extremistas. Por décadas, massacres, nos quais morreram dezenas de milhares, foram comuns. Embora a violência fosse cíclica, a discriminação estava sempre presente. As carteiras de identidade étnica, que os hútus haviam adotado dos belgas, tornavam a discriminação mais ostensiva, e mais fácil de ser posta em prática.

Mas essas eram lições de história que nossos pais não queriam que meus irmãos e eu aprendêssemos, pelo menos enquanto éramos ainda muito novos. Jamais nos falaram sobre discriminação, ciclos de extermínio, limpeza étnica ou carteiras de identidade racial — esses assuntos não fizeram parte da minha formação.

Qualquer um era bem-vindo em nossa casa, independente de raça, religião ou tribo. Para meus pais, o fato de ser tútsi ou hútu não tinha a ver com o tipo de pessoa que se era. Bom caráter e bondade eram o requisito para ser recebido de braços abertos. Mas eles mesmos tiveram algumas experiências horripilantes nas mãos dos hútus extremistas... quando penso no passado, consigo até me lembrar vagamente de uma.

Eu tinha apenas 3 anos de idade e não entendi o que se passava, mas me recordo do fogo iluminando o céu noturno, enquanto minha

mãe me apertava em seus braços e fugíamos de casa. Foi por ocasião do golpe de 1973, quando muitos tútsis foram perseguidos, expulsos de suas casas e assassinados na rua. Na região que habitávamos, os hútus incendiaram os lares tútsi, um após o outro. Víamos o lago Kivu aos nossos pés, enquanto as labaredas subiam colina acima em nossa direção. Nos refugiamos na casa de um vizinho, um hútu amigo nosso chamado Rutakamize. Ele nos abrigou até que a matança e os incêndios terminassem. Quando voltamos para casa, tudo que encontramos foram ruínas fumegantes.

Meus pais reconstruíram a casa e jamais comentaram o acontecido, pelo menos não com os filhos. E, mesmo depois que foram alvo de outro surto de violência antitútsi em 1959, jamais os ouvi falar depreciativamente contra os hútus. Não eram preconceituosos, acreditavam que é o mal que encoraja as pessoas a cometerem maldades, independente de sua raça ou tribo. Papai e mamãe não levavam em consideração as circunstâncias políticas e sociais em que viviam e, pelo contrário, nos ensinavam que todos nascem iguais. Não queriam que crescêssemos paranóicos, ou com sentimentos de inferioridade por termos nascido tútsis.

ASSIM É FÁCIL COMPREENDER POR QUE FIQUEI TÃO CONFUSA quando o professor Buhoro se enfureceu comigo por eu não saber qual era minha tribo.

Naquele dia, Damascene passou o braço sobre meu ombro e me acompanhou até em casa. Ambos percebíamos que entráramos em contato com algo ruim, mas não sabíamos o quê. À hora do jantar, contei a papai o que havia acontecido. Ele ficou calado, logo a seguir me perguntou por quanto tempo eu havia chorado entre os arbustos depois de ser expulsa de sala.

— Quase o dia inteiro, papai.

Ele colocou o garfo sobre a mesa e parou de comer — sinal certo de que estava zangado.

— Vou falar com Buhoro amanhã — prometeu.

— Mas, papai, qual é a minha tribo?

— Não se preocupe com isso agora. Podemos discutir esse assunto amanhã, depois que eu falar com seu professor.

Meu desejo era perguntar por que ele não me dizia logo a qual tribo eu pertencia, mas não era bem-educado questionar os mais velhos. Ele era meu pai e, se preferia ser evasivo, devia ter suas razões, imaginei. Mas senti-me frustrada — não entendia por que todo mundo se perturbava tanto quando o assunto eram as tribos!

No dia seguinte papai falou com o professor, mas não me contou sobre o que conversaram, nem me disse qual era a minha tribo, como prometera. Só fiquei sabendo na semana seguinte, quando Buhoro fez nova chamada por tribo. Meu pai deve tê-lo repreendido, pois desta vez chamou-me até sua mesa antes da chamada e disse num tom muito mais brando.

— Immaculée, levante-se quando eu chamar os tútsis.

Eu sorria a caminho da minha carteira, pensando *Então eu sou uma tútsi! Ótimo!* Eu não tinha idéia do que era ser uma tútsi, mas, de todo modo, me sentia orgulhosa por ser uma deles. Éramos tão poucos na turma que imaginei que devíamos ser especiais — além disso a palavra tinha um som bonito e era agradável de dizer. Mas eu continuava sem perceber qualquer diferença entre tútsis e hútus. Os twas eram pigmeus, assim era fácil reconhecê-los por sua baixa estatura. Mas, como poucos twas freqüentavam a escola, eu quase não os via.

Diferenças entre tútsis e hútus eram mais difíceis de notar. Diziam que os tútsis eram mais altos, de pele mais clara e narizes mais afilados. Mas isso não era verdade, já que tútsis e hútus casaram entre si durante séculos, portanto nossas cadeias de genes se haviam misturado. Hútus e tútsis falavam o mesmo idioma — kinyarwanda — e tinham uma história comum. Nossas culturas eram praticamente iguais: cantávamos as mesmas canções, cultivávamos a mesma terra, freqüentávamos as mesmas igrejas e cultuávamos o mesmo Deus. Vivíamos nas mesmas aldeias, nas mesmas ruas e, ocasionalmente, nas mesmas casas.

Aos olhos de uma criança (ou, pelo menos, aos *meus* olhos), nos dávamos muito bem. Vezes incontáveis minha amiga Janet e eu jantávamos na casa uma da outra. Durante meus tempos de menina, as únicas ocasiões em que fui lembrada de que Ruanda era habitada por tribos diferentes foi durante a chamada étnica semanal.

Aquilo me aborrecia, mas não me causava muitas preocupações, porque eu ainda não havia descoberto o significado de preconceito.

Até que decidi entrar para a escola secundária.

Aos 15 anos de idade, terminei em segundo lugar, numa classe de sessenta alunos, a oitava série. A média de minhas notas era 94, apenas dois pontos abaixo do melhor aluno — um rapaz tútsi —, muito mais adiantado que todo mundo. Resultado mais que suficiente para me garantir uma bolsa e uma vaga numa das melhores escolas secundárias públicas da região. No final do semestre fui para casa sonhando com meu novo uniforme escolar e tentando imaginar como seria morar longe de casa, numa bonita escola na qual as aulas eram dadas em francês.

Eu tinha planos de me matricular na universidade quando terminasse o segundo grau, e, depois, quem sabe? Talvez eu me tornasse piloto, professora, ou mesmo uma psicóloga (a essa altura, andavam esquecidos meus planos infantis de ser freira). Meus pais haviam me ensinado que, com trabalho e determinação, até uma jovem de uma aldeiazinha como Mataba podia ser alguém importante.

Como poderia eu saber que minhas ambições não passavam de um sonho bobo de menina? Eu não sabia que aquelas chamadas étnicas semanais serviam para um fim sinistro: segregar as crianças tútsis como parte de um plano discriminatório conhecido como “equilíbrio étnico”.

Tratava-se de um plano engendrado por Juvenal Habyarimana, o presidente hútu que havia tomado o poder durante o golpe de 1973. Segundo proclamou, o governo deveria “equilibrar” as vagas escolares e os melhores cargos do funcionalismo de maneira a refletir a composição étnica do país. Como aproximadamente 85% da população de Ruanda era composta de hútus, 14% de tútsis e 1% de twas, a maioria das vagas escolares e cargos públicos ia para os hútus. A finalidade real do plano era barrar os tútsis das escolas secundárias, das universidades e dos cargos mais bem pagos, e mantê-los como cidadãos de segunda classe.

Compreendi o verdadeiro significado do equilíbrio étnico algumas semanas antes da data em que supostamente ingressaria na escola

secundária. Um vizinho passou na nossa casa à hora do jantar e avisou que meu nome não estava na lista dos estudantes contemplados com as bolsas de estudo, que acabavam de afixar no salão comunitário. Apesar de minhas notas excelentes, eu fora preterida por ser uma tútsi — todas as vagas disponíveis haviam sido destinadas a hútus com notas bem inferiores. O garoto tútsi que tivera as melhores notas da turma também foi preterido por causa de sua tribo.

Papai empurrou sua cadeira para longe da mesa e ficou um tempão com os olhos fechados. Eu sabia que meus pais não podiam pagar uma escola particular, que custava dez vezes mais do que a pública. Meus dois irmãos estudavam fora, e o dinheiro estava apertado. Além disso, em Ruanda, as escolas particulares eram ruins em comparação com as bem-dotadas escolas governamentais. Os professores eram menos qualificados, o currículo inferior, e os prédios feios e desconfortáveis.

— Não se preocupe, Immaculée. Encontraremos um jeito de você estudar.

Foi o que meu pai conseguiu dizer. Pediu licença para se retirar da mesa e foi para o quarto sem terminar a refeição.

— Não perca as esperanças — disse mamãe abraçando-me. — Nós vamos rezar por isso. Agora coma seu jantar.

Depois do jantar, tranquei-me no escritório de papai e chorei. Eu havia me esforçado tanto na escola e agora via destruído meu sonho de conseguir uma educação superior. Tremi ao pensar no que o futuro me reservava. Sabia como as mulheres solteiras sem instrução eram tratadas em nossa sociedade. Praticamente não tinham direitos, nenhuma perspectiva de vida ou respeito. Sem ter ao menos uma educação secundária, minha única opção seria ficar em casa, à espera de que algum homem me quisesse por esposa. Eu ainda tinha 15 anos, e meu futuro já era desanimador.

Na manhã seguinte, papai não apareceu à mesa do café-da-manhã.

— Ele está tentando realizar um milagre — explicou mamãe. — Foi se informar sobre algumas escolas particulares para matricular você.

— Isso é muito caro, mamãe, e nós não podemos...

— Shhhh — ela interrompeu. — Eu não lhe disse para não perder as esperanças?

O que aconteceu foi que papai havia saído antes do sol nascer para vender duas de nossas vacas e poder me matricular em uma escola secundária particular. Vacas são símbolo de status na cultura de Ruanda e extremamente valiosas — vender uma era uma extravagância, vender duas era um convite à ruína. Mas papai estava determinado a me proporcionar uma boa educação. Pegou o dinheiro da venda das vacas, dirigiu por três horas até uma escola particular recém-construída e pagou em dinheiro vivo as mensalidades do primeiro ano. Meu pai tinha dificuldade em demonstrar emoção, mas era-lhe impossível disfarçar seu amor por mim.

Poucas semanas depois, minhas malas estavam arrumadas, e chegou a hora de partir. Janet me abraçou, nós duas choramos e prometemos escrever muitas cartas uma para a outra. Mamãe me cobriu de beijos, tentando reter as lágrimas. Vianney, agora o único filho em casa, correu para o quarto e não quis se despedir. Muitos vizinhos saíram de suas casas e acenaram seu adeus quando papai e eu partimos de carro. Havia em mim um sentimento de perda ao deixar Mataba, mas estava ansiosa por começar minha nova vida.

MINHA NOVA ESCOLA DEIXAVA MUITO A DESEJAR. O dormitório era acanhado, com piso de cimento e paredes ásperas feitas com blocos de concreto e cinza, que imploravam por uma mão de tinta de cores alegres. Eu dormia com outras dez meninas, em colchões tão próximos entre si que mal deixavam livre um trecho do piso. Não havia água corrente, então, todas as manhãs, tínhamos que pegar baldes e andar pouco mais de 2 quilômetros até o riacho mais próximo para buscar a água necessária para nossa higiene e para cozinhar. Eu sentia falta da minha cama e do arroz com feijão de mamãe.

Entretanto, por mais difícil que fosse enfrentar essas dificuldades, eu não pretendia abandonar a escola e implorar a meus pais que me levassem para casa. Pelo contrário, quando chegou a hora de escolhermos as matérias que estudaríamos naquele ano, optei pelas mais desafiadoras: matemática e física. Eu não só queria que papai

e mamãe se orgulhassem de mim, como também queria provar algo a meus irmãos. Como homens típicos de Ruanda, eles implicavam comigo dizendo que lugar de mulher é na cozinha, e não na sala de aula. Pois eu ia mostrar a eles!

Dois anos se passaram, e eu era uma das melhores alunas da escola. Quando o governo anunciou que haveria um exame especial para escolher, entre os melhores estudantes, os que entrariam para a escola pública, decidi me candidatar. No fundo eu acreditava que de nada adiantaria ter as melhores notas do país — eu seria certamente preterida por ser tútsi. Apesar disso, estudei muito e estava certa de ter feito ótimas provas, mas as semanas se passavam, os resultados não chegavam, e deixei o assunto de lado.

Meses depois, quando eu passava as férias de verão com a família, Damascene entrou em casa aos pulos, berrando o mais alto que podia.

— Immaculée! Immaculée Ilibagiza! Acabei de ver a lista: você passou no exame! Foi aceita no Lycée de Notre Dame d’Afrique. É uma das melhores escolas de Ruanda, e pertinho da minha!

Estávamos reunidos na sala de visitas, e todo mundo perdeu a cabeça. Eu saltei da cadeira e exclamei:

— Graças a Deus, graças a Deus! — fazendo o sinal-da-cruz e ao mesmo tempo uma dança de vitória pela sala. Mamãe ficou com os olhos cheios de lágrimas, e papai gritava:

— Esta é a maior alegria da minha vida! Nos últimos dois anos rezei todos os dias para que você entrasse para aquela escola. Deus atendeu às minhas preces!

— Parece que você é mesmo inteligente, apesar de ser uma menina.

Aimable ria, mas dava para perceber o quanto estava feliz por mim.

Damascene sorria seu sorriso lindo, tão orgulhoso que parecia a ponto de explodir.

Demos uma festa para a família naquela noite, a comemoração mais alegre dos últimos tempos. O Lycée era uma escola excelente, onde haviam estudado muitas filhas dos políticos mais importantes do país. Eu não só receberia a melhor educação disponível em

Ruanda, como meus pais não mais teriam que se esforçar para pagar as mensalidades da escola particular. O único inconveniente era o fato de a escola ficar distante, na província de Gisenyi, a quatro horas de carro de Mataba, por estradas perigosas, e meus pais não poderiam fazer visitas freqüentes. E era uma área habitada predominantemente por hútus, conhecida por sua hostilidade aos tútsis.

— Não tenha medo, é uma escola de meninas — disse Damascene. — Há uma cerca e muitos guardas para protegê-las. E minha escola fica tão perto que poderei visitá-la pelo menos uma vez por mês.

ADOREI O LYCÉE À PRIMEIRA VISTA. Os prédios eram espaçosos, bonitos e brilhavam de tão limpos. As salas de aula eram pintadas em tons alegres e havia flores de todas as cores no campus. Uma alta cerca protetora circundava o complexo, fazendo-me sentir segura e protegida. Considerava-me feliz e sabia que minha família pensaria do mesmo modo, especialmente quando ouvi as freiras dizerem que devíamos rezar em conjunto antes e depois das refeições.

Uma das primeiras amizades que fiz foi com uma menina hútu chamada Sarah. Nos tornamos íntimas como irmãs, e fui convidada para conhecer sua família em Kigali, capital de Ruanda. Para uma simples habitante de aldeia como eu, essa visita à cidade grande foi uma revelação — especialmente quando vi aviões de perto pela primeira vez. Sarah e eu fomos ao aeroporto à noite, quando a pista de pouso cintilava com um brilho fluorescente, e as luzes de sinalização piscavam em vermelho, branco e azul, enquanto aviões enormes baixavam do céu. Fiquei de queixo caído ao ouvir o ronco dessas máquinas gigantescas.

— Olhe só para eles! — exclamei, enquanto Sarah morria de rir. — Agora eu acho que já vi tudo.

Outra amiga minha, que conheci no primeiro dia, era Clementine, uma linda jovem de pele lisa e belos olhos que a faziam parecer uma modelo de revista americana. Ao me ver entre o bando de novatas, veio logo falar comigo. Eu era mais alta que a maioria, mas ela devia

medir pelo menos um metro e oitenta. Pela altura nos reconhecemos como tútsis.

— Como será que uma menina tútsi bonita como você vai se virar aqui no Norte, tão longe e cercada por tantos rostos hútus inamistosos do outro lado da cerca? — brincou Clementine. — Temos que nos unir e cuidar uma da outra. — Ficamos amigas imediatamente.

Clementine tinha razão quanto aos rostos inamistosos. Era difícil nos aventurarmos além dos muros do campus — sempre que o fiz, sentia os olhares dos habitantes locais fixados em mim e ouvia-os murmurar “tútsi” em tom ameaçador. Os padres e freiras que dirigiam a escola evitavam que as alunas e os residentes da cidade assistissem à mesma missa na igreja local. Éramos terminantemente proibidas de deixar a área do colégio sem a proteção de algum funcionário. Lá fora era tudo assustador, mas dentro dos muros escolares nunca percebi qualquer discriminação. Os professores jamais faziam a chamada étnica, e, embora a maioria das alunas pertencesse à tribo hútu, nos queríamos bem como uma família.

Eu não deixava os limites do campus, estudava muito e tentava não sentir tantas saudades de casa. Sentia a falta de meus pais e irmãos, e até das implicâncias de Vianney. Por falar em meu irmãozinho, alguns meses depois que saí de casa ele me mandou uma carta que me preocupou e deixou emocionada. Dizia que sentia muitíssimo a minha ausência, não conseguia dormir desde a minha partida e que às vezes, à noite, via fantasmas passeando pelos quartos. Nessas ocasiões, fugia de casa aterrorizado. A carta me partiu o coração — sim, Vianney e eu brigávamos muito, e só agora eu percebia o quanto significava para ele. Senti-me culpada por deixá-lo sozinho e prometi a mim mesma que seria uma irmã melhor.

Damascene cumpriu a palavra e me visitava uma vez por mês. Ficávamos sentados no gramado e conversávamos horas a fio. Ele sempre me dava bons conselhos, especialmente no que se referia aos estudos.

— Reze, Immaculée. Reze antes de fazer os deveres e sempre que estiver se preparando para um teste ou exame. Então estude o

máximo que puder.

Segui o que ele aconselhava, e rezava mais ainda antes das provas de matemática, e continuei a me destacar na escola.

Sempre que ele me visitava, minhas amigas queriam saber quem era o rapaz bonito com quem eu conversava tanto.

— É meu irmão Damascene — eu respondia toda orgulhosa.

— Não, não pode ser. Ninguém se dá tão bem assim com um irmão. Você parecia *feliz* por estar com ele.

Que sorte a minha ter um irmão como Damascene.

CAPÍTULO 3

Estudos Secundários

A vida no Lycée era boa até que, quando eu estava no terceiro e último ano, a guerra estourou.

Era uma bela tarde de verão, no primeiro dia de outubro de 1990. Minhas colegas de classe e eu estávamos à espera do professor de educação cívica e estranhávamos seu atraso. O Sr. Gahigi era um homem pacato, simpático, talvez a pessoa mais calma que já conheci. Portanto, quando ele finalmente apareceu, torcendo os dedos e andando de um lado para outro diante da sala de aula, soubemos que havia algo de errado. Uma aluna perguntou-lhe qual era o problema, mas ele continuou agitado e não quis olhar para nós.

Tentei imaginar quais eram as más notícias que o professor não nos queria dar, talvez que as freiras tivessem cancelado o cinema daquela noite. Mas era algo muito mais sério. Na escola não nos permitiam ouvir os noticiários, portanto, tal como em minha casa, eu vivia isolada dos acontecimentos do mundo real.

— Acabo de saber que o país foi atacado — disse-nos o Sr. Gahigi lugubrememente. — Creio que foi muito sério, e terá um impacto sobre todos nós por muitos anos.

A classe se calou — então começaram a falar todas ao mesmo tempo, fazendo perguntas em voz alta, querendo saber quem estava atacando Ruanda, e por quê.

— Um grupo de soldados tútsis rebeldes, residentes em Uganda, cruzou a fronteira — respondeu o professor. — São, em sua maioria, filhos de refugiados ruandeses que se agruparam e lutam para reentrar no país. Há combates no Norte, entre os rebeldes e as tropas do governo de Ruanda.

O Sr. Gahigi foi bombardeado com uma saraivada de perguntas indignadas e assustadas.

— O que é que esses tútsis estão querendo? Por que nos atacaram? O que eles vão fazer conosco se ocuparem a escola?

Fiquei rubra de vergonha e tive vontade de me esconder embaixo da carteira. Éramos cinqüenta alunas na classe, e 47 delas eram hútus. Senti-me tão nervosa e embaraçada que não conseguia olhar para as outras tútsis. Pela primeira vez eu sentia vergonha de ser tútsi, e pela primeira vez me sentia diferente das outras no Lycée.

— Os rebeldes são soldados que lutam ao lado da Frente Patriótica de Ruanda. Trata-se de uma associação política composta por tútsis que deixaram o país há oito anos e tiveram sua volta proibida pelo governo. Eles são, a bem dizer, estrangeiros, e movem esta guerra com a intenção de voltar a Ruanda e tomar o governo.

Eu já tinha ouvido falar a respeito da Frente Patriótica de Ruanda, ou FPR, e sabia que seus membros não lutavam apenas para derrubar o governo hútu; desejavam viver num país livre e igualitário. A maioria dos soldados da FPR — os rebeldes — eram exilados tútsis ou filhos de exilados.

Centenas de milhares de tútsis haviam fugido de Ruanda durante os distúrbios de 1959 e 1973, assim como em outras ocasiões em que os hútus haviam promovido temporadas de caça aos tútsis. Tinham se auto-exilado para salvar suas vidas e suas famílias. Mas o Sr. Gahigi os chamava “estrangeiros” porque muitos deles foram criados em outros países, como Uganda e o Zaire — mas isso porque fazia parte da política do presidente Habyarimana impedi-los, para sempre, de retornar a Ruanda, o que provocara uma diáspora tútsi, e gerações de tútsis ruandeses tinham crescido sem colocar uma única vez os pés em sua pátria.

O Sr. Gahigi não mencionou nada disso, mas ele sabia muito bem o que acontecia todas as vezes que os tútsis resistiam aos hútus extremistas. Ele estava preocupado conosco e disse:

— Isso pode trazer graves conseqüências aos tútsis. Ações como esta podem provocar muitas mortes, então rezemos para que o governo e os rebeldes cheguem pacificamente a um acordo e evitem o derramamento de sangue.

A aula estava praticamente suspensa. As alunas só falavam sobre o ataque e o que fariam se soldados tútsis entrassem na escola. Fiquei calada, junto com minhas duas colegas tútsis, fazendo o possível para passar despercebida. Minha vergonha aos poucos foi se transformando em raiva, ao pensar na injustiça do tratamento dispensado aos tútsis. No meu íntimo, torci pela FPR e para que os rebeldes derrotassem o exército governamental e pusessem fim à discriminação. Lá pelo final do dia, minha raiva foi substituída pelo medo, pois fiquei preocupada com minha aldeia e minha família. Fechei os olhos e rezei, pedindo a Deus que mantivesse minha família a salvo, pois eu não conseguiria viver sem eles.

Muitas estudantes tinham família no Norte, onde a luta era mais acirrada, então a diretora nos permitiu ouvir os noticiários radiofônicos para ficarmos a par dos acontecimentos. Mas, na maior parte do tempo, o que a rádio governamental fazia era apenas difundir o ódio. Os locutores alegavam que os soldados rebeldes viviam na floresta como animais, comiam carne humana e se relacionavam com macacos. Diziam que os rebeldes eram tão cruéis que chifres brotavam de suas cabeças. Aconselhavam os ruandeses a ficarem atentos, porque as “baratas tútsis” eram ardilosas e podiam atacar a qualquer hora e em qualquer lugar. Esses comunicados inflamavam a imaginação hiperativa das colegiais, já mortas de medo. Uma delas ficou tão nervosa que quase provocou minha morte.

Danida, minha companheira de dormitório, acreditava em todas as horríveis descrições dos soldados rebeldes. Uma noite eu devo tê-la acordado ao sair da cama para ir ao banheiro. Fazia frio e, para me aquecer, vesti um pijama comprido e amarrei um lenço enorme em volta da cabeça. Minha aparência devia ser um tanto assustadora, e, quando tentei entrar novamente no dormitório, Danida bateu a porta na minha cara e a trancou. Logo seus gritos de terror ecoavam por todo o campus.

— Socorro! Socorro! Socorro pelo amor de Deus! Há um soldado da FPR que veio matar e comer todas nós... ele tem chifres na cabeça.

Reconheci a voz de Danida e disse-lhe com toda calma:

— Danida, sou eu, Immaculée. Não sou soldado. Eu não tenho chifres... É só um lenço que estou usando.

Ouvi o som pesado de passos sobre o cascalho e me virei. O maior guarda de segurança da escola vinha correndo no escuro para me enfrentar, com uma lança apontada diretamente para o meu coração. Meus joelhos vacilaram e caí ao chão. Ele se deteve a alguns centímetros de onde eu estava.

— Meu Jesus, eu quase matei você, Immaculée! Que diabos, quem está berrando desse jeito?

A essa altura, *todas* as meninas do dormitório berravam, e com tamanha algazarra precisei gritar para que ele me ouvisse. Vários guardas levaram pelo menos meia hora tentando convencer as alunas de que podiam abrir a porta em segurança, mas elas se recusaram. Foi preciso chamar a diretora com a chave mestra; lá dentro, ela fez uma preleção sobre o perigo de nos deixarmos levar pela imaginação.

Mas nem todas as tensões eram fruto de nossa imaginação. Uma tarde saímos para um piquenique e cruzamos com um grupo de hútus. Um dos homens carregava uma faca, que brandiu na minha direção.

— Vejam como ela é alta — ele rosou. — Será a primeira a ser morta. Você vai pagar por tudo o que seus irmãos rebeldes estão fazendo.

Senti meu estômago revirar-se e achei que ia vomitar. Era a primeira vez que me ameaçavam com violência, e eu não soube como reagir. Corri de volta ao dormitório e jurei que nunca mais participaria de um passeio da escola. Maldisse minha altura e me perguntava por que o fato de ser alta podia ser malvisto em qualquer país. O que eu podia fazer a respeito? Eu não podia deixar de ser alta nem podia deixar de ser uma tútsi.

No dia seguinte, Clementine me chamou durante um intervalo entre as aulas e sussurrou no meu ouvido.

— Venha comigo, Immaculée. Quero lhe mostrar o que devemos fazer quando gente como aquele homem da faca vier atrás de nós.

Ela me levou até um galpão numa área restrita e abriu uma caixa de força de alta voltagem.

— Há mais de 1.500 volts de eletricidade aqui — explicou. — Se os hútus extremistas invadirem a escola e não tivermos como escapar, podemos vir aqui, puxar essa alavanca e pôr as mãos lá dentro. Nós morreríamos imediatamente — é melhor ser eletrocutada do que torturada, estuprada e morta. Não vou permitir que selvagens se aproveitem do meu corpo antes de me matar. Não faça essa cara de surpresa... Já ouvi histórias demais de mulheres tútsis que foram estupradas e brutalizadas em tempo de guerra para não ter um plano de fuga.

Concordei com a cabeça. Era estranho falar em acabar com nossas vidas aos 19 anos de idade apenas, mas essa parecia uma saída melhor do que a outra alternativa. Clementine e eu fizemos um pacto e juramos não dizer nada a ninguém, para que as autoridades escolares não ficassem sabendo e trancassem a caixa de força.

CONTINUAMOS OUVINDO O RÁDIO, À ESPERA DE NOTÍCIAS, mas a estação oficial era notória por suas informações incorretas. Ouvimos que a FPR tinha aberto caminho até Kigali e atacado o palácio presidencial. O presidente falou em cadeia de rádio e recomendou que todos permanecessem em suas casas até que o exército matasse todas as “baratas” invasoras. Ficamos sabendo mais tarde, através da BBC, que não havia combatentes da FPR num raio de muitos quilômetros em torno da capital — o presidente Habyarimana inventara o ataque como pretexto para prender milhares de tútsis, pelo simples fato de terem parentes que residiam fora do país. O presidente agia como paranóico, convencido de que um tútsi com um primo em Uganda certamente haveria de colaborar com os rebeldes.

A BBC noticiou que tantos tútsis inocentes foram presos que todas as prisões em Ruanda estavam superlotadas, e já não havia lugar para os criminosos. Dizia-se também que muitos prisioneiros tútsis eram reduzidos à fome e submetidos a torturas, e alguns tinham sido mortos.

Quando fui passar o Natal em casa, fiquei sabendo que meu próprio pai tinha sido um dos presos. Ao descer do ônibus em

Mataba, esbarrei em madame Sirake, uma de nossas mais antigas vizinhas e conhecida como fofoqueira.

— Venha me dar um abraço, menina — ela exclamou. — Como é bom ver você! Embora você esteja que é só pele e osso... Essas freiras não lhe dão comida?

— Que nada, elas nos alimentam muito bem. Mas estou louca por um jantar em família.

— Tenho certeza de que seu pai vai ficar muito contente em vê-la, especialmente depois de tudo que aconteceu a ele.

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Você não soube de nada?

Meu coração disparou. Eu não via meus pais desde o início da guerra e não recebia notícias de casa havia várias semanas.

— Eu pensei que você soubesse — disse madame Sirake. — Seu pai esteve preso.

Sentei-me sobre um tronco de árvore. Não conseguia imaginar o que meu pai poderia ter feito para ir parar numa cadeia... a não ser o fato de ser tútsi. Preocupei-me com o estado de saúde de minha mãe, pois o estresse provocado pela prisão de papai poderia ter provocado outro ataque sério de asma. Fiz em tempo recorde a caminhada de trinta minutos que me separava de casa e encontrei minha mãe na porta à minha espera.

— Como você está, querida? — ela perguntou, e me deu um abraço apertado. Não falou na prisão do meu pai; procurava, como sempre, proteger-nos das coisas desagradáveis, e nisso ela nunca mudaria.

— Você deve estar com fome, Immaculée. Por que não entra no chuveiro enquanto preparo alguma coisa para você? Damascene e Vianney deram uma saída, e Aimable ainda não voltou da universidade. Seu pai está no trabalho, mas aposto que está doido para ver você.

— Está todo mundo bem? Aconteceu alguma coisa a algum deles?

— Todos estão muito bem.

— Pelo amor de Deus, mamãe! Eu já soube que papai foi preso, portanto deixe de fingir e me conte o que houve.

Minha mãe sentiu-se tão aliviada por não ter que me dar ela mesma as más notícias que se sentou imediatamente e me contou a história toda.

Assim que a guerra começou, quatro soldados do governo invadiram o local de trabalho de papai, amarraram seus braços atrás das costas e o levaram para a cadeia municipal de Kibuye, onde o trancaram com meia dúzia de amigos tútsis. Por vários dias os guardas receberam ordens para não lhes fornecer água ou comida. Finalmente papai conseguiu subornar o guarda hútu para levar um recado a minha tia Cecile, que morava ali perto. Cecile trouxe comida e pagou ao guarda para passá-la ao meu pai e seus amigos.

Duas semanas depois, papai descobriu que sua prisão fora ordenada por seu velho amigo Kabayi, um hútu que se tornara burgomestre (espécie de “superprefeito” regional, politicamente poderoso). Kabayi e meu pai tinham sido colegas de escola e grandes amigos de infância. Mas só depois que o presidente Habyarimana cedeu à pressão internacional e concordou em libertar os milhares injustamente presos Kabayi foi à cadeia e mandou libertar papai e seus companheiros. Kabayi tinha dito aos guardas para não alimentarem papai e ficou chocado ao ver que ele ainda estava vivo. Mas se fingiu de preocupado, pediu mil desculpas e alegou que tudo não passara de um engano.

Mais tarde, à noite, em torno da mesa, após o jantar, tentei conversar sobre o que tinha acontecido com papai, que disse:

— Foi só um engano. Kabayi apenas cumpriu ordens, não foi nada pessoal. São assuntos políticos, é melhor que vocês crianças não se envolvam. Melhor esquecer tudo.

Meus irmãos não conseguiam acreditar que meu pai fosse tão capaz de perdoar. Haviam conhecido Kabayi a vida toda e estavam indignados por ele ter perseguido papai.

— Kabayi era seu amigo, papai. Imagine se fosse seu inimigo! Por que você o defende? Você defende os que querem matá-lo! Acho melhor deixarmos o país até a guerra acabar. Pelo menos mandar mamãe e Immaculée para fora. Estou preocupado com elas — disse Aimable.

— Não, nada disso, você está exagerando... Está tudo tranquilo. Já está melhorando, tudo não passa de política. Não se preocupem, crianças. Vai dar tudo certo, vocês vão ver — afirmou papai.

Mamãe implorou a meus irmãos que não fossem se juntar aos rebeldes da FPR como faziam tantos rapazes tútsis.

— Se vocês aderirem aos rebeldes, saibam que isso seria *a morte* para mim. Se vocês não se importam de matar a própria mãe, vão em frente, juntem-se aos rebeldes. Mas se vocês me amam, prometam-me agorinha mesmo que não vão desaparecer e me deixar sofrendo. Vamos, prometam.

Mamãe estava tão agitada que meus irmãos repetiram mil vezes a promessa de que não se juntariam aos rebeldes.

Voltei para o Lycée, completei os meses que faltavam para terminar o secundário e fiz minha prova para entrar na universidade. Mais uma vez minhas notas foram excelentes e passei, mas tinha poucas esperanças de entrar. Por causa do equilíbrio étnico que a FPR combatia, parecia que minha carreira acadêmica se encerraria.

Despedi-me das boas amigas do Lycée e fui para casa passar as férias de verão e esperar para ver aonde me levariam o futuro e o destino. A guerra se intensificava; os rebeldes venciam muitas batalhas e faziam pressão para que o governo permitisse o retorno de ruandeses exilados, para dividir o poder com os hútus.

Minha mãe, cada vez mais traumatizada pelos acontecimentos, começou a consultar videntes. Lembro-me de uma, em nossa casa, sentada na cozinha com mamãe, que lhe perguntou se a guerra terminaria e se voltaríamos a ter paz.

— Vejo tempestades à nossa volta, mas são apenas pequenas tempestades — informou a vidente. — A mãe de todas as tempestades ainda está por vir. Seus raios haverão de queimar a terra, seu trovão será ensurdecador, e seremos todos afogados por pesadas chuvas. A tormenta vai durar três meses, e muitos serão os mortos. Os sobreviventes não terão um amigo a quem recorrer... Todos os rostos amigos terão perecido.

CAPÍTULO 4

Na Universidade

No final do verão de 1991, o impossível aconteceu: obtive uma bolsa de estudos para a Universidade Nacional, em Butare. Por toda a vida eu havia sonhado freqüentar uma universidade, e eis que, subitamente, o sonho se tornava realidade, apesar de todos os obstáculos em meu caminho.

Meus pais ficaram tão contentes com a notícia que não conseguiram permanecer parados. Corriam para lá e para cá, providenciando comida e bebida para uma comemoração à moda de Ruanda, isto é, com um banquete.

— Você é a primeira mulher na família a entrar para a universidade e temos que contar para todo mundo agora mesmo — exclamou papai, cheio de orgulho.

Programou uma viagem para que eu desse pessoalmente a notícia a minha avó, às tias e aos tios, e também aos primos que moravam em aldeias próximas.

Ficamos acordados até tarde, rindo, comendo e comentando tudo de bom que o futuro prometia. Naquela noite meus pais me pareceram muito jovens, como se um peso tivesse sido tirado de seus ombros. Minha mãe estava radiante.

— Você tem um futuro promissor, Immaculée — foram suas palavras. — Vai poder traçar seu próprio caminho daqui para a frente, andar de cabeça erguida e nunca vai depender de outra pessoa para botar comida na sua mesa.

Papai ergueu um brinde em minha homenagem e me deu muitos conselhos paternais.

— Na universidade, a maioria dos estudantes é composta por homens, e eles vão imaginar que você não é tão inteligente quanto

eles. Mas eu sei que você pode ser tão capaz, ou até mais, do que qualquer homem. Porque você é uma tútsi, sua entrada na universidade constituiu uma batalha, mas o mais difícil já passou. Agora depende apenas de você... Estude muito e reze; seja sempre a filha disciplinada, bondosa e linda que nós vimos crescer.

Meu coração bateu mais forte ao ouvir essas palavras tão doces e carinhosas.

— Não se preocupem, papai e mamãe — respondi. — Não vou desapontá-los. Vocês sentirão orgulho de mim.

Eu queria estudar psicologia e filosofia, para aprender os mecanismos internos do coração e da mente humanos, mas as bolsas de estudo estavam condicionadas às vagas existentes em determinadas áreas, e não pude escolher em que eu iria me graduar. O governo me designou para o programa de ciências aplicadas, o que muito me agradou. No Lycée eu havia me esforçado para brilhar em matemática e física, para me mostrar para meus irmãos, o que me seria muito útil agora. Fiz as malas e logo me vi em Butare, a uma distância de quatro horas a sudeste da minha aldeia, com toda uma vida à frente.

QUANDO CHEGUEI AO CAMPUS, descobri que cinco colegas do Lycée, inclusive Clementine, também receberam bolsas. Minha amiga Sarah já estudava lá há um ano e estava à minha espera para dividirmos um quarto. Depois de anos dormindo em dormitórios lotados, era um luxo ter um quarto só para as duas. Clementine sempre nos visitava lá, e ríamos ao comentar que sorte a nossa por não termos posto em ação o plano de nos eletrocutarmos, no início da guerra; ou não estaríamos na universidade, participando de tantas emoções.

Eu gostava das aulas e estudava muito, mas não deixava de gozar os prazeres e a liberdade da vida universitária. Minha bolsa de estudos compreendia também uma pequena ajuda de custo, equivalente a trinta dólares americanos — uma fortuna para mim. Pela primeira vez na vida me sentia independente, como uma adulta. Já não era obrigada a usar uniforme e tinha dinheiro para ir à cidade comprar roupas bonitas com minhas amigas. Tudo muito emocionante!

Minha vida social era animada, com encontros em cafés, cinema aos domingos e bailes no campus aos sábados, a cada 15 dias. Entrei para o clube de teatro e dançava e cantava em todas as produções, muitas vezes com a presença do prefeito de Butare. Eu preferia os papéis religiosos, e cheguei a representar minha santa favorita, a Virgem Maria. Sempre reservava algum tempo para rezar. Cada vez mais eu percebia que a oração e a meditação me proporcionavam equilíbrio e concentração. Ia à igreja muitas vezes por semana e criei um grupo de oração junto com algumas colegas.

Estava ocupada demais para sentir saudades, mas as cartas de meu pai, que se sentia solitário, lembraram-me de que eu devia visitá-los com maior frequência. Vianney já estava no colégio interno, e era difícil para meus pais se ajustarem à situação. “A vida não é a mesma coisa sem ter ao menos um filho por perto”, escreveu papai. “A casa está tão vazia. Há dias em que sua mãe e eu olhamos um para o outro e pensamos: onde estão os risos? Quando você tiver filhos, Immaculée, trate de aproveitar cada minuto, porque logo eles se vão...”

Encontrei um colega chamado John, que conhecia alguns dos meus amigos de Mataba. Era três anos mais velho do que eu e tinha o estranho hábito de esbarrar comigo todos os dias, “por acaso”. Ele passou a carregar meus livros, levar-me a passear pelo campus e me apresentou a seus amigos. Era um rapaz bonito, muito cortês e atencioso. Fazíamos longas caminhadas pela floresta e conversávamos sobre o que era importante para nós dois: Deus, família e uma boa educação. Começamos um namoro que se tornou mais sério nos dois anos seguintes. John era hútu, o que não representava problema. Meu pai se preocupava muito mais com o fato de ele ser protestante e filho de um pastor.

— Não se esqueça de que é uma católica — papai vivia me lembrando. — John me parece um bom rapaz, e aprovo o namoro de vocês, desde que ele não tente convertê-la.

Papai era tolerante, mas, por outro lado, era um católico ferrenho.

Meus dois primeiros anos de faculdade passaram rápido, e tudo corria bem. Minhas notas eram boas, minha família gozava de boa saúde, a vida era divertida e animada. Para ser sincera, a vida era

tão boa que era fácil esquecer que havia uma guerra em curso — mas, por outro lado, em certas ocasiões, era impossível ignorá-la.

Apesar das conversações de paz, tantas vezes iniciadas, interrompidas e retomadas vezes sem fim, a luta continuava renhida no Norte, entre os rebeldes tútsis e as tropas governamentais. Partidos radicais, ferozmente antagônicos, brotavam em cidades e vilas. Jovens desempregados aderiam à ala jovem dos diferentes partidos simplesmente por falta de melhor ocupação. Muitos não passavam de membros de gangues de rua que se filiavam em troca de álcool e drogas.

O partido do presidente Habyarimana organizou um movimento juvenil, o Interahamwe, que significa “aqueles que atacam em conjunto”. O Interahamwe atraía centenas de jovens sem lar, e as adesões se alastravam pelo país como um vírus. O movimento constituía a milícia extremista hútu, e muitos dos seus membros eram treinados por soldados do governo para lutar e matar. Viajavam em bandos e usavam uniformes informais — camisas folgadas, estampadas num berrante vermelho, amarelo e verde — que reproduziam as cores de seu partido. Por mais que se organizassem, eu os considerava um bando de arruaceiros sem lei.

Foi durante as férias da Páscoa, em 1993, que o Interahamwe chamou minha atenção pela primeira vez. John e eu estávamos em Kigali, em visita à família de Sarah, quando nosso ônibus ficou preso num engarrafamento. Enquanto aguardávamos, vi através da janela um grupo de jovens cercar uma mulher tútsi de meia-idade, que parecia estar voltando das compras, a caminho de casa. Os rapazes, sem a menor cerimônia, tomaram a bolsa da pobre senhora, arrancaram suas jóias, roubaram suas sacolas e a jogaram ao chão. A seguir tiraram seus sapatos e arrancaram suas roupas. Isso em plena luz do dia e em uma rua movimentada, mas ninguém se atreveu a ajudá-la. Todos olharam para o outro lado.

Levantei-me num salto e, da janela, gritei-lhes que parassem com aquilo, mas John me puxou de volta para meu assento.

— Fique calada — ordenou. — Você não tem idéia, Immaculée, do que anda acontecendo nesta cidade. Não interfira com esses sujeitos; eles a matarão.

— John, nós temos que fazer *alguma* coisa. Pelo menos chame a polícia.

— A polícia não vai fazer nada. Esses rapazes do Interahamwe são membros do governo. Não se dirija a eles, nem mesmo olhe para eles... Ainda mais que você é uma tútsi.

Senti-me enojada e impotente. Os rapazes se afastaram, e vi a mulher levantar-se do chão com dificuldade. E foi embora mancando, vestida apenas com um collant e um xale.

Se permitirmos que esses demônios controlem as ruas, o problema ficará sério, pensei, enquanto a mulher desaparecia no final da rua.

Poucos meses depois, tive um encontro ainda mais assustador. Damascene e eu tínhamos vindo de Mataba para assistir a um casamento em Kigali. A viagem de ônibus tinha sido cansativa, quente, poeirenta, e estávamos quase chegando ao nosso destino quando o ônibus parou subitamente.

Havia pelo menos uns trezentos Interahamwes bloqueando a estrada, ridículos em suas roupas de palhaço, mas também com olhos ferozmente esbugalhados. Muitos pareciam drogados ou bêbados, e dançavam em círculos, gritando e insultando os transeuntes. Nosso motorista estava por demais apavorado para seguir caminho e anunciou que daria meia-volta. Podíamos continuar no ônibus e seguir um desvio que nos tomaria duas horas, ou podíamos descer e continuar a pé.

— Vamos ficar no ônibus — propôs Damascene. — Essa turma parece enlouquecida.

Mas eu não queria ficar, por várias razões, principalmente porque me recusava a me deixar intimidar por um bando de desordeiros.

Discordei:

— Temos que descer ou vamos perder o casamento. Podemos ir a pé até a igreja rapidinho.

Desembarcamos junto com metade dos passageiros. Do lado de fora, vimos que muitos dos Interahamwes carregavam facões e verificavam as carteiras de identidade dos que pretendiam seguir adiante. Senti um ímpeto de raiva e perguntei:

— Quem dá a eles esse direito?

Damascene começou a se preocupar.

— Acho melhor voltar, Immaculée. Já ouvi muita coisa ruim sobre esses sujeitos. Vamos a pé para casa.

— *Andar até em casa?* Levamos quatro horas de ônibus para chegar até aqui, levaríamos três dias para chegar em casa a pé. E tem mais, esse pessoal não pode agir como se fosse da polícia e nos intimidar só porque somos tútsis.

Senti mais medo do olhar assustado de Damascene do que dos Interahamwes. Ele geralmente tinha uma aparência jovial e era, provavelmente, a pessoa mais valente que eu conhecia. Mas percebi que ele estava com medo de verdade. Normalmente eu é que perguntaria a *ele* qual seria a melhor atitude, mas algo me fez seguir em frente.

— Vamos seguir adiante — sugeri. — Vai dar tudo certo.

— E como você sabe disso? Ou você acha que eles não são capazes de nos matar? Eles têm permissão do governo para fazer o que quiserem. A polícia não se mete com eles.

— Vamos fazer aquilo que você sempre sugere quando temos um problema, Damascene. Vamos rezar e confiar em que Deus haverá de nos proteger.

Ficamos de pé à beira da estrada e rezamos, a 30 metros da malta de extremistas furiosos. Pedi a Deus que me desculpasse pelo pedido assim em cima da hora, mas precisávamos da Sua ajuda para chegar em segurança à igreja. Caminhei em direção à barricada, dois dos rapazes me viram e bateram os facões contra as coxas.

— Ai, meu Deus, isso não, Immaculée... você sabe o que está fazendo?

— Sei sim, simplesmente aja de forma natural; e talvez seja melhor tirar o rosário do bolso.

Segurei com força o meu rosário e fomos em direção aos Interahamwe. Cerca de meia dúzia deles nos cercou, me olhou de cima a baixo e pediu para ver nossas identidades. Olhei-os diretamente nos olhos, sorri e entreguei os documentos. Percebi que se sentiram confusos com a audácia do meu comportamento — eles não podiam entender como uma tútsi não sentia medo deles e de seus facões. Devolveram-nos nossas identidades e nos deixaram

passar, mas jamais esquecerei do medo que vislumbrei no rosto de Damascene. Foi a primeira vez que o vi vacilar e não pude me livrar do pensamento de que algo ruim se estabelecera em Ruanda.

Um mês depois de nossa experiência nas barricadas, o presidente Habyarimana foi à Tanzânia e assinou um tratado de paz com os tútsis rebeldes. O acordo previa o fim da guerra civil e a participação dos tútsis no governo. Que maravilha — acreditei que Ruanda havia reencontrado a paz e que tútsis e hútus poderiam viver em harmonia. Em pé de igualdade.

CAPÍTULO 5

Novamente em Casa

Muitas foram as manhãs em que acordei ao som de palavras de ódio. Eu dormia em paz, até que o som detestável da RTL (Radio Télévision Libre des Mille Collines) entrava pela janela do meu dormitório e se intrometia nos meus sonhos. É que durante meu terceiro ano na universidade a nova rádio RTL se tornara a mais popular entre os hútus extremistas. Mas não passava de uma máquina de fabricar ódio, que cuspiam veneno antitútsi.

Uma voz fantasmagórica, malévola, exigia “Poder aos hútus” — a palavra de ordem que concitava os hútus a se voltarem contra seus amigos e vizinhos tútsis:

— Essas baratas tútsis querem nos matar. Não confiem nelas... Nós, os hútus, devemos ser os primeiros a agir! Eles planejam tomar o governo e perseguir-nos. Se algo de mau acontecer ao nosso presidente, devemos exterminar todos os tútsis imediatamente! Todos os hútus devem se unir para livrar Ruanda das baratas tútsis! Poder aos hútus! Poder aos hútus!

Era horrível ser acordada desse jeito, mas as transmissões eram tão ridiculamente pueris que chegavam a ser quase cômicas. Era difícil acreditar que alguém fosse capaz de levar a sério esses insultos imaturos e absurdos; de todo modo, era perturbador saber que o governo permitia que os tútsis fossem abertamente ameaçados pelo rádio. Entretanto, na época, eu me sentia muito mais perturbada pelos rumores de que tútsis vinham sendo assassinados por hútus extremistas em diversas regiões do país.

Tal como meus amigos no campus, eu tentava não prestar atenção aos comunicados da mídia. Aproximava-se a Páscoa, ocasião muito especial em minha família. Costumávamos celebrar

essa festa reunidos em casa, receber vizinhos, visitar parentes e amigos. Eu jamais deixara de comparecer à reunião pascal, mas desta vez preferi permanecer na escola e me preparar para os exames que se aproximavam. Eu queria ser bem-sucedida nas provas.

Como meus pais não possuíam telefone, escrevi a papai explicando por que não iria para casa. Meus pais faziam questão de que os filhos estudassem muito para progredir na vida, e eu estava certa de que eles concordariam.

Como estava enganada!

Papai respondeu insistindo que eu fosse visitá-los. Na verdade, queria que eu fosse *imediatamente*, sem esperar pelo começo das férias. Queria-me perto dele e prometia que eu poderia estudar em casa sem ser perturbada. Sua súplica do fundo do coração fez meus olhos se encherem de lágrimas.

Minha filha querida,

Sinto como se a escola a tivesse roubado de nós. Sua mãe e eu esperamos com tamanha impaciência pelo início das suas férias porque isso significa tê-la conosco e sermos novamente uma família. Precisamos da sua presença; somos seus pais, nós a amamos e sentimos muito a sua falta — nunca se esqueça disso. Mesmo que seja apenas por dois dias, você precisa vir; não perca a ocasião por nada. Precisamos de você ao nosso lado...

Antes mesmo de terminar a leitura eu já havia decidido ir. Planejei passar uns seis dias com meus pais e voltar no final da semana para fazer as provas. Eu estava em preparativos de viagem quando o irmão mais novo de Sarah, Augustine, perguntou se podia ir comigo passar os feriados com minha família. Augustine era amigo de meu irmão Vianney e, desde o final do semestre em sua escola em Kigali, estava hospedado em nosso dormitório. Era um rapaz de 18 anos, alto, bonito e muito gentil, tímido a não ser na presença de Vianney. Respondi que seria um prazer tê-lo como hóspede.

AUGUSTINE E EU CHEGAMOS A MATABA no sábado à tarde, e meus pais ficaram felicíssimos com a minha chegada. Toda a família estava presente,

menos Aimable, que tinha obtido uma bolsa de estudos internacional para fazer pós-graduação em ciências e deixara o país para estudar no Senegal, a quase 5 mil quilômetros de distância. Damascene veio de Kigali, onde dava aulas numa escola secundária depois de concluir seu mestrado em história, e Vianney estava em férias do internato.

No primeiro dia coloquei em dia os mexericos locais com Damascene, visitei os amigos e diverti-me em discussões brincalhonas com Vianney. No dia seguinte, domingo de Páscoa, tivemos uma bela refeição em conjunto. Agradecemos a Deus pelas bênçãos concedidas e rezamos pelo bem-estar de todos da família e da aldeia — oramos especialmente por Aimable, o único ausente. Apesar da tensão política reinante, nos divertimos muito. Sentia-me segura e a salvo junto a meus pais, e sabia que minha mãe sempre estaria ali, acontecesse o que acontecesse, para nos confortar, e papai também, para nos proteger. Isso era o que eu pensava.

Era uma noite tão comum que não podíamos imaginar que nosso mundo estava prestes a mudar para sempre. Conversávamos na sala a respeito da escola, do trabalho e dos acontecimentos na aldeia. Mamãe deu notícias recentes sobre a colheita, e papai falou sobre os jovens cujas bolsas de estudo eram patrocinadas pela cooperativa cafeeira. Augustine e Vianney passavam o tempo falando bobagens, fazendo brincadeiras um com o outro, e eu simplesmente relaxava e observava tudo, feliz por estar em casa.

Damascene era o único que não se divertia. Ele, que geralmente era a alma da festa, passou a noite pensativo e ansioso.

— O que há de errado com você esta noite, Damascene? — perguntei.

Meu irmão olhou para mim e, quando nossos olhares se encontraram, não conseguiu mais se calar. Desabafou, em uma torrente de palavras e emoções.

— *Immaculée, eu os vi, vi os assassinos.* A caminho da casa de Bonn nós os avistamos a distância. Usavam as roupas coloridas do Interahamwe e carregavam granadas de mão. Granadas, Immaculée, imagine só! — Sua voz soava rouca.

A sala silenciou, pois todos haviam escutado. Meus pais se entreolharam, depois fitaram Damascene.

— Talvez você esteja se deixando dominar pela imaginação — comentou papai, numa tentativa de acalmar o filho. — Há muita conversa alarmante por aí, e as pessoas vêem coisas onde elas não existem.

Damascene se pôs de pé e insistiu:

— Eu não estou imaginando coisas. E não foi só isso que eu vi. Eles têm uma lista com os nomes de todas as famílias tútsis que vivem na área, e nossos nomes estão lá. É uma lista de execuções! Planejam matar esta noite todos os que fazem parte da lista.

Damascene caminhava de um lado para outro da sala e suplicou.

— Temos que sair daqui, papai, *por favor*. Temos que ir embora enquanto é possível. Podemos descer a colina, arranjar um barco, atravessar o lago Kivu, e lá pela meia-noite estaremos a salvo no Zaire. Temos que ir agora, antes que seja tarde demais.

O desabafo de Damascene foi tão inesperado e atípico dele que nos assustou. Eu conhecia bem meu irmão, ele devia ter passado a noite toda cismado com o que vira à tarde, mas havia preferido calar-se até ter um plano de fuga para sugerir.

— Pare com isso, Damascene, fique calmo por um minuto — pediu papai. — Você está deixando nervosas sua mãe e sua irmã. Vamos analisar em detalhes o que você disse que acha que viu e ouviu hoje. Se tomar decisões pressionado pelo pânico ou pelo medo, vai cometer um erro. Vamos examinar tudo direitinho. Você viu mesmo tudo isso?

Damascene sentiu-se magoado com as dúvidas de papai, mas admitiu que não tinha visto a lista com seus próprios olhos — amigos haviam-lhe contado. Mas tinha certeza de que as pessoas que avistou eram Interahamwes.

— Veja só, é exatamente como eu pensei — disse papai. — Todo mundo está com os nervos à flor da pele, e tudo fica parecendo pior do que realmente é. Já vivi antes outras situações como esta. Ouvem-se boatos de esquadrões da morte e histórias de listas de gente marcada para morrer, mas depois de alguns dias vê-se que tudo não passou de exagero. Não vou levar minha família embora

por causa de boatos. Não vamos abandonar nossa casa e tudo aquilo que trabalhamos para conseguir só porque as pessoas estão nervosas, e suas imaginações muito férteis.

— Mas, papai — interferi numa voz um tanto estridente —, Damascene não é do tipo nervoso. Ele é esperto e não se deixa enganar facilmente. Talvez seja melhor ouvi-lo.

Eu estava alarmada. Se os Interahamwes tinham mesmo uma lista de pessoas que deviam ser mortas naquela noite, poderiam vir nos buscar a qualquer momento.

— Quem sabe não devemos fazer o que Damascene sugeriu — insisti com papai. — Lembre-se de tudo que temos ouvido no rádio. Até hoje não levei essa gente a sério, mas pode ter sido um erro. Eles pregam o extermínio de todos os tútsis. Talvez Damascene tenha razão... Talvez devamos partir agora.

— Não, Immaculée, não devemos partir. A atitude do governo está mudando para melhor, e logo haverá paz. Não se preocupe. Esse pessoal do rádio é doido; ninguém os leva a sério! Vamos ficar calmos e aproveitar o feriado. Não há listas de gente marcada para morrer, e ninguém virá nos matar. Eu sou mais velho e sei o que é certo — concluiu papai com um ligeiro sorriso. — Agora, por favor, vamos sentar e jantar.

A segurança de papai me convenceu por algum tempo de que tudo daria certo, e nos sentamos em torno da mesa. Percebi que Damascene não havia mudado de opinião, apesar dos argumentos de papai, embora tentasse aparentar coragem e comportar-se como de costume — cantou canções engraçadas, contou anedotas a respeito de gente da aldeia e mexeu com Vianney a respeito de suas namoradas. Mas quanto mais ele nos fazia rir, mais eu tinha certeza de que ele fingia. Seu belo sorriso franco escondia sua preocupação.

Ah, se eu pudesse adivinhar que aquele seria nosso último jantar em família. Eu me poria de pé e agradeceria a Deus por tê-los tido comigo. Eu diria a cada um deles, sentado em torno da mesa, o quanto eu os amava e lhes agradeceria pelo amor que me haviam dado. Mas eu não sabia.

ANTES DE IRMOS DORMIR, rezamos em conjunto a oração da noite, como sempre fizemos. Minha mãe nos deu um beijo de boa-noite, papai prometeu que nada de mau aconteceria e nos desejou um sono tranqüilo.

Assim que ouvimos fechar-se a porta do quarto dos nossos pais, nós quatro — Damascene, Vianney, Augustine e eu — nos reunimos na sala de visitas. Conversamos por cerca de uma hora sobre os rumores que Damascene havia escutado e tudo que ele vira naquele dia. Estávamos preocupados por papai não querer levar em consideração o medo de Damascene.

— Não quero faltar ao respeito com seu pai — sussurrou Augustine — e sei que não se deve discutir com os mais velhos, mas acho que o pai de vocês está enganado. Concordo com Damascene. Ficar aqui é perigoso. Se o nome da família de vocês estiver na lista, eles virão buscá-los, e não há nada que se possa fazer para impedi-los! Eu acho que seu pai não vai mudar de idéia a respeito da fuga, portanto talvez devêssemos partir, *agora*, sem eles.

Fizemos um silêncio total. Tenho certeza de que todos nós desejávamos correr para o lago Kivu e pular para dentro de um bote, mas meus irmãos e eu não podíamos deixar nossos pais sem nos despedirmos. E estávamos tão acostumados a ver papai tomar todas as decisões que para nós era natural seguir sua liderança. Além disso, argumentamos, estava ficando tão tarde que Augustine e Vianney estavam quase dormindo em suas cadeiras. Então Damascene e eu decidimos esperar até o dia seguinte e falar com papai novamente. E fomos para a cama.

Meu quarto era como se fosse minha capela particular. Com a Bíblia e imagens de Jesus e da Virgem Maria na mesa-de-cabeceira, era onde eu me conectava com Deus e com minhas energias espirituais. Ajoelhei ao lado da cama, fitei as imagens e disse uma oração pedindo a Deus que protegesse minha família de todo perigo.

Diante de mim havia um cartão que eu havia comprado para o aniversário de Damascene. Seu vigésimo sétimo aniversário estava próximo, e há vários dias eu tentava escrever um poema que lhe dissesse o quanto eu o amava e admirava. Nossos pais não nos encorajavam a demonstrar abertamente nosso amor uns pelos

outros, mas era minha intenção alterar esse costume. E nada melhor do que começar por Damascene, a quem eu queria tanto bem, e que me inspirava mais do que qualquer pessoa.

Quando éramos pequenos, Damascene ralhava comigo se eu agisse mal ou fizesse birra. Suas palavras me feriam e me aborreciam, mas, depois, ao pensar no que ele havia dito, sabia que ele tinha razão. Desde a infância ele mostrava um pendor pelo ensino, e sua sabedoria era superior à sua idade. Quando adolescente, eu rezava a Deus para que me fizesse ser como ele, com sua bela alma e coração generoso. Eu o tinha visto dar suas roupas aos pobres e passar horas confortando pessoas marginalizadas pela doença, pobreza ou loucura.

Damascene era muito admirado em nossa aldeia. Naquela noite, quando me deitei, pensei no quanto esse irmão era importante para mim. Peguei a caneta e acrescentei algumas linhas ao poema no cartão de aniversário. Sorri ao imaginar o quanto ele ficaria feliz e encabulado ao ler as palavras. Ainda com um sorriso no rosto, apaguei a luz e tentei dormir.

Parecia-me que meus olhos se haviam fechado há poucos minutos quando a porta do quarto se abriu bruscamente. Sentei-me sobressaltada e percebi que já era madrugada. Na penumbra cinzenta do aposento pude ver o rosto aterrorizado de Damascene e pensei no pior.

— O que está acontecendo, Damascene? Os assassinos chegaram? — sussurrei. Eu mal podia ouvir minha própria voz.

Meu irmão permaneceu calado. Podia ouvi-lo, em pé, junto à porta, tentando recobrar o fôlego. Quando ele finalmente falou, sua voz parecia vir do fundo de um poço.

— Pelo amor de Deus, Immaculée, levante-se. O presidente morreu!

— O quê? O que você quer dizer com “o presidente morreu”? — gritei. O presidente prometera devolver a paz e a igualdade a Ruanda. Como ele podia estar morto?

— Estou dizendo que o presidente Habyarimana *morreu!* Ele foi assassinado na noite passada. Atiraram em seu avião quando ainda estava no ar.

Pensei no que havia escutado no rádio alguns dias antes. “Se alguma coisa acontecer ao nosso presidente, todos os tútsis serão exterminados.”

Saltei da cama e procurei freneticamente alguma coisa para vestir. Enfiei um jeans sob a camisola verde comprida e estava tão atarantada que troquei de roupa diante do meu irmão, algo que eu nunca havia feito antes.

— O presidente foi morto; alguém matou o presidente — balbuciava para mim mesma, incrédula e aturdida. Afastei as cortinas e olhei para fora. Não tenho certeza se foi fruto da minha imaginação, mas percebi um halo amarelado sobre a vila.

— Até o céu está diferente — comentei, e me joguei na cama segurando a cabeça entre as mãos. — Oh, Damascene, vamos todos morrer. Com certeza eles virão aqui para matar todos nós.

Meu irmão sentou-se, passou os braços em torno de mim e declarou.

— Ouça bem, Immaculée, nós *não* vamos morrer. Não temos nada a ver com isso. O presidente estava voltando das conversações de paz na Tanzânia e viajava com o presidente de Burundi. O avião foi abatido quando se preparava para aterrissar em Kigali... em *Kigali!* Ninguém vai culpar por isso os moradores daqui.

Damascene procurava aparentar coragem, para me animar, mas era um mau ator. Tenho certeza de que tentava convencer a si mesmo, e não só a mim.

— Talvez as coisas mudem para melhor, agora que o presidente morreu — ele continuou. — Tanta gente se opunha a essas negociações de paz e aos planos de Habyarimana para um governo mais moderado que sua morte, na verdade, pode aliviar as tensões. Não tenha tanto medo, Immaculée. Vamos lá para fora. Está todo mundo lá, ouvindo rádio.

Ele me pegou pela mão e fomos para o pátio onde meus pais, Vianney e Augustine, tinham se instalado para ouvir o rádio. O locutor anunciou que, minutos após a explosão do avião presidencial, barreiras e pontos de controle haviam sido instalados por toda a capital. Disse também que pelo menos vinte famílias tútsis haviam sido mortas em Kigali durante a noite.

Hesito em usar a palavra “anunciou”; em vez de comportar-se como um jornalista, o locutor mais parecia torcer pelos assassinos. Ao divulgar que a guarda presidencial havia se encarregado de matar os tútsis para vingar o presidente, falou como se as mortes fossem justificadas. Como se fosse perfeitamente normal arrastar famílias inteiras para a rua e trucidá-las.

A seguir leu alguns nomes dos que haviam sido executados até então em Kigali. O quinto nome a ser lido foi o do meu tio Twaza.

— Mataram Twaza? — gemeu mamãe, e cobriu os olhos com as mãos, balançando a cabeça como se não acreditasse. — Por que eles matariam Twaza? Ele nunca fez mal a ninguém.

Um silêncio doloroso envolveu a família ao percebermos que na noite anterior tínhamos perdido nossa oportunidade de fugir. Meu pai tentou mais uma vez atenuar nosso medo.

— As emoções estão descontroladas na capital. É lá que estão acontecendo as mortes, porque é lá que está baseada a maioria dos soldados — pronunciou tranqüilamente. — Tudo se aquietará em um dia ou dois, vocês vão ver.

— Acho melhor eu voltar para casa agora — disse Augustine, cuja família morava em Kigali. Olhamos para ele, pois sabíamos que era perigoso demais viajar para qualquer parte. Poucos minutos depois nossas suspeitas se confirmaram por uma série de comunicados radiofônicos. “Permaneçam em suas casas. Viagens estão proibidas. Somente as tropas podem transitar pelas ruas. Não saiam de suas casas. Os transportes públicos foram suspensos. *Não saiam de suas casas!*”

— Querem nos manter em casa para saber onde nos encontrar. Querem que fiquemos parados como alvos — exclamou Damascene arregalando os olhos. — Se nossos nomes estiverem na lista dos que devem morrer, como eles sabem onde moramos, saberão onde nos encontrar.

Era a manhã de 7 de abril de 1994. Sem que o soubéssemos, o genocídio havia começado.

CAPÍTULO 6

Sem Saída

Mamãe, papai, Damascene, Vianney, Augustine e eu passamos o dia todo agrupados no quintal, ouvindo o rádio. As transmissões do estrangeiro noticiavam que cidadãos comuns hútus haviam se juntado aos soldados e às milícias Interahamwes para matar inocentes civis tútsis; enquanto isso, as estações locais encorajavam os hútus a empunhar facões e a atacar seus vizinhos tútsis.

Eu me sentia como uma menina perdida, esperando que meus pais me dissessem o que fazer. Pensava que, como desde 1959 haviam sobrevivido a vários levantes políticos e massacres aos tútsis, deviam saber como agir.

A rádio oficial continuava a recomendar que as pessoas permanecessem em suas casas, e, como crianças bem-comportadas, obedecemos. Estávamos amedrontados demais para abrir o portão e verificar o que acontecia do outro lado do muro. Nos auto-impusemos a prisão domiciliar, com medo de que sair de nossa propriedade fosse um passo fatal.

Minha família não possuía telefone, e, mesmo que possuíssemos, a maioria das linhas estava muda. Estávamos completamente isolados, a não ser pelas notícias recebidas através do rádio. Ficamos horas ali, ouvindo os relatórios terríveis, até eu pensar que enlouqueceria. No final da tarde, apanhei meus livros e comecei a estudar para as provas.

— Como você consegue, Immaculée? — perguntou Damascene. — Onde encontra forças para estudar? Será que você ainda acredita que terá uma escola para a qual voltar?

Horas antes, meu irmão me ajudara a vencer o desespero, agora ele também perdera as esperanças. Foi minha vez de ser forte.

— Não se preocupe tanto — animei-o. — Vamos superar tudo isso. Se a situação se agravar, podemos cruzar a fronteira. Papai e mamãe já passaram por situações semelhantes. Tenha fé.

Para ser sincera, eu também não tinha qualquer esperança — não estudava para as provas, mas sim para isolar a mente do terror reinante na família.

A única notícia encorajadora que ouvimos naquele dia foi a mensagem de Paul Kagame, da FPR, comandante dos rebeldes tútsis baseados em Uganda. Paul prometeu que, se não cessasse a matança de tútsis, os rebeldes invadiriam Ruanda e lutariam até a morte para proteger seus concidadãos tútsis. Era reconfortante ouvi-lo falar assim, mas entristeceu-me o fato de a possibilidade de uma guerra total ser a única notícia boa.

Nenhum de nós dormiu mais que alguns minutos naquela noite.

No dia seguinte, ouvimos pela BBC uma entrevista por telefone com a primeira-ministra de Ruanda, Agathe Uwilingiyimana, uma hútu moderada residente em Kigali. Embora protegida pelas tropas de paz da ONU, havia tiroteios em torno de sua casa. Agathe contou que ela, o marido e seus cinco filhos estavam deitados no chão e não tinham como escapar. A linha caiu durante a entrevista. Soubemos mais tarde que soldados invadiram a casa e atiraram nela e no marido. Felizmente as crianças haviam sido resgatadas.

As palavras da primeira-ministra nos afetaram profundamente, e tornava-se impossível fazer de conta que tudo haveria de ficar bem. Se os assassinos eram capazes de executar a primeira-ministra hútu, o que os impediria de nos trucidar?

As 24 horas de tensão contínua tiveram um preço. Minha mãe entrou numa espécie de transe, começou a andar de um cômodo a outro e enchia as malas com qualquer coisa que lhe caísse nas mãos.

— Não vou deixar para trás tudo pelo que trabalhamos, para ser roubado por essa gente — explicou. — Vou esconder tudo. Um dia voltaremos para buscar nossos pertences.

Não tenho idéia de para onde ela pretendia ir — tínhamos acabado de ouvir no rádio que a única rota possível de fuga (atravessar o lago Kivu) tinha sido fechada pelas milícias

Interahamwes, que abatiam qualquer tútsi, ou hútu moderado, que se aproximasse do lago.

Meu pai, confuso e sentindo-se culpado, continuava a negar as evidências.

— Se o morticínio continuar — argumentava —, a FPR vai intervir e pôr um fim nisso. Talvez eles cheguem a Mataba dentro de alguns dias para nos proteger.

Perguntei-lhe incrédula:

— O que você está pensando, papai? As tropas da FPR estão lá no Norte, perto da fronteira com Uganda. Não possuem veículos; estão a pé e terão que enfrentar a cada passo do caminho as forças do Interahamwe. Vão levar semanas para chegar até aqui... se chegarem.

Eu podia contar nos dedos quantas vezes tinha ousado contradizer meu pai, mas tudo estava mudado. Meus pais já não pensavam com clareza, e não podíamos contar com Augustine e Vianney, jovens e apavorados demais. A vida toda eu tinha seguido a liderança de Damascene, mas ele se retirou para o quarto e contemplava fixamente as paredes.

— Você acredita mesmo que vamos escapar? — ele perguntou quando fui no seu encalço. — Fico sentado aqui pensando no que vou fazer no próximo ano, mas não consigo. Acho que não vou estar vivo. Eu não tenho um futuro.

— Damascene, você tem que parar com isso! — gritei. — Você não pode entregar os pontos antes mesmo de começar a lutar! Se não dá para saber o que vai fazer no próximo ano, eu sei. Você vai estar comigo em Butare quando eu me formar na universidade. Vai sentar-se na primeira fila, e bater palmas e dar vivas quando eu receber meu diploma. Portanto, trate de se levantar e ajudar papai e mamãe.

— Eu gostaria de ter sua fé e coragem — ele murmurou. Depois continuou encarando a parede.

Eu não me sentia corajosa, mas alguém tinha que levantar o ânimo da família. Tentei ser forte e pelo menos fingir que era corajosa, para que não caíssem todos no mais completo desespero.

Ao anoitecer ouvimos a notícia de que dez belgas da ONU, da força de paz que protegia a primeira-ministra, tinham sido mortos pelos soldados do governo, e que a vida dos demais belgas residentes em Ruanda estava ameaçada. Sabíamos que, se os belgas e demais estrangeiros deixassem o país, não haveria ninguém para impedir um massacre total. Pela segunda noite não foi possível dormir.

DE MADRUGADA, COMEÇOU A GRITARIA. Duas dúzias de milicianos do Interahamwe atacaram a aldeia e jogaram granadas dentro das casas. Quando os que estavam lá dentro tentavam escapar, eram retalhados e mortos a facão.

Ao escutarmos os gritos, abrimos os portões e saímos para a estrada. De nossa casa, no topo da colina, tínhamos boa visibilidade e tentamos localizar a fonte de onde vinham os ruídos. Abaixo de nós, na margem oposta de um riacho próximo, vimos um grupo de Interahamwes que cercava um de nossos vizinhos. Moviam-se como um bando de chacais, com os facões erguidos acima da cabeça, e lentamente formaram um círculo em torno do homem. De longe, impotentes, vimos quando eles atacaram para matar, e o esquartejaram, sem piedade.

Horrorizados, demos as costas à cena. Dezenas de vizinhos tútsis, vindos do outro lado da colina, vinham em nossa direção. Os homens estavam armados com paus e pedras, as mulheres traziam os bebês nos braços e ordenavam aos gritos aos filhos mais velhos que ficassem perto delas.

Ao avistar meu pai, bradaram em conjunto:

— Leonard! Leonard! Ajude-nos por favor. Eles querem nos matar. O que vamos fazer? Para onde iremos?

Meu pai era um dos homens mais respeitados na aldeia, e em pouco tempo aproximadamente 2 mil homens, mulheres e crianças estavam acampados em frente à nossa casa, na expectativa de que ele os orientasse. Custei a acreditar que tanta gente tivesse sido expulsa de seus lares. Milhares de pessoas sentavam-se em torno de fogueiras, discutiam sobre o que fazer a seguir, enquanto as crianças corriam pela relva e brincavam de pegar. Se não fosse pelos tiros

ocasionais e as explosões de granadas ao longe, poderia parecer que o grupo estava fazendo um piquenique.

Toda aquela gente em busca de sua ajuda e de seus conselhos pareceu trazer papai de volta à realidade. Retomou seu antigo jeito de ser e começou a agir.

— Mantenham-se calmos — recomendou. — Unidos haveremos de encontrar uma saída.

NAQUELA NOITE PAPAI ME DISSE QUE ESTAVA PREOCUPADO com minha saúde.

— Há duas noites você não dorme, Immaculée. Vamos ficar aqui fora com os outros, mas quero que você vá para o seu quarto dormir.

— Ora, papai...

Não me agradava a idéia de ficar sozinha dentro de casa. Morria de medo de sermos atacados durante a noite.

Ele percebeu minha hesitação e sorriu:

— Não se aflija, minha querida. Estou aqui e hei de protegê-la. Está frio aqui fora, e você precisa descansar. Vá para dentro e descanse.

Eu sabia que ele não podia me proteger contra os Interahamwes, mas não tive coragem de ferir seu orgulho e fiz o que ele pediu. Minha mãe prometeu que vigiaria a casa, para que eu me sentisse segura.

Apesar do amor e da dedicação de meus pais, não pude dormir naquela noite também. Coloquei um rádio sobre o peito e fiquei mudando de estação até a madrugada, ouvindo reportagem após reportagem a respeito do que se passava à nossa volta. À medida que a noite prosseguia, as notícias só se agravavam: grande número de tútsis era massacrado por toda Ruanda, as conversações de paz entre o governo e os rebeldes tútsis haviam sido interrompidas, e a FPR prometia lutar até chegar à capital e interromper o morticínio.

No meio da noite, fui para fora e encontrei minha mãe adormecida no pátio. Tinha pegado no sono enquanto vigiava a porta da frente. Quando me aproximei para acordá-la, minha respiração quase estancou. Enrolada em um lençol branco e iluminada pelo luar, ela parecia um cadáver. Fiquei tão chocada com a visão que voltei

correndo para meu quarto. Joguei-me na cama e rompi em lágrimas pela primeira vez desde que o pesadelo começara.

— Por que isso está acontecendo? — confidenciei em lágrimas ao meu travesseiro. O que nós fizemos para merecer tal coisa? Por que é errado ser uma tútsi? Deus, por que você permite que isso aconteça conosco?

Senti-me egoísta e sequei os olhos. *Garota boba, pensei, deixe para chorar mais tarde. A tragédia mal começou, haverá tempo demais para chorar.*

Voltei lá para fora quando o sol começou a raiar sobre o lago Kivu e parei ao lado de minha mãe adormecida. Acariciei levemente seus pés e desembaracei seu cabelo. Mamãe era tão bonita, orgulhava-se tanto de sua aparência — se sentiria desgostosa se alguém a visse naquele estado. Beije seu rosto, sacudi-a de leve e falei baixinho:

— Acorde, mamãe. Está frio, vá para a cama.

Seus olhos, mal se abriram, encheram-se de medo e confusão.

— Onde está Damascene? Onde está Vianney? Immaculée... você deveria estar em casa descansando. O que você está fazendo aqui no escuro? — ela perguntou, tentando pôr-se de pé.

— O que *você* está fazendo aqui fora, mamãe?

— Eu não queria deixar você sozinha em casa, mas não queria ficar longe de seu pai e dos seus irmãos. Preciso me assegurar de que estão todos a salvo.

— Todos estão bem, mamãe. Papai e os meninos estão lá no acampamento. Talvez tudo melhore hoje. — Meu coração sofria ao ver a dor estampada em sua face. Ela tinha trabalhado e sacrificado toda sua vida por nós, e passado horas sem-fim preocupando-se com nossa segurança. Mas sabia que nesse momento nada podia fazer para nos proteger, e isso a estava matando. Parecia ter envelhecido alguns anos nesses poucos dias.

Fomos procurar papai e meus irmãos no acampamento dos refugiados. Não estávamos preparadas para o que vimos: havia no mínimo 10 mil tútsis diante da casa.

Papai andava no meio da multidão e cumprimentava a todos com palavras de encorajamento. Tinha passado a noite acordado e se recusara a ir para dentro descansar. Tomou um banho, vestiu roupas

limpas e voltou para junto dos refugiados. Dúzias de pessoas tentavam chegar até ele, chamavam seu nome, mas eram tantos que não lhe era possível dar atenção a todos.

Por fim, subiu sobre uma pedra na base da colina e se dirigiu à multidão amedrontada.

— Meus amigos, meus amigos!

Sua voz ressoou acima da aglomeração humana.

— Sei que estão todos com medo; não fiquem assim. Esses homens, esses assassinos, são poucos, e nós somos muitos. Não são mais fortes do que nós se tivermos Deus em nossos corações. Se eles agem por maldade, se vieram ferir-nos sem outra razão a não ser o seu ódio, nós os derrotaremos. O amor sempre vence o ódio. Acreditem em si mesmos, acreditem uns nos outros e acreditem em Deus!

Senti meu coração inchar-se de orgulho. Era difícil acreditar que se tratava do mesmo homem que algumas horas antes parecia tão confuso e pouco razoável. Ali estava ele agora, transmitindo força a tantas almas perdidas e atemorizadas.

— Lutaremos contra eles — continuou papai. A multidão, emocionada com suas palavras, entoava seu nome e aplaudia, mas, com a mão erguida, ele pediu silêncio.

— Como já disse, se esses assassinos são movidos apenas pelo ódio, nós os expulsaremos. Mas se foram enviados pelo governo, se esses ataques fazem parte de um plano organizado para exterminar os tútsis, teremos um problema mais sério. O governo possui fuzis e granadas. Tem um exército e uma milícia. E nós não possuímos arma alguma. Se o governo planeja acabar conosco, tudo que podemos fazer é rezar. Usemos em arrependimento o tempo que nos resta. Rezemos a Deus para que perdoe nossos pecados. Se *devemos* morrer, que seja com os corações purificados.

Os aplausos cessaram, e a assistência silenciou. Pensei que meu pai havia abatido seus ânimos, mas me dei conta de que milhares deles seguiam seu conselho e oravam baixinho.

— Não importa se vamos viver ou morrer... O importante é combater o mal que penetrou em nossos lares! — proclamou papai.

Milhares de olhos o seguiam; ele levantou a mão acima da cabeça. Vi que segurava na mão direita seu rosário vermelho e branco.

— Imploramos a Deus que nos proteja do mal — disse em voz ainda mais alta, e agitou no ar o rosário. Então abaixou-se e, com a mão esquerda, pegou uma lança comprida, com ponta de metal. Ergueu-a à altura da cabeça e continuou. — Pediremos o auxílio divino, mas não deixaremos de nos defender. Peguem lanças, armem-se, mas não matem ninguém. Não queremos ser como eles. Não mataremos. Mas não nos deixaremos sacrificar como cordeiros. Sejam fortes... e rezemos.

POUCAS HORAS APÓS O DISCURSO DE PAPAI, cinqüenta Interahamwes, armados com facas e facões, atacaram os tútsis diante de nossa casa. Meu pai reuniu mais de cem tútsis e correu em direção aos assassinos. Ao chegarem a uma distância ao alcance de seus projéteis, jogaram pedras e os repeliram. Mas isso não passava de uma vitória insignificante — o rádio continuou a relatar mortandade generalizada, e um fluxo constante de tútsis chegava a nossa casa. Cada recém-chegado trazia um novo relato de horrores; pelo que nos contaram, percebemos que estávamos completamente cercados pelos Interahamwes.

Depois do ataque, fui ao meu quarto buscar meu escapulário, uma espécie de colar de tecido usado pelos católicos. Tenho especial apreço pelo escapulário, pois é abençoado por uma promessa da Virgem Maria de que “todo aquele que o usar não sofrerá o fogo eterno. Será um sinal de salvação, proteção nas horas de perigo e uma promessa de paz”. Eu o havia comprado quando entrei para a universidade, na certeza de que, se algo me acontecesse, ele encurtaria minha jornada até o céu.

Fui ao escritório de papai, para onde ele se havia retirado depois de rechaçar os Interahamwes, e onde remexia gavetas e enchia os bolsos com fotos de família.

Estendi-lhe o escapulário e disse:

— Papai, trouxe uma coisa para você.

Ele sabia do que se tratava e para que servia. Então sugeriu:

— Por que não o deixa na casa? Assim não haverão de queimá-la.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Não, papai, é *você* quem deve usá-lo. Quem, desta família, está se colocando em perigo? Quem, entre nós, tem as maiores probabilidades de ser morto? Pare de pensar na casa... O importante agora é a sua alma, e não as coisas materiais.

— Tem razão, Immaculée, eu compreendo — concordou ele, pegando o escapulário e colocando-o no pescoço. — Em troca, o que eu tenho para você? O que posso dar a minha filha única? — perguntou a si mesmo, remexendo a gaveta. — Claro, é isso mesmo! Já sei o que vou lhe dar.

E tirou do bolso da camisa o rosário vermelho e branco que havia mostrado ao povo reunido. Colocou-o em minha mão, que cobriu com as suas.

— Guarde-o para sempre, Immaculée.

— Guardarei sim, eu prometo.

Ao terminarmos a troca de presentes, a porta da frente se abriu com estrondo, e uma vizinha chamou meu pai aos gritos.

— Leonard, Leonard! Venha depressa! Eles voltaram! Os assassinos estão de volta. São muitos, muitos, muito mais do que antes.

Papai correu para o quarto, pegou uma lança que tinha escondido sob a cama e saiu correndo porta afora. Tentei ir atrás dele, mas minhas pernas pareciam feitas de borracha. Achei que tinha chegado nossa hora de morrer... principalmente ao ver que os assassinos estavam a menos de 500 metros de nossa casa.

— Vamos enfrentar esses malvados! Chega dessa mortandade estúpida! Pode ser que eles nos matem, mas morreremos com o coração purificado — bradou meu pai, na expectativa de que outros tútsis iriam com ele. Ninguém foi.

Papai suava; de olhos arregalados e furiosos, ergueu a lança e saiu correndo sozinho em direção aos bandidos. Mamãe disparou atrás dele; seu longo vestido azul balançava ao vento. Ela o agarrou pela fralda da camisa e firmou os pés no chão. Papai não parou de correr, arrastando atrás de si minha mãe que gritava:

— Pare, Leonard! Pare! Não pode lutar sozinho contra eles.

E implorava:

— Por favor, por favor, alguém vá com ele. Há tantos jovens aqui. Eles que lutem.

Todos a olhavam espantados, mas ela não se importava. Só tinha olhos para aquele que era seu marido há 28 anos — que ela amava acima de todos — e que corria em direção à morte certa. Faria qualquer coisa em seu poder para detê-lo.

Papai, já ofegante, não conseguiu continuar arrastando mamãe. Parou, tentou recobrar o fôlego, com mamãe ainda agarrada à camisa.

— O que há de errado com vocês? — ela berrou para os rapazes tútsis. — Como permitem que meu marido morra por vocês? Sejam homens! Levantem-se e lutem.

As pessoas continuaram olhando, mas não se mexeram para ajudar, aterrorizadas demais para agir. Mamãe se voltou para papai, envolveu-o em seus braços e suplicou.

— Não vá, Leonard, eu imploro.

— Rose, me escute. — Papai segurou-a pelo ombro. — É meu dever agir em favor dessas pessoas. Se for preciso lutar, eu lutarei. Farei o que me parece correto. Agora deixe de pânico e vá ajudar as mães com crianças pequenas. Eu voltarei.

Quando meus pais pararam de discutir, os assassinos já tinham partido. Certamente, ao se aproximarem, perceberam que eram muitos os tútsis reunidos em nossa casa. Mesmo com fuzis e granadas, cem estariam em desvantagem contra 10 mil. Mas a desvantagem não continuaria a nosso favor por muito tempo.

DEPOIS DA DISCUSSÃO DE PAPAÍ E MAMÃE EM FRENTE DA CASA, Damascene veio me ver. Com os olhos injetados de sangue e voz tensa, fez a seguinte observação:

— Desta vez eles fugiram, Immaculée, mas vão voltar. E, quando voltarem, serão muitos para os expulsarmos com paus e pedras. Se eles a pegarem, primeiro vão estuprá-la, depois matá-la. Você tem que partir. Vá para a casa do pastor Murinzi... ele há de concordar em escondê-la até que tudo esteja serenado.

— Não, Damascene. Não irei, se isso significar deixar para trás a família. Ou vamos todos ou eu não vou. Eu não conseguiria viver em

paz comigo mesma sabendo que vocês podem estar sendo mortos enquanto eu estiver escondida.

Damascene me olhou com lágrimas nos olhos. Foi chamar papai e ambos conversaram comigo.

— Seu irmão está certo, Immaculée — disse papai. — Você é uma mulher jovem, este lugar é muito perigoso para você. Vá para a casa do pastor Murinzi e, dentro de poucos dias, quando tudo se acalmar, irei eu mesmo buscá-la.

Jamais acreditei que ele iria buscar-me, porque, no íntimo do coração, não acreditava que ele sobrevivesse. Por isso respondi:

— Prefiro ficar aqui com vocês.

— Não, você vai ficar escondida, e esta é uma ordem.

Com isso, estava encerrada a discussão.

— E mamãe? Ela não vem comigo?

— Já falei com ela, mas ela se recusa a deixar seus irmãos. É melhor você levar Augustine também. Não saberia o que dizer aos pais dele se algo lhe acontecesse enquanto está sob meus cuidados.

Em uma hora, Augustine e eu estávamos a caminho da casa do pastor Murinzi. Tudo que eu levava eram as roupas do corpo, o rosário que meu pai havia me dado e a carteira de identidade fornecida pelo governo, na qual se dizia que eu era uma tútsi.

Meu pai nos seguiu por algum tempo. Ao dar meia-volta para retornar, gritou:

— Lembre-se, Immaculée, eu mesmo irei buscá-la.

Foi a última coisa que ele me disse.

PARA CHEGAR À CASA DO PASTOR MURINZI, tínhamos que caminhar 8 quilômetros por uma estrada estreita de terra. Andamos depressa. Augustine era hútu, mas parecia um tútsi, e temíamos topar com os assassinos pelo caminho, o que aconteceu quando estávamos a uns 800 metros da casa do pastor. Tratava-se de uma gangue de pelo menos cem hútus, com facas, lanças e facões, vindo em nossa direção.

— Quem me dera ser um pássaro e poder voar agora mesmo para minha casa em Kigali — sussurrou Augustine ao vê-los aproximar-se. Meu coração batia descompassado no peito.

Alguns h́tus faziam entrechocar seus facões, e o ruído era apavorante. Outros arrastavam as lâminas pelo chão, o que produzia fagulhas de cor alaranjada sempre que o metal batia em uma pedra. Mantive os olhos fixos na estrada, mas podia ver a sombra de suas armas.

Perguntava a mim mesma se alguém enfiaria uma faca nas minhas costas, e que tipo de buraco isso causaria em minha carne. Fechei os olhos e esperei pela dor... mas Deus velava por nós.

— Immaculée, o que você está fazendo aqui?

Abri os olhos e vi Kageyo, um h́tu, mas muito amigo de meu pai. Apesar da lança enorme em suas mãos, seu olhar era bondoso.

Os h́tus nos rodearam, e Kageyo gritou-lhes:

— Não façam mal algum a essas crianças! São meus amigos e não ousem tocar neles.

Os h́tus ficaram zangados, mas nos deixaram passar.

— Não se preocupem, crianças, traremos de volta a paz — afirmou Kageyo, e seguiu caminho com os outros.

Augustine e eu corremos o mais depressa que podiam nossos pés e não paramos até estarmos diante da casa do pastor.

— Estamos a salvo, finalmente — suspirei.

Quem dera que eu estivesse certa.

CAPÍTULO 7

A Casa do Pastor

Augustine e eu resfolegávamos ao chegar à casa do pastor Murinzi. Eu estava exausta da angústia dos últimos dias e senti a cabeça tonta de tanto correr dos assassinos. Ao ver o pastor olhando para nós da soleira da porta, mal pude balbuciar.

— Havia uns homens... com lanças... eles iam... — Eu arfava ao falar.

O pastor estava de pé na varanda, emoldurado pela porta enorme de sua casa de tijolos. Sempre achei que a casa em estilo europeu parecia deslocada numa aldeia em que havia tantas cabanas e barracos de zinco — os quartos eram muitos, duas grandes salas, de estar e de jantar, e banheiros com água corrente. E um jardim coberto de flores, protegidas do sol de verão pela sombra de uma árvore imensa.

O pastor nos cumprimentou calorosamente. Apertei sua mão, ainda me esforçando para recobrar o fôlego.

— É bom vê-la de novo, Immaculée — cumprimentou-me sorrindo. — Já faz muito tempo.

Desde a infância os mais novos entre os dez filhos do pastor e eu éramos bons amigos, e eu havia visitado sua casa muitas vezes. Há muitos anos o pastor e meu pai mantinham relações de negócios, portanto eu o via em minha casa também. Além do mais, era tio do meu namorado John, portanto não era um estranho para mim. Subitamente me lembrei de que minha tia havia dito que o pastor, que era protestante, sentia ciúmes das boas obras de papai e da posição proeminente que gozava na comunidade. Mas sempre fora delicado comigo, e eu, do meu lado, o tratava com cortesia e respeito. Concentrei-me nesses aspectos.

— Meu pai disse para eu vir para cá, pastor Murinzi — consegui articular finalmente, ainda segurando sua mão. — Disse que vem me buscar assim que tudo estiver mais calmo. Prometeu que viria ele mesmo.

O pastor não fez qualquer comentário, mas seus olhos diziam com toda eloqüência: *Seu pai não virá buscá-la jamais. Você jamais voltará a vê-lo.*

Tentei apagar da mente o olhar do pastor, pois, se eu começasse a pensar nos riscos que corria minha família, teria uma crise de nervos. Antes de entrarmos na sala, onde conversavam vários visitantes, apresentei-o a Augustine. Pode ter sido fruto da minha imaginação, mas tive a impressão de que a conversa se interrompeu com a minha entrada na sala.

A primeira pessoa que avistei foi Buhoro, meu professor na escola primária. Embora ele me houvesse humilhado durante a chamada étnica, eu não tinha guardado rancor. Fiquei tão feliz e aliviada por ver um conhecido que fui até ele. Sorri meu melhor sorriso e estendi a mão para cumprimentá-lo.

Ele olhou para minha mão, depois fitou meus olhos, finalmente estalou a língua com nojo e me deu as costas. Eu nunca havia sido tratada de forma tão grosseira ou com tamanha falta de respeito, e isso logo por um professor que eu conhecia desde a escola fundamental! E diante de tanta gente. Sua linguagem corporal tinha sido muito clara, como se ele houvesse gritado: *Não me toque, sua tútsi nojenta!*

Olhei à minha volta, à espera de que um dos adultos me defendesse e repreendesse Buhoro por seu comportamento. Mas ninguém se importou — nem mesmo o pastor, bem à nossa frente. Augustine foi o único a tomar uma atitude: caminhou até onde estava Buhoro e se recusou a apertar sua mão — e fez questão de ficar ao *meu* lado.

Eu sempre soubera que Buhoro era hútu, mas só agora me dava conta de que era um hútu extremista, que odiava os tútsis. *Extremista...* que palavra odiosa. Uma vez mais Buhoro me fazia sentir vergonha por Deus me ter feito nascer tútsi. Senti-me tão acanhada e humilhada que precisei me esforçar para cumprimentar

os demais visitantes, antes de me retirar, arrasada, da sala de visitas.

Que alívio encontrar Janet, minha melhor amiga desde a escola primária, sentada na sala de jantar, em conversa com outra jovem. Corri para ela exclamando:

— Janet, que bom ver você. Os últimos dias foram terríveis para mim; o mundo enlouqueceu. Estão matando gente em toda a aldeia, fomos tratados como cachorros... Graças a Deus você está aqui, é tão bom ver um rosto amigo.

Abracei-a, o mais apertado que pude, mas ela se retraiu. Dei um passo atrás e olhei para o seu rosto, nada amistoso — na verdade, ela se recusou a me olhar nos olhos.

Ela deve estar chocada, imaginei, preocupada com seu bem-estar. Como eu pude fazer isso? Nem perguntei como ela está passando!

— Você não está bem, Janet? Eu também não tenho dormido, mas ainda bem que nos encontramos. Papai me disse para ficar com o pastor Murinzi, mas não me sinto à vontade aqui. Que sorte você estar de visita, posso ir para sua casa e podemos fazer companhia uma à outra até que tudo volte ao normal.

Janet se inclinou, pegou sua bolsa e levantou-se.

— Não sei o que você está imaginando, Immaculée — ela disse, ainda evitando me olhar. — É claro que nem eu nem meu pai vamos escondê-la em nossa casa. Nós não abrigamos tútsis.

— Mas... Janet?

Ela se dirigiu à outra moça e disse:

— Estou de saída.

E deixou a sala sem ao menos olhar para trás.

Cambaleei até o corredor e me apoiei à parede. Como podia minha melhor amiga se voltar contra mim? Nós nos amávamos como irmãs — como ela conseguia ser tão cruel? Como podia um coração endurecer em tão pouco tempo?

Augustine veio até onde eu estava na companhia de Lechim, o filho mais moço do pastor Murinzi e, até então, meu melhor amigo homem. Nos conhecíamos desde a escola primária, e, como ele e Damascene eram bons companheiros, Lechim freqüentava nossa casa assiduamente. Ele sempre participava dos passeios e

piqueniques do nosso grupo, e ficamos um pouquinho apaixonados. Foi ele quem me deu meu primeiro beijo, pouco antes de eu completar 20 anos. Beijo que marcou o início e o fim de nosso romance, pois decidimos que era melhor não pôr em risco nossa amizade. E agora, por causa dessa amizade, eu sentia uma mão amiga sobre meu ombro, em vez de estar fugindo, campo afora, de um bando de assassinos armados de facão.

— Esqueça o que aconteceu, Immaculée, não fique magoada. Hoje em dia todos se comportam de forma estranha — foram as doces palavras de Lechim. — Venha, vou levar você ao quarto da minha irmã, e Augustine pode ficar no quarto dos meninos. As meninas vão ser gentis com você, Immaculée.

Como me senti feliz por Lechim ter me encontrado. Eu conhecia bem sua irmã, amável e bondosa como ele. Acho que nos dávamos tão bem porque a mãe deles, Elena, falecida há alguns anos, era tútsi. Lechim e Dusenge eram considerados hútus porque essa era a tribo de seu pai — mas, por causa da mãe, sabiam bem o que significava ser tútsi em Ruanda.

A caminho dos quartos, Augustine começou a chorar:

— Quero ir para casa. Quero ver minha mãe, meu pai e minha irmã. Quero sair daqui e voltar para Kigali.

Segurei sua mão e disse:

— Calma, não fique assim, seja forte. No momento não se pode ir a lugar algum... Há perigos demais lá fora. Sejam gratos por estar a salvo. Além do mais, embora você pareça um tútsi, você é hútu, com uma carteira de identidade para prová-lo. Ninguém lhe fará mal.

— Não, Immaculée, ouvi gente lá na sala murmurando que sou membro do exército rebelde tútsi. Acham que sou um espião da FPR! Minha carteira de identidade não tem valor algum; podem dizer que é falsa. Aqui ninguém sabe quem eu sou, eles vão me matar... sei que vão me matar.

Meu jovem amigo estava tão nervoso que lágrimas desciam por seu rosto, e suas mãos tremiam.

— Não entre em pânico, Augustine. Enquanto estivermos juntos cuidaremos um do outro e ficaremos bem.

Não sei de onde tirei forças para falar assim, já que eu mesma estava aterrorizada e não tinha a menor certeza de que sobreviveríamos. Mas precisava ter fé em Deus, acreditar que Ele nos ajudaria; senão, como suportar tanto sofrimento, angústia e traição?

DUSENGE NÃO ESTAVA NO QUARTO, e pude ficar deitada, de olhos fechados. Eu mal havia dormido nos últimos dias, mas não conseguia pegar no sono. Minha mente divagava, relembrando os acontecimentos que me levaram à casa do pastor. Vi minha família sentada em volta do rádio sem saber o que fazer. Visualizei o rosto cinzento de minha mãe, adormecida ao ar livre para me proteger. Lembrei-me de meu pai, de pé, diante de milhares de pessoas assustadas, tentando encorajá-las. E revi os facões empunhados pelos assassinos, no caminho para a casa do pastor.

Imersa nesses pensamentos, ouvi a voz agitada de Damascene. Sentei-me sobressaltada. Pensei que havia sonhado, mas não. Era com certeza a voz de meu irmão falando com alguém, do lado de fora do quarto. Segundos depois ele entrou.

— Damascene, o que aconteceu? Onde estão papai e mamãe?

— Não sei, Immaculée. Nós nos perdemos, e tive que fugir.

— Por quê? O que aconteceu?

— Eles a queimaram.

— O quê? Quem queimou o quê?

— Os bandidos... eles queimaram nossa casa. Não restou nada.

Caí deitada na cama. Meu pai havia acabado de terminar a casa, que construía com as próprias mãos para minha mãe. Seria seu refúgio na velhice, e vê-la destruída partiria seu coração.

— Papai já sabe o que aconteceu com a casa?

— Claro que sim — eles a queimaram à vista dele — contou Damascene. Em seguida me pôs a par de tudo que tinha acontecido desde minha partida, há poucas horas. Pelo que entendi, papai continuara se recusando a acreditar que o governo estava por trás das matanças, então pegou o carro e foi falar com o Sr. Kabayi, o burgomestre, e pedir-lhe proteção.

— Mas foi Kabayi quem tentou matar papai de fome na prisão! — interrompi. — Onde é que papai estava com a cabeça?

— Papai disse que não tinha outra escolha — continuou Damascene. — A casa estava cercada pelos assassinos, que chegavam em número cada vez maior. Sentia-se responsável pelos que tinham vindo buscar sua ajuda. Relatou ao burgomestre que havia milhares de tútsis em nossa casa e pediu-lhe que enviasse o maior número de soldados que pudesse.

Segundo Damascene, o Sr. Kabayi disse a meu pai que não se preocupasse, e mandou dois guardas escoltarem-no até em casa. Mas tudo se agravou com a chegada deles.

— Os soldados zombavam de papai. Riam e perguntavam: “Será que você é idiota? Será que é burro a ponto de pensar que o burgomestre nos mandou para proteger você e essas baratas? Essas baratas devem ser exterminadas.”

Nesse momento Vianney entrou no quarto. Meus irmãos estavam ambos traumatizados: Damascene, pálido; a expressão na face de Vianney, vazia e assombrada. A voz de Damascene era tensa ao relatar o que se passou a seguir.

— Os soldados atiraram para o ar, um sinal para reunir os assassinos... e eles vieram correndo, guinchando como animais e brandindo os facões. Os tútsis próximos a nossa casa gritavam tão alto que mais pareciam um bando de corvos crocitantantes. Aos milhares, corriam em todas as direções, em pânico total.

“Papai, mamãe e Vianney abandonaram a casa. Fui com eles, cuidando para que os matadores não nos atacassem. Os soldados se voltaram para os assassinos e gritaram: ‘Esta casa está infestada de baratas. Desinfetem-na. O que estão esperando? Vocês têm uma tarefa a cumprir. Chegou a hora de esmagar as baratas.’

“Foi então que os assassinos se descontrolaram. Entraram, espatifaram tudo e incendiaram o carro. O que não quebravam, pilhavam... então tocaram fogo na casa, que, em menos de cinco minutos, foi totalmente tomada pelas chamas. Papai caiu ao chão. Simplesmente desmaiou... Não podia crer no que via. Tinha afirmado às pessoas que tudo daria certo, e só agora percebia

que havia calculado mal, era tarde demais para tomar alguma atitude. Toda sua vida queimava diante de seus olhos.

“Nós o ajudamos a descer a estrada, até o lugar onde havia escondido a motocicleta. Ele ordenou a mamãe que se sentasse na garupa. Como os assassinos estavam fora de controle, não tivemos tempo de nos falar, de pensar, nem ao menos de dizer adeus. Só o ouvimos gritar: ‘Vão encontrar sua irmã na casa do pastor Murinzi. Eu tenho que tirar a mãe de vocês daqui. Escondam-se; nos encontraremos mais tarde.’

“Mamãe chorava, agarrada à camisa dele, e olhou para nós. ‘Meus filhos... o que será dos meus filhos.’ Com o ruído da moto, foi só o que deu para ouvir do que ela dizia. E eles se foram.”

— Foram para onde? — perguntei tristemente.

— Não sei dizer... Talvez tenham ido pedir asilo na casa da tia Cecile ou em alguma igreja. A confusão era enorme... como o estouro de uma manada. Milhares e milhares de túsis correndo para salvar suas vidas — em direção à floresta, à montanha, ao pântano e ao estádio. Mas, Immaculée, onde quer que eles estejam, haverá assassinos. Eles estão em toda parte, e já nem temos uma casa para nos escondermos.

A fala me faltava, mas eu tinha que dizer alguma coisa que devolvesse alguma esperança a meus irmãos.

— É verdade, perdemos nossa casa, mas qualquer lugar em que estejamos juntos será nosso lar. — Essa foi toda a esperança que pude transmitir. — Iremos viver na cidade. Podemos recomeçar a vida em Kigali.

Meus irmãos me olharam como se eu fosse uma louca.

— Immaculée, como você pode pensar uma coisa dessas? — perguntou um Damascene muito irritado, cansado do meu otimismo.

— A mortandade continua por todo lado. No caminho para cá encontramos cadáveres, e a maioria era de amigos nossos. *Estamos encurralados.*

E me olhou com uma expressão que eu jamais havia visto em seu rosto. Não sei direito o que era: acusação, desapontamento, raiva? E as palavras que pronunciou a seguir atingiram-me como uma chicotada.

— Por que você insistiu tanto tempo em dizer que tudo acabaria bem?

Senti-me tomada por uma onda de culpa. Teria meu otimismo conduzido meus pais e irmãos ao pesadelo que vivíamos agora? Era eu a responsável pelo que lhes acontecera? O que eu poderia ter feito, já que papai se recusara a partir e tudo acontecera tão rapidamente? Deveria ter me desesperado diante da tragédia, me afundado em depressão ou tido uma crise histérica? Isso teria piorado tudo. Para sobreviver é preciso ter esperança.

Eu me recusava a crer que Deus havia nos feito tútsis com o intuito de sermos massacrados. Mas ali estava Damascene, a quem eu amava tanto, olhando-me enraivecido e desesperado.

— Sinto muito — eu disse, com lágrimas nos olhos. — A esperança é tudo que nos resta, temos que nos agarrar a ela. Não devemos desistir ainda. Lembre-se de que você prometeu ir à minha formatura no ano que vem. Havemos de vencer todos os obstáculos.

— Você acredita mesmo? — perguntou meu irmão, exibindo outra vez seu sorriso luminoso, mas ainda com incredulidade na voz.

Eu nem ao menos sabia se sobreviveríamos a mais uma noite, mas chamei em meu auxílio a convicção que ainda me restava.

— Claro, Damascene, vamos superar os obstáculos.

— Tudo bem, não vou perder a esperança enquanto você mantiver a sua. — Disse isso e dirigiu-se a Vianney. — É melhor você fazer companhia a Augustine, que está muito assustado. E, aconteça o que acontecer, *não* saia desta casa... E não permita que Immaculée saia também. Há assassinos e estupradores à solta. Prometa-me fazer o que estou pedindo.

— Prometo — disse nosso irmãozinho mais novo.

Damascene então anunciou:

— Não pretendo ficar aqui. Sei que o pastor não gosta de papai, e acho que não gosta de mim também. Além disso, muitas pessoas me viram vir para cá, e isso pode guiá-las até vocês.

Implorei-lhe que ficasse conosco, mas ele se recusou a mudar de idéia. Seu amigo Bonn morava ali perto, e Damascene disse que iria para a casa dele. Bonn era hútu, isso lhe facilitaria esconder meu irmão por algum tempo.

Acompanhei Damascene até a varanda, mas seria doloroso demais dizer-lhe alguma coisa. Nunca antes nos tínhamos despedido sem um "até breve", ou "nos vemos daqui a algumas semanas". Agora eu não conseguia despedir-me, pois sabia que talvez fosse esta a última vez que o via.

Meu irmão, minha alma gêmea, pegou minha mão, e a dele parecia leve e macia como uma pena. Por mais que eu a apertasse, não conseguia sentir o toque de sua palma contra a minha, era como se eu segurasse a mão de uma alma que se apagava. Meu coração parecia que ia explodir.

Nos olhamos intensamente, em silêncio, Damascene retirou a mão, suavemente, sorriu um sorriso triste e atravessou o portão.

CAPÍTULO 8

Adeus aos Rapazes

Não muito depois da partida de Damascene, bateram à porta da casa do pastor. Ouvi a voz de Nzima, um dos professores de Vianney na escola secundária, que pedia para falar com o pastor Murinzi. Houve uma conversa abafada, e a porta se fechou. Fui até os fundos da casa e encontrei Nzima sozinho, sentado à sombra da árvore frondosa do jardim. Mesmo com a pouca luz, era possível perceber a dor estampada em sua face.

Sua voz era a de uma criança assustada:

— O que vão fazer conosco? Será que vão nos matar?

Ao ouvir sua voz à entrada da casa, egoisticamente eu havia esperado que ele me pudesse oferecer palavras de conforto e me dar alguma força, mas era ele quem precisava, desesperadamente, de ambas.

Nzima contou-me que sua mulher e filhos estavam em visita a sua sogra, em uma aldeia distante. Ele não tinha como saber se estavam bem, e se sentia torturado pela incerteza.

— Tenho visões e não consigo me livrar delas — foi o que ele me disse. — Vejo diante dos meus olhos minha mulher e meus bebês sendo abatidos, esquartejados. E não há nada que eu possa fazer. Como posso saber se a esta hora eles não estão mortos?

Tentei consolá-lo o melhor que pude, mas o que eu podia dizer? Quantas vezes mais eu diria às pessoas que tudo acabaria bem, se nem eu mesma tinha certeza do que aconteceria?

Ele suspirou fundo:

— Para onde posso ir? Lá fora todo mundo carrega um facão, e alguns têm fuzis.

— Fique aqui até que a matança termine, depois você encontrará sua família — respondi, na tentativa de animá-lo.

Nzima balançou a cabeça e se levantou.

— Não vou ficar aqui, mocinha, nem existe outro lugar para onde eu possa ir.

— Rezarei por você.

— Obrigado, Immaculée.

Despediu-se e foi na direção do jardim da frente, onde o pastor o aguardava e deve ter-lhe dito que não podia ficar, pois o vi apontar com o dedo para o portão, e Nzima saiu, sem dizer uma palavra. Mais tarde contaram-me que o pobre coitado foi morto a facadas na estrada, a algumas centenas de quilômetros da casa do pastor.

Duas horas mais tarde, eu estava sozinha no quarto quando o pastor Murinzi cautelosamente fez entrar outras cinco mulheres tútsis. Eu as reconheci como habitantes locais, mas não conhecia nenhuma delas.

O pastor estava muito agitado quando as trouxe para o quarto, e murmurava tão depressa e em voz tão baixa que era quase inaudível:

— Rápido, rápido. Andem logo! E fiquem caladas!

Ao fechar a porta recomendou:

— Esperem aqui e continuem caladas.

E lá ficamos nós, seis mulheres tútsis, praticamente desconhecidas, com apenas duas coisas em comum: éramos perseguidas e não tínhamos para onde ir. Olhávamos umas para as outras, amedrontadas demais para falar, ou mesmo para nos apresentarmos. Não sabíamos o que se passava lá fora, mas, a julgar pela atitude nervosa do pastor, era algo muito grave.

Subitamente ouviram-se gritos do lado de fora da casa — gritos apavorantes que deixaram arrepiados os cabelos em nossos braços.

Vozes furiosas, horríveis, gritavam:

— Matem! Matem! Matem todos eles!

Entramos em pânico. Várias mulheres se jogaram ao chão e se esconderam embaixo da cama. Eu tremia tanto que pensei que era o chão que balançava. Meus olhos percorreram o quarto, em busca de

um esconderijo, e avistei uma abertura estreita, junto ao telhado, por onde eu poderia me esgueirar.

Sussurrei:

— Podemos nos esconder lá em cima — e puxei uma cadeira para baixo da abertura e subi. Puxei outra mulher, e, juntas, erguemos as outras. E ficamos à espera da volta do pastor. O local era apertado, abafado, nossas roupas logo ficaram alagadas de suor, e tínhamos que nos esforçar para respirar. Duas horas mais tarde, o pastor Murinzi retornou. De pé, no meio do quarto, coçou a cabeça com um ar espantado.

— Onde estão elas? Meu Deus, eu as deixei bem aqui!

Eu teria rido se não estivesse com tanto medo.

— Estamos aqui em cima — falei baixinho, e pus a cabeça para fora do alçapão.

O pastor balançou a cabeça e nos mandou descer imediatamente, pois precisava falar conosco. Com a fisionomia perturbada, disse-nos:

— Sei que estão com medo, e com toda razão. Está tudo fora de controle, os assassinos entram na casa de *todo mundo*. Hoje não entraram na minha, mas podem fazê-lo a qualquer momento. Sinceramente não sei o que fazer de vocês... preciso pensar.

Ele certamente notou nosso pânico porque logo apresentou uma solução.

— Não se preocupem, não vou expulsar vocês — assegurou-nos. — Mas ouçam bem. Amanhã bem cedo, antes de todos acordarem, vou levá-las para outro cômodo, onde ficarão até que a matança termine. Direi a todos que mandei vocês embora. Só eu saberei que estão aqui. Falatórios inseqüentes podem levar todos nós à morte. Já presenciei outras ondas de massacres... Quando há no ar uma sede de sangue não se pode confiar em ninguém, nem mesmo nos filhos. Se uma única pessoa descobrir vocês, estarão todas mortas. E, por Deus, não quero que o sangue de vocês recaia sobre minha família ou manche minhas mãos.

Então virou-se para mim, e suas palavras foram como se uma faca me cortasse:

— Seu irmão e o amigo dele não podem ficar aqui. Têm que sair e se safar sozinhos. Para mim seria muito perigoso proteger homens. Vocês já são muitas para eu esconder.

Ele não conseguia me olhar nos olhos — ambos sabíamos que mandar embora Vianney e Augustine era quase o mesmo que mandá-los para a morte.

— Oh, não, pastor Murinzi, por favor! O senhor não pode...

Ele levou um dedo aos lábios, encerrando a conversa.

— Eles têm que partir, Immaculée. Quando eu vier chamá-la dentro de poucas horas, você vai acompanhá-los e abrir a porta para eles saírem. E cuidado para que ninguém a veja.

Quando o pastor saiu do quarto, amaldiçoei-o internamente. Como ele podia agir como santo, protegendo-nos, e ao mesmo tempo jogar meu irmão e Augustine nos braços dos assassinos?

Eu não queria pensar mal do homem que agia como nosso salvador, mas não conseguia evitá-lo — suspeitei do pior. Durante massacres anteriores, alguns homens hútus abrigaram mulheres tútsis e expulsaram os homens. Dizia-se que protegiam as tútsis por causa de sua beleza, na intenção de ficar com elas para si depois que seus homens fossem assassinados. Essa foi sempre uma outra maneira pela qual os tútsis, especialmente as mulheres, tinham sido brutalizados. Comecei a pensar que o pastor tinha motivos escusos para abrigar a nós seis.

TENTAMOS DORMIR NAQUELA NOITE, mas foi difícil descansar sem ter qualquer noção do que ainda teríamos pela frente. Sempre que fechava os olhos, eu imaginava Vianney e Augustine saindo da casa e caindo nas mãos de loucos enfurecidos que brandiam facões. Eles eram tão jovens — apenas 20 e 18 anos, respectivamente —, como eu poderia abandoná-los à própria sorte? Seria uma traição da minha parte.

Decidi acompanhá-los, mas mudei de idéia... e tornei a mudar inúmeras vezes. Como poderia eu protegê-los se fôssemos atacados? Eu seria um estorvo. Acompanhados por uma mulher eles chamariam mais atenção, e seríamos mortos os três.

Ressoavam em meus ouvidos as palavras de despedida de Damascene: “Não saia daqui, aconteça o que acontecer.”

Gemi baixinho, mas alto o suficiente para alarmar minhas companheiras.

— Não se preocupe, seu irmão é adulto, não é mais um menininho — disse Therese, uma das senhoras escondidas junto comigo, ao me ver virar e revirar durante uma hora. — São rapazes fortes... Podem cuidar de si mesmos. Se você seguir com eles, vai atrair os estupradores. Deixe-os partir. É o melhor. Eu sou mãe, acredite em mim. É melhor você ficar conosco.

Talvez ela estivesse certa, mas isso não me fazia sentir melhor. Ao mesmo tempo pensava que, com a partida de Vianney, talvez eu nunca mais visse alguém da minha família.

Duas horas antes do alvorecer, o pastor entrou no quarto, acordou-nos e nos recomendou num murmúrio:

— Levantem-se, vamos! Andem logo, depressa. — Olhou para mim e disse: — Vá despedir-se do seu irmão e volte imediatamente.

Entrar naquele quarto e acordar Vianney e Augustine foi a coisa mais difícil que tive que fazer na vida. Lágrimas escorriam como chuva pelo meu rosto — felizmente a escuridão ocultava a vergonha, a tristeza, e o medo indisfarçável em meus olhos.

Pousei a mão sobre as costas de Vianney e acordei-o suavemente, e falei baixinho, tentando controlar os soluços.

— Acorde... já é de manhã... vocês têm que partir... não se preocupem... haverão de encontrar papai... ele lhes dirá o que fazer.

Sentia-me muito infeliz, como se apertassem meu coração.

Vianney e Augustine levantaram-se num salto. Meu irmão mais novo esfregou o olho, ainda sonolento, e perguntou:

— O quê? Ir aonde, Immaculée? Não podemos ir a lugar algum sem Damascene. O que lhe acontecerá se partirmos sem ele?

Suas palavras me faziam sofrer. Eu o mandava para o perigo, e ele só pensava na segurança do nosso irmão. Era como se eu fosse uma mãe lançando seu bebê a um bando de lobos.

— Damascene vai estar bem — respondi, tentando dar um tom firme a minha voz. — Ele deve estar a salvo em algum lugar. Venham, temos que ir.

Apressei os rapazes pelo corredor, até chegarmos à porta da frente. Abracei Vianney o mais forte que pude, e cobri-o de beijos.
— Seja forte, Vianney. Voltaremos a nos encontrar em breve.
Eles saíram porta afora e desapareceram na escuridão.

PARTE II

NO ESCONDERIJO

CAPÍTULO 9

Para Dentro do Banheiro

Vianney e Augustine saíram. Fechei a porta e fui me reunir às demais mulheres tútsis.

O pastor Murinzi pegou uma lanterna e guiou-nos pelo corredor escuro até seu quarto. Nossos olhos seguiram o fecho de luz, que percorreu a parede até parar sobre uma porta, que supus dar para o pátio.

— É aqui que vocês vão ficar — disse, e abriu uma porta que revelou nosso novo lar: um banheiro pequeno, de aproximadamente um metro e vinte de comprimento por um metro de largura. A luz cintilou sobre os azulejos esmaltados que cobriam a metade inferior das paredes. Havia um box com chuveiro numa extremidade e um vaso sanitário na outra — o cômodo era pequeno demais para conter uma pia. A ventilação provinha de uma pequena janela basculante, à altura do teto, coberta por um pedaço de pano vermelho, fazendo o cômodo parecer ainda menor.

Era difícil imaginar como nós seis poderíamos caber num lugar tão pequeno, mas o pastor nos mandou entrar, e nos amontoamos lá dentro.

— Enquanto estiverem aqui, vocês têm que ficar quietas, e isso quer dizer em *silêncio* absoluto — preveniu-nos. — Se fizerem qualquer ruído, morrerão. Se forem ouvidas, vão encontrá-las e matá-las. Ninguém pode saber que estão aqui, nem mesmo meus filhos. Entenderam?

— Sim, pastor — murmuramos em uníssono.

— Não dêem descarga no vaso nem usem o chuveiro. — E apontou com a lanterna um ponto logo acima do vaso. — Há mais um banheiro, do outro lado da parede, que utiliza o mesmo

encanamento. Se for indispensável usar a descarga, esperem até alguém usar o outro banheiro e usem a descarga *exatamente* no mesmo instante. Entenderam?

— Sim, pastor.

A lanterna se apagou, suas últimas palavras foram pronunciadas no escuro:

— Acredito que as execuções vão continuar por mais uma semana, talvez menos. Se forem cuidadosas, vocês sobreviverão. Eu detestaria que os assassinos as encontrassem... sei o que eles fariam.

O pastor fechou a porta e nos deixou em total escuridão, nossos corpos comprimidos uns contra os outros. O calor e o cheiro enjoativo produzidos por nossos hálitos, suor e pele se misturaram e nos deixaram tontas.

Tentamos nos sentar, mas não havia espaço para todas se movimentarem ao mesmo tempo. As quatro mais altas tivemos que nos encostar contra a parede, depois escorregar até o chão, então puxar as menores para baixo, por cima de nós. Já passava das três da madrugada, estávamos inteiramente despertas, mas não ousávamos falar. Ficamos ali da melhor maneira que podíamos; os únicos ruídos eram nossa respiração e o cricrilar dos grilos lá fora.

Rezei em silêncio e pedi a Deus que protegesse Vianney e Augustine e mantivesse meus pais e Damascene a salvo. Agradei-Lhe por nos providenciar esse banheiro. Eu acreditava firmemente que Deus tinha orientado o pastor a nos trazer até ali e, pela primeira vez em muitos dias, senti-me completamente segura. Se eu, em minhas visitas freqüentes, nunca notara o banheiro, certamente ninguém mais o faria.

Pedi a Deus que abençoasse o pastor Murinzi por arriscar a própria segurança para nos ajudar... mas hesitei no meio da oração. Senti uma onda de raiva ao lembrar que ele mandara embora meu irmão e o nosso amigo em plena escuridão. Pedi a Deus que me ajudasse a perdoar o pastor algum dia.

A lua surgiu de trás de uma nuvem, e um raio de claridade, tênue e pálido, se esgueirou por uma fresta da cortina vermelha, o que me permitiu ver os rostos de minhas companheiras: sentada ao meu

lado, Athanasia, uma bonita mocinha de 14 anos, de olhos lindos e grandes que refletiam o luar. Em cima dela, Beata, de 12 anos, ainda com o uniforme escolar e uma expressão perdida e muito assustada. Puxei-a para o meu colo e ninei-a em meus braços até ela fechar os olhos.

À minha frente estava Therese. Com 55 anos, era a mais velha do grupo. Therese vestia um xale colorido enrolado em torno do corpo, um traje típico ruandês, muito popular entre as mulheres casadas. Era a mais preocupada de todas, provavelmente porque apenas duas de suas filhas — Claire e Sanda — estavam com ela. Claire tinha uma pele muito clara e, embora da mesma idade que eu, estava nervosa e retraída e não olhava para mim. Sua irmã menor, Sanda, de apenas 7 anos, era a mais nova de todas, bonitinha, graciosa e surpreendentemente calma. Em momento algum chorou ou demonstrou medo, embora todas nós tremêssemos — acredito que passou em estado de choque todo o tempo que estivemos dentro do banheiro.

A insistência do pastor para nos mantermos caladas estava gravada em nós. Ficamos ali, desconfortavelmente amontoadas, amedrontadas demais até para mudar de posição ou respirar fundo. Aguardamos que a luz acinzentada da madrugada entrasse no cômodo, então nos revezamos, de modo que cada uma tivesse sua vez de ficar de pé e esticar os membros. Cada uma tinha direito a apenas dois ou três minutos, até retomar a incômoda posição no chão.

Quando a manhã clareou, aves começaram a cantar nos galhos da árvore do jardim do pastor. Invejei-as e pensei, *Vocês tiveram sorte em nascer pássaros e livres... vejam o que nós humanos fazemos uns aos outros.*

ESTÁVAMOS TÃO CANSADAS, FAMINTAS E ESPREMIDAS, morrendo de calor, que nosso primeiro dia no banheiro se passou numa espécie de inconsciência dolorosa. Impossível dormir. Assim que eu pegava no sono, era acordada pela cãibra nas pernas ou pelo cotovelo de alguém esbarrando contra minha costela.

No início da tarde, ouvimos a voz do pastor Murinzi dizendo a alguém do lado de fora:

— Não, não, de modo algum. Nem sei do que você está falando. Sou um hútu e jamais esconderia tútsis. Não há tútsi algum aqui... eles se foram durante a noite.

Olhamos umas para as outras com olhos arregalados. Ficamos aterrorizadas.

— Não quero encrencas com o governo — prosseguiu o pastor. — Vocês me conhecem e têm o dever de proteger minha casa... os rebeldes tútsis podem me atacar porque sabem que sou um verdadeiro hútu.

A pessoa com quem o pastor falava partiu, e pudemos relaxar. O pastor Murinzi mentiu para nos salvar — tive a certeza de que não nos entregaria aos assassinos. Já não havia saída para ele — se nos entregasse, saberiam que nos havia escondido. Chamariam-no de moderado, um traidor de sua tribo, e o matariam assim como fariam conosco.

Respirei mais aliviada e abracei a pequena Beata, deitada no meu colo. Lembrei-me de como minha mãe me punha no colo quando eu era pequena e estava com medo. Lembrar-me de mamãe me fez sentir triste — pela primeira vez na vida eu não sabia do paradeiro de meus pais e irmãos. Cochilei e sonhei com Vianney, Augustine e Damascene batendo às portas do pastor, enquanto, atrás deles, nossa casa queimava. Vi meus pais montados sobre a motocicleta de papai, e minha mãe perguntando: “O que vai acontecer aos meus filhos?”

No meio do sonho, o pastor Murinzi abriu a porta e, sem uma palavra, nos empurrou um prato com batatas e feijões frios. Era bem tarde, talvez 11 horas da noite, e nenhuma de nós havia comido ou bebido o que quer que fosse nos últimos dois dias.

Atacamos o prato, agarrando a comida com dedos sujos e enfiando-a na boca.

Quando o pastor voltou, cinco minutos mais tarde, com garfos, já tínhamos devorado tudo. Ele olhou para o prato, depois para nós, cheio de piedade. Um momento depois, jogou um colchonete para dentro do banheiro.

— Foi uma longa jornada até aqui, agora tentem descansar — foram suas palavras antes de fechar a porta.

AO ACORDARMOS NO DIA SEGUINTE, NOS REVEZAMOS para esticar os músculos doloridos. Qualquer movimento representava um problema, pois não podíamos nos comunicar. Logo inventamos um código de sinais, e essa seria nossa linguagem silenciosa durante o tempo que durou a estada dentro do banheiro.

A dor nas pernas encolhidas provocou-me uma careta, e pensei que teria muitas histórias para contar depois da guerra, a respeito do quanto eu havia sofrido. “Imaginem o que suportei”, eu diria aos amigos. “Passei um dia inteiro e uma noite presa com cinco estranhas, dentro de um banheiro minúsculo. Fui uma heroína!”

Mal havia começado a elaborar minha fantasia, fui trazida de volta à realidade por imagens de minha família: meus pais fugindo da casa em chamas; a triste partida de Damascene; Augustine e Vianney soltos no mundo sem ter para onde ir. Graças a Deus Aimable estava em segurança, longe de Ruanda. Mas e os milhares que se refugiaram em nossa casa, o que lhes teria acontecido? Teriam encontrado abrigo ou jaziam feridos em algum canto, para sangrar até a morte? Senti-me boba e egoísta por me entregar à autopiedade enquanto milhares de pessoas certamente sofriam muito mais.

Quando chegou minha vez de esticar as pernas, irrompeu um tumulto do lado de fora. Eram dezenas, talvez centenas de vozes, umas gritando, outras cantando. Soubemos que os assassinos tinham chegado.

— Vamos caçá-los nas florestas, lagos e colinas; vamos desentocá-los nas igrejas; vamos riscá-los da face da Terra.

Fiquei na ponta dos pés e espiei pela janela, através de um furo na cortina. Minhas companheiras me agarraram, puxando-me para baixo. Athanasia balançou a cabeça freneticamente, e seus lábios formaram as palavras:

— Desça daí! Eles estão à nossa procura! Desça antes que eles a vejam!

Não lhes dei atenção, empurrei suas mãos e continuei a espiar. Mas logo me arrependi porque fiquei petrificada pelo que vi diante dos meus olhos.

Centenas de pessoas cercavam a casa, muitas delas vestidas como diabos, com saias feitas de casca de árvore e folhas de bananeira; algumas usavam também chifres de cabra amarrados à cabeça. Apesar dos trajes demoníacos, seus rostos eram facilmente reconhecíveis, e seu olhar era homicida.

Os demônios guinchavam e gritavam. Davam saltos e agitavam no ar facas, lanças e facões. Cantavam canções que falavam de genocídio e dançavam a dança da morte:

— Matem! Matem! Matem todo mundo! Matem os adultos e as crianças! Matem os jovens e os velhos também... Um filhote de serpente não deixa de ser uma serpente, deve ser morto também, nenhum pode escapar. Matem, matem! Morte a todos eles.

Quem cantava não eram soldados, nem a milícia adestrada que vinha nos atormentando há dias. Não, eram nossos vizinhos, pessoas ao lado de quem eu havia crescido, que foram meus colegas de escola — muitos jantaram em minha casa.

Percebi entre eles Kananga, meu conhecido desde a infância e que meu pai tinha tentado orientar quando abandonou a escola no segundo grau. Vi Philip, um rapaz que era tímido demais para encarar as pessoas, mas que agora se mostrava totalmente à vontade entre a gangue de assassinos. À frente do bando divisei dois professores, amigos de Damascene. Reconheci no meio da turba dúzias de cidadãos proeminentes de Mataba, movidos por uma fúria homicida, gritando palavras de ordem que pediam o sangue dos túsis. Os chefes do grupo forçaram a entrada na casa do pastor, e a cantoria agora vinha de todas as direções.

— Procurem! Procurem! Procurem e matem!

Minha cabeça rodava. Caí de costas sobre as senhoras, sem poder respirar. Murmurei:

— Querido Deus, venha em nosso socorro... — mas não consegui lembrar de nenhuma oração. Fui invadida por uma onda de desespero e medo.

Foi então que Satanás segredou em meu ouvido: *De que adianta pedir socorro a Deus? Olhe para eles lá fora... são centenas à sua procura. São uma legião, e você é uma só. Você não pode sobreviver. Você não vai sobreviver. Eles já estão dentro da casa, e andam pelos quartos. Sinta como estão perto, quase chegando... vão achar você, estuprá-la, cortá-la, matá-la.*

Meu coração disparou. Que voz era essa? Cerrei os olhos com força para afastar os pensamentos negativos. Agarrei o rosário vermelho e branco, dado por meu pai, e rezei silenciosamente com todas as minhas forças: *Ó Deus, diz a Bíblia que você pode fazer tudo por qualquer um. Pois bem, sou uma entre esses quaisquer, e preciso que você faça algo por mim. Por favor, Deus, deixe cegos os assassinos quando chegarem ao quarto do pastor — não permita que descubram a porta do banheiro, não permita que eles nos vejam. Você salvou Daniel da cova dos leões, impediu que eles o fizessem em pedaços... não permita que esses homens nos façam em pedaços também. Deus, proteja-nos como protegeu Daniel.*

Jamais havia rezado com tamanha intensidade, mas a força negativa ainda atormentava meu espírito. A voz da dúvida voltou a soar em meus ouvidos, como se o próprio Satã estivesse pousado sobre meu ombro. Sentia o medo literalmente correr por minhas veias, e meu sangue queimava como fogo. *Você vai morrer, Immaculée,* zombava a voz. *Você se compara a Daniel? Como você é pretensiosa... Daniel era puro de coração e amado por Deus — um profeta, um santo! E você, quem é você? Você é nada... merece o sofrimento e a morte... merece morrer.*

Segurei com força meu rosário, como se fosse uma corda presa a um salva-vidas conectando-me a Deus. Com o coração e a mente implorei por Sua ajuda. *Eu sei que sou um nada, mas Você é misericordioso. Sou humana e fraca, mas, por favor, Deus, conceda-me o perdão. Perdoe meus pecados... e, por favor, expulse daqui os assassinos, antes que eles nos encontrem.*

Minhas têmporas latejavam. A voz lúgubre continuava em minha cabeça, e a enchia com imagens apavorantes, inomináveis. *Os cadáveres estão por toda parte. Bebês foram cortados ao meio diante dos olhos de suas mães, os não nascidos arrancados de seus*

ventres... e você acha que deve ser poupada? Essas mães rogaram a Deus que poupasse seus filhos, mas Ele as ignorou — por que salvaria você, se bebês inocentes são assassinados? Você devia se envergonhar por ser tão egoísta. Escute só, Immaculée... você os ouve? Eles estão do outro lado da porta — vieram buscar você.

Minha cabeça ardia, mas eu ouvia os assassinos no corredor, e eles gritavam. “Matem todos! Matem todos!”

Não! Deus é amor — respondi à voz. Ele me ama e não me assustaria. Não me abandonará. Não permitirá que eu morra encolhida de medo no chão de um banheiro. Não me deixará morrer humilhada.

Esforcei-me para criar na mente uma imagem de Deus, e visualizei duas brilhantes pilastras de luz branca que cintilavam diante de mim, semelhantes a duas pernas gigantescas. Passei os braços em volta dessas pernas, como uma criança assustada que se agarra às pernas da mãe. Implorei a Deus que me concedesse Sua luz e Sua força, que arrancasse do meu coração a energia nociva: *Agarro-me às Suas pernas, ó Deus, e não tenho dúvida de que Você pode me salvar. Não vou soltar Suas pernas enquanto Você não mandar embora os assassinos.*

Travava-se em minha mente uma luta entre a oração e os murmúrios malignos, que eu tinha certeza de pertencerem ao diabo. Não parei de rezar um só minuto... mas os murmúrios não cediam.

AO ANOITECER, O PASTOR ABRIU A PORTA e nos encontrou numa espécie de transe. Eu estava banhada em suor, exausta, agarrando o rosário com as duas mãos e alheia a tudo ao meu redor. Continuava a rezar com o olhar vago. Therese cobria os olhos com uma mão e, com a outra, segurava a Bíblia acima da cabeça. A jovem Beata estava ajoelhada, braços estendidos para a frente, as mãos postas em oração.

O pastor nos chamou pelos nomes, mas nenhuma de nós o ouviu. Por fim, ele nos sacudiu para nos acordar do estupor. Olhei para ele, piscando, confusa, e muito surpresa ao vê-lo rir-se de nós.

— O que é isso, senhoras? Pelo amor de Deus, relaxem. Os assassinos partiram há sete horas. Não acredito que vocês ainda

estão rezando.

Para mim, as horas tinham passado como se fossem minutos. Assim mesmo, estava totalmente esgotada. Apesar de habituada, durante tantos anos, a rezar, jamais havia me concentrado tão completamente em Deus ou me sentido tão consciente da presença das forças das trevas. Vi o mal no olhar dos assassinos e percebi a presença do mal ao meu redor enquanto a casa era revistada. E a voz das trevas havia tentado me convencer de que estávamos prestes a ser executadas. Todas as vezes em que sucumbi ao medo e acreditei nas mentiras venenosas da voz, senti como se arrancassem a pele do meu couro cabeludo. Somente concentrando-me na energia positiva de Deus pude resistir àquela primeira visita dos assassinos. Meu pai sempre dizia que orações nunca são demais... agora eu sabia que ele estava certo.

Compreendi que minha batalha para sobreviver seria travada em meu interior. Tudo que eu tinha de bom — fé, esperança, coragem — era vulnerável à energia do mal. Se perdesse a fé, eu não sobreviveria. Mas podia confiar em Deus como um aliado em minha luta.

A visita dos assassinos nos deixara esgotadas. O pastor Murinzi nos trouxe um prato de comida, mas, apesar da fome, estávamos cansadas demais para comer. A comida continuava intocada quando ele retornou, por volta de meia-noite.

O pastor retornou uma vez mais, no meio da madrugada, durante uma violenta tempestade. Era tão forte o ruído da chuva contra o telhado de metal que ele pôde falar livremente, sem medo de ser ouvido.

— Hoje tivemos sorte. Eles revistaram toda a casa e inspecionaram cada cômodo. Vistoriaram também o quintal e cavaram os montes de estrume atrás do curral das vacas. Subiram ao forro e se enfiaram embaixo dos móveis — chegaram a enfiar os facões nas malas para verificar se eu não escondia bebês tútsis. Pareciam loucos, como animais hidrófobos. Tinham os olhos vidrados e vermelhos... acho que estavam drogados.

— Mas ao chegarem ao meu quarto viram tudo tão arrumado que não tiveram coragem de desarrumar. Disseram que iam deixar o

quarto em paz, mas que da próxima vez o revistariam.

— Próxima vez! — exclamamos.

Não podia me imaginar revivendo o mesmo tormento. Deus não haveria de nos submeter duas vezes a tamanha provação!

— É impossível saber quando eles vão voltar — disse o pastor. — Podem vir a qualquer hora, e Deus tenha piedade de nós se encontrarem vocês.

Essa última frase continuou a ecoar em minha mente e me manteve acordada toda a noite, e no outro dia também.

Na noite seguinte o pastor retornou em pânico.

— Um amigo me contou que o líder de um esquadrão da morte considera que os assassinos não fizeram um trabalho eficiente durante a revista — sussurrou. — Algumas de vocês foram vistas nesta casa dias atrás, e correm rumores de que estão escondidas aqui. Um grupo diferente virá fazer uma busca mais minuciosa.

Gemi, e meu corpo amoleceu. Eu não teria forças para suportar mais uma caçada como aquela. *Deus, por que Você não os traz aqui agora e acaba logo com isso?*, implorei. *Por que nos faz sofrer tanto assim? Por que nos tortura?*

Como seria possível escapar mais uma vez? A casa, que antes me parecia tão grande, havia se tornado minha cela, uma armadilha mortal. Só podia imaginar uma saída: ir para o céu. *Ó, Deus, rezei silenciosamente, não me resta coragem para lutar, estou prestes a desistir... por favor dê-me forças e proteja-me dos demônios que me cercam. Mostre-me como fazer com que os assassinos continuem cegos.*

Ergui a cabeça e abri os olhos. Ao ver o pastor de pé, à porta, uma imagem brilhou, nítida e clara, em minha mente.

— Tenho uma idéia — comuniquei, em voz abafada e insistente. — O senhor não pode encostar seu guarda-roupa na porta do banheiro? Ele é alto e largo o suficiente para encobrir a porta, e se os bandidos não puderem ver a porta, eles nunca nos encontrarão. Será como se eles fossem cegos.

O pastor Murinzi pensou um pouco e balançou a cabeça.

— Isso não alteraria nada; acho até que poderia piorar as coisas. Se eles olharem atrás do armário e virem uma porta, serão ainda

mais cruéis com vocês.

— Oh não, pastor, por favor, o senhor precisa... — Eu tinha certeza de haver recebido um aviso de Deus. Do fundo da alma eu sabia que se o armário ficasse na frente da porta ficaríamos a salvo. Mas o pastor continuou inabalável, então fiz algo que jamais havia feito na vida. Ajoelhei-me de cabeça baixa diante dele e pedi:

— Por favor, eu suplico. Meu coração diz que se o senhor não colocar o guarda-roupa na frente da porta eles nos encontrarão na próxima revista. Não tenha medo de enfurecê-los... Eles só podem nos matar uma vez. Por favor, faça isso por nós... Deus haverá de recompensá-lo por isso.

Não sei se foi o fato de me ver implorando de joelhos ou se foi o medo de que me ouvissem que o convenceu, mas ele acabou cedendo.

— Está bem. Mas fale mais baixo, Immaculée. Vou empurrar o armário agora mesmo. Espero que ajude, mas duvido.

E desapareceu. Um momento depois ouvimos o ruído do guarda-roupa sendo arrastado para diante da porta do banheiro. As companheiras me olharam e murmuraram:

— Foi uma ótima idéia. De onde você a tirou?

Não me lembrava de haver visto algum dia o armário do pastor, mas tive a certeza de que tivera essa idéia enquanto rezava por ajuda.

— Deus — foi minha resposta.

CAPÍTULO 10

Confrontando Minha Ira

Muitos dias se passaram em relativa calma. Só ocasionalmente ouvíamos os assassinos a cantar suas canções doentias lá fora. Rezávamos silenciosamente o dia inteiro e nos comunicávamos através de sinais. A cada 12 horas, aproximadamente, nos permitíamos alguns momentos para esticar as pernas. Fora esses momentos, nos movimentávamos o mínimo possível e passávamos o dia e a noite na mesma posição.

Usávamos a descarga do vaso segundo as instruções do pastor Murinzi — apenas quando outra pessoa da casa fazia o mesmo no outro banheiro. Usar o vaso era um desafio: o espaço era tão pequeno que uma de nós tinha que ficar sentada em cima dele; assim, quando alguém precisava aliviar-se, tínhamos que trocar todas de lugar. O que representava o risco de fazer barulho e sermos descobertas.

Estranhamente, apesar de termos permanecido tanto tempo no banheiro, não retive na memória a imagem de alguém utilizando o vaso, mesmo situado bem no meio de nós, nem me lembro de ser incomodada pelo odor. Nossos ciclos menstruais vinham e terminavam regularmente, e deixávamos o pastor intrigado com pedidos constantes de mais papel higiênico. Entretanto, não nos sentíamos constrangidas com a situação — aprendemos a ignorar essas funções e a nos abster do luxo da privacidade, ainda mais que tudo nos parecia trivial se comparado à sobrevivência.

Comíamos quando o pastor aparecia com alguma comida, o que era esporádico. Em alguns dias, ele só vinha depois das três ou quatro da manhã; em outros, nem ao menos aparecia. Tinha que empurrar o armário toda vez que precisava nos ver ou trazer

comida, mas tomava muito cuidado para não fazer barulho. Havia um tapete sob o guarda-roupa, que abafava o som; Deus, mais uma vez, velava por nós. Com medo de chamar atenção se cozinhasse refeições extras, dava-nos as sobras que seus filhos deixavam, ou tudo que os criados jogavam no lixo. Muitas vezes, por maior que fosse nossa fome, não conseguíamos engolir o que ele nos oferecia, pois mais parecia lavagem para porcos. Eu ria de mim mesma ao me lembrar de como, em casa, era exigente para comer. Felizmente ele trazia água para bebermos.

Parecia impossível, mas, após alguns dias de sossego, nos tornamos um pouco descuidadas. O pastor nos chamou de volta à realidade.

Certa noite, veio avisar que os assassinos estavam por perto, indo de casa em casa. Esquadrinhavam tudo e matavam os tútsis que encontravam.

— Eles podem estar aqui dentro de minutos, podem só vir amanhã, ou no dia seguinte. Mas, com certeza, virão. Portanto, fiquem quietas — advertiu.

Lá se foram nossas fantasias de encontrar alguma paz de espírito ali no banheiro. A ansiedade causada pela possibilidade da volta dos assassinos era uma tortura constante, física e mental, como se alguém me espetasse com uma vara de tanger bois sempre que o assoalho rangia ou um cão se punha a latir. Só conseguíamos dormir por breves períodos de cada vez, e com isso minha pele secou e começou a descamar, e minha cabeça doía constantemente.

O sofrimento espiritual era ainda mais intenso. Estava presa, a sós com meus pensamentos, e os sombrios medos e dúvidas que me obcecavam desde a chegada tornaram-se implacáveis — penetravam no meu coração e solapavam os alicerces da minha fé. Quando os assassinos não estavam ao alcance do ouvido, meus pensamentos se desviavam de Deus e davam lugar ao espírito do mal. Mas sempre que rezava, sentia-me imediatamente envolvida pelo amor divino, e a ansiedade se acalmava.

Foi então que decidi rezar durante todo o tempo em que estivesse acordada, assim que meus olhos se abriam, entre quatro ou cinco horas da manhã. Começava por agradecer a Deus pelo fato de a

casa do pastor ter sido construída, e hoje poder fornecer-nos abrigo contra o genocídio. A seguir agradecia a Deus por ter orientado o arquiteto a projetar a casa com um banheiro extra e ter inspirado ao pastor a idéia de comprar um armário do tamanho certo para ocultar nosso esconderijo.

Depois das orações iniciais de agradecimento, eu dava início ao rosário. A cada conta vermelha ou branca, rezava diferentes orações da Igreja Católica. Rezava às vezes com tanta intensidade que chegava a suar. As horas passavam... Eu fazia então uma pausa nas orações e meditava sobre alguma passagem favorita da Bíblia.

Percebendo que minha fé corria risco, eu passava horas refletindo sobre dois versículos de Marcos, que havia decorado e que se referiam ao poder da fé. Um deles era: *Por isso vos digo que tudo o que pedirdes em oração, crede que o recebereis, e tê-lo-eis.* (Marcos 11:24).

Depois este outro: *Em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, assim lhe será feito.* (Marcos 11:23).

Qualquer minuto não ocupado em oração ou na contemplação de Deus era um convite a Satã para me atacar com sua faca de dois gumes: a dúvida e a autopiedade. A oração passou a ser uma armadura na qual envolvi meu coração.

O PASTOR VIVIA PREOCUPADO, COM MEDO DE QUE nos esquecêssemos de suas recomendações e fizéssemos barulho, de modo que raramente permitia a entrada de alguém em seu quarto. Mas, de vez em quando, um de seus filhos ou um empregado ia vê-lo no quarto, e ficávamos na maior agonia até que saíssem. Mais ou menos uma semana após nossa chegada, nós o ouvimos conversar com o filho Sembeba.

— O que você pensa de todas essas mortes, papai? Não acha que está certo, que é exatamente o que os h́tus devem fazer? Ensinaaram na escola que, séculos atrás, os tútsis fizeram o mesmo conosco. Então eles merecem, não merecem?

— Sembeba, você não sabe o que está dizendo. Agora me deixe dormir — respondeu o pastor.

— Esses tútsis sempre se acharam superiores... Sempre olharam para os hútus com desprezo. Você não acha que se eles ainda estivessem no poder eles nos matariam agora mesmo? Matá-los é legítima defesa, não é?

A voz dele nos chegava tão alta aos ouvidos que dava para saber que Sembeba estava bem ao lado do armário, e tive medo de que notasse que tinha sido mudado de lugar. Entretanto, mesmo morta de medo, precisei dominar-me para não ir lá brigar com ele — suas palavras me deixaram furiosa.

Por outro lado, eu sabia que ele não era inteiramente culpado por tanta ignorância, pois seu desprezo pelos tútsis lhe havia sido ensinado na escola... a mesma que eu havia frequentado. Jovens hútus, desde a idade mais tenra, aprendiam que tútsis eram inferiores e não confiáveis, e que não havia lugar para eles em Ruanda. Presenciavam essa segregação diariamente, primeiro no pátio da escola, mais tarde em seus locais de trabalho, e aprendiam a considerar os tútsis como não humanos ao ouvi-los intitulados "serpentes" e "baratas". Não é de admirar que fosse tão fácil para eles matar-nos — serpentes devem ser mortas, e baratas, exterminadas!

A humanidade já havia presenciado isso anteriormente, vezes sem conta. Depois do que aconteceu na Alemanha nazista, os países grandes e poderosos juraram "Nunca mais!". Mas ali estávamos nós, seis mulheres inofensivas, agachadas na escuridão, marcadas para morrer, só porque havíamos nascido tútsis. Como podia a história repetir-se assim? Como o mal conseguira voltar à tona? Quem dera ao demônio permissão para andar entre nós e envenenar corações e mentes até ser tarde demais?

O pastor certamente sabia que podíamos ouvir a conversa, pois repreendeu o filho:

— Você é um garoto bobo, muito bobo, Sembeba. Não há desculpa, jamais, para o derramamento de sangue sem justa causa. Agora saia do quarto. Estou cansado de ouvi-lo.

— Você pensa que *eu* sou bobo por caçar tútsis, papai? Então não acha que escondê-los é uma bobagem maior ainda? Na certa você já sabe que é isso que estão dizendo de você. Será verdade? Você esconde tútsis aqui em casa?

Fiquei com o coração engasgado. Minha raiva passou e, novamente, o que senti foi medo.

— Basta de bobagens, Sembeba. Não estou escondendo tútsi algum. Mas fico triste ao ouvi-lo falar com tanto ressentimento. Sua própria mãe era uma tútsi. Você deve saber que seus tios e tias e todos os seus primos estão sendo caçados e mortos. Agora saia do quarto e não volte aqui. *Saia!*

Ainda não estávamos recuperadas da visita terrível de Sembeba quando ouvimos granadas explodirem na vizinhança. Houve uma série de estrondos, como o de prédios desabando. Depois de cada estrondo, ouvíamos:

— Matem os adultos, matem as crianças, matem, matem, matem todos eles!

Soou um tiroteio perto da casa; a cantoria ficava cada vez mais alta e soubemos que os assassinos vinham em nossa direção. Rezei em silêncio, e, momentos depois, ouvimos um trovão, seguido de um aguaceiro. Imagino que os assassinos correram para se abrigar do temporal em suas casas, porque tudo o que ouvimos pelo restante da noite foi a chuva caindo sobre o telhado de metal.

Nessa noite o pastor veio ter conosco. Tinha a face pálida e os olhos vermelhos e cansados. Pensei que estivesse preocupado com as suspeitas de Sembeba, mas era algo pior. Tinha saído para uma caminhada nos arredores e presenciado a gravidade dos horrores que aconteciam ali perto. Contou-nos que milicianos de Interahamwe, soldados e civis hútus estavam destruindo todos os lares tútsis que encontravam.

— A situação é muito ruim lá fora — explicou —, muito, muito ruim. Presenciei as chacinas de 1959 e 1973, e essas não foram nada em comparação com a atual. Vocês têm que compreender que tudo foi interrompido: as escolas e mercados fecharam, ninguém trabalha. O país parou até que a tarefa esteja concluída.

— O que significa “até que a tarefa esteja concluída”? Até qual tarefa estar concluída? — eu quis saber.

O pastor hesitou um pouco.

— Matar os tútsis. A tarefa só estará concluída depois que todos os tútsis forem mortos. Essa é a principal meta do governo, e querem que todos se esforcem para executá-la. Eu hoje vi coisas que desejaria jamais ter visto.

Senti um nó na boca do estômago. Pensei em minha família e tive vontade de tampar os ouvidos para bloquear a voz do pastor.

— Mataram milhares de pessoas — ele prosseguiu —, dezenas de milhares, talvez centenas de milhares, quem sabe? Foram tantos os tútsis a pedir abrigo nas igrejas que era impossível fechar as portas. As igrejas sempre foram consideradas território protegido contra execuções, mas não desta vez. Incendiaram igrejas com gente lá dentro, e quem tentava sair era abatido a tiro.

— Não, meu Deus! — exclamei. — Disseram no rádio que fossem todos para as igrejas e estádios, onde seriam protegidos.

— Talvez tenham dito, mas não com a intenção de protegê-los. Os assassinos foram mandados para lá, com metralhadoras e granadas. Há pilhas de corpos, da altura desta casa... o cheiro é insuportável.

— Por favor, pastor, basta. Não diga mais nada — implorei.

Queria pedir notícias de minha família, mas não me achava em condições de ouvir o que ele talvez tivesse para dizer. Não conseguiria suportar mais uma palavra.

— Lamento contar-lhes tudo isso, mas vocês precisam saber o que está acontecendo — justificou. — Talvez sejam as únicas tútsis remanescentes em Ruanda. Se tivessem visto o que eu vi, nem sei se iriam querer continuar vivas.

As outras mulheres choravam, mas eu não. Naquele momento eu não tinha lágrimas. Não senti dor, senti raiva. Nunca sentira tanta raiva em minha vida — minha raiva era maior do que eu pensava ser possível. Estava com raiva do pastor por contar-nos esses detalhes horripilantes, mesmo sabendo que nossas famílias estavam lá fora sem ter onde se esconder. Raiva do governo por ter desencadeado esse holocausto. Raiva dos países ricos que não impediam a matança. Mas, acima de tudo, raiva dos hútus — de todos eles. O

pastor continuou relatando os horrores que aconteciam aos tútsis, e minha raiva cresceu e se transformou em ódio ardente e profundo.

Eu nunca havia cometido um ato de violência contra pessoa alguma, mas, naquela hora, só desejava possuir um fuzil para sair matando todos os hútus. Não, nada de fuzil, eu queria mesmo era uma metralhadora, granadas e lança-chamas! Eu queria matar todo mundo, até tútsis... queria ser como o Rambo e incendiar o país. Se possuísse uma bomba atômica, eu a lançaria sobre Ruanda e mataria todos os habitantes da nossa pátria idiota e odiosa.

Olhei para o pastor e quis matá-lo também. Nunca havia imaginado que eu fosse capaz de tamanha fúria, e percebi que só com muita oração me livraria dela.

O pastor Murinzi terminou seu relato, e ficamos ali, olhando para ele à espera de mais notícias horríveis. Teria sido menos cruel se ele pegasse um chicote e nos espancasse até a morte. Eu não conseguia acreditar em suas palavras sem ter uma confirmação. Quando ele se preparava para sair, pedi que ligasse o rádio do quarto, para podermos ouvir o noticiário. Ele concordou e fechou a porta.

Pouco depois ouvimos na estação oficial a transmissão do discurso de um ministro:

— Apelo a todos os hútus de Ruanda... chegou a hora de nos aliarmos contra nosso inimigo comum. Devemos deixar de lado divergências políticas e unir-nos em nossa defesa. As serpentes tútsis querem nos matar... precisamos matá-las primeiro. Matem tútsis onde quer que os encontrem — não poupem um único sequer. Matem os idosos e também as crianças — são todos serpentes. Se os rebeldes da FPR retornarem ao país, que seja apenas para encontrar os cadáveres de suas famílias. Apelo a todos os hútus para que cumpram com seu dever e aniquilem nossos inimigos tútsis.

Tive certeza de que o pastor não mentiu e que meu pai errara em confiar no governo. Aqueles em quem ele acreditava planejaram o genocídio e convocavam o povo de Ruanda para realizar a tarefa. Em Ruanda cultua-se a obediência, e eu sabia que mesmo hútus normalmente pacíficos, ao ouvirem no rádio seus líderes mandarem-nos matar os tútsis, obedientemente pegariam seus facões.

Cerca de uma hora mais tarde, o pastor sintonizou o noticiário da BBC, e ouvimos a notícia de que a FPR (soldados tútsis rebeldes) abria caminho vitoriosamente do extremo Norte até a capital Kigali. Dizia ainda o noticiário que o governo extremista hútu, responsável pelo genocídio, corria o risco de cair. Essa notícia fez nossos corações saltarem de alegria — se a FPR havia chegado a Kigali, poderia em poucas semanas alcançar o Sul, onde se localizava nossa província. Mais cedo ou mais tarde, chegariam a nossa aldeia e nos salvariam.

Eu desejava que fosse o mais cedo possível, pois mais tarde poderia ser tarde demais para nós.

CAPÍTULO 11

Esforçando-me por Perdoar

Estava profundamente concentrada em minhas orações quando os assassinos vieram revistar a casa pela segunda vez.

Já passava do meio-dia, e eu rezava o rosário desde o alvorecer, pedindo a Deus Seu amor e perdão para todos os pecadores da Terra. Mas, por mais que tentasse, não conseguia rezar pelos assassinos. Esse era um problema sério, pois Deus desejava que rezássemos por *todo mundo*, e, acima de tudo, eu precisava ter Deus do meu lado.

A solução que encontrei foi rezar o rosário inúmeras vezes, todos os dias, com o maior fervor possível. Rezar todas essas ave-marias e pai-nossos ocupava de 12 a 13 horas do meu dia — e quando chegava à passagem do pai-nosso que diz “assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”, eu tentava não pensar nos assassinos, porque sabia que não conseguiria perdoá-los.

Durante a segunda revista, a gritaria deles, como vozes furiosas a me despertar de um sonho, ultrapassou a barreira que eu tinha erguido a poder de orações. Ouvi quatro ou cinco pancadas fortes, próximo da minha cabeça, que desviaram toda a minha atenção. Percebi que eles estavam bem ali, no quarto do pastor! Remexiam seus pertences, arrancavam coisas da parede, levantavam a cama e derrubavam cadeiras.

— Olhem aqui dentro — gritou um deles. — Agora ali embaixo. Empurrem a cômoda! *Revistem tudo!*

Tampeei a boca com as mãos, com medo de que ouvissem minha respiração. Eles estavam a poucos centímetros da minha cabeça... estavam diante do armário — *o armário!* Tornei a agradecer a Deus

pelo armário, mas meu coração ainda batia descompassado dentro do peito.

E eles *riam*. Divertiam-se enquanto matavam gente! Amaldiçoei-os e desejei que queimassem no inferno.

O armário chocou-se contra a porta. Cobri os ouvidos e rezei: *Deus, por favor. Você colocou esse armário aí... agora faça com que ele fique no mesmo lugar. Não permita que eles o arrastem. Proteja-nos, Senhor!*

Meu couro cabeludo ardia, e os murmúrios malévolos penetraram de novo em minha cabeça. *Por que apelar para Deus, Imaculée? O ódio em seu coração não é o mesmo que existe no coração dos assassinos? Por acaso você não está tão cheia de ódio quanto eles? Você desejou a morte deles; na verdade, desejou matá-los com as próprias mãos! Chegou a rezar para que Deus os fizesse sofrer e queimar no inferno.*

Eu ouvia os assassinos do outro lado da porta e implorei: *Deus, mande-os embora... livre-nos de...*

Não se dirija a Deus, Imaculée, interrompeu-me a voz. Deus sabe que você não passa de uma mentirosa. Sempre que reza a Deus, você mente ao dizer que O ama. Deus não nos criou a todos à sua imagem? Como é possível amar a Deus e odiar tantas de Suas criaturas?

Meus pensamentos paralisaram-se. Eu sabia que o demônio em minha cabeça tinha razão — eu estava *mesmo* mentindo para Deus quando rezava. Estava tão tomada de ódio pelos genocidas que a respiração chegava a me faltar.

Havia, a essa altura, quarenta ou cinquenta homens, no mínimo, no quarto do pastor. Eles cantavam e zombavam. A julgar pela selvageria em suas vozes, deviam estar bêbados, e sua cantoria era ainda mais brutal do que de costume:

— Matem os tútsis, adultos e crianças... matem um, matem todos. Matem!

Comecei a rezar para que Deus os levasse para longe do armário e para fora da casa.

Em surdina, abafada pelo canto grosseiro, a voz das trevas me provocava: *Não adianta... não apele para Deus. Quem você pensa*

que mandou os assassinos virem aqui procurar você? Foi Ele! Não há nada que possa salvá-la. Deus não protege mentirosos.

Comecei a rezar pelos assassinos, mas detive-me. Eu queria desesperadamente a proteção divina, mas acreditava, do fundo do coração, que eles mereciam a morte. Eu não seria capaz de fazer de conta que não mataram e violentaram milhares de pessoas — não podia ignorar as coisas horríveis que fizeram contra tantos inocentes.

Por que exige de mim o impossível?, perguntei a Deus. *Como posso perdoar os que querem me matar, que talvez tenham trucidado minha família e meus amigos? Não é lógico eu perdoar essas pessoas. Permita-me, em vez disso, rezar por suas vítimas, pelos que foram estuprados, mortos e mutilados. Permita-me rezar pelos órfãos e viúvas... rezar por justiça. Deus, eu Lhe peço para punir esses homens malvados, mas não posso perdô-los — simplesmente não consigo.*

Finalmente, percebi que os assassinos estavam de saída. Primeiro deixaram o quarto, depois a casa, e logo desceram a estrada, e seu canto soava cada vez mais fraco à medida que se afastavam.

Retomei as orações. Agradei a Deus por nos haver salvo e por me ter inspirado a idéia de colocar o guarda-roupa diante da porta do banheiro. *Deus, foi muito inteligente da Sua parte, Você é muito inteligente,* falei mentalmente, e voltei a agradecer-lhe. Fiquei pensando para onde teriam ido os assassinos, depois rezei por meus amigos e por minha família. *Por favor, Deus, cuide de minha mãe; ela se preocupa tanto conosco. Cuide do meu pai, que às vezes é tão teimoso...*

Mas era tudo inútil — minhas rezas pareciam ocas. Uma guerra se havia iniciado em minha alma, e eu já não conseguia orar a um Deus de amor tendo o coração cheio de ódio.

Tentei outra vez, pedi a Deus que perdoasse os assassinos, mas, lá no fundo, não acreditava que eles merecessem perdão. Isso me fazia mal... Tentei sinceramente rezar por eles, mas senti-me como se rezasse ao demônio. *Por favor, Senhor, abra o meu coração e ensine-me a perdoar. Não sou capaz de extinguir o meu ódio... Eles nos fizeram tanto mal... Meu ódio é tão pesado que é capaz de me esmagar. Toque o meu coração, Senhor, e ensine-me a perdoar.*

Passei muitas horas nesse dilema. Rezei até tarde da noite, por todo o dia seguinte, e na noite subsequente, e no outro dia também. Rezei a semana toda, quase não comia ou bebia. Nem me lembrava da última vez em que havia dormido e mal percebia o tempo passar.

CERTA NOITE, OUVI GRUTOS NÃO MUITO LONGE DA CASA, depois o choro de um bebê. Certamente os assassinos trucidaram a mãe e abandonaram a criança para morrer na estrada. A criança berrou a noite inteira; pela manhã seu choro era intermitente e fraco, e, ao anoitecer, silenciou. Ouvi cães rosnando nas imediações e estremeci ao pensar em como a vida do bebê tinha terminado. Rezei a Deus para que recebesse aquela alma inocente, e perguntei-Lhe: *Como posso perdoar quem fez uma coisa dessas com uma criança pequena?*

Ouvi Sua resposta tão claramente como se estivéssemos conversando na mesma sala: *São todos meus filhos... E o bebê está comigo agora.*

Uma frase tão simples, mas era a resposta que eu tanto implorava em minhas orações.

Os assassinos eram como crianças. Não havia dúvida de que eram criaturas bárbaras que mereciam ser punidas severamente por seus atos, mas, mesmo assim, crianças. Cruéis, malvadas e perigosas, como são às vezes as crianças, mas, apesar de tudo, crianças. Viam, mas não entendiam, o mal terrível que causavam. Feriam cegamente outras pessoas sem pensar, feriam seus irmãos e irmãs tútsis, feriam a Deus — mas não percebiam o quanto feriam a si mesmos. Suas mentes haviam sido infectadas pelo mal que se abatera sobre o país, mas suas *almas* não eram más. A despeito de suas atrocidades, eram filhos de Deus, e eu seria capaz de perdoar uma criança, embora não fosse fácil... principalmente se essa criança estava tentando me matar.

Aos olhos de Deus, os assassinos também faziam parte de Sua família e mereciam amor e perdão. Compreendi que não podia pedir a Deus que me amasse se não estivesse disposta a amar Seus filhos. Nesse momento orei pelos assassinos, para que seus pecados fossem perdoados. Rezei para Deus que os fizesse reconhecer, antes

do final de suas vidas, o caminho horrendo que seguiam — antes de serem chamados a responder por seus pecados mortais.

Segurei firme o rosário do meu pai, pedindo a Deus que me ajudasse, e, várias vezes seguidas, ouvi Sua voz: *Perdoe-os, porque não sabem o que fazem.*

Avancei nesse dia um passo importante em direção à capacidade de perdoar os assassinos. Minha raiva se esvaía — eu havia aberto meu coração a Deus, e ele o havia tocado com seu amor infinito. Pela primeira vez me condoí dos assassinos. Pedi a Deus que lhes perdoasse os pecados e os atraísse para a beleza da Sua luz.

À noite rezei com a consciência e o coração puros. Pela primeira vez desde que havia entrado no banheiro, dormi em paz.

CAPÍTULO 12

Sem Amigos a quem Recorrer

Encontrei um cantinho do banheiro que podia chamar de meu: um cantinho dentro do meu coração. Para lá me retirava logo ao acordar, e ali ficava até a hora de dormir. Era meu jardim secreto, onde falava com Deus, meditava sobre Suas palavras e cultivava meu eu espiritual.

Através da meditação, chegava às raízes da minha fé e fortalecia o mais íntimo da minha alma. Enquanto o horror se desenrolava à minha volta, encontrei refúgio em um mundo que se mostrava mais acolhedor e maravilhoso a cada visita. Meu corpo definhava, mas minha alma nutria-se da relação cada vez mais profunda com Deus.

A entrada nesse meu lugar especial se fazia por intermédio da oração; uma vez lá dentro, eu rezava sem parar, usando o rosário como âncora para focalizar meus pensamentos e energias em Deus. As contas do rosário ajudavam-me a me concentrar nos Evangelhos e a manter vivas na mente as palavras de Deus. Rezava em silêncio, mas formulava as palavras com os lábios, para convencer a mim mesma de que as pronunciava... de outra forma, a dúvida se infiltraria, e a energia negativa voltaria a me visitar.

Passava horas meditando sobre o sentido de uma única palavra, tais como *perdão*, *fé* ou *esperança*. Concentrei-me durante dias seguidos na palavra *entrega*, até entender o significado da entrega a um Poder Superior. Submeti-me inteiramente a Deus. Quando não estava rezando, sentia-me afastada da Sua luz, e o universo daquele banheiro se tornava árido demais para suportar.

Ao se aproximar o final do primeiro mês no esconderijo, o pastor Murinzi, que se havia mostrado compassivo ao nos receber, mas parecia estar se cansando, nos trouxe, no meio da noite, um prato

com restos de comida. Sua fisionomia demonstrava repúdio, em vez da usual piedade e cuidado.

— Seu pai foi um mau tútsi — disse-me bruscamente.

— O quê? O que o senhor quer dizer com isso? — fui apanhada totalmente despreparada, não só pelo ataque a meu pai, mas também pelo fato de o pastor se referir a papai no passado. Eu me recusava a pensar na possibilidade de que qualquer membro da minha família pudesse estar morto. — Meu pai é um *homem* bom, pastor... Talvez o melhor que conheci.

— Não, Immaculée, ele foi um mau tútsi e um homem mau... ele colaborou com a FPR no planejamento da guerra civil. — Olhou para as outras mulheres e disse: — Se vocês forem apanhadas e mortas, será por causa de Immaculée. Immaculée é procurada por causa das atividades do pai dela.

Ele me olhava com raiva, e senti o olhar das outras mulheres pousados em mim.

— Encontraram seiscentos fuzis em sua casa — continuou ele, dirigindo-se novamente a mim. — Encontraram também granadas e uma lista de hútus a serem eliminados. É esse o motivo pelo qual vocês, tútsis, estão sendo perseguidos e mortos. Se os hútus não agissem primeiro, agora nós é que estaríamos sendo mortos por vocês, tútsis!

Era difícil acreditar nos meus ouvidos. As mentiras venenosas espalhadas pelos hútus extremistas privaram o pastor da razão. Ele tinha sido amigo de meu pai por muitos anos e sabia que papai se dedicara a melhorar a vida dos pobres e menos afortunados. Havia construído escolas e capelas, que serviam igualmente a tútsis, hútus e twas. Portanto, como o pastor podia acusá-lo de esconder armas ou planejar assassinatos? Não havia meu pai exortado os tútsis desesperados, refugiados em nossa casa, a não matarem hútus, embora os hútus ameaçassem matá-los?

O pastor Murinzi disse que essas eram informações dadas pelas autoridades. Infelizmente, como tantos ruandeses, ele acreditava cegamente em tudo que diziam os governantes.

Meu ânimo se abateu. Eu tinha certeza de que ninguém espalharia mentiras tão deslavadas contra meu pai... a não ser que já o

tivessem executado. Fazê-lo passar por homem perigoso era, obviamente, o meio que encontraram para justificar seu assassinato. Mas eu não devia pensar nisso. Recusava-me a admitir a idéia de que alguém da minha família pudesse ter morrido — pelo menos agora não. Ainda não me sentia forte o bastante.

Fiquei tão encolerizada com o pastor que minha vontade era gritar, mas o que eu podia fazer? Ele era o que se interpunha entre nós e a morte. Dependíamos inteiramente da sua caridade — mesmo que nesse momento ele não se mostrasse muito caridoso. Era evidente que ele já não nos enxergava como vizinhas em perigo e necessitadas de sua ajuda. Via-nos como não humanas, tal como nos viam os assassinos, baratas destinadas ao extermínio antes que a guerra chegasse ao fim.

A raiva ferveu dentro de mim ao ouvir o pastor manchar o nome de meu pai. Não pude controlar meu gênio — meu pai já sofrera insultos em excesso! Pela primeira vez levantei a voz desde que o pastor nos tinha trancado no banheiro.

— Se meu pai tinha tantos fuzis, por que não os distribuiu aos milhares de tútsis que pediram nossa proteção? Com tantas armas, por que não impediu que os assassinos queimassem totalmente nossa casa? Se planejava matar os hútus, ele o teria feito antes que os hútus destruíssem sua vida e obrigassem sua família a buscar um esconderijo! Diga-me, pastor, por que ele não usou os fuzis para proteger a mulher e a filha dos assassinos estupradores?

O pastor Murinzi se chocou com a minha explosão (e minhas companheiras também — suas vidas estavam nas mãos desse homem e seus olhos se arregalaram incrédulos ao me ver enfrentá-lo). Ele me fez sinal para ficar quieta — e contou que também haviam encontrado armas na igreja do padre Clement, o velho padre bondoso a quem, em criança, eu disse que pretendia ser freira. Padre Clement era a pessoa mais doce que eu já vira, um vegetariano de longa data porque não admitia ver sofrer os animais; repudiava a violência e não tolerava a presença de armas. As afirmações do pastor eram evidentemente tão mentirosas que eu tinha que contestá-las.

— O senhor viu alguma dessas armas, pastor?

— Não... mas pessoas importantes me contaram. São pessoas honestas, elas não mentiriam.

Não era possível acreditar que um homem culto se portasse de forma tão ingênua, especialmente diante de tudo que acontecia no país.

— Então o senhor acusa meu pai sem ter provas do que diz?

Ele tirou do bolso uma folha de papel em branco e disse que era o tipo de papel que os rebeldes da FPR entregavam aos que doavam dinheiro e armas.

— Encontraram isso na casa do seu pai — disse, e apontou-me a folha como se fosse um revólver fumegante.

— É só uma folha de papel em branco.

— Mas é do tipo de papel em branco que os rebeldes utilizam.

Eu já não suportava mais falar com ele.

— Bem, se é esse o tipo de prova que se usa para condenar um homem, dá para entender por que as pessoas daqui acham tão fácil matar.

O pastor enfiou o pedacinho de papel no bolso e virou-se para sair.

— Espere — eu chamei. — O senhor tem uma Bíblia para me emprestar? Esqueci a minha em casa.

Ele me olhou encabulado — ele sabia que a minha casa era uma ruína carbonizada — e prometeu trazer o que eu pedia. Senti-me grata... precisava clarear minha mente com as belas palavras de Deus.

As outras mulheres me olharam como se eu tivesse perdido o juízo. Para elas, eu tinha desnecessariamente, imprudentemente, desafiado a paciência e a autoridade do pastor. Talvez tivessem razão, mas eu já não me importava. Sentira-me na obrigação de defender meu pai, e, naquele momento, o pastor mais parecia um carcereiro do que um salvador.

Além disso, o fato de ele sentir-se à vontade para falar mal de papai era um indício de que nos considerava com os dias contados. Ruandeses são pessoas profundamente discretas e reservadas, que preferem guardar para si mesmas suas emoções — ele jamais me teria exposto assim seus sentimentos se acreditasse que eu

sobreviveria ao holocausto e que algum dia nos encontraríamos novamente em pé de igualdade.

ÍMERSA EM ORAÇÕES, NA TENTATIVA DE LIVRAR-ME DA IRA NEGATIVA, ouvi quando o pastor Murinzi ligou o rádio do quarto.

O orador era o novo presidente de Ruanda, e nossos ouvidos ficaram alertas ao ouvi-lo citar nossa província, Kibuye. Falava em tom exultante — seria possível que a guerra houvesse terminado? Poderíamos finalmente deixar o banheiro e sair à procura de nossas famílias? Nós seis nos olhamos ansiosas, convictas de que enfim ouviríamos boas notícias. Nossas esperanças se desfizeram ao escutarmos, horrorizadas:

— Desejo felicitar pessoalmente os esforçados hútus de Kibuye por seu magnífico trabalho — disse o presidente. — Houve mais inimigos tútsis mortos em Kibuye do que em qualquer outra província.

Senti-me enojada. Será que o mundo não percebia a loucura que tomara conta do país? Não haveria ninguém disposto a vir em nosso socorro?

O presidente sentia-se tão contente com o “bom trabalho” em curso em Kibuye que prometeu o envio de milhares de dólares para a compra de alimentos e cerveja, para que os assassinos pudessem comemorar em grande estilo.

— Quando terminarem o trabalho e todos os inimigos estiverem mortos, viveremos no paraíso. Não mais teremos que disputar empregos com as baratas. Sem filhotes de baratas, haverá vagas suficientes nas escolas para crianças hútus.

A transmissão devia ser ao vivo, pois ouvimos palmas e aclamações.

— Vocês vêm fazendo um bom trabalho em Kibuye; quase todos os inimigos estão mortos. Mas é necessário matar todos eles. Vamos completar a tarefa!

Olhamos umas para as outras desesperadas. As palavras do presidente significavam mesmo que *todos* os tútsis em nossa região estavam mortos? Os tútsis em Kibuye eram cerca de 250 mil... como seria possível? E quanto a nossas famílias? Onde estavam meus pais,

e Vianney e Augustine? Oh, onde estaria meu querido Damascene? Perguntei a Deus se Ele estava me testando — e mais uma vez uni as mãos para orar. Mas como era difícil recolher-me ao meu local de retiro com o diabo gritando em meus ouvidos.

Depois da transmissão oficial, ouvimos, através da janela, o som de vozes, uma delas a de minha velha amiga Janet. No pátio, atrás da parede do banheiro, ela falava a meu respeito.

— Immaculée? — ela disse. — Ninguém ainda a encontrou. Sempre pensei que ela fosse minha amiga, mas não passava de uma mentirosa. Ela me tratava bem apenas com a intenção de me enganar e convencer-me de que eu estava em segurança. Ela sabia que o pai dela planejava matar toda a minha família... Não me importo nem um pouquinho se ela for encontrada e morta.

O que virá depois disso, meu Deus?, perguntei a mim mesma. *Como a Janet tem coragem de dizer uma coisa dessas?* Lembrava-me de sua contrariedade quando nos vimos pela última vez, mas imaginei que fosse por influência do pai e resultado do estresse causado pela guerra. Mas agora ali estava minha melhor e mais antiga amiga comentando que não se importava se eu estava viva ou morta.

Ao me ouvir renegada por Janet, senti-me muito solitária, desesperadamente em falta de uma pessoa amiga com quem conversar. Queria tanto estar de volta ao meu dormitório, ouvindo o riso de Sarah e Clementine, ou confiando-lhes minhas tristezas, de mãos dadas com elas, que me confortariam.

O diabo certamente espreitava meus pensamentos, pois mal acabei de ouvir Janet renegar nossa amizade outra reportagem foi transmitida pelo rádio do pastor — dessa vez anunciando a morte de centenas de estudantes do meu campus. Um massacre.

— Arrasamos tudo em Butare... matamos mais de quinhentas serpentes na universidade, e os traidores, seus amigos hütus — gabava-se o locutor.

Como sofri ao pensar em meus colegas, muitos dos quais tinham sido meus amigos íntimos desde o secundário. Eu sabia que a maioria deles tinha permanecido no campus durante os feriados da Páscoa. Pensei naqueles jovens encantadores com quem eu havia

rido, chorado e rezado... nos sonhos que havíamos compartilhado: apaixonar-se, criar família... Acreditávamos que nossa amizade haveria de durar a vida inteira — agora suas vidas estavam acabadas, extintas. Rezei para que não tivessem sido torturados antes de morrer. Então me dei conta de que eu estaria com eles se não fosse a comovedora carta em que papai me pediu para passar os feriados em casa.

Senti uma pontada no coração. Teria eu perdido *todos* aqueles que amava? Fechei os olhos e supliquei a Deus que me enviasse um sinal de que permanecia comigo. Era Ele o único que me restava, Aquele em quem eu podia confiar. Entretanto, em vez de um sinal, ouvi um pedido de socorro.

— Pastor Murinzi, graças a Deus o senhor está aqui. Por favor, me ajude. Eles estão atrás de mim... eles vêm me matar.

Reconheci a voz: era Sony, uma viúva idosa, cujo marido fora morto durante a temporada de assassinatos de 1973. Sony era muito gentil e sempre me recebia, quando eu saltava do ônibus de volta da escola, com frutas e presentes para meus irmãos. Era como se fosse minha avó, minha vontade era levantar-me e gritar para ela que viesse esconder-se conosco.

Foi quando ouvi o pastor dizer:

— Saia daqui. Não posso esconder tútsis, sinto muito. Você não pode entrar.

— Tenha piedade de mim, pastor, por favor. O senhor é um homem de Deus — poupe minha vida, por favor... prometo não contar a ninguém. Vou ficar quietinha. Pastor, eu não quero morrer. Sou apenas uma velha, não fiz mal a ninguém.

— Você é inimiga do país e não posso abrigá-la. Sou um bom hútu. Saia. E bateu a porta da frente.

Ouviam-se a distância, mas cada vez mais próximos, os cânticos de caça dos assassinos. A pobre Sony recomeçou a gritar. Eu quase podia vê-la afastar-se, mancando, apoiada em sua bengala e em suas pernas tortas — certamente não iria muito longe antes de ser alcançada pelos assassinos.

Senti vontade de chorar, mas as lágrimas não vinham. Meu coração se endurecera ante o constante desfile de tristezas. Nem

mesmo senti raiva do pastor. Talvez os assassinos estivessem muito perto quando Sony chegou, e ele não pôde fazer outra coisa senão mandá-la embora.

Cerrei os olhos e pedi a Deus que acolhesse a alma boa de Sony e lhe reservasse um bom lugar no paraíso. E voltei a pedir-Lhe um sinal de que velava por nós.

O pastor abriu a porta e, sem uma palavra sequer, entregou-me a Bíblia que eu lhe havia pedido.

Abri-a imediatamente e tive diante dos olhos o salmo 91:

“Aquele que habita na proteção do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi do Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e n’Ele confio. Porque Ele te livrará do laço do caçador e da peste mortífera. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das Suas asas encontrarás refúgio; a Sua verdade será o teu escudo e tua armadura. Não temerás o terror da noite nem a seta que voa de dia. Nem a peste que anda na escuridão, nem a mortandade que assola ao meio-dia.

Mil cairão ao teu lado e 10 mil à tua direita, mas tu não serás atingido.”

CAPÍTULO 13

Uma Reunião de Órfãos

Mais de um mês se passou, e pensávamos que jamais voltaríamos a avistar o céu. Os assassinos iam e vinham à vontade; chegavam à casa do pastor sem aviso, a qualquer hora do dia ou da noite. Às vezes dezenas deles, ou algumas centenas — vinham quando lhes davam ordens para isso, quando recebiam alguma denúncia ou quando estavam entediados e com vontade de caçar alguns tútsis para torturar ou matar. Mas não deixavam de vir, e sabíamos que continuariam vindo, até nos encontrarem ou até perderem a guerra.

As notícias transmitidas pelo rádio do pastor eram desalentadoras: líderes do governo haviam convertido todas as emissoras de rádio ruandesas em uma mortífera máquina de propaganda. Por toda parte, locutores pregavam aos hútus que era seu dever matar qualquer tútsi avistado, sem fazer perguntas. Nada funcionava no país, para que o trabalho não interferisse com a tarefa de matar. Quando fazendeiros se queixaram de que suas lavouras morriam, um funcionário aconselhou que se alguém tivesse que tirar uns dias de folga para cuidar do campo, deveriam trabalhar armados.

— Não baixem a guarda! Essas serpentes tútsis se ocultam no capim e nos bosques — dizia um deles. — Tratem, pois, de ter à mão seus facões, prontos para cortá-las ao meio. Melhor ainda, levem seus fuzis e atirem. Se não possuírem fuzil, o governo lhes fornecerá um. Se ao lavrar o campo avistarem uma tútsi amamentando seu bebê, não percam essa oportunidade de ouro. Peguem o fuzil e atirem nela para depois voltar ao trabalho. Mas não se esqueçam de matar o bebê — um filhote de serpente também é serpente, tratem de matá-lo.

Os funcionários locais distribuía facões na aldeia, e a milícia ia de porta em porta entregando fuzis e granadas. Até o pastor Murinzi, quando veio nos trazer comida uma noite, levava um fuzil pendurado ao ombro.

— Não se assustem, não tenho a intenção de matar vocês — explicou, brandindo o fuzil. — Funcionários do governo vieram aqui hoje e me deram isto. Se eu recusasse, seria acusado de ser um moderado, e me fuzilariam. Girou o fuzil e o pendurou novamente ao ombro. — Não vou usá-lo a não ser que seja absolutamente necessário.

Ao que parecia, cada hútu de Ruanda possuía um fuzil ou facão, com instruções para usá-los contra os tútsis — e ninguém neste mundo mexia um dedo para impedi-los. Pelos noticiários, sabíamos que *não* havia socorro algum a caminho e não compreendíamos como os demais países, especialmente os chamados “países civilizados do Ocidente”, nos voltavam assim as costas. Estavam a par de que éramos massacrados, entretanto nada faziam.

A ONU havia retirado sua força de paz assim que começou o massacre. Porém, Roméo Dallaire, general canadense responsável pelas tropas de paz da ONU, recusou-se a obedecer à ordem de retirada e continuou no país, com duzentos soldados. Era um homem íntegro e corajoso, mas apenas um em meio a um mar de assassinos. Ocasionalmente o ouvíamos pedir pelo rádio que alguém, *qualquer um*, enviasse tropas a Ruanda para pôr fim ao morticínio, mas ninguém lhe deu ouvidos. Os belgas, nossos antigos colonizadores, haviam sido os primeiros a remover suas tropas; quanto aos Estados Unidos, nem ao menos reconheciam que havia um genocídio em curso! Não era possível que não soubessem que nossos políticos não dariam o morticínio por encerrado enquanto todos os tútsis, homens, mulheres e crianças, não tivessem sido executados. Para saber o que pretendiam fazer — o que eles estavam fazendo —, bastava a qualquer um sintonizar o rádio.

Algumas vezes o pastor contava detalhes dos planos oficiais não mencionados nas transmissões:

— Quando todos os tútsis estiverem mortos, vai ser como se nunca tivessem existido. Todos os vestígios de sua existência serão

apagados — disse, como se comentasse um assunto corriqueiro. — Conheço alguns funcionários do governo que moram na cidade; eles disseram que têm ordens para destruir todos os documentos referentes aos tútsis. Já queimaram a maior parte dos registros escolares e profissionais, agora partiram para a destruição das certidões de nascimento e casamento, e os atestados de óbito. O mesmo acontece em todas as cidades e aldeias. Não deve restar em solo ruandês qualquer vestígio da existência dos tútsis.

As únicas notícias boas que ouvíamos se referiam à guerra. O governo hútu insistia em afirmar que estava matando todos os soldados rebeldes da FPR, mas escutamos, na BBC e em outras rádios estrangeiras, que a FPR tinha vencido em algumas partes do país. Às vezes ouvíamos o líder da FPR, Paul Kagame, encorajar os tútsis a não perderem a esperança, pois os rebeldes lutavam para salvá-los. Para nós ele era um herói, embora soubéssemos que lutava em torno de Kigali e mais ao Norte — muito longe de Mataba. Os pronunciamentos de Kagame não alteravam nossa situação, mas nos davam esperanças de sermos resgatadas um dia.

À MEDIDA QUE A GUERRA SEGUIA SEU CURSO, O PASTOR SE MOSTRAVA cada vez mais preocupado com o que fazer conosco.

— Se a luta durar muitos meses mais, não haverá comida para alimentá-las. Não terei como mantê-las aqui.

Lembrei-me do fuzil em seu ombro e fiquei imaginando como agiria o pastor quando a comida começasse a faltar. Não acreditava que ele nos entregaria — não depois de ter arriscado a própria vida para nos salvar. Mas estava certa de que seria capaz de nos botar para fora da casa no meio da noite, como havia feito com Augustine e Vianney. E o campo estava cheio de assassinos — não duraríamos uma hora se saíssemos do banheiro.

O pastor deve ter pensado muito sobre o assunto, e chegado à conclusão de que precisava da ajuda de Deus. Uma noite nos pediu que rezássemos com ele para que Deus ajudasse as tropas governamentais a vencerem a guerra. Simplesmente olhamos para ele... será que não tinha noção do que estava nos pedindo? Era incrível como ia se tornando insensível ao nosso sofrimento.

De todo modo, estávamos numa situação delicada — o que mais poderíamos fazer? De mãos postas, fingimos rezar com ele. No meu íntimo, eu rezava pelas almas dos milhares e milhares de tútsis assassinados. Depois rezei para que os assassinos vissem a luz de Deus e se modificassem, através do Seu amor. *Senhor, faça-os sentir Seu amor divino. Só assim deporão seus facões e cairão de joelhos. Por favor, Deus, faça com que eles interrompam o massacre. Perdoe a todos eles.*

E também rezei para que o pastor não se tornasse insensível, que seu coração não endurecesse em relação a nós e se lembrasse de que éramos seres humanos.

Ao final das orações, o pastor Murinzi chocou-nos com a revelação do que pretendia fazer a nosso respeito ao terminar a guerra.

— Não haverá mais tútsis em Ruanda quando essa mortandade acabar, por isso terei que retirá-las daqui sem que ninguém veja. Vocês terão que ir para um lugar onde não as conheçam, nem possam descobrir que fui eu que as escondi durante a guerra.

O que ele pretendia era simplesmente mandar-nos para uma ilha remota, a 80 quilômetros de distância, no meio do lago Kivu, onde viveríamos como esposas dos nativos da tribo abashi!

Olhamos umas para as outras, sem poder crer no que ouvíamos. Os abashis eram uma tribo primitiva que vivia no coração da floresta, praticamente sem contato com o mundo exterior. Não possuíam escolas, igrejas ou empregos. Como roupa, usavam apenas tangas, e se alimentavam da coleta e da caça. Pais ruandeses, quando queriam ralhar com seus filhos e fazê-los comportar-se bem, ameaçavam mandá-los viver com os abashis — era como ser ameaçado com o bicho-papão. A pior coisa que se podia dizer a uma ruandesa era que ela acabaria casando com um abashi.

— Que outra solução há para vocês? Não há o que discutir.

O pastor encerrou a questão e saiu, deixando-nos a refletir sobre nossa sina.

ERA DETESTÁVEL O MODO COMO O PASTOR AGORA PENSAVA A NOSSO RESPEITO, mas não era difícil entender o porquê da mudança. Se os hútus extremistas

terminassem sua tarefa a contento, seríamos as últimas tútsis vivas em Ruanda — seríamos órfãs em uma pátria hostil.

Mas eu não me sentia nem um pouco uma órfã. Rezava há muitas semanas, minha relação com Deus era cada dia mais profunda do que eu imaginava ser possível. Sentia-me filha do rei mais bondoso e poderoso que o mundo já viu. Entregava meus pensamentos a Deus a cada dia, ao me recolher àquele lugar especial em meu coração para me comunicar com Ele. Esse lugar era como um pedaço do céu, onde meu coração falava ao Seu santo espírito, e Seu espírito falava comigo e me assegurava de que, enquanto eu vivesse unida ao Seu espírito, jamais seria abandonada, jamais estaria só e não sofreria qualquer mal.

Imóvel, sentada sobre o chão sujo, eu contemplava, horas a fio, a pureza de Sua energia, e a força do Seu amor fluía através de mim, como um rio sagrado que lavava minha alma e acalmava minha mente. Às vezes sentia-me flutuar acima do meu próprio corpo, aninhada e segura entre as ternas e poderosas mãos de Deus. Em minha mente, ouvia palavras que eu mesma pronunciava, em idiomas exóticos que jamais havia escutado — mas sabia, instintivamente, que eram palavras em louvor à grandeza de Deus.

Minhas horas de vigília — de 15 a vinte horas diárias — passavam-se todas em comunicação com Deus, em oração e meditação. E durante as poucas horas de sono sonhava com Jesus e a Virgem Maria.

Em meio ao genocídio, encontrei a salvação. Soube que meu elo com Deus transcendia o banheiro, a guerra, o holocausto... um elo, compreendi, que transcenderia a própria vida.

Alçava meu coração ao Senhor, e Ele o cumulava com seu amor e perdão. A permanência no banheiro transformou-se numa bênção pela qual eu seria grata para sempre. Mesmo que meus pais tivessem perecido lá fora, eu jamais seria uma órfã. Renascida naquele banheiro, era a filha amorosa de Deus, meu Pai.

APENAS LECHIM E DUSENGE, OS MAIS JOVENS entre os dez filhos do pastor Murinzi, moravam com ele. Mas, à medida que a guerra progredia, outros filhos foram retornando à casa, que se encheu de gente. O

pastor tinha menos tempo para cuidar de nós sem ajuda — assim, depois de manter nossa presença como um segredo cuidadosamente oculto, ele contou tudo a Lechim e Dusenge, as pessoas em quem mais confiava no mundo.

Lechim era um homem bom, dotado de um coração generoso, e Dusenge uma jovem bondosa, e, há muitos anos, uma amiga muito querida. Inúmeras vezes ouvi-os conversar, e sabia que estavam ambos horrorizados pelo mal causado aos tútsis.

O pastor disse-nos que eles viriam visitar-nos, e, quando a porta se abriu, tudo que vi nos olhos de seus filhos foi piedade e compaixão. Dusenge cumprimentou-me de forma gentil, e Lechim apertou minha mão e a manteve calorosamente entre as suas por algum tempo.

— Oh, Immaculée — ele sussurrou, e logo em seguida calou-se.

Havíamos nos visto pela última vez no dia em que fui levada para o esconderijo, e não tínhamos palavras para descrever tudo que se passara desde então. Meu amigo voltou a apertar minha mão e disse:

— Fico contente por você estar escondida aqui... Graças a Deus minha família pôde fazer algo para ajudá-la. Cuidaremos de você.

Suas palavras amáveis fizeram-me lembrar as doces emoções de nossa inocente relação, anos atrás. Eu principiava a entender que para Deus não existem coincidências — ele promovera meu encontro com Lechim naquela época para que eu hoje encontrasse um esconderijo em sua casa.

Como me senti confortada por reencontrar meus velhos amigos, embora nenhum dos dois pudesse dar notícias de minha família ou do paradeiro de meu namorado John. (As comunicações eram precárias no país, porque as linhas telefônicas estavam mudas desde o início da guerra.) Mas Lechim e Dusenge acrescentaram ternura ao banheiro, e, ocasionalmente, o prazer de uma simples xícara de chá.

Se o pastor nos relegara a uma lista de órfãos, seus filhos mais novos nos adotaram.

JÁ ERA TARDE, UMA NOITE EM MEADOS DE MAIO, QUANDO a porta do banheiro foi escancarada. Dois jovens assassinos Interahamwes subitamente se

ergueram diante de nós. Encolhidas, ficamos à espera das facadas que viriam a qualquer momento, mas ouvimos a voz do pastor sussurrar que devíamos ficar calmas e não nos preocupar. Logo percebemos que os vultos não eram assassinos, e sim duas tútsis desesperadas para participar da nossa irmandade.

Ficamos felizes ao ver duas tútsis vivas, respirando, mas não havia como encontrar lugar para elas. O pastor empurrou-as para dentro, e elas caíram em cima de nós.

— Não façam barulho — ele reiterou, e fechou a porta.

A fisionomia das jovens era indistinguível à luz difusa que se infiltrava pela janela. Tentamos falar-lhes em nossa linguagem de sinais, mas, é claro, elas não conseguiram entender o que dizíamos. Arriscamos algumas palavras sussurradas, só para indagar de onde vinham e o que estava acontecendo no mundo exterior.

Seus nomes eram Malaba e Solange: Malaba e eu éramos da mesma idade — eu a vira umas duas vezes quando pequena, mas não a conhecia bem; Solange era uma adolescente que eu jamais havia visto. Não sabíamos, mas Marianne, uma das filhas mais velhas do pastor, desde o início do genocídio abrigava as duas em sua casa no norte de Ruanda. A guerra era feroz no Norte, e os extremistas hútus caçavam espiões tútsis por toda parte. Marianne era conhecida por sua bondade e compaixão, e isso a tornava altamente suspeita aos olhos dos extremistas. Sua casa havia sido revistada inúmeras vezes, e ela temia que Solange e Malaba fossem descobertas.

Marianne deu um jeito de conseguir uma identidade falsa para Malaba e disfarçou as duas com roupas semelhantes às em geral usadas pelos assassinos. Colocou em seu carro os facões, fuzis e granadas que os Interahamwes lhe haviam dado para matar tútsis e acomodou as jovens ao lado das armas. Então, em meio à luta que rugia encarniçada, iniciou a longa e perigosa viagem até a casa de seu pai, onde esperava que encontrassem alguma segurança.

Como nos relataram Malaba e Solange, a cada quilômetro os assassinos Interahamwes interceptavam o carro nas barreiras e pediam suas identidades. Solange não possuía uma identidade, e, a cada parada, elas temiam ser mortas. Não possuir uma identidade

era quase tão grave quanto possuir uma identidade tútsi... isto é, uma sentença de morte.

— Um homem mostrou uma carteira de identidade tútsi e teve a cabeça cortada na nossa frente — cochichou Solange em voz surda. E balançou a cabeça, mal podendo acreditar no que ela mesma havia visto.

— Eles matavam até hútus que haviam esquecido as carteiras de identidade em casa — disse Malaba. — Reconheci um dos mortos. Sabia que ele era hútu, mas os Interahamwes, não. Era um pouco mais alto do que eles... e foi o suficiente. Chamaram-no de espião tútsi e o fuzilaram. E ainda mataram outro hútu porque discordou deles... A única coisa que ele disse foi que achava errado matar tútsis.

Antes de partirem, Marianne instruiu as moças a se comportarem como assassinas, se pretendiam sobreviver. Então, todas as vezes em que eram paradas em uma barreira, sacudiam no ar um facão ou fuzil.

— Gritávamos como loucas — narrou Solange. — Gritávamos “Poder aos hútus! Poder aos hútus! Matem as baratas! Matem esses cães tútsis!”. Eles adoravam nos ver agir assim. Diziam-nos para continuarmos o bom trabalho e nos mandavam seguir adiante. Desejar a morte dos tútsis é o mesmo que possuir um passaporte... O país enlouqueceu. Esses rapazes estavam, em sua maioria, bêbados ou sob o efeito de maconha. Chegamos a ver, em duas barreiras, soldados descerem dos jipes e distribuírem bebida e drogas, para manter os assassinos motivados.

Contaram ainda as duas irmãs que, a caminho do Sul, passaram por tanta gente morta que demoraram a perceber que se tratava de cadáveres.

— Eram tantos, empilhados tão alto, que supusemos serem pilhas de lixo e roupas velhas. Mas, ao olhar mais de perto... quando paramos e abrimos as janelas, entendemos. Dava para ouvir o zumbido das moscas sobrepondo-se ao ruído do motor. E havia cachorros, que comiam essas carcaças humanas e brigavam por pedaços de corpos... repugnante. O país inteiro tem cheiro de carne podre — disse Solange, pálida e com a voz trêmula. — Não consigo

tirar essas imagens da cabeça... Mesmo com os olhos fechados continuo a ver cadáveres.

Havíamos ouvido tantos horrores semelhantes, transmitidos pelo rádio ou contados pelo pastor, que não foi difícil acreditar no que nos era descrito. Era como se o Apocalipse estivesse às nossas portas, e Ruanda fosse a primeira etapa.

Perguntamos se tinham notícias de nossas famílias, mas as recém-chegadas não sabiam nem do paradeiro das próprias. Marianne era a madrinha de Malaba, que, por isso, estava hospedada em sua casa quando o morticínio teve início.

Malaba chorava enquanto procurava uma posição mais confortável sobre nossos joelhos.

— Se Marianne não nos tivesse abrigado, estaríamos em alguma daquelas pilhas, servindo de alimento para cachorros.

A idéia me fez estremecer. Pela milionésima vez me perguntei onde estariam meus pais e irmãos, e, em silêncio, roguei a Deus que velasse por eles: *Você agora é minha única família, o único a quem posso falar. Deus, a Você confio todos eles.*

O BANHEIRO FICOU MAIS APINHADO NESSA NOITE. Ao mesmo tempo que ninava Sanda, a menina de 7 anos, para fazê-la dormir, pensava em como cada uma de nós havia sido separada de sua família, ou, pelo contrário, nossas famílias nos tinham sido arrancadas. Acaricieei os cabelos de Sanda e desejei que minha mãe estivesse ali para fazer o mesmo por mim.

Ao se aproximar a madrugada, peguei no sono e tive o sonho mais intenso de toda minha vida. Vi Jesus, de pé à minha frente, braços abertos como para me abraçar. Levava um pedaço de tecido em torno da cintura, e seus longos cabelos caíam-lhe sobre os ombros. Espantei-me com sua magreza, costelas salientes e face emaciada e encovada. No entanto, seus olhos brilhavam como estrelas ao olhar para mim, e sua voz era doce como uma brisa suave.

— Ao deixar este aposento, saberá que quase todos aqueles que você conhece e ama estão mortos — foram suas palavras. — Aqui estou para dizer que não tenha medo, porque não estará sozinha...

Eu estarei com você. Serei sua família. Fique em paz e confie em mim, pois sempre estarei ao seu lado. Não chore sua família por muito tempo, Immaculée. Eles estão comigo e são felizes.

Acordei relaxada e feliz. Sonhar com Jesus havia sido um belo presente — vivi ainda algum tempo sob o encantamento do sonho, e agradei a Deus por pensamentos assim maravilhosos. À medida que o dia avançou, meu coração sentiu-se triste. Jesus havia anunciado a morte de minha família... e eu desejava tão desesperadamente que estivessem vivos. Queria tanto estar com meus pais, pedir perdão a Vianney por tê-lo deixado partir aquela noite, ver o sorriso de Damascene iluminar o seu rosto. Por que, apesar de tantas orações, Deus não os poupou?

De olhos fechados, reconfortei-me com o pensamento de que tudo talvez não passasse de um sonho, minha família poderia muito bem estar viva... e, se não fosse sonho, Deus havia prometido cuidar de mim para sempre, e eu sabia que Deus não quebra Suas promessas.

NÃO MUITO DEPOIS DO SONHO, OUVI, VINDAS do lado de fora da janela do banheiro, vozes que falavam em uma matança que haviam presenciado. Uma voz masculina narrou a morte de um rapaz que se ocultara na área desde o início da guerra.

— O rapaz tinha um diploma de mestrado, e os executores zombavam dele. Perguntavam como haviam conseguido encontrá-lo, já que ele era tão sabido. Um deles disse que gostaria de ver o cérebro de alguém com um título de mestre, e rachou a cabeça do rapaz ao meio. Depois olhou o que havia dentro do crânio.

Meu coração se partiu. Não havia muitos rapazes tútsis na área com diploma de mestrado... Tive certeza de que falavam de meu irmão Damascene!

Por favor, Deus, permita que não seja ele, orei. Tentei me acalmar, repeti para mim mesma que não havia como ter certeza de que se tratava de Damascene. Continuei rezando para que não fosse meu irmão, e esperei até o pastor Murinzi chegar com nossa comida. Horas depois, quando ele abriu a porta, perguntei-lhe de chofre se era do assassinato de Damascene que as pessoas haviam falado.

Minha pergunta o surpreendeu, e notei que seus olhos evitavam os meus.

— Não, não, de maneira alguma — ele negou. — Mataram muitos rapazes, não há motivos para pensar que falavam do seu irmão. Não ouvi nada a respeito de qualquer um dos seus irmãos, Immaculée.

Ah, pastor, eu pensei, *que bom seria se o senhor soubesse mentir melhor!* Sua expressão dizia-me que Damascene estava morto... mas como ter certeza? Mordi os lábios e agradei-lhe por me manter informada e por proteger a nós todas. Ele inclinou a cabeça e saiu dali bem depressa.

Minhas companheiras diziam-me para eu não me preocupar, que meu irmão estava bem, e que não havia como saber a quem aquelas pessoas se referiam. Sorri ligeiramente, aparentando concordar. Apesar de tudo, havia ainda uma possibilidade de que meu lindo Damascene estivesse vivo, e em breve eu veria seu rosto risonho e riria de suas brincadeiras.

Meu coração, entretanto, recusava-se a dar ouvidos à minha cabeça. Meu choro começou de mansinho, mas pouco depois eu soluçava desconsoladamente. Dei tapas em mim mesma, belisquei-me, na esperança de que a dor física desviasse minha atenção e estancasse minhas lágrimas. Nada funcionou. As outras mulheres entraram em pânico, com medo de que alguém me ouvisse, mas lágrimas corriam pelo meu rosto e meus soluços eram cada vez mais altos. Para piorar, as meninas mais novas começaram a chorar também. As mais velhas faziam sinais, em um pedido silencioso para que eu parasse com a choradeira.

Ao fim de uma hora me contive. E nunca mais chorei no banheiro.

CAPÍTULO 14

O Dom das Línguas

Sete semanas no banheiro nos haviam deixado assustadoramente magras — nossos ossos eram visíveis e nossa pele era flácida. Sentar sobre o piso duro era cada vez mais desconfortável, à medida que músculos e gordura desapareciam e as nádegas já não nos serviam como almofadas. Embora houvesse mais duas mulheres conosco, o banheiro ficava cada dia mais folgado. Encolhíamos, e a dieta de fome nos deixava fracas e tontas. Minhas roupas diziam-me que eu emagrecera uns 10 quilos (eu pesava inicialmente 52).

Estávamos pálidas, nossos lábios rachados, as gengivas inchadas e doloridas. Para agravar a situação, já que não tomávamos banho nem trocávamos de roupa desde a data da chegada, fomos infestadas por piolhos. Os bichinhos se empanturravam tanto de sangue que podíamos vê-los, às vezes, passeando por nossas faces.

Nosso aspecto podia não ser dos melhores, mas nunca me senti tão bela. Todos os dias, ao acordar, agradecia a Deus por me conceder a vida, e, a cada manhã, Ele fazia-me sentir amada e querida. Sabia que Ele não me manteria viva por tanto tempo nem me faria passar por tantos sofrimentos só para me deixar ser abatida pelo facão de um assassino embriagado de sangue. Sabia que não me deixaria morrer por uma doença corriqueira qualquer. Durante a estada no banheiro adoeci duas vezes, doenças simples, que eu teria curado num dia com o uso de comprimidos... se os tivéssemos. A primeira doença começou com uma febre de 41 graus que me fez tremer e delirar. A segunda foi uma desagradável infecção urinária, uma das experiências mais dolorosas por que já passei. O pastor só nos pôde oferecer um termômetro e votos de pronto restabelecimento — não havia medicamentos disponíveis.

A única solução era rezar, e foi o que fiz. Quando a febre e a dor ficaram insuportáveis, pedi a Deus que pousasse Suas mãos em minha testa enquanto eu dormia. Nas duas ocasiões acordei recuperada e sentindo-me bem, sem febre ou dor. Fui curada pelo poder de Seu amor.

Não, doença alguma me levaria. Estava certa de que Deus me reservava um propósito, e orava diariamente para que Ele me revelasse qual era. De início, imaginei que Ele me revelaria, de uma única vez, todo meu futuro — talvez em meio a relâmpagos e trovoadas, para que a cena fosse mais dramática. Aprendi, entretanto, que Deus jamais nos revela o que ainda não estamos prontos para entender, revela-nos aquilo que precisamos nos seja revelado, e quando chega a hora certa. Espera que nossos olhos e corações se tenham aberto para Ele, e então, quando estivermos preparados, nossos pés serão colocados no início do caminho que Ele considera o melhor para nós... Mas a nós competirá caminhar.

DEUS MOSTROU-ME O CAMINHO NO MOMENTO em que o pastor Murinzi falava sobre a guerra. O pastor estava animado porque as Nações Unidas consideravam o envio de tropas de paz a Ruanda, o que, segundo ele, apressaria o final da guerra. A ONU tinha retirado suas tropas quando dez soldados belgas foram mortos por soldados hútus, no dia em que se iniciou o genocídio. Todos os países ocidentais evacuaram seus cidadãos ao começar o morticínio, e os tútsis foram deixados para enfrentar sozinhos seu destino. Não havia, praticamente, estrangeiro algum no país desde os primeiros dias do genocídio — isso sinalizou aos nossos governantes que o restante do mundo não se importava se um genocídio estava em curso, e que a vida dos tútsis não tinha valor, assim o morticínio seguiu em frente.

A mera possibilidade do envio de tropas pela ONU já significava um avanço... poderia até interromper o genocídio. Mas disse o pastor que havia um problema.

— Os tútsis da FPR não querem que a ONU envie tropas porque desejam a continuação da guerra. Têm a esperança de vencer e tomar o governo — bufou. — São tão arrogantes. Exigem que, caso a ONU mande tropas, que sejam de língua inglesa... que audácia!

E explicou-nos que a maioria dos soldados da FPR tinha crescido no exílio, em Uganda, colonizada por ingleses, e, portanto, falava inglês. Isso contrastava com Ruanda, colonizada pelos belgas e onde se falava francês — nas escolas secundárias em que muitos de nós estudamos o francês era ensinado como nossa segunda língua.

— A FPR se recusaria a falar francês, mesmo que soubesse — acrescentou o pastor Murinzi. — Alegam que foram militares franceses que adestraram os assassinos Interahamwes. Eles odeiam os franceses... Se a FPR ganhar a guerra, nos obrigará todos a falar inglês.

Deus acendeu uma luz em meu cérebro.

Para dizer a verdade, foi mais como o relampejar de um canhão. Eu já estava convencida de que a FPR ganharia a guerra. Isso queria dizer que eu encontraria pessoas de língua inglesa depois do genocídio e teria que contar-lhes tudo o que havia acontecido. Tive também a premonição de que trabalharia para a ONU, onde quase todos falavam inglês. Entendi claramente que devia utilizar meu tempo remanescente no banheiro para aprender inglês. Foi como se Deus me revelasse quais seriam os resultados de uma grande loteria... tudo que eu tinha a fazer era estar pronta quando o sorteio fosse realizado. Tinha que me preparar para ir ao encontro do meu destino!

Aprender uma língua estrangeira totalmente desconhecida exigiria muitas horas de estudo, eu sabia, o que me obrigaria a tirar tempo das orações. Temi que fosse a oportunidade pela qual aguardava o diabo: pular outra vez para dentro da minha cabeça, enchê-la de medos e dúvidas e arrastar-me para as trevas e o desespero.

Adotei a única atitude possível. Perguntei a Deus o que fazer. *Querido Deus, foi Você quem me deu a idéia de aprender inglês, faça a Sua parte e mantenha afastado o diabo enquanto eu estiver estudando! E, por favor, mostre-me como posso aprender um novo idioma trancada aqui neste banheiro.*

Não me dei o trabalho de comunicar meus planos de estudo às outras senhoras — por eu rezar tanto, elas já achavam mesmo que eu tinha o miolo mole. Se eu lhes dissesse que planejava estudar uma língua estrangeira enquanto nossas vidas corriam perigo, acho

que pediriam ao pastor para me despachar imediatamente para os abashis. Guardei meus sonhos para mim mesma.

No dia seguinte, quando o pastor trouxe nossa comida, perguntei-lhe se podia me emprestar um dicionário francês-inglês, e livros em inglês que ele porventura tivesse. Ele me olhou como se eu tivesse lhe encomendado um bife para o jantar.

— Preciso ocupar um pouco a minha mente. Há dois meses que olhamos para as paredes, nem mesmo podemos conversar — murmurei.

O pastor fez que sim com a cabeça e deu meia-volta, como se descartasse uma lunática.

— Se eu aprender inglês, depois da guerra poderei dizer às tropas de paz da ONU como o senhor foi corajoso ao salvar nossas vidas — acrescentei depressa.

A idéia agradou bastante ao pastor, que prometeu procurar entre suas coleções. Tive sorte: poucos ruandeses possuíam livros em inglês, mas o pastor encontrou dois, além de um dicionário francês-inglês.

— O problema é que não tenho livros para principiantes. Immaculée. Os que eu tenho seriam muito difíceis para você — ele acrescentou.

Voltei-me para ele com um sorriso. Eu não tinha como saber o quanto duraria a guerra, mas não pretendia dar os primeiros passos como um bebê — queria caminhar a passos de gigante em direção a minha nova vida.

— Está bem assim, pastor — respondi-lhe. — Não desejo livros para principiantes porque tenho pressa. Traga-me, por favor, o livro maior e mais difícil que o senhor possuir.

Meu plano encheu de entusiasmo o pastor, que chegou ao ponto de me explicar como reconhecer as tropas da ONU.

— São os únicos soldados que usam capacetes azuis — informou-me ao entregar-me dois livros grossos em inglês, mais o dicionário.

Abri-os imediatamente, saboreando com os olhos as palavras de aparência exótica. Agarrei os livros como se fossem de ouro — como se tivesse recebido uma bolsa de estudos para uma importante universidade americana.

Respirei fundo e agradei a Deus por ter atendido as minhas orações e por me fornecer os instrumentos necessários para aprender inglês. Embora o aprendizado ocupasse parte do tempo antes dedicado às orações, eu sabia que Deus estaria do meu lado durante o estudo. Era Sua intenção que eu aprendesse essa língua, e eu podia sentir a força dessa intenção percorrer o meu corpo. Eu não ia perder meu tempo com dúvidas e autopiedade. Deus me presenteara com um dom, que eu deveria retribuir com gratidão. Abri o livro maior e comecei a ler.

O RESTANTE DO TEMPO QUE PASSEI NO BANHEIRO FOI DEDICADO à oração, a meditar a respeito de Deus e a estudar com a maior aplicação possível. Aprendi inglês palavra por palavra, uma de cada vez; a cada novo termo encontrado, eu abria o dicionário para saber sua tradução para o francês e assim desvendar seu significado. O início foi muito lento... mas fascinante e divertido.

Minha primeira providência foi decorar as palavras importantes que seriam necessárias à minha reentrada no mundo real. Descobri que "I",³ em francês era "je", e percebi que era uma palavra muito importante a ser lembrada. Eu precisaria saber dizer "eu sou uma tútsi, ajude-me", "passei três meses escondida", "estou à procura da minha família" e "eu quero um emprego".

Ao final do primeiro dia de aprendizado, eu havia relido muitas vezes a primeira página do primeiro livro. Gostaria de poder lembrar ainda o título da obra e qual era o tema, mas tudo se embaralha em minha memória. Do que me recordo é de apertá-lo contra o peito quando ficou escuro demais para ler, e de repetir em silêncio minha primeira frase em inglês: "I am Immaculée".⁴ *Obrigada, meu Deus.*

Sentia-me exausta ao final de cada dia, mas entusiasmada. Sabia que a nova vida que Deus programava para mim seria revelada nesse novo idioma que eu ainda não compreendia. Com o passar dos dias, decorei muitas palavras que seriam necessárias para contar minha história: *fuga, esconderijo, guerra, oração, emprego* e *Deus* foram as pedras fundamentais do meu crescente vocabulário em inglês — e cada palavra nova era preciosa como uma jóia. Fiz questão de fixar na memória as palavras *antes* e *depois*, porque

sabia que dali por diante sempre haveria de me referir à minha vida em termos de antes ou depois do holocausto.

Certa manhã, folheando o dicionário, descobri uma seção dedicada à gramática inglesa. Regras! Fiquei contentíssima — era um maná do céu! As chaves que desvendariam os mistérios do idioma inglês: verbos, substantivos e adjetivos; conjugações, passado, presente e futuro — que maravilha! Enquanto minhas companheiras contemplavam as paredes ou dormiam, eu explorava um novo universo. Rezava minhas orações e estudava o dia inteiro. Lia até meia-noite, sob a luz fraca que vinha da janela, lia até que meus olhos se recusavam a continuar abertos. E agradecia a Deus por cada segundo que Ele me concedia para estudar.

Três semanas após iniciar meu aprendizado eu já havia lido, da primeira à última página, os dois livros emprestados pelo pastor. Hora de iniciar nova etapa: ensinar a mim mesma a escrever em inglês. Pedi papel e caneta ao pastor e comecei a escrever uma carta.

Enderecei-a a um homem ainda desconhecido, alguém em cuja existência eu acreditava fervorosamente: nosso libertador. Estava tão convicta de que seríamos libertadas que conferi traços e características ao meu herói imaginário, para que nosso encontro futuro parecesse mais real. Um soldado da ONU, alto, de pele morena, um pequeno bigode e sotaque britânico. Seu uniforme seria azul, limpo e bem passado, uma boina azul inclinada em direção a sua orelha direita. Um homem de fisionomia franca e bondosa, um sorriso honesto; olhos castanhos e cordiais que se encheriam de lágrimas compassivas ao ler a carta na qual eu narrava nossa sofrida história. Essa imagem que formei desse homem era exatamente o oposto da imagem que eu tinha dos assassinos.

Escrever aquela carta foi um passo importante na elaboração de meu novo modo de encarar a vida. Em minha mente, meu libertador era visto como um homem bom e humanitário, porque esse era o tipo de pessoa que eu desejava que nos viesse libertar. Já me tinham dito o quanto é importante visualizar aquilo que se deseja para o futuro, porque assim colaboramos para que se torne realidade. E eu, graças a Deus, passei a acreditar nessa filosofia.

Deus plantara uma semente em meu espírito quando me mandou aprender inglês. E através desse estudo eu aos poucos descobria que uma vida rica e emocionante me aguardava para além do genocídio. Sabia que tudo que imaginasse se tornaria realidade se fosse visualizado com fé, um coração puro e boas intenções — e se Deus achasse que seria bom para mim. Foi quando me dei conta de que poderia sonhar e visualizar meu destino. Jurei que sempre ousaria sonhar tudo o que desejava obter. E só sonharia coisas belas, como amor, saúde e paz, pois é essa a beleza que Deus deseja para seus filhos.

NO INÍCIO DE JUNHO VI-ME FRENTE A FRENTE COM MEU PASSADO. Meu namorado, John, e eu tínhamos namorado firme por dois anos e já tínhamos falado em nos casar quando eu terminasse a universidade. Embora tivéssemos nos desentendido seriamente antes da Páscoa (ele havia desmarcado a festa de noivado na qual nossas respectivas famílias seriam formalmente apresentadas), eu ainda acreditava que tudo se ajeitaria entre nós.

Não tínhamos mantido contato desde o início dos massacres, mas eu muitas vezes pensava nele durante minha permanência no banheiro e rezava para que estivesse são e salvo. Como se tratava de um hútu, estava provavelmente fora de perigo e livre para se movimentar à vontade pelo país. Perguntei-me muitas vezes se estaria procurando por mim, se tentava descobrir se eu estava morta, ou viva e escondida em algum local, à espera de que ele viesse salvar-me. A resposta veio junto com algumas outras e quando eu menos esperava.

Certo dia, já no final da manhã, ouvimos um tumulto na parte da frente da casa. Imediatamente concluí que se tratava de um grupo de assassinos em mais uma revista à nossa procura... mas percebi a seguir que a gritaria era de outro tipo. Não se ouviam as cruéis canções repletas de ameaças, nem pragas ou gritos de ódio — ao contrário, eram vozes alegres, felizes. Até então, sempre que chegava alguém, era para encher de medo meu coração, mas, pela primeira vez, a voz do recém-chegado reavivou em mim a ternura e o calor humano. Em meio às exclamações de boas-vindas trocadas

entre amigos que se reuniam, ouvi a risada de John, e minha respiração quase parou.

John tinha vindo de Kigali com alguns parentes afastados do pastor Murinzi, que, como outros milhares de hútus, fugiam da capital à medida que o exército rebelde se aproximava mais e mais da cidade. Com medo de represálias, abandonavam seus lares e vinham para o Sul, onde não havia chegado a guerra. No mínimo quarenta membros da família do pastor, inclusive John, planejavam instalar-se na aldeia, na esperança de não serem atingidos pela guerra.

Fiquei emocionada ao saber que meu namorado estava vivo, com saúde, até mesmo alegre — era maravilhoso saber que poderíamos nos encontrar em breve. Passei boa parte do dia imaginando se ele sabia que eu estava escondida na mesma casa.

Muito tarde da noite, quando todos dormiam, o pastor trouxe John até o banheiro. Senti-me tão feliz ao vê-lo que, por alguns momentos, cheguei a me esquecer de onde estava — e abracei-o tão forte que quase desmaiei com o esforço. Após semanas e semanas falando por intermédio de sinais, foi difícil reencontrar minha voz para dizer-lhe o quanto eu sentira sua falta e havia rezado por ele.

John recuou rapidamente, olhou-me de cima a baixo e, finalmente, disse:

— Mas como você está magra, Immaculée. Abraçar você é quase o mesmo que abraçar um monte de ossos.

Olhei para ele, ri e chorei ao mesmo tempo, tomada de surpresa pelas primeiras palavras que ele me dirigiu — eu esperava que dissesse que me amava, ou, pelo menos, que se sentia feliz por eu estar viva.

— É... você já não tem mais aquele corpo maravilhoso — continuou John —, mas continua bonita! Também rezei para que você estivesse viva e não tivesse sido estuprada. E aqui está você, viva e sem ter sofrido estupro.

Essas palavras me deixaram confusa; era como se fossem pronunciadas por outra pessoa, e não pelo meu namorado. Ele parecia mudado desde nosso último encontro. Com certeza ao

menos a *aparência* havia mudado: tinha deixado crescer o cabelo, num extravagante estilo afro, e seu rosto se escondia atrás de uma barba desgrenhada. Mas se apressou a explicar que não havia encontrado um barbeiro porque tudo continuava fechado enquanto durava o genocídio.

O pastor Murinzi interrompeu a visita depois de alguns minutos, pois temia que alguém nos ouvisse. Eu desejava tanto que pudéssemos ficar mais algum tempo juntos e falar de nossos sentimentos, mas era assim que tinha que ser. John e eu nos abraçamos mais uma vez antes que o pastor fechasse a porta do banheiro.

Agradei a Deus por ter conservado John vivo e bem-disposto... Mas logo sua presença na casa se tornou motivo de perturbação. Ele era livre, vivia como um príncipe — podia sair, comia bem, dormia numa cama com lençóis limpos, podia até conversar com sua mãe —, enquanto eu estava encurralada como um animal. Todos os dias eu ouvia pela janela como ele se divertia, ria, contava casos, fazia piadas e jogava basquete com seus amigos hútus. Mesmo *sabendo* que eu o ouvia. Claro, ele não era obrigado a passar o tempo todo aborrecido num canto, mas eu achava que era falta de sensibilidade comportar-se desse modo bem embaixo da janela do meu banheiro-prisão. Comportava-se como um rapaz em férias, enquanto à sua volta muita gente — minha gente — era assassinada, e sua namorada era procurada por bandidos e assassinos.

Muitas vezes, ao ouvi-lo divertir-se lá fora, abria a Bíblia e lia o seguinte:

O amor é paciente e benigno; não arde em ciúmes, não se vangloria, não tem soberba. Não se porta inconvenientemente, não busca os próprios interesses, não se irrita, não suspeita. O amor não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade. Tudo suporta, tudo crê, tudo espera. O amor é infundável. (1 Cor. 13:4-8)

Era esse o amor desejado por mim, o amor que Deus desejava para cada um de nós.

John veio me ver uma ou duas vezes depois daquela primeira noite, e senti-me contente com os poucos minutos que passamos juntos. Mas foram visitas muito curtas e raras para nos permitir a troca de idéias e sentimentos — e, por Deus, eu tinha tanta coisa a comunicar. Ele não parecia muito interessado em conversar comigo, nem em se aproximar, por pouco que fosse, do meu coração. Evidentemente seria perigoso para ele visitar-me com freqüência, especialmente com tantos hútus, parentes do pastor, na casa, mas mesmo assim!

Lembro-me de haver-lhe pedido, em uma de nossas conversas apressadas:

— Por favor, arranje tempo para me escrever um bilhete e mande-o entregar pelo pastor ou por Dusenge quando vierem à noite trazer comida. Isso é o quanto me basta, John... só umas palavrinhas para saber que você pensa em mim, que você se importa em saber como estou, que deseja manter vivo o nosso amor.

Ele prometeu escrever, mas nunca o fez. Na visita seguinte, usei um pouco do nosso precioso tempo para repreendê-lo:

— Por que você não me escreve como prometeu? Você tem noção do que eu estou passando?

— De uma coisa pelo menos eu tenho certeza: de que não há outros homens olhando para você, e isso é uma coisa a menos para eu me preocupar, entende?

Com essas palavras, John matou o amor que ainda restava entre nós. Deus nos deu o dom do amor para o compartilharmos um com o outro, e nutri-lo. É um dom precioso, que John preferiu desperdiçar.

[3](#) Eu. (N. da T.)

[4](#) Eu sou Immaculée. (N. da T.)

CAPÍTULO 15

Os Improváveis Salvadores

As primeiras notícias verdadeiramente boas que tive, pouco depois, vieram-me quando o morticínio estava no auge, e atos de crueldade viraram a norma.

Em meados de junho, mais de dois meses após nosso confinamento no esconderijo, ouvi Sembeba, filho do pastor, conversar com amigos sob a janela do banheiro. Falavam a respeito de mortes recentes que presenciaram na vizinhança, ou sobre as quais amigos lhes contaram em primeira mão, e as atrocidades que descreveram foram das mais horríveis que já ouvi.

Cheguei a pensar que vomitaria ao ouvir um dos rapazes descrever perversidades inimagináveis, tão casualmente quanto se estivesse narrando uma partida de futebol.

— Eles agarraram uma mãe, e todos se aproveitaram dela. Ela implorava que tirassem seus filhos dali, mas eles seguraram o marido e seus três filhinhos, ameaçando-os com facões encostados à garganta. Obrigaram todos eles a assistirem enquanto oito ou nove deles estupraram a mulher. No final, mataram toda a família.

Botei as mãos na cabeça enquanto eles trocavam entre si histórias horríveis. Contaram que crianças foram deliberadamente deixadas vivas e sofrendo depois de seus membros serem amputados, bebês esmagados contra rochedos, e que soldados HIV positivos receberam ordens para estuprar garotas adolescentes e infectá-las.

Houve muito mais, mas tapei os ouvidos e implorei silenciosamente, *Oh, Deus, se é isso que nos espera, por favor, receba-me agora em Seus braços amorosos! Leve-me para viver no Paraíso com Você, tire-me do inferno em que este país se transformou.*

Aos poucos, a conversa lá fora passou dos crimes de guerra à guerra propriamente dita. Alguns rapazes disseram que os soldados do governo estavam sendo de tal forma derrotados que Kigali cairia em breve nas mãos dos rebeldes. Estavam todos eles preocupados com o que aconteceria aos hútus se os rebeldes saíssem vitoriosos.

Sembeba contou que tinha ouvido dizer que os franceses mandariam tropas para Ruanda. Ele e seus amigos sentiram-se um pouco aliviados, pois os franceses eram ligados ao governo hútu. Os rapazes acreditavam que os franceses ajudariam o governo a derrotar os tútsis rebeldes e a expulsar do país a FPR. Nesse caso, a guerra terminaria, e os assassinos poderiam completar de vez sua missão sinistra.

De início, eu não sabia ao certo o que pensar do envio de tropas francesas. Muita gente dizia que os franceses haviam ajudado a treinar os Interahamwes, portanto *era* possível que os franceses viessem para ajudar o governo a completar o genocídio.

Mas eu não acreditava nessa possibilidade. Não, se os franceses ocupassem Ruanda, estariam sob os olhos do mundo inteiro. Haveria câmeras de TV e repórteres, o que queria dizer que o mundo veria as imagens do morticínio, do massacre e dos estupros. E se os habitantes dos países ricos vissem com seus próprios olhos — *realmente* vissem — o que estava acontecendo, eles *teriam* que fazer alguma coisa. Teriam que interromper o genocídio... Não é mesmo?

Mesmo que eles tivessem ajudado a treinar os assassinos, decidi, seria bom que os franceses viessem, pois qualquer estrangeiro chamaria a atenção do mundo para o nosso drama. Rezei para que chegassem bem e agradei a Deus por enviá-los. Verdade seja dita que, de acordo com seu histórico em nosso país, os franceses eram os salvadores menos prováveis. Mas algo eu havia aprendido durante minha vida no banheiro: que Deus realmente age de modo misterioso.

Poucos dias depois, ouvimos no rádio uma reportagem a respeito da Operação Turquesa, como foi chamado o projeto francês de enviar tropas para Ruanda. Soldados de vários países de língua

francesa acampariam perto do lago Kivu, que não ficava longe de onde estávamos.

Ao chegarem a Goma, no Zaire e perto da fronteira de Ruanda, foram recebidos no aeroporto, com grandes cerimônias de boas-vindas, pelos governantes hútus. Pelo rádio, escutamos o coral hútu que recebeu os soldados com uma canção composta especialmente para a ocasião, que entoava elogios aos franceses e celebrava a duradoura relação de amizade entre os dois países.

O pastor informou-nos que a cerimônia era uma prova de que os franceses vinham a Ruanda para matar tútsis, mas discordei. Estava certa de que Deus, uma vez mais, atendia às minhas orações, desta vez enviando alguém em nosso socorro. As Nações Unidas apoiavam o plano francês, um bom sinal. E, logo após desembarcarem, os franceses anunciaram, eles mesmos, pelo rádio, quais eram suas intenções. Ali estavam para criar refúgios seguros para os tútsis sobreviventes; os tútsis que conseguissem chegar até lá seriam protegidos pelos soldados franceses.

— Obrigada, meu Deus — sussurrei.

Mais uns dias se passaram, e um helicóptero francês sobrevoou nossa área. Tínhamos certeza de que procuravam sobreviventes — procuravam por *nós* — e nossos corações se rejubilaram. Segundo as informações dadas pelo rádio, eu sabia que os franceses ainda estavam longe para que os alcançássemos, e, como a guerra ainda não terminara, milhares de assassinos armados ainda rondavam a área caçando tútsis. Mas para mim era evidente o que devíamos fazer.

Quando o pastor chegou mais uma vez para nos trazer os restos de comida, dei minha opinião.

— Acho que devíamos ir para onde estão os soldados franceses — informei.

— Não é uma boa idéia, Immaculée. Não acredite que eles vieram ajudar os tútsis. Eles a matariam assim que a vissem — foram suas palavras. E me dispensou com um gesto.

— Não tem importância, pastor, prefiro ser morta rapidamente por um soldado estrangeiro do que dar a esses assassinos Interahamwes o prazer de me matar. Melhor morrer de forma limpa pelas mãos dos

franceses do que morrer depois de insultada e degradada por nossos carrascos.

O pastor pareceu chocado pelo que eu disse, e reafirmou que eu e as outras mulheres devíamos permanecer no banheiro e torcer pelo melhor. Mas viu que as outras sete apontavam para mim e faziam com as cabeças sinal de que concordavam.

— Também prefiro viver com os franceses num campo de refugiados do que ir para a floresta casar-me com um abashi — acrescentei, ao ver que as mulheres continuavam dizendo sim com a cabeça. — Quanto aos franceses, ou eles nos salvam ou eles nos matam... de toda forma, pastor, acho que é melhor nos arriscarmos com eles.

O pastor suspirou e encolheu os ombros — parecia até aliviado com nosso pedido. Tinha agora muito mais gente morando com ele do que no início da guerra, e abrigar-nos era uma preocupação constante.

— Se vocês querem mesmo ir ao encontro dos franceses, vou descobrir onde eles estão e ver se é possível levá-las até lá — ele finalmente aquiesceu. — Mas não criem muitas esperanças. Lá fora ainda é muito perigoso... Uma tútsi que for vista na estrada será morta imediatamente.

O PASTOR MURINZI ESTAVA PREOCUPADO. Temia que os três meses de confinamento em seu pequeno banheiro tivessem afetado nossas mentes, e decidiu que precisávamos de estímulo. Uma noite, enquanto aguardávamos notícias sobre o local onde estavam as tropas francesas, chegou com um convite surpresa. Pela primeira vez desde que nos trancaram, convidou-nos para acompanhá-lo numa visita à parte principal da casa. E não seria uma visita qualquer — o convite era para assistir a um filme.

Alta madrugada, quando todos na casa dormiam profundamente, o pastor guiou-nos pelo corredor até um cômodo desocupado, onde havia instalado uma TV e um vídeo. Pelo caminho, não cessava de nos mandar ficar quietas, por causa do barulho que fazíamos; depois de meses sentadas, nossas pernas estavam bambas e esbarrávamos o tempo todo contra as paredes. Apesar de tudo, senti-me muito

grata ao pastor por conceder-nos uma folga fora do banheiro, e todas nós sorriamos de uma orelha a outra.

Com medo de que fôssemos ouvidos, o pastor, por precaução, passou o vídeo com o som desligado. Por sorte, a essa altura, tínhamos boa experiência de leitura labial e não foi difícil acompanharmos o filme. Não me recordo do título, mas lembro-me vivamente da história. Era a respeito de uma enfermeira designada para uma aldeia no deserto, onde não havia médicos, de modo que, para salvar vidas, teve que exercer a medicina sem a devida habilitação. Foi acusada por suas boas obras, mas, no final, reabilitada — e, ao terminar o filme, triunfou e se tornou famosa.

A história era edificante, mas o que mais me lembro a respeito do filme é uma cena em que um rapaz andava de bicicleta através de um parque e cantava. Minha primeira reação foi preocupar-me: temi que ele fosse descoberto pelos assassinos e atacado, e quis gritar-lhe que fosse esconder-se. Então lembrei-me de que era apenas um filme, e nem ao menos se passava em Ruanda. Havia-me esquecido de que há lugares no mundo em que nascer tútsi não é um crime punível com a morte. Depois que me convenci de que o rapaz não corria perigo, quis desesperadamente pular para dentro da tela e juntar-me a ele. Desejei correr por um gramado, cantar uma bela canção e louvar em voz alta o Senhor! Desejei viver num mundo no qual as crianças rissem e ninguém fosse obrigado a se esconder.

Infelizmente, o prazer de uma noite no cinema foi de curta duração. Um dos empregados do pastor tinha ido lá fora e visto a luminosidade azul da TV brilhando através da janela, num lugar que ele sabia que estava sempre desocupado. Na expectativa de uma recompensa, denunciou a um grupo de assassinos o que havia visto, e disse-lhes que há muito suspeitava de que o pastor Murinzi escondia tútsis em algum lugar da casa.

Um amigo do pastor avisou-o de que um grupo, composto de muitos assassinos, programava uma revista em sua casa. E disse que o grupo já desconfiava de que o pastor vinha mentindo para eles há muitas semanas, e estavam todos muito zangados.

O pastor estava bem nervoso quando veio nos avisar do acontecido. Eu nunca o vira tão assustado. Caiu de joelhos e, pela

primeira vez desde nossa chegada, juntou as mãos e rezou por nossas almas.

— Querido Deus, se chegou a hora dessas senhoras partirem, por favor, leve-as de forma rápida.

A oração não me pareceu das mais confortadoras. Ele conseguiu que ficássemos mais amedrontadas do que já estávamos — se é que tal coisa era possível.

— Pastor, o senhor acha que o empregado nos viu voltar para o banheiro depois do filme? Acha que sabem onde realmente estamos? — murmurei.

— Não tenho certeza do que eles sabem, mas logo descobriremos. Os assassinos estão a caminho. Se têm conhecimento do banheiro e encontrarem vocês lá, morreremos todos.

CAPÍTULO 16

Manter a Fé

Ouvi quando os assassinos chamaram meu nome, e o demônio voltou a cochichar em meu ouvido: *Agora eles sabem quem é você... eles sabem onde você está...*

Minha cabeça deu um estalo, e fiquei totalmente desorientada. Por que chamavam *meu* nome — como sabiam que eu estava ali? Viriam até o banheiro?

Tentei recorrer a Deus, mas tudo que ouvia era a voz maligna gritando no meu ouvido... e o canto mau, sádico, dos assassinos ecoando por toda a casa. Com a roupa ensopada de suor, tentava desordenadamente recuperar minha fé.

Eram centenas de assassinos dessa vez. Berravam com o pastor, acusavam-no e ameaçavam.

— Onde ela está? — perguntavam com insistência. — Sabemos que ela está aqui, em algum lugar. Tratem de encontrá-la... Encontrem Immaculée.

Entraram no quarto do pastor. Estavam do outro lado da parede, menos que 2,5 centímetros de gesso e madeira nos separavam. Seus passos faziam a casa tremer, eu ouvia seus facões e lanças baterem contra as paredes.

Em meio ao caos, reconheci a voz de um amigo da família.

— Já matei 399 baratas — gabou-se. — Com Immaculée serão quatrocentas. Esse é um bom número para se matar.

Agachei-me num canto, o diabo ria de mim: *Eles sabem o seu nome... sabem que você está aqui. Onde está Deus agora?*

Os assassinos pressionavam o pastor:

— Onde estão os túsis? Você sabe o que faremos com eles quando os encontrarmos. Onde ela está, pastor? Onde está

Immaculée? Ela estava aqui quando foi vista pela última vez. Onde você a escondeu?

Meu espírito recaiu nos braços do medo e da dúvida, eu sentia mais medo do que durante a primeira visita dos assassinos. Suas vozes dilaceravam minha carne. Senti-me em fogo, como se estivesse deitada sobre um leito de carvões ardentes. Uma avassaladora onda de dor tomou todo meu corpo, e milhares de agulhas invisíveis o penetraram. Tentei, mais uma vez, rezar. *Querido Deus, perdoe-me por esse deslize em minha fé... Confio em Você, meu Deus... Sei que Você há de nos salvar. Você é mais forte do que todo o mal presente nesta casa.*

No cômodo onde havíamos assistido ao filme, os assassinos reviraram a mobília e chamaram meu nome repetidamente.

— Queremos Immaculée... chegou a hora de matar Immaculée.

Cobri os ouvidos e desejei possuir um daqueles facões para cortá-los fora e silenciar aquela voz.

— Oh, Deus... — comecei a rezar em voz alta, mas não consegui formar uma única palavra mais. Tentei engolir, mas minha garganta se fechou. Não havia saliva em minha boca, mais seca do que areia. Fechei os olhos e rezei para que eu desaparecesse, mas as vozes soavam cada vez mais alto. Eu sabia que eles não teriam piedade, e um pensamento único ecoava em minha mente: *Se me pegarem, eles vão me matar. Se me pegarem, eles vão me matar. Se me pegarem, eles vão me matar...*

Pus a Bíblia na boca e apertei-a com toda a força entre os dentes. Queria engolir as palavras de Deus, levá-las até minha alma. Queria reencontrar Seu espírito, mas o espírito negativo que há tanto tempo me atormentava semeava imagens terríveis em minha mente. Via nitidamente o que os assassinos fariam quando nos encontrassem: via a tortura, a humilhação, a morte...

Oh, Deus, por piedade! Gritei silenciosamente. Por que Você me quer ver passar por tudo isso? Por quê? Que mais posso fazer para lhe provar que O amo? Quero crer, meu Deus, que Você vai nos salvar. Como posso aumentar minha fé? Rezo tanto, Deus, tanto... mas eles estão tão próximos, e eu estou cansada. Oh, Deus... estou tão cansada.

Sentia-me tonta — a consciência foi se apagando até que as vozes retumbantes dos assassinos se tornaram um rugido surdo e distante. Dormi... e sonhei com Jesus.

Eu flutuava acima das companheiras; elas tremiam no solo, abaixo de mim, e seguravam Bíblias sobre suas cabeças. Pediam a Deus misericórdia. Olhei para o alto e vi que Jesus pairava mais acima, num lago de luz dourada, braços estendidos para mim. Sorri, e desapareceram as dores que se haviam tornado parte do meu corpo depois de passar tanto tempo agachada. Já não sentia fome, sede ou medo — eu estava em paz... feliz.

E Jesus falou:

— Montanhas são movidas pela fé, Immaculée, mas se fosse fácil ter fé, todas as montanhas haveriam desaparecido. Confie em mim, saiba que jamais a abandonarei. Confie e não sinta mais medo. Confie, e eu a salvarei. Colocarei minha cruz sobre esta porta, e eles não chegarão a você. Confie em mim e viverá.

Subitamente vi-me no chão outra vez, ao lado das companheiras. Os olhos delas ainda estavam fechados, mas os meus, bem abertos, viram uma grande cruz, feita de luz branca, que se estendia de parede a parede, diante da porta do banheiro. Ao olhar para a cruz, uma energia radiante tocou de leve minha face e aqueceu minha pele como se fosse o sol. Soube instintivamente que uma força divina emanava da cruz, e essa luz afastaria os assassinos. Tive certeza de que estávamos seguras e protegidas, então me ergui de um salto, sentindo em mim mesma a força de uma leoa. Agradei a Deus por, mais uma vez, me haver tocado com Seu amor. Olhei para as outras mulheres.

Pela primeira e última vez durante todo o tempo em que permaneci no banheiro, gritei para as companheiras:

— Estamos salvas! Acreditem em mim... Tudo vai ficar bem!

A altura da minha voz atingiu-as como uma tapa na face. Olharam-me como se eu fosse louca, depois estenderam as mãos e me puxaram para baixo. Sorri — embora já não visse a cruz sobre a porta, sabia que estava lá. Os assassinos haviam saído da casa... Ouvi-os cantar enquanto se afastavam.

À noite o pastor veio falar conosco.

— Eles foram diretamente para o local onde eu passei o filme para vocês — explicou-nos. — Não deixaram nada inteiro lá. Como não encontraram coisa alguma, quase não deixaram inteiro o meu empregado também. Pediram-me desculpas, mas já não é seguro para vocês aqui. Despedi o empregado... Agora ele está ressentido e desconfiado. É amigo dos outros empregados e tenho certeza de que todos eles vão vigiar cada movimento daqui para a frente. Tomara que as tropas francesas cheguem logo a nossa região.

Por mais algumas semanas, vivemos em suspense. Os assassinos fizeram nova visita e viraram o quarto do pastor de cabeça para baixo à procura de algum sinal indicativo de que havia tútsis escondidos. E mais uma vez prometeram voltar.

O pastor estava tão preocupado com a possibilidade de que o estivessem espionando que passou a nos trazer comida com menor freqüência. Dizíamos de brincadeira que havíamos encontrado um meio seguro de escapar dos assassinos — morrer de fome —, mas a fome nos atormentava muito.

JÁ ERA O INÍCIO DE JULHO quando ouvimos um empregado da casa bater à porta do quarto.

— Pastor, faz muito tempo que não entro nesse banheiro. Não seria bom limpá-lo agora?

Enrijecemos todas... Essa tortura nunca teria fim?

— Não se preocupe com o banheiro — o pastor respondeu. — Eu já fiz a limpeza.

— O senhor não devia; isso é obrigação *minha*. Deixe-me entrar e eu faço uma limpeza completa para o senhor.

— Não, eu perdi a chave, não uso mais esse banheiro... pode ir embora. Não quero ser incomodado.

— Quem sabe eu consigo abrir, mesmo sem a chave?

— Vá embora! Já não lhe disse que não quero ser incomodado?

Em três meses essa era a primeira vez que alguém sugeria limpar o banheiro, portanto tudo indicava que o rapaz adivinhou onde nós estávamos escondidas. Ficamos apavoradas, certas de que ele iria chamar os assassinos e avisá-los onde deveriam procurar: o único cômodo da casa que eles não haviam *ainda* revistado!

O rapaz se retirou, e o pastor veio dizer-nos que não acreditava que ele fosse imediatamente falar com os assassinos.

— Eles quase mataram o outro rapaz quando não encontraram tútsis lá onde ele lhes disse para procurar — explicou —, portanto penso que este vai esperar até obter provas. Ele não irá hoje, mas com certeza irá em breve.

Entreolhamo-nos, sabendo que nosso prazo estava esgotado.

— Ouvi dizer esta manhã que os soldados franceses estão na área, à procura de tútsis sobreviventes; vou falar com eles hoje. Tratem de ficar o mais quietas possível enquanto eu estiver fora — disse o pastor, e saiu de casa apressado.

Assim que ele se foi, o empregado começou a torturar-nos. Pudemos ouvi-lo andar para lá e para cá sob a janela do banheiro durante toda a manhã. Sabíamos que estava atento ao som de vozes ou movimentos, para ter suas suspeitas confirmadas antes de contatar os assassinos. Não movemos um só músculo por muitas horas.

Em determinado momento, ele puxou um banco, ou uma mesa, para debaixo da janela e subiu. Retivemos a respiração quando ele escalou a parede e quase desmaiamos quando vimos sua sombra contra a cortina. Felizmente a janela estava fora do seu alcance, mas ele passou o restante do dia ali, à espera de ouvir algum som.

À noite o pastor regressou, desta vez com boas notícias — talvez as melhores que já recebi na vida.

— Encontrei os franceses e contei-lhes a respeito de vocês. Eles não estão longe daqui e disseram-me para levar vocês até lá amanhã, bem cedo, entre duas e três horas da madrugada.

Mal pudemos acreditar no que ouvimos — íamos finalmente deixar o banheiro. “Graças a Deus”, murmuramos todas ao mesmo tempo.

Imediatamente, entretanto, o pastor esfriou nossos ânimos.

— Sim, graças a Deus — disse ele. — Só espero que não seja tarde demais para vocês. Depois que deixei os soldados, encontrei um amigo que me disse que os assassinos viriam novamente revistar minha casa. Virão esta noite, ou amanhã de manhã — rezem para que seja amanhã.

Rezamos muito!

NÃO POSSUÍAMOS BAGAGEM PARA ARRUMAR — tudo o que tínhamos eram as roupas que vínhamos usando diariamente, por três meses. Tomar um banho também estava fora de questão, e nos contentamos com trançar os cabelos umas das outras. Queríamos estar o mais bonitas e apresentáveis possível para o encontro com os soldados franceses. Não tínhamos noção de que era *impossível*, a essa altura, dar-nos uma aparência agradável.

O pastor Murinzi chegou às duas horas e nos disse para esperarmos em seu quarto enquanto acordava os filhos e lhes contava a nosso respeito. Aproveitamos a espera para nos olharmos no espelho do quarto. Era a primeira vez que nos víamos num espelho desde nossa chegada, e quase morremos do choque — parecíamos mortas vivas. Nossas faces estavam flácidas, e nossos olhos tão afundados nas órbitas que nossas cabeças pareciam crânios vazios. As costelas eram salientes, as roupas pendiam de nossos corpos como se penduradas em cabos de vassoura. Eu pesava 52 quilos ao entrar no banheiro e saí de lá com apenas 29. Todas nós sentimos desejos de chorar.

Quando o pastor retornou com seus dez filhos, todos recuaram imediatamente, exceto Lechim e Dusenge. Sentiram-se genuinamente chocados e totalmente confusos. As moças começaram a chorar; uma delas chegou a sair do quarto correndo e gritando:

— Fantasmas! Fantasmas tútsis! Voltaram do mundo dos mortos para nos matar!

O pastor ordenou-lhe que calasse a boca e sossegasse, então explicou-lhes quem éramos.

Nenhum deles conseguiu acreditar que tínhamos estado esse tempo todo escondidas na casa sem que eles percebessem. Tocaram-nos — apalpam nossos ossos faciais, costelas e braços — numa tentativa de convencer a si mesmos de que éramos realmente humanas. Tinham mil perguntas a fazer:

— Onde vocês estavam? Como couberam todas ali? O que vocês comiam? Há quanto tempo estão aqui? Como puderam ficar tão quietas? Vocês tomavam banho? Não falavam? Como conseguiam dormir sentadas?

Tentamos responder, mas estávamos exaustas por ficar de pé, e nossos músculos protestavam contra a posição ereta depois de passarmos tantos meses sentadas no chão.

O pastor disse aos filhos que olhassem bem para nós.

— Em nome de Deus, prestem atenção, e isto vale para vocês todos — recomendou. — Se tiverem a oportunidade de ajudar os desafortunados, como essas senhoras, não deixem de fazê-lo, mesmo que signifique arriscar a própria vida. É assim que se deve viver, segundo a vontade de Deus.

Meu coração se abrandou em relação ao pastor. Claro, muitas vezes, durante os últimos meses, tinha ficado furiosa com ele, e algumas coisas que o ouvi dizer foram insensíveis, ignorantes e cruéis... Mas ele havia arriscado tudo por nós, e nos havia salvo. Ali, aguardando o começo de um novo capítulo da minha vida, senti-me grata. Pedi a Deus que velasse por esse homem depois de nossa partida.

Os filhos do pastor olharam orgulhosos para o pai, e depois para nós, cheios de compaixão — todos eles, isto é, menos Sembeba. Esse era o filho que ouvíamos, semanas antes, dizer ao pai que os tútsis mereciam morrer e que, agora, num canto, olhava para o chão contrariado. Rezei para que ele algum dia encontrasse a verdade e a misericórdia divinas, e que não nos denunciasse aos assassinos antes de partirmos.

Shimwe, a filha do pastor que havia fugido do quarto ao nos ver, deu-me uma toalha e um dos seus suéteres para vestir. Abraçou-me com força e disse que rezaria por mim. Depois do total isolamento e tantas privações, faltam-me palavras para descrever esse momento de terno contato humano.

Nós oito dissemos adeus aos demais filhos do pastor, e ele nos conduziu do banheiro para o ar fresco da noite.

PARTE III

UM NOVO CAMINHO

CAPÍTULO 17

As Dores da Liberdade

Fui invadida pelas sensações noturnas. A suavidade do ar tocando meu corpo, o frescor em meus pulmões e o brilho, a beleza hipnótica dos bilhões de estrelas que dançavam diante dos meus olhos levaram minha alma a entoar *Deus seja louvado!*

Saboreava meu primeiro contato com a liberdade, mas o pastor Murinzi falou impaciente:

— O que você está olhando? Vamos logo, temos que partir imediatamente.

Ele e as outras mulheres aguardavam ao lado do portão, com John, que desejava acompanhar-nos até o acampamento francês. Um belo gesto, mas chegou tarde demais. Eu não tinha como saber se sobreviveria ao genocídio — ou mesmo se veria o dia amanhecer —, mas tinha certeza de que nossa relação estava morta.

O pastor abriu o portão e seus filhos (com exceção de Sembeba) saíram da casa com lanças, facas e porretes. Depois que atravessamos o portão, formaram um círculo fechado em torno de nós, criando um escudo, para nos subtrair ao olhar de empregados desconfiados ou vizinhos mal-intencionados.

Logo estávamos em campo aberto, na mesma estrada de terra que me trouxera até o banheiro, três meses antes. À medida que meus olhos se acostumavam à escuridão, vi que tanto o pastor Murinzi quanto John estavam armados: John levava uma lança comprida, e o rifle do pastor pendia do seu ombro. Imaginei o que eles fariam se encontrássemos um bando de assassinos. E logo tive a resposta.

Não percebemos sua vinda — surgiram da noite, numa elevação da estrada. Eram talvez uns sessenta Interahamwes em fila dupla, e,

mesmo sem seus uniformes assustadores, eram uma visão apavorante. Estavam bem armados e andavam depressa, vindo em nossa direção com facões, fuzis, granadas, lanças e grandes facas de açougueiro — havia um que usava arco-e-flecha.

Passamos tão perto deles que pude sentir o odor de seus corpos e o álcool em seus hálitos. O extraordinário é que senti menos medo ao andar perto deles do que quando me escondia no banheiro. Assim mesmo pedi a Deus que nos protegesse e me livrasse do medo.

Minhas companheiras e eu ficamos no centro do grupo de escolta, de cabeça baixa, na esperança de que os Interahamwes não notassem que éramos mulheres. Passamos por eles sem incidentes — alguns assassinos chegaram a dizer alô e desejaram boa sorte ao pastor e a John. Talvez tenham pensado que também éramos assassinos em uma caçada noturna, ou Deus os tinha deixado cegos... provavelmente as duas coisas, pensei. Além disso, com o genocídio no pé em que estava, não acreditariam, nem achariam possível que houvesse tantos tútsis num só lugar. E tinham boas razões para pensar assim, pois havia cadáveres por toda parte ao longo da estrada.

Deus me havia atendido e dissipado meu medo, mas, aparentemente, não havia estendido essa bênção ao pastor e a John. Ambos ficaram visivelmente abalados com o encontro com os Interahamwes. Mal os perdemos de vista, John e o pastor reavaliaram a situação.

— Senhoras, terão que seguir sozinhas daqui por diante — disse o pastor. — Os franceses estão próximos... sigam em frente; ficaremos de vigia até que vocês desapareçam da nossa vista.

Apertei rapidamente a mão do pastor; em seguida, ele, seus filhos e John se esconderam entre a vegetação. As outras mulheres e eu ficamos completamente expostas e não podíamos perder tempo. O acampamento francês estava a pouco mais de 500 metros de distância, e corremos o mais depressa que podiam nossas pernas enfraquecidas.

Meu coração batia descompassado ao chegarmos ao acampamento, armado em uma residência abandonada, que

pertencera a religiosas protestantes. As outras mulheres se encolheram amedrontadas, enquanto eu sacudia o portão e chamava o mais alto que podia:

— Por favor, ajudem-nos! Por favor, precisamos de ajuda!

Havia tanto tempo que eu não falava, a não ser em sussurros, que minha garganta doeu com a tentativa de gritar. Minha voz estava rouca, e tão baixa que era quase inaudível. Minhas companheiras entraram em pânico ao ver que não havia ninguém esperando para nos salvar e começaram a gemer. Alguns segundos depois, seis ou sete soldados surgiram, do outro lado da cerca, com metralhadoras apontadas para nós. Mandei calar minhas companheiras, e, como eu era a única que falava francês, expliquei aos soldados quem éramos e de onde vínhamos.

Eles nos olharam desconfiados, com as armas apontadas e prontas para atirar.

— É verdade! Tudo o que eu disse é verdade... Estávamos à espera de que vocês viessem nos salvar — insisti, desesperada.

O soldado mais baixo de todos — um homem de cara enfezada e pele clara, com a cabeça raspada — veio até o portão e apontou o facho da lanterna para nossos rostos. Ele obviamente inspecionava o formato de nossos narizes. Corria o mito de que os h́tus tinham narizes chatos e largos, e os dos tútsis eram finos e estreitos. Aparentemente passamos no teste, pois ele abriu o portão e nos deixou entrar. Entretanto, não baixou o fuzil enquanto examinava nossas carteiras de identidade.

A respiração das mulheres se acelerou — nenhuma delas estava com a carteira, e todas pensaram que seriam imediatamente fuziladas pelos franceses. Por sorte, eu havia colocado a minha no bolso ao sair de casa três meses antes. O soldado examinou a carteira, com a palavra *Tútsi* carimbada, e acenou com a cabeça aprovando. Dei minha palavra como garantia de que as demais também eram tútsis, e disse a elas:

— Vai dar tudo certo para nós.

Um dique de emoções rompeu-se, liberando medos, frustrações e ansiedade, represados durante meses, e algumas mulheres se puseram a soluçar descontroladamente. A atitude dos soldados

mudou instantaneamente — baixaram as armas e falaram com gentileza, suas vozes cheias de bondade e interesse. Deram-nos água e queijo, a primeira comida decente que víamos depois de tanto tempo. Comemos avidamente, já certas de que os franceses não nos matariam como tinha previsto o pastor.

— Tudo bem, senhoras, está tudo bem — disse o soldado baixinho. — Não precisam mais se preocupar... seu pesadelo acabou. Não permitiremos que lhes façam mal. Entendem? Estão a salvo agora; vamos tomar conta de vocês.

Traduzi o que ele havia dito, e logo estávamos todas chorando. Parecia impossível que tudo estivesse terminado, mas ali estávamos nós, cercadas por tropas regulares, armadas com fuzis enormes, que prometiam não deixar que os assassinos voltassem a se aproximar de nós.

Assim que nos acalmamos, nossos salvadores explicaram que estávamos num acampamento avançado, portanto enviariam uma mensagem pelo rádio solicitando o envio de um caminhão para nos transferir para o acampamento base, a 16 quilômetros dali. Aconselharam-nos a dormir um pouco enquanto aguardávamos.

Afastei-me das companheiras — sentia falta de algo de que estivera privada por tanto tempo, um momento de privacidade. Estendi-me sobre o chão e absorvi tudo ao meu redor: pedras que machucavam minhas costas, a terra úmida em meus dedos, folhas secas arranhando minha face e o som de animais movimentando-se na escuridão. Eu estava viva, e a sensação era maravilhosa.

De olhos fixos na noite, senti-me novamente empolgada pela beleza indescritível da luminosidade esbranquiçada que emanava das miríades de estrelas criadas por Deus. Uma luz tão intensa que me permitia distinguir com facilidade o caminho que nos trouxera até ali, o mesmo que levava à minha casa. Perguntava a mim mesma se minha família estaria escondida nas redondezas... ou se teriam passado a uma outra vida e agora existiam somente do outro lado, além das galáxias eternas acima de mim.

Meu olhar concentrou-se novamente na estrada. Lembrei-me de como meus irmãos e eu a percorríamos para ir aonde quer que fosse. Para o mergulho matinal de nossa infância no lago Kivu, para

ir à escola cada manhã, à igreja aos domingos, em visita aos parentes e amigos, ou em busca de alguma aventura maravilhosa nas férias de verão — aquela estrada me havia levado a todos os lugares que eu amava. A estrada atravessou minha vida, mas essa vida já não existia. Era agora um caminho percorrido por assassinos e estupradores. Uma tristeza profunda tomou conta de mim à medida que me dava conta de que, acontecesse o que acontecesse, minha vida jamais voltaria a ser a mesma.

Fechei os olhos e disse a Deus que cabia-Lhe encontrar o novo caminho que eu deveria seguir.

EU TIRITAVA. O AR FRIO ARREPIOU MINHA PELE e lembrou-me de que já não estava no banheiro úmido e apertado. Levantei-me, alonguei-me em direção ao céu e fui dar uma volta pelo acampamento. Senti-me destemida, mesmo ao me deparar com dois homens sentados na penumbra.

Assustei-os, e um deles se pôs de pé num salto. Depois de um segundo, gritou:

— Immaculée, é você mesma?

— Jean Paul?

— Como você conseguiu ficar viva?

— Deus me poupou. E você? Como está vivo também?

— Deus *me* poupou.

— Que bom ver você!

— Que bom ver *você!*

Não sabia se ria ou chorava diante do rumo que havia tomado a conversa, ao mesmo tempo era maravilhoso poder voltar a falar em voz alta com um amigo. Jean Paul e meus irmãos eram bons camaradas.

— Olá, Jean Baptiste, estou contente por ver você também — disse ao irmão de Jean Paul, ainda sentado. Jean Baptiste não respondeu, e só entendi por que quando me abaixei para apertar sua mão. Havia uma cicatriz irregular, de 2,5 centímetros de largura, em torno do seu pescoço e que desaparecia sob a camisa. Não estava completamente cicatrizada, então sua cor era de um vermelho esbranquiçado, que contrastava com sua pele escura.

Havia cortes profundos em sua cabeça, um deles tão profundo que era difícil imaginar como ele havia sobrevivido ao golpe.

— Ele não pode falar muito por enquanto... — lamentou Jean Paul em voz baixa.

Embora o próprio Jean Paul estivesse extremamente abatido, sentamo-nos para narrar nossas respectivas histórias. Contei-lhe onde eu estivera e descrevi o que se passara na casa do pastor. Ele, por sua vez, contou-me que o genocídio estava arrefecendo no Norte, desde a queda de Kigali, mas era ainda violento ali na província de Kibuye, onde estávamos.

— Kigali caiu? — perguntei, chocada e feliz.

— Sim, caiu, mas há muitos assassinatos ainda — respondeu ele.

— Para dizer a verdade, por aqui está ainda pior do que antes. Quanto mais difícil é a situação deles na guerra, mais cruéis eles se tornam. Estão frustrados também — já eliminaram tantos tútsis que já não é fácil encontrar alguns de nós para matar.

Surpreendi-me por Jean Paul e o irmão estarem no acampamento, pois sempre pensei que fossem hútus. Tinham a pele bem escura, a estatura razoavelmente baixa, e seus narizes eram chatos e largos — uma noção tipicamente europeia do que era ser um hútu. Isso já não fazia qualquer sentido, já que gerações de casamentos intertribais tornaram ultrapassada essa noção, que não passava de preconceito. Jean Paul disse-me que fora sua aparência hútu que lhe permitira manterem-se vivos:

— Isso e a bondade de um assassino — ele completou, antes de narrar o que tinha acontecido a sua família. — Os assassinos vieram uma semana após a derrubada do avião do presidente. Eu estava de visita a meu amigo Laurent, um hútu que morava algumas casas adiante da minha, quando os ouvi chegarem à casa de meus pais. Eram uns trezentos deles — em sua maioria vizinhos e velhos amigos da família. Arrombaram a porta da frente e retalharam todos os que encontraram: meus irmãos, minhas quatro irmãs, minha mãe e meu pai. Mataram todo mundo... pelo menos foi isso que pensaram. Jean Baptiste ainda estava vivo, mas sangrava tanto que morreria.

“Arrastei-o por alguns quilômetros através do mato até um hospital onde os médicos não nos conheciam. Depois, Laurent nos escondeu até a chegada dos franceses. Mas foi horrível. Ele nos escondeu e salvou, mas era doloroso estar vivo. Laurent nos desejava bom-dia ao acordar, depois saía e passava horas caçando tútsis junto com os que mataram minha família. Quando voltava à noite para fazer o jantar, eu via respingos de sangue em suas mãos e na sua roupa, que ele nem se dava o trabalho de lavar. Nossas vidas dependiam dele, então não podíamos dizer nada. Não entendo como há pessoas capazes de ao mesmo tempo fazer o bem e o mal.”

E eu disse:

— O genocídio acontece no coração das pessoas, Jean Paul. Os assassinos são boas pessoas, mas neste momento o mal se apoderou de seus corações.

Prometi a Jean Paul que rezaria por sua família. Só então me dei conta de que ele talvez soubesse o que tinha acontecido a meus pais e irmãos, já que permanecera na área durante todo o genocídio. A questão era: Será que eu *queria* saber o que acontecera? Estaria forte o bastante para receber a informação? Se eu soubesse com certeza que estavam mortos, não haveria como voltar a ser o meu antigo eu, à minha vida como era antes.

Decidi que seria melhor enfrentar a verdade. Eu fingiria saber que minha família morreu, de outro modo ele tentaria me poupar e não diria nada. Tinha que encontrar um artifício para provocá-lo a contar o que eu precisava saber. Enfiei a mão no bolso, segurei o rosário vermelho e branco de meu pai e pedi a Deus que me desse forças.

— Quanto ao meu pai, Jean Paul... Eu sei que ele foi morto, só não sei onde. Será que você sabe os detalhes?

— Sei sim, sei de tudo. Laurent estava presente e viu como foi. Mataram seu pai na cidade de Kibuye.

Suas palavras penetraram como uma lança em meu coração. Cobri os olhos com os punhos e virei o rosto, para esconder as lágrimas.

— Seu pai foi morto um dia ou dois depois que meus pais foram assassinados — prosseguiu Jean Paul. — Acho que foi no dia 14 de abril. Ele tinha ido falar com um funcionário do governo para pedir

que mandassem comida para o estádio, onde milhares de refugiados não comiam há dias. Foi um grande erro.

Papai, papai! Por que você tinha que ser sempre tão bom... e tão bobo? O prefeito de Kibuye era uma espécie de governador, e tinha sido amigo de meu pai. Mas outros h́tus extremistas, que também eram seus amigos, o haviam traído. Eu não consegui entender como papai continuou acreditando neles. Mas sabia também que ele sacrificaria a própria vida para alimentar os famintos — para ele não haveria escolha. Meus olhos ardiam e meu estômago doía enquanto Jean Paul continuou.

— Laurent contou que o prefeito chamou seu pai de idiota e mandou os soldados arrastarem-no para fora. Fuzilaram-no nos degraus da prefeitura e abandonaram seu corpo na rua.

— Entendo... Obrigada por me contar tudo, Jean Paul. Foi melhor eu saber — eu disse, fazendo de tudo para manter a voz firme. Senti-me grata pela escuridão que escondia meu rosto. — E minha mãe? Sei que ela também foi morta, mas não sei como.

— A Rose? — ele interrompeu. — Foi uma das primeiras da região a morrer. Foi assassinada alguns dias antes de seu pai. Acho que Laurent foi um dos assassinos, já que sabia de todos os detalhes. Foi assim: ela estava escondida no quintal da vizinha de sua avó. Alguém estava sendo assassinado ali perto, e ela pensou que fosse seu irmão. Saiu para a rua gritando “não matem meu filho, não matem meu Damascene”.

“Não era Damascene, mas, assim que a viram, os assassinos perseguiram sua mãe. Disseram que, se ela lhes desse dinheiro, a deixariam em paz. Ela concordou e foi pedir algum emprestado a sua amiga Murenge. Mas Murenge expulsou-a. ‘Saia da minha casa — aqui não ajudamos baratas.’ E disse aos assassinos que levassem sua mãe para matá-la na rua, porque não queria sujeira no seu quintal. Sua pobre mãe foi arrastada para a rua e retalhada. Vizinhos a enterraram. Ela foi das poucas a serem enterradas... Em pouco tempo havia mortos demais, e sobrou pouca gente para cavar túmulos.”

Cada palavra que ele dizia era uma tortura, mas eu era refém das informações. Encorajei-o a contar mais.

— Você teve notícias do meu irmão caçula, Vianney? — perguntei, aguilhoada pela culpa ao lembrar como tinha mandado meu irmão menor embora da casa do pastor em plena noite.

— Mataram Vianney no estádio de Kibuye, junto com seu amigo Augustine. Havia milhares de pessoas lá, e foram todos aniquilados. Primeiro os assassinos atiraram com metralhadoras, depois lançaram granadas sobre eles. Acredito que não houve sobreviventes.

Minhas mãos tremiam, era com dificuldade que respirava. Acalmei-me o melhor que pude e tentei perguntar por Damascene, mas não conseguia pronunciar seu nome. Agarrava-me à esperança de que ainda estivesse vivo, à minha espera em algum lugar. Finalmente falei:

— Meu irmão Aimable está no Senegal e não sabe nada disso. Nem mesmo tenho o endereço para mandar-lhe uma carta...

— Pergunte ao Bonn, amigo de Damascene. Sei que estão com ele todos os papéis e objetos de Damascene... ou pelo menos estavam.

— Por quê? — perguntei com o coração aos pulos.

— Porque ele escondeu seu irmão, e, quando Damascene decidiu ir para o Zaire, deixou suas coisas com Bonn. Mas ele pode ter destruído tudo a essa altura... ouvi dizer que ele ficou louco depois que seu irmão foi morto.

Essas palavras me atingiram como uma bala. *Por favor... não... Damascene também... não.*

Não quis saber de mais nada. Fiquei de pé, cambaleei alguns metros à frente e desmontei. Apertei o rosto contra o solo — queria estender-me no chão frio, bem frio, e dormir com o restante da minha família. Não queria ouvir, ver, sentir coisa alguma. Tinha lágrimas demais para chorar e soluzei de encontro à terra. Jean Paul, ao meu lado, tentava confortar-me. Limpou a terra do meu rosto e suavemente acariciou minha nuca, mas afastei sua mão.

— Por favor, deixe-me, tenho que enfrentar tudo isso. Tenho que aprender a ser só, Jean Paul. Ninguém pode me consolar neste momento... Deixe-me um pouco sozinha.

Meu amigo se retirou para o outro lado do campo e levou com ele o irmão silencioso.

Deitada de costas, fitei o céu e chorei. Chorei até minhas lágrimas se esgotarem. Pensei no que Jesus prometera em sonho e iniciei uma conversa com Ele.

— Você me disse que estariam todos mortos quando eu saísse do banheiro, e Você estava certo — falei. — Morreram *todos*. Tudo que eu amava neste mundo me foi tirado. Coloco minha vida em Suas mãos... Jesus, mantenha a promessa e cuide de mim. Eu manterei a *minha*, serei uma filha fiel.

Fechei os olhos e visualizei o rosto de cada membro da minha família; então rezei pedindo a Deus que os mantivesse reunidos e felizes.

O RANGIDO METÁLICO DA ENGRENAGEM DE UM CAMINHÃO SOBRESSALTOU-ME. Faltavam duas horas para o amanhecer; dois fochos de luz atravessaram o acampamento e projetaram um halo incandescente sobre minhas companheiras, de pé, junto ao portão, com Jean Paul e Jean Baptiste. O caminhão gorgolejou e parou ao lado da cerca. Era um enorme veículo de transporte, coberto por uma lona de camuflagem. Os soldados franceses mandaram-nos subir para a carroceria e ficar quietos.

— Há barreiras hútus por toda parte — preveniu um deles.

Mais ou menos um quilômetro e meio além do acampamento chegamos à primeira barreira, e podíamos ouvir as vozes dos assassinos do outro lado da lona. Tudo muito familiar, mas desta vez guarda-costas armados nos protegiam. Mesmo assim, eram uns duzentos assassinos e apenas um punhado de soldados.

— O que vocês estão levando na carroceria? — perguntou um dos assassinos.

— Levamos comida e água potável para os refugiados hútus que vêm de Kigali — respondeu o motorista.

— Você é um bom homem! Essas serpentes tútsis estão nos matando em Kigali... Vá em frente, pode seguir.

O motorista engrenou a marcha, e o caminhão partiu com um solavanco — estávamos de novo a caminho. Admirei a resposta inteligente que o motorista inventou para nos fazer ultrapassar a barreira. Dezenas de milhares de hútus residentes em Kigali fugiam

para o Sul desde que a capital havia caído em mãos dos rebeldes. Infelizmente, a maioria desses refugiados vinha para Kibuye com a intenção de instalar-se ali ou de atravessar para o Zaire, pelo lago Kivu. Havia tanto famílias hútus que fugiam da guerra quanto integrantes do Interahamwe.

Na barreira seguinte, os assassinos simplesmente nos mandaram seguir em frente.

— Os franceses são gente nossa... Sigam em frente, abram caminho para eles — disse um dos sentinelas. O mesmo se passou nas cinco barreiras seguintes.

O caminhão avançou noite adentro em direção ao amanhecer de um novo dia — eu gostaria que continuasse avançando até atingir um outro *país*. Minha alma desejava trocar Ruanda por um novo mundo. Eu acreditava que Deus planejava uma vida nova para mim; só não sabia onde, ou quando teria início. Quando o caminhão atingiu o acampamento base, uns trinta minutos mais tarde, senti-me desapontada — sim, nós estávamos livres, mas ainda em plena Ruanda, ainda em meio ao horror.

A PRIMEIRA COISA QUE AVISTEI AO SALTAR DO CAMINHÃO foi uma escola arruinada. Notei que a placa de madeira pregada acima da porta trazia escrito o nome *Rwimpili*, e me dei conta de que estávamos na escola em que minha mãe teve seu primeiro emprego como professora.

Tristeza brotou em meu peito, e tive que me afastar de todos para uma conversa rápida com Deus.

— Senhor, não sei por que Você me trouxe aqui. Sei que ainda terei que lamentar a morte de minha família, mas ainda não sou capaz... Por favor dê-me a força necessária para sobreviver, os lamentos virão depois.

Em poucos minutos senti-me forte o bastante para entrar na escola e sorrir. Lembrei-me do quanto minha mãe amava essa escola dilapidada, com uma única sala, e piso de terra batida. “O importante é o que se aprende na escola, e não a sua aparência”, ela costumava dizer.

O dia clareava, enchendo de sol a escola, o que me permitiu ver, pela primeira vez, meus companheiros sobreviventes. Cerca de uns

vinte tútsis se acotovelavam, e percebi quão afortunadas tínhamos sido, minhas companheiras e eu, por termos sido abrigadas no banheiro do pastor. A aparência dos demais refugiados era muito pior do que a nossa. Os pobres coitados tinham vivido na floresta por três meses, dormindo em covas e se alimentando de capim e raízes.

O sol já brilhava tanto que precisei proteger meus olhos, e, sob a sombra projetada por meus dedos, vi uma figura familiar. Gritei:

— Esperance! — Era a irmã de minha mãe, mas ela pareceu não me ouvir.

— Não me reconhece, Esperance? Sou Immaculée! Graças a Deus alguém sobreviveu. — E dei-lhe um abraço apertado.

Esperance retribuiu debilmente o meu abraço e fitou-me demoradamente, com olhar vago, antes de dizer alguma coisa.

— Está tudo bem — respondeu ela em voz fraca. — Estou feliz que você tenha sobrevivido. Venha ver sua outra tia. E foi se arrastando apaticamente pelo pátio da escola até onde minha tia Jeanne e três das minhas primas estavam sentadas no chão.

Parei a cerca de 10 metros e mal pude acreditar na cena terrível diante de meus olhos. Suas faces estavam inchadas das mordidas de insetos; os lábios rachados sangravam; feridas abertas, bolhas e cortes, infeccionados há várias semanas, cobriam seus corpos. De onde estava eu podia sentir o cheiro.

Tia Jeanne, uma professora, costumava vestir-se com apuro e era tão obcecada com limpeza que exigia que as visitas lavassem as mãos antes de cumprimentar seus filhos. E ali estava ela, sentada na terra com as crianças, como um grupo de seres primitivos, e suas roupas tão esfarrapadas que era possível ver suas nádegas através do tecido.

Ajoelhei-me e tentei abraçar Jeanne, que evitou que eu a tocasse e tentou ocultar as lágrimas.

— Desculpe-me, Immaculée... eu devo estar horrorosa. E meus olhos estão escorrendo, mas não repare, acho que caiu alguma coisa neles.

Sorri ao pensar que era exatamente o que minha mãe diria na mesma situação, envergonhada por chorar.

— Jeanne, estou tão feliz por vê-la. Abracei-a de leve, e depois cada uma das meninas. Aos poucos seus olhos se iluminaram, e sorrisos hesitantes se desenharam em seus rostos.

Fiz uma prece muda por todas elas, e teve início uma triste conversa, na qual cada uma contou como cada membro da família tinha morrido e tudo que sofremos. Jeanne tinha perdido três filhos e o marido, e quase toda a família de Esperance fora morta. Meus adorados avós haviam sido assassinados, e pelo menos sete dos meus tios também. Nos pusemos todas a chorar... Nossas lágrimas teriam fim algum dia?

Depois de mais ou menos uma hora de conversa, Esperance me entregou uma carta. Não posso imaginar como ela pôde conservá-la intacta durante tantas semanas na floresta.

— Damascene me encontrou no meu esconderijo e me deu esta carta para você — explicou minha tia. — Ele estava a caminho do Zaire... mas nunca chegou lá.

Peguei a carta de suas mãos e olhei para o envelope manchado de lágrimas. Dei meia-volta e fugi correndo de minhas tias e primas — não suportaria ter alguém por perto. Ouvir o nome de meu irmão tinha sido o suficiente para me descontrolar, e agora eu tinha nas mãos suas últimas palavras para mim. Ler essa carta seria como ouvi-lo falar comigo pela última vez.

CAPÍTULO 18

Uma Carta de Damascene

Isolei-me atrás da escola e abri a carta de Damascene. Meu coração doeu só de ver sua letra tão peculiar, e lembrei-me de todas as cartas que ele me escrevia quando estávamos no colégio — nunca sentimentais, mas cheias de amor e carinho, encorajamento, elogios, bons conselhos, tagarelices e humor... Tanto humor! Sentei-me encostada à parede da escola e comecei a ler.

6 de maio de 1994

Queridos [papai, mamãe, Vianney e] Immaculée.

Faz um mês que estamos separados e vivemos um pesadelo. Apesar do que sugerem as circunstâncias, acredito que uma tribo só poderá exterminar a outra se for essa a vontade de Deus; talvez nossas vidas sejam o preço a ser pago pela salvação de Ruanda. Tenho certeza de apenas uma coisa: havemos de nos reencontrar — não há dúvidas quanto a isso em minha mente.

Vou tentar sair do país, mas não sei se vou conseguir. Se eu for morto pelo caminho, não se preocupem comigo; já rezei bastante... estou preparado para a morte. Mas se eu sair de Ruanda entrarei em contato assim que voltarmos a ter paz. Bonn contará a vocês tudo que me aconteceu...

Bonn, o amigo de Damascene, contou-me mais tarde que, neste ponto da carta, Damascene largou a caneta, olhou para ele e disse:

— Bonn, sei que você é meu amigo e tenta me poupar, mas chegou a hora de contar tudo: mataram alguém da minha família?

Bonn era hútu e podia circular livremente durante o genocídio e descobrir quais tútsis foram assassinados na área. Havia guardado

segredo a respeito das mortes de meus pais e Vianney porque gostava muito de meu irmão e desejava proteger seus sentimentos.

Mas quando Damascene fez uma pergunta direta, Bonn contou-lhe tudo que sabia. Não podia permitir que Damascene terminasse a carta na crença de que todos que ele amava estavam vivos. Então contou-lhe que nosso pai, mãe e o irmão mais novo tinham sido mortos, e que eu era a única com possibilidade de estar viva. Damascene chorou quase o dia inteiro, o que explica as lágrimas que se incorporaram à carta para sempre.

Antes de partir na tentativa de encontrar um barco para atravessar o lago Kivu, Damascene retomou a carta, colocou as palavras papai, mamãe e Vianney entre colchetes e acrescentou estas linhas:

Immaculée, peço-lhe que seja forte. Acabo de saber que papai, mamãe e Vianney foram mortos. Entrarei em contato assim que for possível.

Muitos beijos e abraços.

Seu irmão que a ama muito.

Foi a coisa mais dolorosa que já li. Passei os dedos sobre as palavras manchadas de lágrimas e soube que nunca poderia ler essa carta sem chorar.

DESCOBRI MAIS TARDE QUE BONN, que sempre hei de considerar um herói, tentou esconder meu irmão em casa, contra a vontade da família. Durante os primeiros dias do genocídio conseguiu ocultar Damascene embaixo da cama. Mas quando sua família descobriu o que ele fazia, pressionou Bonn para que o entregasse aos assassinos.

Infelizmente um dos tios de Bonn era Buhoro, meu antigo professor, aquele que gostava de humilhar crianças tútsis durante a chamada étnica. Buhoro acabou se tornando um dos hútus extremistas mais encarniçados do país, e um assassino cruel e prolífico — e quando Buhoro começou a desconfiar, Bonn teve que tirar Damascene de casa. Certa noite, bem tarde, Bonn cavou um buraco nos limites da propriedade da família e cobriu-o com paus e folhas. Consegui tirar Damascene do quarto e escondeu-o no

buraco algumas horas antes da chegada dos assassinos — avisados por Buhoro.

Por insistência de Buhoro, revistaram a casa inúmeras vezes, e Damascene passou mais de três semanas oculto no buraco. Mas os assassinos não davam trégua — vigiavam os movimentos de Bonn e o viram levar comida para fora de casa. Com medo de que revistassem o quintal, Bonn e Damascene decidiram que meu irmão deveria atravessar o lago Kivu e fugir para o Zaire. Bonn, que conhecia um bom samaritano hútu, um pescador que usava seu barco para transportar ilegalmente refugiados tútsis, levando-os para local seguro, tirou Damascene do esconderijo depois da meia-noite. Dirigiram-se para o lago, escondendo-se nas sombras, de moita em moita. Mas atrasaram-se pelo caminho e perderam o barco daquela noite.

Era quase madrugada, e Damascene não quis correr o risco de voltar para a casa de Bonn, então se abrigou com Nsenge, um amigo seu e de Bonn, que morava perto do lago. Nsenge era um hútu moderado, que amava minha família — meu pai tinha até ajudado a pagar as mensalidades escolares para vários de seus irmãos — e se dispôs a esconder Damascene por um dia.

Entretanto, Simoni, o irmão de Nsenge, não foi tão generoso. Acolheu Damascene à chegada com sorrisos e palavras de amizade... mas, à tarde, enquanto meu irmão dormia e Nsenge providenciava sua travessia, Simoni esgueirou-se de casa, localizou um grupo de assassinos e traiu Damascene.

Antes do jantar, Simoni acordou meu irmão e se ofereceu para lavar suas roupas antes da partida para o Zaire. Damascene ficou só com a roupa de baixo, e Simoni levou suas roupas (ele mais tarde confessou que desejava que meu irmão passasse vergonha e se sentisse humilhado antes de morrer). Depois de levar as roupas, Simoni chamou Damascene até a sala, onde dúzias de assassinos estavam à sua espera e caíram sobre ele, espancaram-no impiedosamente e levaram-no para o meio da rua, vestido só de cuecas.

Uma mulher que trabalhou em nossa casa testemunhou tudo e me contou os detalhes dos últimos momentos de Damascene.

— Onde está aquela sua irmã bonita? — perguntaram os assassinos. — Onde está Immaculée? Vimos os corpos das outras baratas de sua família, mas ainda não tivemos a oportunidade de nos divertir com ela... Onde ela está? Diga-nos, e libertaremos você; se não disser, vamos levar uma noite inteira para matá-lo. Diga-nos onde está Immaculée e sairá daqui vivo.

Com o rosto quebrado, inchado, Damascene olhou para eles e — como sempre tinha feito — tomou minha defesa.

— Mesmo que eu soubesse onde está minha irmã bonita, eu não diria. Vocês nunca encontrarão Immaculée... Ela é mais inteligente que vocês todos juntos.

Surraram-no com os cabos de seus facões, provocando-o:

— Ela é tão inteligente quanto você? Você tem um título de mestrado e nós o pegamos, não foi? Agora nos diga onde se esconde sua irmã.

Damascene conseguiu levantar-se ainda uma vez e sorriu para os assassinos. Seu destemor os deixou confusos — já haviam matado muitos túsis e sentiam prazer em ouvir as vítimas implorarem por suas vidas. A serenidade de Damascene roubava-lhes esse prazer.

Em vez de negociar ou implorar piedade, ele os desafiou a matá-lo.

— Andem logo — foi o que disse. — O que estão esperando? Hoje é meu dia de ir para perto de Deus. Eu O sinto em torno de nós. Está à espera para levar-me para casa. Andem logo, terminem seu trabalho e mandem-me para o paraíso. Tenho pena de vocês que matam pessoas como se fosse brincadeira de criança. Matar não é brincadeira: se ofenderem a Deus, pagarão por esta brincadeira. O sangue dos inocentes que mataram os seguirá até o dia do julgamento. Mas eu rezo por vocês... Rezo para que percebam o mal que fazem e peçam perdão a Deus antes que seja tarde demais.

Essas foram as últimas palavras de meu irmão. Embora nada possa apagar a dor causada por seu assassinato brutal, sinto-me orgulhosa por ele ter desafiado seus matadores e morrido com a mesma dignidade com a qual sempre viveu.

Um dos irmãos de Simoni, um pastor protestante chamado Karera, ridicularizou o pronunciamento de Damascene.

— Será que esse rapaz pensa que é um pregador? O pastor aqui sou *eu*, e abençoô essa execução. Abençoô vocês por nos livrarem de uma barata a mais. — Depois olhou para os carrascos e disse: — O que estão esperando? Será que são covardes? Uma barata implora para ser morta — estão parados por quê? *Matem!*

Karera exortou os assassinos ao homicídio.

— Vocês tútsis sempre se portaram como se fossem superiores a nós, hútus — gritou um dos assassinos para Damascene ao erguer o facão.

— Você se acha tão mais inteligente do que nós por causa do seu mestrado? Pois bem, eu quero ver como é o cérebro de alguém que tem um mestrado.

E então golpeou com a lâmina do facão a cabeça de Damascene, que caiu de joelhos. Outro assassino se adiantou e cortou fora seus braços com dois golpes. Foi a vez de outro assassino, que, também com um facão, abriu a cabeça de Damascene e olhou lá dentro. Coberto com o sangue de meu irmão, saiu dançando pela vizinhança, gabando-se de ter visto o cérebro de um mestre dentro de um crânio.

Procurô nunca pensar nos detalhes da morte de Damascene. Prefiro lembrar-me de como ele enfrentou a morte, sorriu antes de morrer e rezou por aqueles que o mataram. Ele era meu coração, meu irmão valente, meu doce Damascene.

Mais tarde vim a saber que um dos assassinos (um rapaz chamado Semahe, que tinha sido colega de Damascene na escola) teve uma crise e chorou dias seguidos depois do assassinato. Falava sem parar nas coisas que ele e Damascene haviam feito juntos, tais como jogar futebol, cantar no coro e servir como coroinhas. Vivia obcecado pela bondade de meu irmão para com ele e todos os rapazes de suas relações. Semahe falava de seu remorso para todos que estivessem dispostos a ouvir.

— Nunca mais hei de matar — declarou. — Nunca mais vou me esquecer da expressão de Damascene. Suas palavras vão queimar para sempre em meu coração. Foi um pecado matar um rapaz como ele; foi um pecado.

CAPÍTULO 19

O Conforto do Acampamento

O acampamento francês era um forte armado que mantinha os tútis do lado de dentro e os hús do lado de fora. Os soldados estacionaram oito veículos blindados, semelhantes a tanques, em semicírculo diante da escola, e o acampamento era patrulhado dia e noite, em toda sua extensão, por cerca de cem guardas. Nós permanecemos no interior do semicírculo de blindados, com trinta soldados designados para nossa proteção as 24 horas do dia, e para nos acompanhar ao mato quando tínhamos que atender a um chamado da natureza.

Os soldados franceses viviam a se desculpar pelas condições deploráveis sob as quais vivíamos, o que me fazia rir. Em comparação ao lugar de onde eu tinha vindo, vivíamos em absoluto conforto. Para início de conversa, podíamos ir buscar água fresca em um riacho e lavar a nós mesmas e nossa roupa com sabão!

Dormíamos ao ar livre, o que os franceses também consideravam um grande desconforto, mas para mim era um prazer. Embora muitas vezes acordasse coberta de terra e gravetos, e dolorida por ter-me deitado sobre pedras, eu adorava dormir fitando as estrelas — era como contemplar a face de Deus ao findar o dia.

Não tínhamos permissão para cozinhar, o que não fazia muita diferença, já que não havia mantimentos frescos. Os soldados nos alimentavam com queijo e biscoitos, latas de leite em pó e frutas em conserva. Era uma dieta limitada, mas aos poucos comecei a engordar um pouquinho e parei de fazer furos adicionais no meu cinto.

Diziam os franceses que sua missão era proteger-nos, e eles a cumpriam bem — nem uma vez me senti ameaçada pelos assassinos

enquanto estive no acampamento. No entanto, os h́tus muitas vezes se reuniam do lado de fora do campo e espreitavam por entre os blindados para nos espiar. Observavam-nos como se f́ssemos animais num jardim zooĺgico... Sobreviventes únicos de uma espécie que, de tã caçada, estava à beira da extinção.

— Eles olham para vocês como se fossem animais, mas os animais são *eles* — disse-me o capitão da tropa, certa manhã, pouco depois da minha chegada. Quando soube que eu era fluente em francês, tivemos uma longa conversa. Conte-ihe minha história e ele se mostrou muito interessado. Sabia de tudo que os tútsis haviam sofrido em Ruanda e tinha conhecimento da nossa história e conflitos étnicos.

— Cá entre nós, não sei como o meu presidente pode ter a consciência tranqüila — comentou. — A França tem as mãos manchadas de sangue, já que ensinamos a tantos desses h́tus a arte de matar.

Foi essa a primeira vez que ouvi um estrangeiro assumir a culpa pelo que acontecia em Ruanda, e fez muito bem à minha alma. Muitas vezes me havia desesperado, ao ouvir o rádio do pastor, por perceber que o mundo sabia o que estava acontecendo, mas preferia ignorá-lo.

— Obrigada por ser tão compreensivo — respondi ao capitão. — Os autores de tudo isso são gente muito má.

— Má, Immaculée? Gente *má*? Eles são cruéis. São monstros! Quero que você saiba que está a salvo. Enquanto eu chefiar isto aqui, nada de mau lhe acontecerá — disse ele, apalpando o revólver no coldre à sua cintura. — Farei mais do que protegê-la: vou fazer-lhe justiça. Que isto, mais uma vez, fique entre nós, mas se deseje vingança, conte comigo. Dê-me os nomes dos h́tus que a perseguiram, ou dos que mataram seus pais e irmãos, e mandarei matá-los para você.

O oferecimento chocou-me. Isso era o que eu desejava durante meus primeiros dias no banheiro, quando o pastor nos contou as atrocidades cometidas contra nós. Então eu desejei possuir armas — fuzis e canhões para destruir h́tus —, porque ansiava por vingança.

Mas isso foi antes que eu abrisse meu coração para a misericórdia divina e fizesse as pazes com os assassinos.

A vingança que o capitão me oferecia era perfeita: soldados treinados e bem armados, que matariam quando eu ordenasse. Tudo o que eu tinha a fazer era murmurar um nome, e minha família seria vingada... e também as famílias dos milhares de corpos que apodreciam nas ruas. O oferecimento foi feito de coração, mas pude perceber o mal em sua voz. Tentava-me com promessas de mortes, quando o que eu mais desejava era a paz. Enfiei a mão no bolso e trancei os dedos em volta do rosário de meu pai.

— Obrigada por me oferecer...

— Matarei qualquer hútu, basta você me pedir. — Ele parecia tão desejoso de matar que não me permitiu terminar minha frase. — Se houver algum hútu neste acampamento, diga-me quem é ele e eu mesmo cuidarei de fuzilá-lo. Odeio todos eles.

— Os hútus não são por natureza maus, capitão, apenas os assassinos. Foram induzidos pelo demônio... afastaram-se de Deus e...

— Immaculée, os hútus *são* cruéis — interrompeu novamente o capitão. — O que eles cometeram foi crueldade. Não me diga que se trata da vontade de Deus ou de astúcia do demônio... Isso é obra dos hútus, e eles pagarão por isso. Se você mudar de idéia, avise-me. Você sabe que não ofereço isso a qualquer um.

Rezei para que Deus tocasse o coração do capitão com sua compaixão e ainda para que os assassinos depusessem seus facões e implorassem o perdão de Deus. A raiva do capitão me fez pensar que o ciclo de ódio e desconfiança não se romperia facilmente em Ruanda. Haveria ainda mais amargor quando cessasse o morticínio, amargor que facilmente descambaria em mais violência. Só mesmo a clemência divina poderia impedir que isso acontecesse agora. Percebi que, fosse qual fosse o caminho que Deus me reservava, ajudar a outros a perdoar seria uma parte significativa da minha missão.

No dia seguinte, o capitão mostrou-se à altura de suas palavras — ele odiava mesmo os hútus. Um homem entrou sangrando no acampamento e alegou ser um sobrevivente do genocídio, ferido em

luta ao lado dos rebeldes tútsis, mas o capitão não acreditou. Os soldados obrigaram o homem a ficar de joelhos e o interrogaram, com os revólveres encostados em sua cabeça. Perguntaram-lhe se fazia parte dos Interahamwes, o que ele negou de início. No entanto, com a continuação do interrogatório, ele acabou se descontrolando e confessou. O capitão fez um sinal a seus comandados, que arrastaram o homem para fora, e jamais tornamos a vê-lo. Um soldado me contou mais tarde que o homem tinha admitido ser um espião Interahamwe.

— Não se preocupe com ele. Esse nunca mais vai incomodar ninguém — disse o francês.

CUIDEI MELHOR QUE PUDE DE MINHAS TIAS E PRIMAS, conseguia-lhes comida suficiente, remédios que obtinha com os soldados e tratava suas feridas — fazia inclusive questão de dormir perto delas, para o caso de acordarem assustadas no meio da noite. Mas, ao contrário do que possa pensar o leitor, não passava todo meu tempo em sua companhia. Sentia-me feliz por estarem vivas e em segurança, mas elas não substituíam a família que eu havia perdido. Eu queria começar uma vida nova.

Era difícil para mim conviver até com as senhoras com que havia ficado presa no banheiro. Vivíamos em lados opostos do acampamento, e, embora trocássemos sorrisos, raramente conversávamos. Mesmo vivendo confinadas por tanto tempo, não nos conhecíamos bem de verdade. Nossa comunicação havia sido através de sinais e leitura labial, e girava quase que exclusivamente em torno do medo, terror e desespero. Talvez tivéssemos nos tornado amigas, se no banheiro pudéssemos conversar, mas, no momento, avistar-nos no acampamento trazia de volta um acúmulo de memórias dolorosas.

De todo modo, não faltaram oportunidades para fazer novos amigos. Grupos de refugiados tútsis chegavam diariamente, a maioria deles confusos e desorientados, e só falavam kinyarwanda. Porque eu era bilíngüe, o capitão pediu-me que fizesse o registro de todos os recém-chegados, e senti-me feliz em ser útil. Eu anotava os nomes e a idade, relatava seus ferimentos e necessidades médicas

aos franceses. Também anotava suas histórias pessoais e tudo que enfrentaram. Com isso, ouvi relatos apavorantes, mas fiz também amizades duradouras.

Uma de minhas novas amigas era Florence, uma jovem quase da minha idade, dona de um sorriso doce e inocente. Era muito bonita, apesar da cicatriz profunda que descia por sua face, por ter sido cortada entre os olhos com um facão. Anotei sua história, a qual, infelizmente, era tão comum quanto horripilante.

Florence vivia numa aldeia não muito distante da minha. Quando o genocídio começou, sua família, com mais trezentos vizinhos, solicitou asilo na capela local, na esperança de que os assassinos respeitassem a santidade da igreja. Mas o fato de encontrarem tantos tútis reunidos num único lugar tornava mais fácil o trabalho dos assassinos, a quem bastava caminhar ao longo dos bancos brandindo suas lâminas.

— Não possuíamos armas, nada para nos defender — queixou-se Florence com os olhos grandes e lindos cheios de lágrimas. — Houve alguns gritos e pedidos de piedade, mas a maioria de nós simplesmente continuou sentada esperando sua vez de ser sacrificada. Como se achássemos que merecíamos ser mortos, que fosse tudo muito natural. Eles me alcançaram, e a única coisa de que me lembro é do facão descendo em direção ao meu rosto. Então acordei no caminhão.

O ferimento de Florence era profundo, mas não mortal — mesmo assim os assassinos a jogaram na carroceria de um caminhão, junto com os cadáveres. Ao acordar, ela se viu em cima dos corpos de seus pais, e sua irmã em cima *dela*.

— Minha irmã tinha uma lança enfiada no peito... estava quase morta, mas ainda agonizava. Tentei estender-lhe a mão, mas um dos assassinos no caminhão percebeu meus movimentos e começou a me espetar com uma lança — aqui, aqui e aqui — e ela mostrou o peito, o estômago e a coxa. — Não pestanejei quando ele me perfurou; em vez disso, pedi a Deus que me livrasse da dor e salvasse minha vida. O assassino deve ter pensado que eu estava morta, já que sangrava muito.

O caminhão parou à beira de um rochedo acima do rio Akanyaru, um local favorito dos Interahamwes para se desfazer dos cadáveres.

— De cima do rochedo, jogaram todos os corpos para dentro do rio — continuou Florence. — Lembro-me de como eles me pegaram e balançaram no ar, lembro também do ruído da correnteza ao longe, mas não me recordo da queda. Acordei no dia seguinte, na lama, na margem do rio. Meus pais e minha irmã também estavam ali, mas estavam mortos. Olhei para o rochedo lá em cima e não entendi como havia sobrevivido: era uma queda de pelo menos 60 metros. Só posso crer que Deus me salvou com algum propósito.

Florence continuou na margem do rio por mais um dia, até poder levantar-se e sair dali. Encontrou uma casa onde uns hútus bondosos a receberam, cuidaram de suas feridas e a esconderam.

— Embora tenham salvado minha vida — seguiu relatando Florence —, o filho deles saía todas as manhãs para se encontrar com os Interahamwes e continuou matando tútsis na minha cidade, até que não restasse um só para matar. Nada mais faz sentido para mim, Immaculée. Por que você acha que sobrevivi, e não meus pais e minha irmã?

— Deus a poupou por algum motivo — respondi-lhe. — Estou escrevendo sua história, que será lida algum dia por alguém que saberá o que aconteceu. Você, como eu, sobreviveu para contar.

SERVI MUITAS VEZES COMO INTÉRPRETE entre os refugiados e nossos hospedeiros franceses; conseqüentemente acabei conhecendo vários dos soldados. Um deles, Pierre, se interessou particularmente por mim. Tinha sido designado para o patrulhamento do círculo interno do acampamento no horário diurno, mas, à noite, quando eu ia olhar as estrelas, gostava de passar o tempo conversando comigo.

Pierre era um rapaz simpático, poucos anos mais jovem do que eu, muito cortês, atencioso e um bom ouvinte. Conte-i-lhe o que havia acontecido a minha família e a nossa aldeia, e ele me falou sobre seus pais, sua vida na França e a namorada com a qual rompeu antes de vir para Ruanda. Quando me perguntou se eu tinha namorado, contei-lhe a respeito de John e da indiferença que se havia estabelecido entre nós.

Sentia-me muito bem ao lado de Pierre e gostava de sua companhia. Conversar com ele me fazia esquecer minha realidade cotidiana, pelo menos temporariamente. À medida que passava o tempo, Pierre passou a arranjar desculpas para estar comigo: trazia-me comida, acompanhava-me quando eu ia ao rio buscar água e conseguia-me livros. Seus amigos faziam pilhérias com ele por causa disso, mas eu não me importava. Ter um amigo íntimo que não sofria as conseqüências do genocídio era um alívio, e falar-lhe dos meus sonhos e esperanças fazia com que me sentisse humana outra vez.

Um dia, Paul, amigo de Pierre, disse-me que o jovem soldado estava encantado por mim, o que me fez rir muito. Eu não trocava de roupa ou tomava um banho direito há mais de três meses.

— Você está enganada, Pierre fala em você o tempo todo — garantiu-me Paul. — Diz que você, apesar de tudo que enfrentou, mantém o coração aberto e tem muito senso de humor.

— Do jeito que vocês brincam comigo a esse respeito, eu *tenho* mesmo que ter senso de humor — disse eu. Mas logo percebi que Paul não estava brincando; Pierre estava mesmo encantado por mim.

Senti-me lisonjeada, mas não estava interessada. Tinha acabado de perder minha família e nem mesmo sabia se viveria até o final da guerra. Tinha também perdido o interesse por romances desde que John me desapontara tão seriamente. Mesmo assim, Pierre me fez conjecturar se acaso meu coração desiludido seria capaz de um dia amar alguém.

Quando ele veio me ver à noite e me chamou para dar um passeio, achei melhor dizer-lhe para não desperdiçar comigo sua afeição. Mas Pierre falou com tanta convicção, tanta paixão, que me pegou desprevenida.

— Você se tornou para mim muito mais do que uma amiga, Immaculée — disse ele com ar sério. — Você é muito especial. Com tanta morte, dor e violência em torno, sei que isso é a última coisa que você quer ouvir no momento, mas acho que eu a amo.

Eu esperava que ele dissesse algo do gênero, mas fiquei surpresa com a sinceridade que transparecia em sua voz.

— Pierre — respondi-lhe carinhosamente —, meu coração está tomado pela dor e só tem lugar, neste momento, para Deus. Nem consigo me imaginar me apaixonando por alguém... E tenho que pensar nos problemas que ainda tenho pela frente. Preciso cuidar de mim mesma.

Ele pegou minha mão.

— Estou falando sério... Eu a amo e cuidarei de você. Quero ficar com você, não quero perdê-la.

A intensidade dele me impressionou, mas eu percebia que as circunstâncias, e não Deus, nos haviam reunido. Deus me havia mostrado que John não era o homem que Ele me destinava e, naquele momento, mostrou-me que Pierre também não. Não me parecia certo — e eu sabia que, quando estivesse pronta, Deus me mostraria o amor. E quando isso acontecesse, não haveria dúvidas nem receios.

— Não, Pierre... não. No momento meu coração pertence mais aos mortos que aos vivos... Nem tive tempo ainda de vivenciar meu luto. Sua amizade é muito importante para mim, e desejo que continue assim. Portanto, por favor, vamos ser apenas amigos.

— Compreendo — ele falou com voz triste. — Se não posso ter o seu amor, melhor deixá-la. Direi adeus e... boa noite, querida. — Curvou-se em direção aos meus lábios e surpreendeu-me com um beijo na boca. Fechei os olhos e, durante o breve momento em que os lábios dele tocaram os meus, senti que o calor do beijo aliviava minha dor e minha tristeza. Pierre se afastou em direção aos companheiros e deixou-me, com um sorriso resignado. Eu confiara em Deus, a única coisa certa a fazer.

EU DESEJAVA ARDENTEMENTE ENTRAR EM CONTATO COM MEU IRMÃO AIMBALE, para avisá-lo de que estava viva, mas o correio não funcionava, nem os telefones — nem eu sabia o seu número ou tinha dinheiro com o qual pagar a chamada. Aimable estava a quase 5 mil quilômetros de distância, estudando no Senegal, e eu rezava para que ainda estivesse lá. Se tivesse voltado para Ruanda, com certeza estaria morto, como o restante da família. Seria preciso esperar pelo final da guerra para entrar em contato com ele.

Mas quando seria o final da guerra? Os franceses não dividiam comigo suas informações, e não tínhamos um rádio para ouvir. As únicas notícias eram as que nos traziam os recém-chegados ao nosso cada dia mais lotado acampamento.

Lá pelo final de julho, soube que a FPR havia vencido no Norte, mas a luta continuava no Leste e no Sul. Os franceses controlavam Ruanda Ocidental, inclusive as margens do lago Kivu, e a fronteira com o Zaire. Essas eram boas notícias, mas nossa situação era ainda extremamente perigosa. Centenas de milhares de refugiados hútus estavam na região, na tentativa de chegar ao lago Kivu e fugir para o Zaire.

A cada dia mais sobreviventes tútsis eram deixados à entrada do acampamento. Nas três semanas transcorridas desde a minha chegada, nosso número havia aumentado de duas dúzias para quase 150 — e eu continuava a anotar suas histórias e condições físicas. Muitos desses refugiados estavam gravemente feridos, deformados por algum tipo de tortura, ou faltava-lhes algum membro. Suas feridas estavam freqüentemente tão infeccionadas que eu sabia que não sobreviveriam. E entre os que não perderam algum membro, havia muitos que perderam a razão, enlouquecidos pela privação, pelo sofrimento e pelo horror gravado em suas memórias.

Dentre as minhas tarefas, a mais difícil era lidar com os órfãos. Não me esqueço, por exemplo, de dois irmãos, de 3 e 4 anos de idade, oriundos de Kigali. Seus pais os esconderam no forro da casa quando os assassinos chegaram. Os pais foram mortos, e os meninos recolhidos alguns dias mais tarde por vizinhos hútus caridosos, que os trouxeram para o sul quando fugiram da capital para escapar ao conflito. Entregaram os meninos a soldados franceses, explicando que pretendiam cruzar a fronteira com o Zaire, uma viagem arriscada demais para crianças.

Por um motivo qualquer, os soldados se esqueceram de anotar os nomes dos vizinhos ou das crianças. Além disso, os dois tinham febre alta ao chegarem ao acampamento, do qual eram os habitantes mais jovens, sem pais ou parentes que cuidassem deles. Adotei-os e me encarreguei de zelar por eles. Com a ajuda do

capitão, instalei camas para eles dentro da escola e consegui remédios para baixar sua febre.

Ouvir sua conversa era de partir o coração. Tinham visto os cadáveres dos pais, mas eram pequenos demais para entender que a morte era irreversível. O mais velho tentava tomar conta do mais novo e recomendava-lhe sempre que fosse gentil com estranhos. O menorzinho, de 3 anos, insistia em pedir refrigerantes e batatas fritas, e o mais velho respondia com toda paciência.

— Lembre-se, aqui não é a nossa casa... Aqui não tem refrigerante nem batata frita. Temos que esperar papai e mamãe virem buscar a gente; aí a gente vai ganhar coisas gostosas. Não podemos fazer birra, ou podem acontecer mais coisas ruins. — E quando o irmãozinho chorava, ele o abraçava e dizia:

— Não chore... papai e mamãe vão voltar logo e você vai ganhar batata frita. Vamos esperar papai e mamãe, depois tudo vai dar certo.

Esses meninos jamais voltariam a ver os pais, e, com toda probabilidade, seus demais parentes também deviam estar mortos. Temi que o futuro só lhes reservasse tristeza, violência e falta de oportunidades — o tipo de vida em que se enraízam a amargura e o ódio.

Eu percebia o círculo de ódio e desconfiança que se formava nesses olhos inocentes e tive certeza de que Deus estava me apontando outra razão para me haver poupado. Jurei que algum dia, quando recuperasse as forças e já me sentisse capaz, faria tudo que estivesse em meu poder para ajudar os órfãos do genocídio. Tentaria levar esperança e felicidade a suas vidas e evitar que abraçassem o ódio que os privava de pais e do amor de uma família.

No COMEÇO DE AGOSTO, O CAPITÃO COMUNICOU-ME que o acampamento estava tão lotado que pretendia levar para outro local a maioria dos refugiados. O novo acampamento era um lugar fechado, em uma escola secundária na cidade de Kibuye, com água corrente, melhor alimentação e camas de verdade. Fiz questão de que “meus” meninos estivessem na primeira leva, para gozarem de algum conforto. Também consegui que minhas tias e primas fossem

transferidas — sim, seu estado havia melhorado, mas precisavam estar sob um teto e entre quatro paredes para se sentirem mais seguras. Eu pretendia ir junto, e cuidar de todos, mas o capitão pediu-me que ficasse para ajudá-lo na direção do acampamento. Ainda precisavam de uma intérprete, e novos refugiados chegavam diariamente.

— Ficando aqui, você ajudará a salvar vidas — foi o que ele me disse.

Como recusar? Continuei no acampamento e nunca mais tornei a ver os dois irmãozinhos. Mas não me esqueci da promessa de cuidar de outros órfãos da violência, o que menos faltava em Ruanda.

Cerca de trinta refugiados permaneceram no antigo acampamento, entre eles os oito que haviam se tornado meus amigos, como Florence e Jean Paul. Nosso grupinho se tornara unido e nos sentíamos como uma pequena família. Nossos laços eram efetivamente tão fortes que nos recusamos a ser transferidos, a não ser que fôssemos juntos os nove.

Seguimos recebendo refugiados tútsis, mas o acampamento se havia transformado numa espécie de estação de trânsito. Eu registrava os sobreviventes que, dentro de um ou dois dias, eram levados para o alojamento maior, na cidade. Então, no início de agosto, tomei contato com algo de que estava privada há meses: risadas sonoras, calorosas, animadas. Eram as risadas de uma mulher que fazia parte de um novo grupo de refugiados, sentada numa cadeira de rodas que os soldados desciam do caminhão. Era uma mulher pesada, e suas pernas tão atrofiadas que jamais lhe permitiriam andar. Do que ria ela no meio de tanta tristeza, pensei. Ria pela simples razão de estar viva — soube depois.

Observei os soldados pousarem no chão a cadeira de rodas e, a seguir, entregarem-lhe duas crianças. Essas cobriram seu rosto de beijos, e ela tornou a rir — sua risada ecoou pelo acampamento.

— Essa é Aloise — informou Jean Paul. — Temos uma celebridade no campo.

Eu já havia ouvido falar em Aloise. Meus pais falavam muito bem dela quando eu era pequena, citando-a como um exemplo de como é possível vencer na vida pelo trabalho e determinação. Contaram-

me que Aloise tivera pólio aos 9 anos de idade e nunca mais pôde andar, mas continuou e ter notas altas na escola e era considerada uma das mais talentosas estudantes em Ruanda. E isso era tudo que eu lembrava, mas, aparentemente, ela se tornara bem famosa no país — muitos habitantes do campo de refugiados a conheciam de nome.

Jean Paul contou-me que o marido de Aloise trabalhava na sede das Nações Unidas de Kigali, e ela conhecia todos os diplomatas e embaixadores.

— Ela mantém boas relações com todo mundo e consegue emprego para qualquer um — disse Jean Paul com admiração. — Dizem que, se não fosse portadora de uma deficiência, teria sido primeira-ministra. Sei que ela é tútsi, mas, anos atrás, comprou uma carteira de identidade hútu para ter o direito de obter contratos com o governo... É uma mulher muito esperta.

— Bem, acho que é hora de registrar nossa hóspede famosa — respondi. E fui com meu bloco de notas em direção ao caminhão.

De sua cadeira de rodas, Aloise olhou para mim. Sua hilaridade se interrompeu abruptamente, e ela se pôs a chorar.

— Meu Deus, você é a cara da sua mãe... e do seu pai também. Sempre quis visitar você e sua família, mas, com estas pernas, não foi possível.

Achei que a mulher estava louca ou me confundia com outra pessoa. Nunca nos havíamos encontrado, como ela podia saber quem eu era?

— Não olhe para mim como se eu tivesse perdido o juízo, Immaculée Ilibagiza. Sei muito bem quem você é. Seus pais, que Deus guarde suas almas, eram grandes amigos meus.

Aloise colocou as crianças no chão, enxugou as lágrimas e me estendeu os braços.

Aproximei-me hesitante e estendi-lhe a mão para um cumprimento, mas Aloise segurou meu braço, puxou-me para si e deu-me um abraço muito apertado. E não me soltava nunca.

— Sua mãe salvou minha vida. Aposto que você não sabe disso. Quando eu ainda tinha 8 anos de idade, sua mãe ouviu dizer que eu adorava a escola mas meus pais não tinham mais dinheiro para me

manter matriculada. Pois bem, ela pagou minhas mensalidades por um ano... e continuou pagando mesmo depois que não pude mais andar. Senti-me tão agradecida que jurei que faria algo útil da minha vida, e estudei mais que todos os meus conhecidos. Tudo que tenho hoje devo a sua mãe, Immaculée. Ela era uma santa.

Finalmente Aloise afrouxou o abraço e cambaleei para trás. Sentia-me pasma por esse estranho encontro com essa mulher avassaladora. Precisava afastar-me para me recompor, então disse:

— Vou buscar água e comida para você e seus filhos. Volto logo, e faremos sua ficha de registro.

Já ia me afastando quando Aloise bradou:

— Immaculée, acho que foi o espírito de sua mãe que me trouxe aqui! Tenho uma dívida para com ela, e vou pagá-la ajudando você. Me dê um tempo para pensar... Vou descobrir algum meio de ajudá-la.

Acenei e continuei meu caminho, pensando o que uma refugiada, numa cadeira de rodas, com dois filhos pequenos para cuidar, poderia fazer por mim. Uma vez mais eu teria que aprender que Deus age de maneira misteriosa.

No dia seguinte, quando fiz o registro de Aloise, ela me contou que, embora legalmente fosse uma hútu, seu marido, Fari, era um tútsi. Com isso, seus filhos, Sami e Kenza, também eram considerados tútsis. Temendo pela segurança das crianças, havia fugido de sua casa em Kigali para se abrigar na casa dos pais. Quando partiu, seu marido ficou escondido no forro do telhado, e ela não tinha idéia se estava vivo ou morto.

— Já sei o que posso fazer por você em troca da generosidade de sua mãe — disse-me Aloise. — Assim que a luta chegar ao fim, vou levá-la comigo para minha casa em Kigali. Você poderá morar conosco como nossa filha.

Havia algo em Aloise em que eu não conseguia confiar. Sorri para ela e agradei pela oferta, mas disse-lhe que havia formado uma pequena família com amigos do acampamento, e que prometemos permanecer juntos. Ela encolheu os ombros e disse que eu estava certa em permanecer com pessoas em quem confiava. Pensei que aí

se encerrava o assunto, mas, no dia seguinte, eu estava com meus amigos quando ela veio me procurar.

— Immaculée, pensei bastante e decidi que, se tem medo de que eu a seqüestre, você pode trazer seus amigos para Kigali também. Ficarão os nove em minha casa! Vai ficar um pouco apertado, mas arranclaremos lugar para todos.

Olhamos uns para os outros e rimos. Não sabíamos como responder a uma oferta tão estranha e generosa.

— Pensem nisso — disse Aloise, afastando-se em sua cadeira de rodas. — O que vocês pensam que vão fazer depois da guerra? Estão todos traumatizados... Não acredito que eu tenha que implorar a vocês que venham morar em uma bonita casa na cidade. A guerra está quase terminada... Comecem a pensar em seu futuro.

Aloise tinha razão. A capital tinha caído em mãos dos rebeldes, era apenas uma questão de tempo antes que a luta tivesse fim. Tínhamos perdido nossas famílias, nossos lares, até nossas roupas, e não tínhamos um único centavo de nosso. Não demoramos muito para concluir que era uma boa idéia aceitar o convite de Aloise. No dia seguinte, fomos em grupo agradecer e aceitar.

— Não agradeçam a mim, e sim à mãe de Immaculée — ela respondeu. — É pela Rose que eu faço isso, e não por vocês.

Então deu início a uma risadinha, que foi aumentando até que, uma vez mais, gargalhadas alegres, calorosas, ecoaram no campo de refugiados.

CAPÍTULO 20

Na Rota dos Rebeldes

Numa tarde quente, em fins de agosto, o capitão francês notificou-me de que seríamos evacuados. A Operação Turquesa ia ser desativada, e os franceses se preparavam para deixar Ruanda.

— Vamos desmontar o campo hoje mesmo — comunicou o capitão. — Em duas horas você deve ter todos prontos para partir.

— Partir para onde? — perguntei. — Há umas trinta pessoas aqui... para onde devo mandá-las? Não temos mais nossos lares. — Sentia-me atordoada pela notícia inesperada.

— Levaremos vocês para os soldados tútsis. A FPR está na região e armou um acampamento a alguns quilômetros, seguindo por esta estrada. Levaremos vocês até lá e os entregaremos a eles. Vocês ficarão melhor, já que estarão entre seu próprio povo.

Senti-me entusiasmada por saber que os combatentes tútsis haviam finalmente aberto caminho até onde estávamos e expulsavam os Interahamwes do país. Ouvi mesmo dizer que nosso herói, o líder da FPR Paul Kagame, havia estabelecido um novo governo em Kigali. Graças a Deus estávamos salvos, finalmente — o genocídio certamente havia terminado.

Percorri o campo avisando a todos que tínhamos que partir. Os que haviam chegado por último ficaram desconfiados; diziam que não devíamos acreditar nos franceses, que haviam montado campos para refugiados como frentes humanitárias apenas para encobrir sua verdadeira missão: dar fuga aos hútus que haviam promovido o genocídio, levando-os em segurança para fora de Ruanda através do lago Kivu.

— Não consigo acreditar — foi minha reação. — Os franceses nos protegeram durante semanas, e agora vão nos devolver à liberdade.

Cumpriram tudo o que prometeram.

Não demoramos muito para nos aprontar, pois há muito estávamos preparados. Ninguém possuía coisa alguma, então não havia malas para arrumar. Reuni meus poucos pertences — o suéter e a toalha que a filha do pastor Murinzi havia me dado, dois livros dados por Pierre e uns poucos sabonetes e camisetas presenteados pelos soldados — e enfiei-os num saco plástico. Enquanto isso, lembrava-me de minha mãe arrumando suas coisas em malas enquanto os assassinos se reuniam perto de nossa casa... e decidi que não queria carregar para minha nova vida objetos pertencentes ao passado. Queria romper com tudo. Levei o saco para o prédio da escola e deixei-o em um canto, na esperança de que um outro tútsi, pobre e sem lar, o encontrasse.

Dei meia-volta para sair e esbarrei em Pierre, de pé à porta. Ele me olhou com ar triste e me entregou um papel.

— Este é o meu endereço na França, caso você mude de idéia algum dia. Sentirei muito sua falta e guardarei você em meu coração. Peço a Deus que a proteja.

— Adeus, Pierre. Deus o abençoe. — Mas ele já havia saído quando falei.

FUI A ÚLTIMA A SUBIR PARA A CARROCERIA DO CAMINHÃO. A porta traseira se fechou, a lona foi estendida para nos esconder, e o caminhão seguiu em frente. Peguei o rosário que meu pai havia me dado — a única posse da qual eu jamais me desfaria — e fiz uma oração. Pedi a Deus a Sua bênção para nosso novo recomeço e que nos conduzisse em segurança até onde estavam os soldados tútsis.

O caminhão ultrapassou o semicírculo de veículos blindados, desceu por uma estrada secundária e desembocou num mar de assassinos! Através de uma fenda na lona, vi que milhares de hútus caminhavam pela estrada principal em direção ao lago Kivu — e centenas deles usavam o uniforme dos Interahamwes e carregavam facões.

— Oh, meu Deus — gemi e me recolhi ao fundo do caminhão. — Outra vez não!

Avançamos palmo a palmo pela estrada congestionada, buzinando para pedir passagem aos h́utus... Eu tinha certeza de que, se f́ossemos parados, ou se o caminhão enguiçasse, os Interahamwes cairiam em cima de nós em minutos. Não sentia tanto medo desde que saía do banheiro.

— Deus, por favor — rezei. — Você nos trouxe até aqui — acompanhe-nos pelo restante da viagem. Deixe cegos os assassinos... Não permita que olhem dentro da carroceria deste caminhão. Deus de misericórdia, proteja-nos dos olhos deles com um escudo.

Já estávamos a meio caminho do acampamento da FPR quando o caminhão parou. O capitão francês veio até a traseira, abriu a lona e avisou:

— Há relatos de tiroteio na área e temos ordens de evitar a todo custo participar da luta. Vamos voltar daqui, portanto é aqui que vocês têm que descer.

Pensei que não havia escutado corretamente.

— Quer dizer que vamos voltar com o senhor, não é?

— Não. Vamos desmontar o acampamento. Vocês têm que saltar aqui... agora. Sinto muito, Immaculée.

Durante as semanas anteriores eu conhecera bem o capitão. Ele odiava os assassinos h́utus e afirmava querer ajudar os tútsis de todas as maneiras, assim não consegui acreditar que ele fosse capaz de nos abandonar no meio de um grupo de Interahamwes armados. Desci do caminhão para argumentar com ele.

— Por favor, capitão, o senhor sabe muito bem, melhor do que qualquer outro, o que vai acontecer se o senhor nos deixar aqui. Há assassinos por toda a nossa volta! Por favor, eu imploro... leve-nos por mais um quilômetro e meio até o acampamento da FPR, ou leve-nos de volta com o senhor... Não nos deixe aqui para morrer.

— Sinto muito, Immaculée. São as ordens que recebi.

— Por favor, capitão, leve-nos com o senhor.

— *Não!* Trate de mandar descer a sua gente. Temos que partir agora.

Era difícil acreditar no que estava acontecendo. Mais ou menos uns 12 Interahamwes, postados a 3 metros de onde estávamos, nos

observavam e prestavam atenção a nossa conversa. Senti tonteiras, a estrada rodava, e tudo que eu pude ver foi uma mancha confusa de rostos raivosos. Apoiei-me à lateral do caminhão e, pela primeira vez, percebi os corpos espalhados pelo chão — cadáveres por todo lado, até onde minha vista podia alcançar.

Pela última vez, olhei para o capitão, implorando com os olhos. Foi tudo inútil — ele continuou inflexível. Talvez o pastor e os outros estivessem certos a respeito dos franceses. Talvez eles estivessem ali para proteger os assassinos, pois estavam a ponto de nos entregar à morte.

— Desçam do caminhão — ordenei aos meus amigos. — Saiam todos... Os franceses vão nos deixar aqui.

Os gritos de desespero e incredulidade vindos de dentro do caminhão chamaram mais ainda a atenção dos assassinos, que caminharam em nossa direção. Encarei um Interahamwe diretamente nos olhos e não baixei meu olhar. Meu coração dizia-me que ele era alguém como eu, e que não queria de fato matar. Segurei meu rosário e fiz um tremendo esforço para enviar-lhe uma mensagem de amor. Pedi a Deus que me fizesse Seu instrumento para tocar o assassino com o poder do Seu amor.

Não pisquei... Fixamos nossos olhares um no outro pelo que parecia o tempo de uma vida inteira. Por fim, o assassino desviou do meu o seu olhar. Deu-me as costas e deixou cair o facão, como se o demônio tivesse saído de seu corpo. Mas havia muitos outros demônios para ocupar seu lugar. Agora eram pelo menos 15 Interahamwes a poucos metros do caminhão, facões à mão e sorrisos grotescos nos lábios. Esperavam para entender o que estava acontecendo e para ver se algum dos meus companheiros ousaria descer do caminhão.

Mas não tínhamos outra escolha, a não ser descer. Um a um meus amigos saltaram, até que ficamos os trinta diante dos assassinos. Depois que todos saltaram, dois franceses colocaram Aloise na estrada e depositaram os pequenos Kenza e Sami ao seu lado, entraram na cabine, e o caminhão partiu em alta velocidade, deixando-nos em meio a uma nuvem de poeira e incertezas.

— Vejam quantos tútsis — disse um assassino, espantado. — Como é que eles ainda estão vivos?

— São as baratas que as tropas francesas protegiam — explicou um outro. — Quem vai salvar vocês agora, suas baratas?

Meus amigos estavam tão amedrontados que mal conseguiam mexer-se. Cutucaram-me, perguntando-me o que deviam fazer, como se eu fosse uma especialista em lidar com assassinos implacáveis. Olhei para a cicatriz deixada por um facão no rosto de Florence e lembrei-me do que ela havia dito sobre como ela e sua família haviam permanecido sentados na igreja, esperando sua vez de serem mortos a facadas. Pois eu não pretendia ficar parada esperando a morte.

— Vamos em frente — eu disse. — Caminharemos até o acampamento da FPR. Os soldados estão por perto.

Os assassinos ficaram nervosos ao me ouvir mencionar a FPR.

Nos pusemos em marcha, mas não conseguimos ir muito longe. A estrada estava tão coberta por pedras e cadáveres que era quase impossível empurrar a cadeira de rodas de Aloise — e quando uma roda ficou presa numa vala, paramos todos. Os filhos de Aloise também choravam, agarrados aos braços da mãe.

Chamei de lado meus amigos Jean Paul e Karega.

— Vocês dois venham comigo — os demais fiquem com Aloise... e rezem. Vou em busca dos soldados tútsis e voltarei com ajuda. Não se mexam daqui, ou não poderei encontrá-los entre esses refugiados hútus.

Aloise olhou para mim em dúvida.

— Tem certeza de que quer ir? Eles vão matar você na certa. Deixe os homens irem no seu lugar — ela implorou.

— Não. Eu vou... vocês se concentrem nas orações.

E segui na direção para a qual os franceses estavam nos levando antes de nos abandonarem. Eu caminhava e rezava o rosário, falando com Deus do fundo do meu coração e da minha alma.

— Deus, estou literalmente caminhando pelo vale da morte; fique ao meu lado, por favor. Proteja-me com o poder de Seu amor. Você criou o solo em que pisamos, portanto não permita que esses assassinos derramem sobre ele o sangue desta Sua filha.

Três Interahamwes nos seguiram quando nos separamos do grupo maior, e um deles me reconheceu e disse.

— Conheço esta barata. É a filha de Leonard. Procuramos por ela há meses! Não acredito que ela ainda esteja viva... Matamos o resto da turma, mas essa baratinha nos passou a perna.

— Querido Deus — rezei e continuei andando o mais depressa que podia, com o rosário de meu pai apertado na mão. — Só Você pode me salvar. Você prometeu tomar conta de mim, Deus... pois preciso de ajuda agora. Há demônios e urubus às minhas costas, Senhor... por favor proteja-me. Retire o mal do coração desses homens e cegue o ódio deles com o poder do Seu santo amor.

Continuei andando, sem olhar para o chão, sem ter como saber se pisaria sobre pedras ou corpos, confiando em que Deus me conduziria para um lugar seguro. Nossos passos eram rápidos, mas os assassinos estavam em torno de nós. Formavam um círculo à nossa volta e cortavam o ar com seus facões. Estávamos indefesos, então por que não atacavam logo?

— Deus, se eles me matarem, peço-Lhe que os perdoe. Seus corações foram corrompidos pelo ódio, eles nem sabem por que desejam ferir-me.

Andamos assim por mais uns 600 metros, então ouvi a voz de Jean Paul que dizia:

— Eles se foram... eles se foram.

Olhei à minha volta e vi que era verdade — os assassinos tinham-nos deixado. Mais tarde Jean Paul disse que foi porque os soldados da FPR estavam por perto, e os bandidos sabiam disso. Mas eu sabia do motivo real, e não me canso de agradecer a Deus por nos haver salvo naquela estrada.

Poucos minutos se passaram, e vimos uma barreira instalada na estrada pela FPR e dúzias de soldados tútsis, altos, magros, sérios, que montavam guarda. Disparei a correr e caí de joelhos diante deles. Fechei os olhos e entoei um canto de louvor.

— Graças a Deus, graças a Deus, estamos salvos. Graças a Deus vocês estão aqui. Abençoados sejam, vocês todos. Se soubessem o que nós enfrentamos. Obrigada por...

Não pude terminar minha frase, interrompida pelo som frio e metálico do gatilho de uma metralhadora se armando. Abri os olhos e a única coisa que vi foi o cano da arma a 2 centímetros do meu rosto.

CAPÍTULO 21

A Caminho de Kigali

Oh, Deus, quando Você porá fim a este pesadelo?

Olhei por sobre o cano da arma e vi os olhos frios e zangados de um soldado tútsi. Esses olhos me fizeram lembrar o olhar do assassino que eu havia encarado vinte minutos antes.

Se esses eram de fato os soldados da FPR que aguardávamos, desde o início do genocídio, como nossos salvadores, talvez fosse mesmo minha hora de morrer. Meus vizinhos se haviam voltado contra mim, os franceses me haviam abandonado, e, agora, os tútsis salvadores preparavam-se para estourar meus miolos.

Agora depende de Você, Deus — rezei silenciosamente. Já não me importa viver ou morrer, desde que essa seja a Sua vontade. Você me trouxe até aqui — a decisão é Sua.

Tentei ficar de pé, ao mesmo tempo levantando as mãos para o ar e explicando que meus dois amigos e eu éramos tútsis.

— Os soldados franceses nos abandonaram na estrada... Outros sobreviventes do genocídio ficaram para trás, cercados por assassinos. Por favor, vocês têm que ajudá-los antes que seja tarde demais.

— Cale a boca e sente-se no chão — gritou o soldado, cutucando-me com a espingarda.

— Se vocês são tútsis, por que ainda estão vivos? — berrou um outro, apontando uma arma para mim. — Todos morreram, *todos!* Vocês é que devem ser assassinos... são espiões hútus. Sabe o que fazemos com espiões? Fique quieta. Não diga nada e não se mexa.

Soldados irritados nos cercavam, portanto não adiantava falar. Fiquei de boca fechada e esperei para ver qual seria meu destino. Minutos se passaram... pensei em Aloise e nos demais, cercados por

um mar de assassinos, esperando que eu cumprisse minha promessa de mandar soldados para salvá-los. Que Deus se apiedasse deles.

Finalmente chegou o comandante rebelde para interrogar-nos. Os soldados que nos vigiavam fizeram-lhe continência e chamaram-no “Major”. Era alto, magro como uma vara, e com uma das aparências mais calmas que já vi. Olhou-nos como se fôssemos ladrões apanhados a roubar sua casa... e sua expressão era igual à dos soldados franceses quando capturaram o espião Interahamwe. Fiz o sinal-da-cruz ao lembrar do que havia acontecido àquele homem. Obviamente o major não acreditava que éramos sobreviventes do genocídio, e comecei a orar pelos pobres coitados que havíamos deixado à beira da estrada.

Mas, é claro, foi nesse ponto que Deus tornou a se manifestar.

— Immaculée? *Immaculée Ilibagiza*? Um soldado que estava ao lado do major dizia meu nome e me olhava fixamente, incrédulo. — Immaculée! Não pode ser você, ou será que pode? Será você mesma?

— Bazil?

— Então é você! — Deixou cair o rifle, ajoelhou-se no chão e deu-me um abraço apertado.

Bazil era um vizinho hútu que havia aderido aos tútsis rebeldes. Nos conhecíamos desde os tempos de colégio, e ele havia sido por muitos anos o aluno favorito de minha mãe por ser tão inteligente e talentoso. Nós o chamávamos “queridinho da professora” porque mamãe gostava tanto dele que o convidou muitas vezes para ir a nossa casa.

— Você conhece essa moça? — perguntou o major quando Bazil parou de me abraçar.

— Mas é claro, fomos colegas de escola. Seus pais são tútsis muito respeitados em minha aldeia. São ótimas pessoas. Tudo bem com ela, major... não se trata de uma espiã. Tudo que Immaculée diz é verdade.

Agradei rapidamente a Deus por ter enviado Bazil no momento exato em que precisei dele. Os soldados baixaram as armas, o major estendeu a mão e apertou a minha.

— Sou o major Ntwali — ele se apresentou. — Sinto muito pelo mal-entendido, mas há espiões por toda parte. Ainda há muito perigo por aqui, mas conosco você estará segura. Para você a guerra acabou... nós a protegeremos daqui em diante.

— Obrigada, major, mas são os meus amigos que precisam de sua proteção — expliquei com a maior urgência. — Os soldados franceses nos abandonaram no meio da estrada, cercados por Interahamwes, e a 800 metros daqui há trinta tútsis sobreviventes com assassinos por todo lado. Nem sei se ainda estão vivos. Por favor...

Antes mesmo que eu terminasse de falar, o major fez um sinal para que fossem buscar Aloise e os outros.

— Não se preocupe com seus amigos. Chegaremos até eles.

— Obrigada. Que Deus o abençoe.

Assim que os soldados se foram para ajudar os que haviam ficado para trás, Bazil sentou-se ao meu lado e bombardeou-me ansiosamente com perguntas.

— Há meses não vou a minha casa... Tem notícias da aldeia? Como vai a professora... quer dizer, sua mãe? Tem notícias dos meus pais, irmãos e irmãs? Quando os vi pela última vez, preparavam-se para deixar o país... sabe se eles conseguiram?

Coloquei minha mão sobre o braço de Bazil. Sabia da dor que iria causar-lhe e tentei falar com a maior brandura possível.

— Nem sei como lhe dizer isso, Bazil, a não ser lhe dizendo a verdade. Morreram todos: minha família, a sua... Quase todos os tútsis e hútus moderados em nossa aldeia... Estão todos mortos.

Ele me olhou como se houvesse perdido a fala, então desabou a meus pés, com o peito arfando em espasmos e chorando encostado à coronha do fuzil. Pobre Bazil... Perdera os pais, quatro irmãos e três irmãs.

Comecei a entender por que nos haviam recebido com tanta desconfiança ao chegarmos. Muitos desses soldados vinham lutando desde Uganda e passaram todo esse tempo sem notícias de casa. Ao voltar, encontravam suas famílias trucidadas por vizinhos — pessoas nas quais haviam confiado por toda a vida. Não reinava muita felicidade no acampamento rebelde.

Eu mesma não me sentia muito feliz. Estava pesarosa por ter dado as notícias a Bazil e, à medida que o tempo passava, temi que o pior houvesse acontecido a Aloise e todo o grupo. Rezei muito por sua segurança, e dentro de pouco tempo, à aproximação de um caminhão da FPR, ouvi a familiar risada alegre de minha amiga.

— Seja lá quais forem as orações que você rezou, continue rezando, Immaculée — gracejou Aloise. — Aqueles assassinos nos olhavam como se quisessem nos cortar em pedacinhos, mas não conseguiam se mover. Era como se estivessem congelados no mesmo lugar. Nos sentimos como Daniel na cova dos leões... exatamente como Daniel na cova dos leões.

Aloise puxou os filhos para perto de si, deu-lhes um abraço apertado, depois riu, riu, até as lágrimas escorrerem por suas faces. Meu coração se alegrou e comentei:

— Nunca pensei que este dia chegaria, mas posso dizer que não enfrentaremos mais os assassinos. O genocídio acabou. Deus nos poupou e nos concedeu nova vida. Deus seja louvado! Obrigada, meu Deus! *Obrigada, meu Deus!*

Aloise sorriu para mim e disse:

— Amém, Immaculée... Amém.

O GÊNIO ALEGRE DE ALOISE E SEU ESPÍRITO INDEPENDENTE encantaram os soldados endurecidos. Ela passou suas primeiras horas no acampamento divertindo-os com histórias a respeito das pessoas importantes que havia conhecido, depois os manteve rindo com anedotas picantes. Mas o que mais os impressionava era o seu otimismo invencível. Jamais se queixava de sua sina na vida e sabia ver o lado bom de todas as coisas, por mais difíceis que fossem.

Aloise e eu nos dávamos tão bem que o major Ntwali perguntou se ela era minha mãe.

— Não — respondi-lhe —, mas ela me trata como se eu fosse sua filha. Meus pais e dois de meus irmãos foram mortos durante o genocídio, assim como a maioria dos meus parentes.

— Sinto muito — disse o major. — Você acha que fomos nós os culpados?

— O que o senhor quer dizer com isso? — indaguei, perplexa com a pergunta.

— Muitos dos meus soldados culpam a si mesmos pelo que aconteceu. Crêem que perdemos tempo demais lutando para conquistar Kigali, enquanto milhares de tútsis eram assassinados, inclusive suas famílias. Acham que demoramos demais a chegar até aqui.

— Eles não devem pensar assim, major — não é culpa de vocês... que lutavam contra o diabo. Agora é preciso fazer de tudo para não enfrentarmos a mesma batalha. Temos que parar de matar e aprender a perdoar.

O major balançou a cabeça e estalou a língua em sinal de desaprovação.

— Não me fale em Deus ou no diabo; eu sei quem foi o causador de tudo. Você pode perdoar à vontade, Immaculée, mas talvez não tenha visto tantos túmulos coletivos como eu vi. Os homens que encheram essas valas ainda estão por aí, e não merecem seu perdão. Merecem ser fuzilados, e é minha intenção dar-lhes aquilo que merecem. Vou perdoá-los quando estiverem mortos.

A seguir apontou para uma igreja batista ali perto.

— Lá você encontrará outros sobreviventes. Fique por lá enquanto decidimos o que fazer com você, e não se afaste. Lembre-se de que ainda está numa zona de guerra. Caso encontre algum Interahamwe, esse não será tão misericordioso quanto você.

Nosso grupinho se instalou na igreja com cerca de outros cem tútsis que haviam sobrevivido. Não havia camas ou cobertores, mas nos sentíamos felizes por termos um teto sobre nossas cabeças, e era muito bom estar em uma casa de Deus. Bazil nos deu comida, que me ofereci para cozinhar, mas, ao tentar acender o fogo do lado de fora, senti ânsias de vômito, causadas por um fedor nauseante.

— Meu Deus, que cheiro é esse? — perguntei a um dos soldados que nos guardavam.

Ele me pegou pela mão e levou-me a um local atrás da igreja. Era uma imagem do inferno: fileiras e mais fileiras de corpos, várias centenas deles, empilhados como lenha. Um escuro tapete formado por moscas pairava acima dos corpos, e corvos bicavam os que

estavam no alto da pilha. Havia um velho junto à pilha, tentando espantar os cachorros com uma vara.

Cobri a boca, olhos arregalados de terror. Então o soldado apontou para além da pilha de corpos, para um fosso profundo, com aproximadamente 30 metros de comprimento e uns 20 de profundidade. O fosso estava repleto de cadáveres, talvez dezenas de milhares deles. Olhei para o lado, vomitei e cambaleei de volta para a área fronteira à igreja. O soldado continuou me seguindo, sem dizer nada.

— Você é daqui desta região? — perguntei.

Ele balançou a cabeça afirmativamente, e compreendi que lá, no meio daquela pilha de seres humanos podres, estava a família dele. Seu sofrimento estava além das palavras.

Quantos anos — quantas gerações — seriam necessários para que Ruanda se recuperasse desse horror? Quanto tempo nossos corações feridos levariam para sarar, para nossos corações endurecidos se abrandarem? Tempo demais para mim, decidi. Olhando nos olhos aquele soldado, compreendi que teria que abandonar Ruanda.

Deixaria para trás a tristeza e o sofrimento desse país, pelo menos por algum tempo. Para ajudar a curar a outros — o que Deus desejava de mim, eu sabia — precisava da perspectiva que apenas a distância e o tempo poderiam me dar. Precisava curar primeiro a mim mesma para só então poder dar assistência ao meu próximo: os órfãos que vira no acampamento francês, o major cujo coração abrigava desejos de vingança, os assassinos ainda cheios de ódio no olhar e o soldado diante de mim, cuja dor sufocava sua alma.

Sim, eu devia partir, mas não ainda. Havia muito a fazer antes disso, e, além do mais, eu não tinha um emprego, nem dinheiro ou plano. Tudo que possuía eram as roupas do corpo e o rosário de meu pai no bolso.

FICAMOS AINDA ALGUNS DIAS COM OS SOLDADOS REBELDES e passávamos a maior parte do tempo imaginando como fazer para chegar a Kigali sem possuir dinheiro. Ao chegarmos lá, poderíamos ficar os 12 na casa de Aloise, mas não tínhamos como fazer a longa e ainda perigosa viagem de

cinco horas. Rezei dias seguidos e pedi aos demais que fizessem o mesmo. Na hora certa, Deus nos deu a resposta ao enviar o major Ntwali com uma solução.

O major ofereceu-nos um caminhão e um motorista que nos deixariam na porta da casa de Aloise. E não foi só isso, pois, quando o caminhão veio nos pegar, o major mandou que seus comandados o enchessem com sacos de arroz, farinha, açúcar, feijão café, latas de leite e de óleo. Era muito mais comida do que eu havia visto em meses, mais do que suficiente para durar alguns meses. Ao dizer adeus, agradecemos repetidamente sua generosidade e rumamos para Kigali.

Chegamos à capital na metade do que, meses atrás, normalmente seria um movimentado dia de trabalho. Mas entramos no que se assemelhava a uma cidade fantasma. As ruas estavam desertas, a não ser por um ou outro caminhão da ONU ou jipe da FPR que passavam em alta velocidade, desviando-se dos cadáveres espalhados pelas ruas... ou das carcaças das centenas de cães mortos pelos soldados para que não se alimentassem dos restos humanos. O ar tinha cheiro de morte, e dava para ouvir o vento que uivava, como fantasmas em fuga, por entre as casas abandonadas. Eram numerosos os prédios arruinados, queimados e perfurados por tiros de metralhadora ou morteiro. As portas das lojas haviam sido arrancadas, e seu conteúdo saqueado; de vez em quando, ouvíamos ao longe uma explosão. Era impossível reconhecer a bela cidade cujas luzes brilhantes e ruas animadas me haviam encantado quando adolescente.

— Olhem bem onde pisam — preveniu nosso motorista. — Há minas terrestres por toda parte... não podemos lembrar onde deixamos cada uma delas. Quem sai para dar um passeio pode acabar sem uma perna.

Encaminhamo-nos diretamente para a sede da ONU, para ver se encontrávamos o marido de Aloise, Fari. Como ela disse:

— Da ONU até nossa casa é uma caminhada de apenas 15 minutos. Se ele sobreviveu depois de se esconder no forro, é para lá que ele iria. É o local mais seguro em Kigali.

Estacionamos diante do grande portão metálico e tiramos Aloise do caminhão. Ela tremia — pela primeira vez desde que a conhecia vi seu ânimo vacilar.

— Não sei como vou continuar a viver se Fari tiver morrido — ela admitiu. — Ele é meu coração e minha alma, é dele que retiro minha força. Tenho rezado tanto para que esteja vivo... Espero que Deus ouça minhas orações do mesmo modo que ouve as suas, Immaculée.

Mas Deus ouviu as orações de Aloise. Mal ela terminou de falar, divisou um vulto familiar atravessando o terreno cercado.

— Deus do céu... é ele! Tenho certeza de que é ele... Sou capaz de reconhecer seu jeito de andar seja onde for. Chamem por ele, um de vocês chame por ele.

Pedimos a um guarda da ONU que fosse correndo chamar o homem apontado por Aloise. O homem caminhou cautelosamente em nossa direção, até que avistou Aloise... E começou a correr o mais depressa possível. Atravessou o portão, ajoelhou-se e começou a beijá-la.

— Minha querida, minha querida — ele exclamava.

Os pequenos Kenza e Sami saltaram em seus braços, sufocando-o com beijos e abraços. Foi uma das mais alegres reuniões de família que vi em minha vida, até que Fari perguntou:

— Onde está o bebê?

Os olhos de Aloise se encheram de lágrimas.

— Deus a levou — disse ela com voz embargada. — Ela teve uma febre e não sobreviveu.

Fari pousou a cabeça sobre os joelhos de Aloise e ambos choraram durante 15 ou vinte minutos, enquanto nós nos olhávamos encabulados. Nenhum de nós sabia que Aloise havia perdido uma filha antes de chegar ao acampamento francês. Sentíamos-nos assombrados diante de sua força.

Por fim, Fari olhou para nós e perguntou quem éramos.

— Órfãos que adotei no campo de refugiados — explicou Aloise.
— Eles vão ficar em nossa casa.

— Sejam bem-vindos — replicou Fari.

— Aquela mais alta é a filha da Rose e do Leonard... Nossos bons amigos estão ambos mortos.

— Oh, meu Deus — exclamou Fari, que se levantou e segurou minha mão. — Estou vendo seus pais em você, mocinha. Seja forte: seu pai e sua mãe eram gente boa e maravilhosa. Deus a poupou com algum intuito... Fique conosco até saber qual é esse intuito.

A única coisa que consegui dizer foi “muito obrigada”.

VOLTAMOS A SUBIR NO CAMINHÃO PARA A CASA DE ALOISE. No caminho, Fari nos contou que havia abandonado a casa e tinha vivido na ONU durante os últimos quatro meses.

— Se Aloise não voltasse para mim com as crianças — ele disse —, eu jamais voltaria para cá. Uma casa sem amor é como uma prisão.

Estava tudo em absoluta desordem: as janelas haviam sido arrancadas, as paredes perfuradas por balas, e parte do telhado havia desabado. Todos nós colaboramos, e passamos a semana seguinte em consertos e limpeza. Com muito trabalho e com material de construção que recolhemos em vários prédios destruídos, o lugar logo tomou a aparência de um lar. Jean Paul e os outros rapazes tinham seu próprio alojamento, enquanto Florence e eu dividíamos um quarto. Pela primeira vez desde que deixei a casa de meus pais, dormi numa cama de verdade. Nos sentíamos no paraíso.

Embora providos dos alimentos doados pelo major Ntwali, não possuíamos dinheiro — e nossas roupas estavam praticamente em farrapos depois de usadas ao longo de meses ininterruptos. Então fomos a casas abandonadas à procura de sapatos e roupas em melhor estado que as nossas. Em uma dessas casas, encontrei um par de brincos de ouro. Convenci a mim mesma de que merecia algo bonito, que me fizesse sentir bem depois de ter sofrido tanto, e guardei-os no bolso. Mas quando os experimentei diante de um espelho, na casa de Aloise, não suportei minha própria imagem. Enxergava apenas o rosto da mulher que fora sua proprietária. Os brincos não me pertenciam e não estavam carregados com minhas próprias memórias; alguém havia trabalhado muito para comprá-los,

ou os havia recebido como um presente de amor. Senti-me uma invasora na vida de outra pessoa. Não queria possuir coisas que não fossem frutos do meu trabalho ou não tivesse merecido; portanto, no dia seguinte, levei-os de volta ao local onde os havia encontrado.

Enquanto isso, uma vozinha sussurrava em minha cabeça, e concordei com o que ouvi. *Está na hora de começar a me mexer. Hora de arranjar um trabalho.*

CAPÍTULO 22

O Trabalho do Senhor

Só mesmo Deus para saber onde encontrar trabalho numa cidade em que as pessoas tinham medo de andar pelas ruas. Minas terrestres ainda se espalhavam pelas ruas de Kigali, mas, se eu queria trabalhar, seria preciso trilhar esses caminhos. As linhas de ônibus ainda não haviam voltado a funcionar, e eu não tinha como pagar um táxi.

Perguntei a Fari se ele sabia de alguma empresa, à distância de uma caminhada e onde houvesse vagas.

— As opções são muito limitadas no momento, pois ninguém está contratando novos funcionários — respondeu ele. — A única possibilidade é a ONU... Mas geralmente só contratam quem fala inglês.

Minha mente entrou em alerta. Claro! Pois fora justamente por causa da ONU que Deus me fizera aprender inglês no banheiro. Eu inclusive tivera uma visão em que me via trabalhando na ONU.

Naquela noite lavei minhas roupas com um cuidado especial e rezei muito para que Deus me ajudasse a conseguir trabalho na ONU. Estava tão entusiasmada com a possibilidade de finalmente utilizar meu inglês que passei boa parte da noite acordada, treinando diante do espelho as frases que havia ensinado a mim mesma:

Good morning to you.
How do you do?
I am looking for a job.
My name is Immaculée Ilibagiza.
I am Rwandan.

I studied science at the university in Butare.

I am looking for a job.⁵

Oh, como era emocionante. Eu estava falando frases completas em inglês e, no dia seguinte, teria uma conversa de verdade nesse novo idioma... e lá pelo fim do dia poderia estar de posse do meu novo emprego. Deus seja louvado!

Às 8 horas da manhã em ponto eu já estava diante dos portões do edifício das Nações Unidas. Um guarda ganense cumprimentou-me amavelmente em algo que me soava como inglês. Estou certa de que ele deve ter dito "Good morning, how can I help you?".⁶ Mas o que ouvi foi "Blá, blá, blá, blá, blá?". Eu não tinha idéia do que ele dizia, mas fingi que sim. Aprumei a cabeça, apontei o queixo para a frente e disse: "How do you do? My name is Immaculée Ilibagiza. I am looking for a job."⁷

Ai, ai. Pelo jeito que ele me olhou, imagino como devo ter soado ridícula. Apesar de tudo, tentei mais uma vez. Não tinha vindo até ali para ser mandada embora.

— How do you do? My name is Immaculée Ilibagiza. I am looking for a job.

— Ah, você é ruandesa... deve falar francês — ele disse.

Sorri e fiz que sim com a cabeça. O guarda abriu o portão, outro guarda me acompanhou até uma pequena sala de espera, onde preenchi vários formulários e me mandaram aguardar. E eu aguardei... e aguardei... e aguardei. Quando os funcionários da ONU começaram a sair, no final do dia, perguntei à recepcionista quanto tempo mais eu teria que esperar para conseguir meu emprego.

— Vai ter que esperar muito tempo, minha querida. Não há vagas.

Voltei para casa desapontada, mas não desencorajada. Era meu destino trabalhar nas Nações Unidas — eu o havia visualizado e estava determinada. Se Deus queria que eu trabalhasse ali, nada me impediria de atingir meu objetivo.

Retornei no dia seguinte, preenchi os mesmos formulários e esperei por mais uma tarde inteira. E fiz o mesmo no dia seguinte, e no dia seguinte a esse, e no outro também. Levei mais de duas

semanas preenchendo formulários e esperando. Todos os dias, quando eu ia embora, a recepcionista dizia:

— No seu lugar eu não me daria o trabalho de voltar, minha cara. Não há vagas.

Ao final da segunda semana eu já começava a me sentir desencorajada. Não queria voltar para a casa de Aloise sem um emprego, então perambulei pelas ruas maltratadas do nosso bairro, cheia de pena de mim mesma. Queria ficar quieta, em comunicação com Deus, para focalizar minhas energias, mas a casa de Aloise era barulhenta demais para me permitir meditar. Acreditem ou não, cheguei a sentir saudades dos dias passados no banheiro do pastor, quando podia conversar com Deus sem ser interrompida. Lembrava-me da paz e da alegria com que Ele preenchia meu coração durante as longas horas de oração silenciosa, e da clareza mental que sentia depois.

A duas quadras da casa de Aloise, entrei em uma residência incendiada, da qual só restavam as paredes externas, ajoelhei-me sobre as ruínas calcinadas e vidros quebrados e comecei a rezar.

— Querido Deus, conta-se na Bíblia que Pedro se desencorajou após um dia inteiro de pescaria sem pescar coisa alguma, mas Você lhe disse que lançasse a rede mais uma vez no mesmo lugar... e ele pescou tantos peixes! Ficou tão feliz! Pois bem, Você me guiou até a ONU, e estou há dias tentando pescar um emprego... mas não há peixes. Preciso, portanto, da Sua ajuda. Vamos dar um jeito do pessoal da ONU notar a minha presença e oferecer-me um bom emprego em algum escritório. Você sabe o quanto eu preciso, ajude-me e eu ajudarei a mim mesma! Amém.

SACUDI O PÓ DE MINHAS ROUPAS E SAÍ DA CASA ARRUINADA com a confiança renovada. Eu havia pedido a ajuda de Deus, e sabia que agora competia-me fazer com que acontecesse. Visualizei a mim mesma trabalhando na ONU, fazendo anotações, atendendo ao telefone e ajudando a tomar decisões complicadas.

No caminho de casa, pensei em tudo de que precisaria quando me oferecessem o emprego na ONU. Precisaria de algumas roupas apresentáveis e, com certeza, do meu diploma secundário e de uma

prova de que havia freqüentado a universidade durante três anos. Infelizmente, todas as minhas posses estavam no meu dormitório em Butare, a uma distância de quatro horas de carro, e, obviamente, eu não tinha o suficiente para pagar uma corrida de táxi até lá.

Estava tão distraída com meus pensamentos que quase não percebi que um carro parara ao meu lado e que, lá de dentro, o motorista chamava meu nome. Era o Dr. Abel, professor da minha universidade em Butare.

— Quase não a reconheci, Immaculée — ele disse. — Você está tão magra! Estou feliz por você ter sobrevivido... mas você tem o que comer e um lugar para morar?

Dr. Abel era médico, e me fez perguntas de todo tipo sobre o que me havia acontecido e sobre minha saúde. Convidou-me para ir morar com ele e a esposa em Butare até recuperar minhas forças. Agradei-lhe, mas disse que já tinha uma família com quem morar. Mas caso ele fosse a Butare num futuro próximo, eu ficaria muito feliz em aceitar uma carona.

— Mas é claro. Estou indo para lá amanhã.

Mais uma vez vi a mão de Deus naquilo que parecia um encontro ao acaso. No dia seguinte o Dr. Abel deixou-me no portão da minha antiga universidade. A escola havia sido saqueada. Soldados guardavam o portão e recusaram-se a permitir minha entrada:

— A escola é zona proibida por tempo indefinido. — E mandaram-me voltar para Kigali.

Sentei-me à beira da estrada, rezei com o rosário de meu pai e esperei para ver que jeito Deus daria de me fazer entrar no campus. Dentro de dez minutos um carro que conduzia um coronel do exército parou diante do portão. Enquanto os soldados se apressavam em lhe fazer continência, fui até o carro e me apresentei.

— O que você está fazendo aqui, menina? — ele me interpelou. — Onde estão os seus pais? É muito perigoso andar por aí sozinha.

Eu tinha 24 anos, mas havia perdido tanto peso que mais parecia ter 12.

— Meus pais morreram, senhor. Foram mortos com o restante da minha família durante o genocídio. Tudo que me resta no mundo está no meu antigo dormitório, mas seus soldados não permitem que eu entre. O senhor não quer me ajudar? — perguntei com a voz mais doce do mundo.

O coronel abriu a porta, entrei e sentei-me ao lado de um soldado. O carro atravessou o portão e percorreu o caminho curto e deprimente até meu dormitório.

O belo campus, onde eu havia feito tantas e tão boas amizades, e do qual tinha tão belas memórias, já não era o mesmo. Havia lixo por toda parte, e muitos dos edifícios haviam sido queimados e estavam a ponto de desabar. Arquivos escolares voavam pelo campus como folhas secas, e, mesmo depois de tantas semanas, muitos corpos ainda estavam espalhados pelo chão. Não suportei olhar, temendo reconhecer o corpo de Sarah ou de algum outro de meus amigos. Tentei reviver a lembrança dos bailes de que eu tanto gostava, das peças em que tinha tomado parte, meus passeios românticos com John... mas tudo empalidecia diante da devastação reinante.

O coronel deixou-me diante do dormitório, e um soldado me acompanhou até o meu quarto, que havia sido totalmente saqueado. A porta havia sido arreventada a machado, e tudo que eu possuía se fora — minhas malas, roupas, sapatos e até meu colchão haviam sido roubados. Graças a Deus algumas fotos de meus pais ainda estavam presas à parede — momentos únicos de nossa vida juntos. Recolhi alguns envelopes espalhados pelo chão, mas o soldado arrancou-os da minha mão e começou a ler. Tirou o fuzil do ombro e perguntou de maneira ameaçadora:

— Quem é Aimable?

Para sua surpresa, comecei a rir. Pareceu-me cômico ter sobrevivido ao genocídio para acabar sendo morta por um soldado tútsi por saquear meu próprio quarto vazio.

— Aimable é meu irmão. Essa carta veio do Senegal, onde ele estuda — expliquei.

O soldado resmungou e foi para o corredor, onde continuou a ler minha correspondência particular.

Procurei no chão, entre os outros papéis, e não pude acreditar no que vi. Ali, em um envelope grande, estavam meu diploma da escola secundária, os relatórios dos meus progressos na universidade e quase 30 dólares da minha ajuda de custo escolar, que eu havia guardado. Via-me subitamente rica... e podia provar que era instruída.

Saí do campus e usei um dos meus dólares americanos para pagar uma corrida de táxi de volta a Kigali; pelo caminho, agradei a Deus por ter, uma vez mais, atendido as minhas preces. Ele mantinha mesmo Sua palavra e cuidava de mim como Sua filha.

Havia algumas lojas reabertas na cidade, e comprei roupas de segunda mão, sapatos novos, perfume e desodorante. Mandei arrumar meu cabelo pela primeira vez em cinco meses. Voltei para casa sentindo-me novamente uma dama. Aloise quase teve um ataque cardíaco ao me ver sair do quarto, bem-arrumada e bonita.

— Sempre que você rezar por alguma coisa, trate de rezar para eu ganhar um pouco também — ela disse, entre surtos de riso. E riu ainda mais quando mostrei os mantimentos — suficientes para um mês — que havia comprado com o dinheiro restante.

NA MANHÃ SEGUINTE, RUMEI DE NOVO PARA A ONU, para recomeçar minha caçada por um emprego. Eu estava com bom aspecto, cheirava bem, levava comigo meu diploma e sentia-me adequada e confiante — eu era uma jovem profissional pronta a ocupar seu lugar no mundo.

Dessa vez o segurança ganense não me fez perguntas ao portão; acho até que ele nem me reconheceu, pois foi logo me mandando entrar, com um sorriso e sem fazer perguntas. Assim que entrei no prédio, encontrei o caminho para o escritório do diretor de pessoal e bati à porta, interrompendo o diretor no meio de uma conversa.

— Como posso ajudá-la, senhorita? — ele perguntou em francês.

— Preciso de um emprego, senhor — respondi em inglês... Pelo menos eu pensava que era inglês.

Ele pareceu confuso.

— A senhorita está tentando dizer que precisa de um emprego?

— Isso mesmo, senhor, preciso de um emprego — eu disse em francês. Estava óbvio que meu inglês ainda precisava ser trabalhado.

— Já sei... espere aqui — ele recomendou, e desapareceu em seu escritório. Alguns minutos depois sua secretária veio falar comigo e me examinou de alto a baixo. Era ruandesa e, por um motivo qualquer, antipatizou comigo imediatamente.

— Como você entrou no prédio? O que está procurando? — perguntou em kinyarwanda.

— Estou procurando emprego.

— E qual é a sua experiência?

— Freqüentei a universidade, onde estudei engenharia eletrônica e matemática.

— Os empregos são na área de secretariado... isto é, quando há vagas disponíveis. Você sabe usar computador ou fala inglês?

— Nunca trabalhei como secretária e sei um pouco de inglês.

— Ah, entendo — ela retrucou rudemente. — No momento não temos vagas... talvez dentro de três ou quatro meses. Mas com suas aptidões duvido que haja alguma coisa para você. Por favor, feche a porta ao sair.

Estava tão perturbada ao sair do escritório que desci correndo por uma escada dos fundos, para que ninguém me visse chorando. Em meio à descida, um senhor de meia-idade dirigiu-se a mim em francês.

— Espere! Espere um minuto, mocinha. Posso falar com a senhorita?

Minha vontade seria continuar descendo, mas o respeito pelos mais velhos me obrigava a responder. Enxuguei as lágrimas.

— Sim, senhor.

O homem me olhou como quem vê um fantasma.

— Hum... hum... estava tentando saber por que você está aqui.

Pensei que ele ia chamar os seguranças, mesmo assim respondi:

— Um emprego, senhor... estou procurando emprego.

— E já falou com o diretor de pessoal?

Esse interrogatório na escada me incomodava, mas voltei a responder, por uma questão de respeito.

— Falei, sim, senhor. Mas disseram-me que não há vagas.

— Nesse caso... Ele rabiscou alguma coisa num cartão de visitas que me entregou. — Mostre isso no portão amanhã — explicou-me.

— Espero você em meu escritório às dez da manhã. Vamos ver o que podemos fazer para conseguir-lhe um emprego.

Não soube o que dizer; ele continuou a subir e eu simplesmente fiquei olhando para o cartão, no qual estava escrito:

PIERRE MEHU

PORTA-VOZ DA MARNU

MISSÃO DE ASSISTÊNCIA PARA RUANDA, NAÇÕES UNIDAS.

Eu não tinha a menor idéia do que fosse um porta-voz, mas parecia algo importante. E a MARNU tinha sido fundada antes da guerra, para contribuir com o estabelecimento de um governo mais justo em Ruanda. Talvez eu viesse a fazer parte do projeto!

Quando me encontrei com o Sr. Mehu na manhã seguinte, ele disse que me havia confundido com uma jovem que trabalhara com ele antes da guerra, e de quem ele gostava muito. Ela e sua família haviam morrido durante o genocídio. A seguir pediu-me que lhe contasse minha história, o que passei a fazer.

— Qual é sua renda mensal? — ele perguntou.

— Minha o quê?

— Quanto dinheiro você ganha por mês?

— Nada. Zero. É por isso que estou aqui.

— Isso não pode continuar assim! Vou ajudá-la a conseguir um trabalho. Pelo visto seus pais a educaram bem e digo-lhe que você só será uma órfã se quiser. De agora em diante a ONU será o seu lar, e você pode falar comigo como se eu fosse seu pai.

Sorri tanto que chegou a doer — Deus estava mantendo a palavra e enviava Seus anjos para cuidarem de mim.

— Você terá que passar nos testes, é claro — continuou o Sr. Mehu —, mas, com sua instrução, isso certamente não será problema. Quais são suas aptidões em datilografia e inglês?

— Não sei datilografar muito bem, e aprendi inglês sozinha enquanto estava escondida no banheiro.

— É, pelo que vejo você vai precisar de um curso intensivo.

O Sr. Mehu apresentou-me a sua secretária, Jeanne, que passou o dia me mostrando como usar o computador e redigir memorandos, além dos mecanismos de seu sistema de arquivos. Decorei a função

de cada tecla do computador, depois desenhei uma réplica exata do teclado num pedaço de papelão. Passei três dias trabalhando no computador e três noites acordada treinando digitação em meu teclado de papelão.

Certamente Deus guiava meus dedos, porque, no quarto dia, passei no teste de digitação da ONU, com a nota máxima. Poucos dias depois passei no teste de inglês e fui considerada apta a trabalhar para as Nações Unidas. Eu visualizei o emprego, sonhei com ele, rezei para que acontecesse, e agora o conseguia.

E pouco depois passei a trabalhar como auxiliar de escritório e fui encarregada de controlar os suprimentos das Nações Unidas que vinham do exterior para Ruanda — de jipes a contêineres com alimentos. Era um trabalho importante e eu mal podia acreditar que dois meses antes estava agachada no minúsculo banheiro de alguém, sem saber se iria viver ou morrer.

Eu era a prova viva do poder que têm a oração e o pensamento positivo, que, no fundo, são a mesma coisa. Deus é a fonte de toda energia positiva, e a oração é o meio mais eficaz de entrar em contato com Seu poder.

Deus me havia guiado através de um longo caminho, que começou no banheiro, e caminhou comigo cada passo da estrada: salvou-me dos assassinos, encheu meu coração com sua misericórdia, ajudou-me a aprender inglês, levou-me a um lugar seguro, deu-me amigos, abrigo e comida; e, finalmente, apresentou-me ao Sr. Mehu e ao emprego dos meus sonhos. Apesar de tudo que havia sofrido nos últimos meses, Deus jamais saiu do meu lado, nunca estive sozinha.

EU AMAVA MEU NOVO EMPREGO; CADA DIA MAIS INTERESSANTE QUE O PRECEDENTE. Eram tantas as nacionalidades na ONU que eu me sentia como turista em meu próprio país. A cada momento adquiria novas aptidões, conhecia pessoas novas e apurava meu inglês.

Minha riqueza não consistia apenas nas bênçãos do Senhor — eu recebia também um contracheque, e logo pude mandar algum dinheiro para minhas tias e comprar comida e roupas novas para Aloise e seus filhos, em agradecimento a tudo que fizeram por mim.

Deram-me um lar e uma família quando eu mais precisei... mas sabia também que era chegada a hora de partir.

No início de outubro todos os amigos do acampamento francês tinham deixado a casa de Aloise, e tudo à minha volta começava a mudar. Mais de um milhão de refugiados tútsis, que haviam saído do país depois dos genocídios de 1959 e 1973, retornavam, vindos de todas as partes do mundo. Traziam filhos, netos e novas culturas, dos tipos mais variados, e línguas estranhas. Sua chegada mudava os sons e a aparência do país. Um milhão de exilados estava de volta, o mesmo número de tútsis mortos durante o genocídio — um número que ia além da minha compreensão.

À medida que um milhão de tútsis retornava, mais de 2 milhões de hútus fugiam com temor da vingança. A maioria deles foi habitar miseráveis campos de refugiados em países estrangeiros, e muitos morreram de doença e desnutrição. O sofrimento estava em toda parte. Certo dia, quando houvesse aprendido muita coisa e poupado algum dinheiro, eu deixaria para trás a tristeza do meu país. Mas, por enquanto, pretendia fazer algumas pequenas alterações. A vida em Ruanda mudava, e eu mudava com ela.

Pedi a Deus que me desse um novo lar, onde o amor e pensamentos positivos me cercassem. Desta vez Ele fez com que eu mesma atendesse à minha prece ao abrir a porta da frente da casa de Aloise. De pé, à entrada, chorando de alegria por me haver encontrado, estava minha querida colega e companheira de quarto, Sarah, que conseguira rastrear meu paradeiro. Gritamos ambas de alegria e caímos nos braços uma da outra. Levamos horas em choros e contando nossas histórias. Senti meu coração partir-se uma vez mais ao contar como o pastor mandara embora Augustine e Vianney, no meio da escuridão — e como eles morreram juntos. Choramos por esses rapazes que tanto amávamos e pelo restante de minha família — Sarah conhecia e amava todos eles.

— Minha família sempre será sua família — disse Sarah. — Venha morar conosco... Seremos irmãs novamente.

Sarah era uma pessoa muito especial para mim, e sua oferta foi tão generosa que aceitei imediatamente. Empacotei minhas coisas e mudei-me para a casa de seus pais no mesmo dia. Aloise não ficou

muito aborrecida, porque Sarah morava a cinco minutos de distância e prometi visitas freqüentes.

Eu não poderia encontrar um lugar mais calmo e amoroso do que o lar de Sarah. Seus pais, já idosos, estavam casados há 55 anos, mas ainda implicavam um com o outro e se amavam como adolescentes. Eram cristãos devotos, iam à igreja diariamente e rezavam juntos todas as noites. Era o lugar perfeito para eu retomar minha relação íntima e pessoal com Deus... perfeito também para chorar o luto por minha família e iniciar minha recuperação.

Na casa de Sarah, meu coração ferido lentamente conseguiu forças suficientes para colocar no papel as palavras que eu mal ousava pronunciar. Era chegada a hora de escrever para meu irmão Aimable, ainda residindo no Senegal e que nem sabia que eu estava viva. Eu vinha adiando essa tarefa dolorosa, em parte porque não havia serviço de correios, mas também na esperança de que, não vendo as palavras, seria como se os fatos dolorosos não tivessem acontecido. Mas *aconteceram* — eram fatos reais, o que eu finalmente começava a aceitar.

Coloquei o rosário de meu pai ao meu lado, sobre a mesa, e comecei a escrever: *Queridíssimo Aimable, esta é a carta mais triste que já escrevi, a mais triste que você receberá...*

[5](#) Bom-dia. Como vai? Meu nome é Immaculée Ilibagiza. Sou ruandesa. Estudei ciência na universidade, em Butare. Estou à procura de emprego. (N. da T.)

[6](#) Bom dia, em que posso ajudá-la? (N. da T.)

[7](#) Como vai você? Meu nome é Immaculée Ilibagiza. Estou à procura de emprego. (N. da T.)

CAPÍTULO 23

Enterrar os Mortos

— Onde moram os seus pais? — perguntou-me alguém, meses depois que comecei a trabalhar nas Nações Unidas.

— Eles vivem apenas no meu coração — respondi com paciência.
— Morreram durante o genocídio.

Na ONU não me era fácil ignorar minha dor. A maioria dos que trabalhavam ali vinha de outros países, e, ao tomar conhecimento do destino da minha família, todos sentiam-se curiosos em saber como eu havia sobrevivido enquanto a maioria da minha tribo havia morrido.

— Sinto muito — foi o que respondeu a pessoa que falava comigo nessa hora. — Eu não sabia. Espero não ter perturbado você.

Seu nome era coronel Gueye, um oficial senegalês responsável por parte das forças de paz da ONU, enviadas a Ruanda para ajudar na estabilização do país.

Eu disse ao coronel que não se preocupasse com isso. Depois de tudo que eu tinha passado, perguntas eram o que menos me incomodava. Contei-lhe que eu tinha ainda tias e um tio residentes na minha província natal de Kibuye, embora não os visse desde a guerra.

— Ah, Kibuye... tenho vários soldados estacionados lá — ele disse.
— Se algum dia quiser visitar seus parentes, terei muito prazer em lhe dar uma carona e em acompanhá-la eu mesmo. Você pode trazer uma amiga, se quiser.

Era uma ótima oferta, já que viajar pelo país ainda era difícil e perigoso.

— Verdade? Basta me dizer quando e estarei pronta, coronel.

Duas semanas depois, Sarah e eu estávamos com os cintos afivelados, dentro de um helicóptero, voando acima das montanhas verdejantes de Ruanda, de mãos dadas e rindo muito animadas. Nenhuma das duas havia voado antes, nunca imaginamos que o coronel, ao nos oferecer uma carona, queria dizer carona aérea.

Vendo lá de cima a beleza de meu país, era difícil acreditar na feia verdade do genocídio. Quantas vezes, durante aqueles dias, eu havia desejado poder voar para longe do banheiro-prisão, acima do horror interminável? E ali estava eu, voando de volta para lá, em visita à cena do crime. Levava tanto tempo para ir de Mataba a Kigali e apenas trinta minutos para voltar.

Desejei que Aimable pudesse estar comigo, mas foi impossível. O correio ainda era lento, e semanas se passariam ainda antes de eu receber dele uma resposta em que dizia estar tão feliz por receber notícias minhas que não tinha palavras para descrever sua emoção. Tinha acompanhado os noticiários durante o genocídio e havia se conformado com a idéia de que toda nossa família falecera, assim como todos os tútsis de Ruanda. E não tinha como voltar ao país durante o holocausto sem ser assassinado também.

Infelizmente, Aimable não podia arcar com a despesa de vir a Ruanda no momento. Como estudante, não tinha renda, e morava no Senegal, a quase 5 mil quilômetros de distância. Só a passagem de avião lhe custaria 2 mil dólares americanos, uma soma inimaginável! A organização européia que patrocinava sua bolsa se recusava a pagar sua viagem, argumentando que se tratava ainda de uma zona de guerra, por demais perigosa. Meu irmão queria abandonar os estudos para vir morar comigo, mas eu lhe disse que a melhor maneira de honrar papai e mamãe seria terminar os estudos com boas notas. Combinamos de nos escrever todas as semanas e economizar dinheiro para uma visita futura. E agora, graças a uma carona para Mataba, eu visitaria nossa antiga casa sem a companhia do único irmão que me restava.

DEPOIS QUE O HELICÓPTERO ATERRISSOU, O CORONEL GUEYE NOS DEIXOU NO acampamento, aos cuidados de um jovem capitão chamado Traore, que nos apresentou a todos como as filhas do coronel Gueye. Ao

contrário de minhas estadas anteriores em alojamentos militares, aqui Sarah e eu tínhamos nosso próprio quarto, camas para dormir, comida deliciosa e o respeito e a boa vontade de cada um dos soldados. Entramos pela madrugada adentro em companhia deles, ouvindo canções senegalesas e as piadas que trocavam entre si. Sarah sentia-se bem-vinda e segura, e eu estava feliz por voltar novamente a minha casa.

No dia seguinte, nos preparávamos para a caminhada de 8 quilômetros até a aldeia quando o capitão se disse preocupado com nossa segurança. O genocídio havia terminado, mas uma palpável corrente de ódio percorria o país, e assassinatos ainda eram comuns. O capitão insistiu em mandar-nos com uma escolta armada — que consistia em nada mais, nada menos do que duas dúzias de soldados e cinco carros blindados. Não chegaríamos furtivamente a Mataba como refugiadas; pelo contrário, entraríamos com o orgulho de guerreiras. Eu me havia encolhido de medo por tempo demais naquela aldeia, seria muito bom voltar de cabeça erguida.

Meu estado de espírito logo se transformou em tristeza mórbida enquanto seguíamos de carro sob o céu da minha infância. Comecei a chorar ao enveredarmos pela estrada que meus irmãos e eu havíamos percorrido tantas vezes, depois passamos diante da escola de mamãe, agora deserta, e descemos pelo caminho que nos levava para nosso mergulho matinal com papai, no lago Kivu.

Sarah passou o braço sobre meus ombros para me consolar, mas não adiantou — eu estava inconsolável. Também percebi vultos sombrios a espreitar-nos através das venezianas das janelas e atrás dos portões fechados... rostos de h́tus extremistas que haviam caçado e abatido tantos da minha gente. Eram deles as únicas casas ainda de pé, depois de terem incendiado a maioria dos lares tútsis.

Então chegamos à casa de meus pais.

Estava completamente destruída; sem telhado, sem janelas, sem portas. Restos de paredes cercavam a terra calcinada, onde havíamos passado dias a ouvir o rádio, enquanto os assassinos se preparavam para o massacre. Vagueei por entre o esqueleto de pedra, visitei os aposentos vazios que um dia haviam sido a casa dos sonhos de meus pais. Não havia vestígios de mobília destruída ou de

roupas queimadas — obviamente nossos pertences foram pilhados antes de atearem fogo à casa.

Vários vizinhos tútsis que sobreviveram viram nossa escolta militar e vieram cumprimentar-me. Informaram-me a respeito dos tristes acontecimentos transcorridos enquanto eu estava no esconderijo, narraram-me o assassinato de minha mãe e mostraram onde seus despojos foram enterrados.

Alguns amigos de Damascene levaram-me até a cova rasa em que apressadamente enterraram o que restara dele. Karubu, nossa empregada, que presenciara a execução de meu adorado irmão, contou-me, palavra por palavra, golpe a golpe, como tudo se passou.

As lembranças, de cortar o coração, e os detalhes macabros, horrendos, foram demais para mim. Eu apenas começava a me sentir curada, e minhas feridas se reabriram sob o assalto da realidade brutal. Quis pedir aos vizinhos e soldados que me ajudassem a dar um funeral adequado a minha mãe e meu irmão, mas não consegui falar. Um nó fechou minha garganta e bloqueou minha voz, então fiz sinal aos soldados que me levassem de volta ao acampamento.

Quando o carro se afastou de minha casa e passou diante dos montículos de terra, sem nome, que cobriam mamãe e Damascene, senti na boca o gosto amargo e sujo do ódio. Durante o caminho de volta, olhei os rostos que observavam nossa passagem e soube, com toda certeza, que essa gente tinha as mãos tingidas de sangue — sangue de seus vizinhos... sangue da minha família. Gostaria que os soldados encharcassem Mataba com gasolina e me permitissem acender o fósforo que a reduziria a cinzas.

Quando chegamos ao acampamento, fui direto para a cama, sem falar com ninguém. Minha alma estava em guerra com ela mesma. Eu havia me esforçado muito para perdoar, mas agora me sentia uma idiota por tê-lo feito; não restava em mim qualquer clemência. Ver minha casa em ruínas e visitar os túmulos solitários e esquecidos das pessoas que eu amava tinham sufocado minha disposição de perdoar. Quando os vizinhos sussurraram em meus ouvidos os relatos dos sádicos assassinatos de minha família, o sentimento de

ódio, que eu acreditava banido de minha alma, emergiu violentamente das profundezas do meu ser com vigor renovado. Meu coração estava faminto de vingança, e a raiva ardia em meu interior. *Esses malditos animais! Eles são animais, animais, animais!*

Rolei e debati-me na cama durante horas. Sabia que o diabo estava me tentando — que me afastava da luz de Deus, da liberdade de Sua misericórdia. Podia sentir o peso de meus pensamentos negativos arrastando-me para longe da luz que me havia guiado através da escuridão. Nunca me senti tão só como naquela noite. Deus era o meu amigo mais verdadeiro, e esses sentimentos erigiam um muro entre nós. Sabia que meus pensamentos causavam-Lhe dor, e essa idéia me torturava.

Saltei da cama e ajoelhei-me.

— Perdoe meus maus pensamentos, ó Deus — rezei. — Por favor... como sempre tem feito, tire de mim esta dor e purifique meu coração. Sacie minha alma com o poder de Seu amor e perdão. Aqueles que fizeram essas coisas horríveis são, apesar de tudo, Seus filhos, permita que eu os ajude e ajude-me a perdoá-los. Oh, Deus, ajude-me a *amá-los!*

Uma súbita torrente de ar inundou meus pulmões. Soltei um profundo suspiro de alívio, e minha cabeça voltou a repousar sobre o travesseiro. Estava novamente em paz. Ainda estava triste, sim — profundamente triste —, mas era uma tristeza que me fazia sentir bem. Deixei que essa tristeza me envolvesse e percebi que era uma tristeza pura, sem laivos de amargura ou de ódio. Sentia saudades desesperadas de minha família, mas fora-se a raiva que, como algo maligno, havia-se apoderado de mim.

Os que feriram minha família feriram mais ainda a si mesmos, e mereciam minha piedade. Não havia dúvida de que teriam que ser punidos por seus crimes contra a Humanidade e contra Deus. Falava-se na ONU na criação de um tribunal internacional para prender os responsáveis, e eu rezava para que isso acontecesse. Mas rezava também por compaixão. Pedi que a misericórdia divina pusesse fim ao ciclo de ódio — ódio que estava sempre, perigosamente, perto de vir à tona.

Eu estava ciente de que meu coração e minha mente sempre seriam tentados a sentir raiva — encontrar os culpados e odiá-los. Mas decidi que, quando os sentimentos negativos me assaltassem, não lhes daria tempo para crescer e alastrar-se. Recorreria imediatamente à Fonte de todo o poder verdadeiro. Recorreria a Deus e deixaria que Seu amor e Sua misericórdia me protegessem e salvassem.

Quando levantei a cabeça, percebi que a lua já havia surgido. Ouvi os soldados que riam e tocavam música e fui lá para fora. Sarah e eu trocamos sorrisos, e eu sorri para todos. Os soldados davam uma festa e se surpreenderam quando me juntei a eles, com uma aparência feliz. Eles dançaram a noite toda, e Sarah e eu assistimos e aplaudimos.

NO DIA SEGUINTE PERGUNTEI AO CORONEL SE PODIA ME LEVAR DE VOLTA à aldeia, para que pudesse dar a minha mãe e meu irmão um enterro digno. Ele estava preocupado com minha reação no dia anterior e perguntou-me se eu me sentia forte o suficiente para isso. Dei-lhe a minha palavra que sim, e ele providenciou a mesma escolta militar para levar-me até lá.

Paramos no meio do caminho para uma visita a minhas tias Jeanne e Esperance, que moravam perto da minha antiga casa. Eu não as via desde que haviam deixado o acampamento francês. Nenhuma das duas estava completamente recuperada de suas provações, e talvez nunca se recuperassem, mas, pelo menos, estavam em condições bem melhores. Tivemos uma reunião emocionante à beira da estrada, mas procurei manter meu coração sob controle, em preparação para a tarefa solene que me aguardava. Pedi a minhas tias para entrarem em contato com todos aqueles que gostariam de se despedir de mamãe e Damascene e depois se encontrarem comigo em minha antiga casa.

A maioria dos tútsis da aldeia que havia sobrevivido ao genocídio compareceu, e alguns amigos hútus também se juntaram a nós. Um velho amigo da família, Kayitare, levou dois caixões; outro levou uma pá e uma Bíblia. Juntos fomos em busca dos restos mortais. Primeiro desenterramos Damascene; alguns vizinhos se agruparam,

bloqueando minha visão, e carinhosamente me empurraram para trás, para impedir que eu visse o que restara dele.

Abri caminho entre as pessoas.

— É o meu irmão: eu *tenho* que vê-lo — insisti.

Acho que eu nunca acreditaria que Damascene tinha realmente morrido se não visse seu corpo com meus próprios olhos. Foi então que ouvi a pá esbarrar em um osso, e eu o vi... vi sua caixa torácica. A primeira coisa que notei foi que ele não usava roupas e lembrei-me de como haviam tentado despi-lo de sua dignidade, antes de executá-lo.

— Não olhe — disse Esperance.

Mas eu tinha que olhar — vi seu tórax e mais nada. Havia-no esquartejado — cortado seus braços, sua cabeça... *Oh, Deus, meu doce Damascene, o que fizeram com você?* Soltei uma espécie de guincho animal.

Alguém se abaixou sobre a cova, depois levantou-se e voltou-se para mim, com o crânio de Damascene nas mãos. A mandíbula projetava-se para a frente, então vi os dentes... reconheci aqueles dentes. Tudo que restava de seu lindo sorriso ali estava, encarando-me com um ricto contorcido e grotesco.

— Não... Damascene... minha Nossa Senhora, mãe de Deus. — A terra veio em minha direção, minha cabeça se chocou contra uma pedra, depois foi tudo escuridão.

Eu não esperava desmaiar, mas quando a morte de meu irmão, finalmente, penetrou em minha mente, foi como se todo o oxigênio tivesse sido sugado do mundo. Os parentes e amigos me reanimaram e me puseram de pé; colocamos os restos mortais de Damascene no caixão e o levamos conosco até onde estava mamãe. Desta vez insistiram para que eu não olhasse para o corpo, que deveria estar muito decomposto e seria uma visão perturbadora. Concordei, pois havia atingido o limite da minha dor. Por mais que enrijecesse o coração, essa visão de minha mãe seria demais para meus olhos amorosos suportarem. Concordei em enterrá-la sem que eu a visse. Eu lembraria dela tal como fora em vida... como estaria sempre em meu coração e em meus sonhos.

Alguém martelou os pregos na tampa do caixão de minha mãe, e olhei para o rosto dos parentes e amigos — fisionomias arrasadas, que refletiam vidas arrasadas. Ali estavam minha prima, que havia sido forçada a assistir enquanto seus três filhos eram retalhados; meu tio Paul, que fora um homem de vontade férrea, hoje reduzido a uma sombra pela morte de sua amada esposa e seus sete filhos; e minhas tias, cujos maridos estavam mortos e cujos filhos se tornaram doentes incuráveis.

Éramos todos participantes da desgraça que caíra sobre a aldeia, mas eu sabia que aqueles à minha volta tinham perdido mais do que eu. Haviam perdido a fé — e com ela toda a esperança. Contemplando os caixões de minha mãe e Damascene, pensei em meu pai e Vianney, cujos corpos eu jamais encontraria... e agradei a Deus. Eu havia perdido tudo, mas conservara minha fé, e essa me fazia forte, confortava-me e me mostrava que a vida ainda tinha um propósito.

— Onde vamos deixá-los? Vamos enterrá-los onde? — perguntou tio Paul, que soluçava ao passar as mãos pelos caixões toscos de pinho.

— Em casa — respondi. — Vamos levá-los para casa, onde poderão repousar.

Levamos os corpos de mamãe e de meu irmão até as ruínas de nossa casa e cavamos um grande túmulo no centro de um dos cômodos onde o amor e o riso tinham ecoado um dia. Já não havia padres na aldeia, e celebramos nós mesmos os ritos funerários. Cantamos alguns dos hinos favoritos de minha mãe, rezamos inúmeras orações. Pedi a Deus que mantivesse minha família perto de Si e que velasse por suas belas almas lá no céu... e fizemos nossas despedidas.

— Vamos para casa, Sarah. Está na hora de voltar a Kigali — murmurei para minha amiga querida, minha irmã adotiva, que me dera abrigo e uma nova família.

Em pouco tempo estávamos novamente entre as nuvens, voando acima de minha aldeia, muito acima das tristezas que mancharam nossas vidas... tão alto que me parecia poder tocar a face de Deus.

CAPÍTULO 24

Perdoar os Vivos

Eu tinha certeza de que minha família estava em paz, o que não diminuía a dor de não tê-la comigo. Era impossível ignorar essa dor devastadora, ela se apoderava do meu coração a cada vez que me lembrava de como eles foram mortos. Todas as noites eu rezava para ser liberada da minha agonia particular, dos pesadelos que atormentavam meu sono e perturbavam meu dia. Demorou um pouco, mas Deus, como sempre, atendeu às minhas preces. Desta vez através de um sonho, enviado por Ele, diferente de todos que eu já sonhara.

Eu estava a bordo de um helicóptero sobrevoando a casa de minha família, mas fiquei presa numa nuvem escura. Podia ver papai, mamãe, Damascene e Vianney de pé, no céu, muito acima de mim, banhados por uma luz tépida e clara que irradiava tranqüilidade. A luz se tornou mais intensa e se espalhou pelo céu até envolver a nuvem escura que me rodeava. Repentinamente eu estava outra vez com minha família. O sonho foi tão realista que estendi as mãos para eles e senti o calor de suas peles e a maciez de seu toque. Senti-me tão feliz que dancei através do ar.

Damascene usava uma camisa branca novinha e calças azuis. Fitou-me com um olhar brilhante de alegria e sorriu seu sorriso radioso. Minha mãe, meu pai e Vianney estavam atrás dele, de mãos dadas, e também sorriam para mim.

— Olá, Immaculée, é bom saber que ainda podemos fazê-la feliz — disse meu lindo irmão. — Você tem estado triste há muito tempo e deve parar de chorar. Veja como é belo o lugar onde estamos... Não percebe o quanto somos felizes? Se continuar pensando que sofremos, nos forçará a reviver a dor que deixamos para trás.

Sabemos que sente nossa falta, mas quer mesmo que voltemos para sofrer?

— Não, Damascene, de modo algum! — exclamei com lágrimas de alegria a escorrer pela face. — Não voltem! Esperem por mim aí onde estão, e um dia irei juntar-me a vocês. Quando Deus já não precisar de mim neste mundo, irei ter com vocês.

— Estaremos à sua espera, irmã querida. Acalme seu coração. Você deve amar e perdoar aqueles que nos ofenderam.

Minha família recuou lentamente no céu, até desaparecer completamente. Eu ainda pairava sobre minha casa, mas já não havia a nuvem escura... nem o helicóptero. Eu voava sobre a aldeia como um pássaro, sobre a casa do pastor e o acampamento francês, acima de todas as florestas, rios e cachoeiras de meu país tão belo — eu flutuava acima de toda Ruanda.

Sentia-me livre de toda tristeza e seriedade, e comecei a cantar de alegria. Cantei com entusiasmo, e as palavras brotavam alegremente da minha boca. E a canção que eu cantava era *Mwama Shimirva*, que em kinyarwanda significa “Graças a ti, ó Senhor, por um amor além do nosso entendimento”.

Minha cantoria acordou toda a casa, pois estávamos no meio da noite. A mãe de Sarah veio correndo até o meu quarto, com medo de que eu estivesse com febre e delirante.

A partir dessa noite, minhas lágrimas começaram a secar e minha dor abrandou. Nunca mais me angustiei com o destino de minha família. Aceitei que sempre choraria por eles e sentiria sua falta, mas não passaria nem mais um minuto pensando no sofrimento que tinham suportado. Ao me mandar aquele sonho, Deus me mostrara que minha família estava num lugar além de todo sofrimento.

E mostrou-me também que eu devia fazer uma nova visita a minha aldeia.

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS, O CORONEL GUEYE OFERECEU-ME NOVA CARONA, mas dessa vez fomos de carro atravessando o país. A paisagem de minha juventude já não me entristecia; ao contrário, senti-me contente com as lembranças amenas provocadas pelo cenário e pelos sons à minha volta. Passei com amigos pela plantação de bananas de mamãe e

pelos cafezais de papai nas encostas. Disse a minhas tias que, se não tivessem medo de sair de casa, poderiam colher a safra para ganhar seu sustento.

Tia Jeanne disse que eu não precisava pensar que ela teria medo: ia arranjar uma arma e aprender a atirar.

— Da próxima vez me encontrarão prevenida.

Próxima vez, pensei e suspirei profundamente.

Fui a minha antiga casa visitar mamãe e Damascene. Ajoelhei-me ao lado das sepulturas e contei-lhes tudo que havia acontecido desde nosso último encontro: meu emprego na ONU e o que eu planejava para o futuro. Senti falta de ver suas faces e ouvir suas vozes, e chorei. Mas, desta vez, minhas lágrimas foram de libertação e não de dor.

E senti que estava na hora de fazer o que eu viera fazer ali.

JÁ ERA TARDE QUANDO CHEGUEI À PRISÃO, onde fui recebida por Semana, o novo burgomestre de Kibuye. Semana tinha sido professor antes do genocídio, e também colega e amigo de papai — era como uma espécie de tio para mim. Quatro de seus seis filhos haviam sido mortos durante a carnificina, e disse-lhe que ele precisava acreditar que seus pequenos estavam na companhia de Deus.

— Como este mundo está mudado; os filhos agora consolam os pais — ele me respondeu com tristeza.

Como burgomestre, Semana era um político poderoso, encarregado de prender e manter encarcerados os assassinos que haviam aterrorizado a região. Interrogou centenas de Interahamwes e sabia, melhor que ninguém, qual assassino havia assassinado quem.

Sabia por que eu tinha vindo procurá-lo.

— Quer se encontrar com o líder da gangue que matou sua mãe e Damascene?

— Sim, senhor, é isso mesmo.

Pela janela do escritório de Semana, vi quando ele atravessou o pátio até a cela, depois voltou, empurrando diante de si um velho desgrenhado que mancava. Pulei de susto quando eles se aproximaram, pois reconheci o homem imediatamente. Seu nome

era Felicien, um próspero homem de negócios hútu, com cujos filhos eu havia brincado na escola primária. Tinha sido um homem alto, bonito, de muito boas maneiras, sempre vestido com ternos caros. Estremeci ao lembrar que fora a voz dele que ouvi chamando o meu nome quando os assassinos revistaram a casa do pastor. Felicien era um dos que me caçavam.

Semana empurrou Felicien para dentro do escritório, e ele tropeçou e caiu de joelhos. Quando olhou para cima e viu que era eu a pessoa que o aguardava, ficou completamente pálido. Rapidamente desviou o olhar para o chão.

— Levante-se, assassino! — gritou Semana. — Levante-se e explique para esta jovem por que a família dela morreu. Explique por que assassinou sua mãe e esquartejou o irmão dela. Levante-se, eu já disse! Levante-se e fale com ela!

Semana gritava cada vez mais alto, mas o homem arrasado continuou encolhido e ajoelhado, envergonhado demais para ficar de pé e olhar para mim.

As roupas sujas que cobriam seu corpo emaciado estavam em farrapos. Sua pele estava amarelada, machucada e cortada; seus olhos embaçados e cheios de crostas. O rosto, antigamente bonito, estava oculto sob uma barba imunda e emaranhada; os pés nus estavam cobertos de feridas abertas e supuradas.

Chorei diante de tanto sofrimento, Felicien permitira que o demônio entrasse em sua alma, e o demônio arruinava sua vida, como se fosse um câncer da alma. Tornara-se vítima de suas vítimas, fadado a viver em tormento e lamentações. Fui tomada de piedade por ele.

— Ele saqueou a casa de sua família e roubou a safra de suas lavouras, Immaculée. Encontramos as máquinas agrícolas de seu pai na casa dele, não foi mesmo? — Semana gritou para Felicien. — Depois de matar Rose e Damascene, ele foi procurar você. Queria vê-la morta para se apoderar de suas terras. Não foi mesmo, seu porco? — Semana voltou a berrar.

Retraí-me com um suspiro embargado. Semana olhou para mim, pasmo com a minha reação e confuso com as lágrimas que corriam

por meu rosto. Agarrou Felicien pela gola da camisa e jogou-o ao chão.

— O que você vai dizer a ela? O que você tem para dizer a Immaculée?

Felicien soluçava. Percebi toda sua vergonha. Ele olhou para mim por apenas um momento, mas nossos olhares se encontraram. Estendi minha mão até tocar a dele e disse o que eu tinha vindo até ali para dizer.

— Eu o perdôo.

Meu coração se aquietou e vi a tensão desaparecer dos ombros de Felicien antes de Semana empurrá-lo porta afora, para o pátio. Dois soldados ergueram Felicien pelas axilas e arrastaram-no de volta à cela. Semana voltou furioso.

— O que foi isso, Immaculée? Aquele é o homem que matou sua família. Eu o trouxe para que você o interrogasse... para cuspir nele se quisesse. Mas você o perdoou! Como você fez uma coisa dessas? Perdoou por quê?

Respondi a verdade.

— Perdão é tudo que tenho para oferecer.

EPÍLOGO

Amor novo, vida nova

É impossível prever quanto tempo levará um coração partido para se recompor. Entretanto, eu fui abençoada. Com a ajuda de Deus, dentro de dois anos eu estava forte o bastante para amar um outro alguém. Porém, durante o período que levei para me curar, vivi uma vida quieta e reflexiva.

Continuei em meu emprego nas Nações Unidas e morando com a família de Sarah, e, nos períodos de folga, trabalhava como voluntária num orfanato de Kigali, onde fazia o papel de irmã mais velha para dezenas de crianças solitárias e traumatizadas. Estava sempre à procura dos dois irmãozinhos de que cuidei no acampamento francês — nunca os encontrei, mas encontrei muitos outros jovens necessitados de amor.

No final de 1995, finalmente reencontrei Aimable. Os administradores de sua bolsa de estudos decidiram que Ruanda estava suficientemente estabilizada e pagaram sua passagem. Escrevíamos um ao outro com freqüência e algumas vezes, durante o ano, nos falamos por telefone, mas não estávamos preparados para um encontro real face a face. Nunca me esquecerei de nosso encontro no aeroporto. Em vez de uma enorme torrente de emoções, nossa reunião foi hesitante, como se quiséssemos poupar nossos corações. Nos abraçamos e beijamos, porém cautelosamente, pois ambos tínhamos medo da dor um do outro. Era-nos difícil olhar dentro de nossos olhos, sabendo que, se nossos verdadeiros sentimentos viessem à tona, não poderíamos controlá-los — se começássemos a chorar, nada nos faria parar.

Meu irmão e eu fomos a um restaurante com alguns amigos e representamos durante todo o jantar — falamos de estudos, do meu

trabalho, até rimos das piadas dos meus amigos. Mais tarde, entretanto, naquela mesma noite, ao me ver sozinha na cama, chorei o mais que pude. Estou certa de que ele fez o mesmo.

No dia seguinte foi mais fácil estarmos juntos. Nos amávamos tanto que era um conforto gozar da companhia um do outro, embora o fato de estarmos ali nos lembrasse nossa tragédia familiar. Eu desejava dizer-lhe que já estava suficientemente forte para lidar com a dor e queria consolá-lo, mas sabia, instintivamente, que ele não podia ser consolado. Com o tempo, tornou-se claro que havíamos tacitamente decidido não falar sobre o que acontecera àqueles que amávamos. Mencionávamos os nomes de todos eles, mas como se ainda estivessem vivos — só assim podíamos lidar com o assunto. Esse modo de agir continuou por mais dois anos, em nossas cartas e telefonemas. E nada mudou quando Aimable se graduou como veterinário e foi residir em Kigali. Nos víamos diariamente, mas só mencionávamos o genocídio em termos gerais, como se houvesse acontecido a outras pessoas. E quando foi visitar os túmulos de mamãe e Damascene em Mataba, não me chamou para ir com ele.

E desde então tem sido sempre assim entre nós. Aimable ainda reside em Kigali, é um médico bem-sucedido, tem uma esposa encantadora e um filho. Continuamos nos amando e somos muito unidos, nos falamos com freqüência e nos escrevemos uma vez por semana. Mas, embora uma década tenha se passado, jamais nos referimos a nossa família no passado. Talvez seja essa nossa maneira de manter viva sua memória.

EU PASSAVA MUITAS NOITES ENCLAUSURADA, EM ORAÇÃO E MEDITAÇÃO, num centro jesuíta próximo, que se tornou um segundo lar para mim. Foi nesse ambiente tranquilo que experimentei novamente a mesma ligação forte e íntima com Deus que tinha sido a minha salvação durante os meses que passei no esconderijo.

À medida que meu coração se recuperava, comecei a sentir o desejo de dividir minha vida com alguém especial, de ter minha própria família para amar e cuidar. Mas tinha medo... lembrava-me da experiência com John e hesitava em sujeitar meu frágil coração a

uma relação sem futuro, que pudesse acabar de modo doloroso. Então, como havia me acostumado a fazer sempre que me defrontava com um problema, chamei Deus em meu auxílio. Se eu queria um casamento predestinado pelo céu, melhor casamenteiro não poderia haver.

Diz a Bíblia que, se pedirmos, receberemos, e foi exatamente o que fiz. Pedi a Deus que me trouxesse o homem dos meus sonhos. Não queria me enganar — tinha que ser muito clara quanto ao tipo de pessoa que Deus deveria me enviar. Sentei-me e desenhei numa folha de papel o rosto daquele com quem eu queria me casar, depois anotei sua altura e outras características físicas. Pedi um homem de caráter forte, com uma disposição cordial; um homem gentil, amoroso e terno; que tivesse senso de humor e moral sólida; que me amasse pelo que eu era; que gostasse de crianças tanto quanto eu; e, acima de tudo, amasse a Deus.

Não podia marcar um prazo para Deus, mas, como não havia feito restrições quanto a raça, cor ou nacionalidade — e considerando-se que existiam neste planeta mais de 5 bilhões de pessoas —, imaginei que seis meses seria um tempo razoável de espera até que o Senhor providenciasse para mim uma alma gêmea. Fiz apenas uma exigência: porque eu amava muito o rosário, a Virgem Maria, e tantos outros aspectos do catolicismo eram importantes para mim, eu disse a Deus que tratasse de me mandar um católico. Queria ter certeza de que não haveria em meu casamento tensões causadas pela religião e de que meu marido louvaria a Deus da mesma forma que eu.

Uma vez decidida quanto ao que eu queria exatamente, comecei a visualizá-lo e a acreditar, do fundo do coração, que já havia acontecido. Estava tudo nas mãos de Deus, e eu sabia que seria apenas uma questão de tempo até que Ele atendesse ao meu pedido. Mas, para apressar as coisas, peguei o rosário vermelho e branco de meu pai e comecei a rezar para que meu marido aparecesse. E apareceu, três meses mais tarde: o Sr. Bryan Black, enviado por Deus, por intermédio da ONU, diretamente da América!

Ironicamente, Bryan chegou ao país para instalar o Tribunal Criminal Internacional de Ruanda, a corte da ONU que julgaria os

responsáveis pelo planejamento do genocídio. Bryan já trabalhava para a ONU há muitos anos, e estava entusiasmado por fazer parte da missão que justificaria os criminosos. Pessoalmente, achei que vinha enviado por Deus com uma missão.

A primeira vez que vi Bryan na sede da ONU, pensei que ele se parecia exatamente com o homem que eu havia encomendado a Deus. Logo depois, quando cruzei com ele no hall e vi a bondade do seu olhar, tive certeza de que era “ele”. Mas como eu havia deixado o assunto nas mãos de Deus, esperei que Ele trouxesse Bryan à minha presença... e Ele o fez.

Bryan me convidou para sair, e nos divertimos muito. Ao final da noite, eu tinha certeza de que éramos um par perfeito e de que se tratava da pessoa com quem eu queria passar o restante da vida... se ele fosse católico. Tomei coragem e perguntei:

— Qual é a sua religião?

— Sou católico.

Meu desejo era saltar nos seus braços e gritar: “Louvado seja Deus! Seja bem-vindo! Você vai fazer parte da minha vida!” Mas isso poderia assustar o rapaz. Portanto, apenas peguei sua mão e disse:

— Eu também.

Jamais sobrecarreguei Bryan com a história completa de tudo que sofri durante o genocídio, mas ele me ouvia sempre que meu coração estava pesado e permitia-me chorar em seu ombro quando eu o necessitava.

DOIS ANOS DEPOIS, BRYAN E EU NOS CASAMOS NUMA CERIMÔNIA TRADICIONAL ruandesa e, logo em seguida, viemos para a América, em 1998. Mantemos um casamento amoroso e solidário, e Deus nos abençoou com duas crianças: nossa filha Nikeisha e nosso filho Bryan Jr. Todas as manhãs, ao acordar para mais um dia em companhia de meus dois anjinhos, vejo a beleza e o poder de Deus em seus rostos. Jamais deixo de agradecer-Lhe por Seus preciosos dons.

Deus continua fazendo parte de minha vida, todos os dias e de todos os modos. É Ele quem me sustenta, protege e completa. Faz de mim uma esposa melhor, melhor mãe e uma pessoa melhor. E ajudou-me a ter uma carreira. Depois que meus filhos nasceram, eu

quis voltar a trabalhar, mas encontrar um bom emprego em Nova York foi mais difícil do que o fora em Kigali depois do genocídio — havia tanta gente e eram tão poucos os empregos.

Pedi a Deus que me guiasse, então procurei o emprego que desejava — nas Nações Unidas, em Manhattan. Sabendo onde queria trabalhar, visualizei-me ocupando um cargo, usando a mesma técnica de pensamento positivo que vinha usando há tanto tempo: acredite e conseguirá. Entrei no site das Nações Unidas, imprimi a lista dos funcionários com seus nomes e os títulos dos seus cargos, então acrescentei meu próprio nome à lista. Incluí até o número do meu ramal telefônico! Prendi a lista na parede com tachinhas e olhava para ela todos os dias. É claro que também preenchi um formulário, enviei um currículo e telefonei seguidamente para me informar — porém mais de mil pessoas fizeram o mesmo. Eu continuava contemplando minha lista e acreditando que o cargo seria meu, e rezava diariamente, até que o telefone tocou. E, com certeza, meu nome estava selecionado entre centenas de outros pretendentes, e o cargo me foi oferecido só depois de uma entrevista. Nunca deixei de me assombrar com o poder de Deus em ação.

E é esse mesmo poder que me impele adiante para uma fase nova em minha vida. Deus salvou minha alma e poupou minha vida com um propósito: fui poupada para poder contar minha história e mostrar para o maior número de pessoas o poder curativo de Seu amor e a Sua misericórdia.

Deixei para trás pessoas a quem devo ajudar. Espero poder voltar a Ruanda tantas vezes quantas me forem possíveis, para restituir a esperança aos corações dos sobreviventes do genocídio, especialmente as crianças. Ocupo-me no momento com a criação de uma fundação cuja meta é ajudar as vítimas de guerra e genocídio em qualquer parte do mundo a curar seus corpos, mentes e almas.

A MENSAGEM DE DEUS ULTRAPASSA FRONTEIRAS: qualquer pessoa pode aprender a perdoar aqueles que a ofenderam, por maior ou menor que seja a ofensa. Esta verdade está diariamente diante de mim. Por exemplo, recentemente confiei minha história a uma nova amiga, e, poucos

dias depois, ela telefonou para contar que minha vivência a inspirou a entrar em contato com um tio de quem fora muito próxima, mas com o qual não falava há anos.

— Tivemos uma briga feia, e fiquei tão zangada que jurei nunca mais falar com ele — ela confidenciou. — Mas, depois de ouvir como você conseguiu perdoar os que mataram a sua família, me senti obrigada a pegar o telefone e falar com ele. Não pedi que ele se desculpasse — simplesmente abri meu coração e perdoei-o. Em pouco tempo já estávamos conversando como antigamente, com muito amor. Difícil era acreditar que havíamos desperdiçado tanto tempo.

Da mesma forma, uma sobrevivente do genocídio, cuja família foi sacrificada, não faz muito tempo telefonou-me de Ruanda, chorando, e pediu que lhe explicasse o caminho que eu havia percorrido até poder perdoar os assassinos.

— Achei você uma louca por perdoá-los, Immaculée... Você os estava deixando escapar. Mas a dor e a amargura que carrego no peito há 11 anos estão a ponto de me matar. Sinto-me infeliz há tanto tempo que já nem tenho energia para viver. Mas ouço sempre as pessoas contarem como você perdoou os assassinos da sua família e seguiu em frente com a vida... como você é feliz com seu marido, filhos e uma carreira! Eu também preciso aprender a livrar-me do meu ódio. Preciso voltar a viver.

Contei-lhe como depus minha confiança em Deus, relatei tudo que fiz para perdoar e continuar em frente... Tudo que acabo de narrar neste livro. Ela me agradeceu e, tempos depois, contou-me que também pedia a Deus que a ajudasse a perdoar os assassinos.

E houve ainda a mulher de Atlanta que se aproximou de mim em lágrimas, ao final de uma palestra que pronunciei. Disse ela que seus pais foram mortos durante o Holocausto nazista, quando ela era um bebê:

— Passei a vida inteira com o coração cheio de raiva... sofri e chorei por meus pais por muitos anos. Mas inspirei-me ao ouvir sua história sobre o que você sofreu e assim mesmo perdoou. Tentei por toda a minha vida perdoar os que mataram meus pais e agora acho que vou conseguir. Abandonarei minha raiva e serei feliz.

Durante a mesma palestra, uma senhora de 92 anos passou os braços em torno de mim e abraçou-me com força. Estava tão emocionada que mal podia falar, mas finalmente recuperou a voz. Nunca me esquecerei de suas palavras:

— Pensei que para mim era tarde demais para perdoar. Estava à espera de alguém que dissesse o que você disse: que era preciso saber que é possível perdoar o imperdoável. Agora estou em paz.

Quanto a minha terra natal, sei que Ruanda pode recuperar-se, se cada coração aprender a perdoar. Dezenas de milhares de pessoas presas por terem cometido assassinato durante o genocídio começam a ser soltas e estão de volta a suas antigas cidades e aldeias, portanto é este o momento certo para perdoar. Ruanda pode voltar a ser um paraíso, mas será preciso o amor do mundo inteiro para curar minha pátria. E é assim que deve ser, pois o que aconteceu em Ruanda aconteceu a todos nós — o genocídio feriu toda a Humanidade.

O amor de um único coração pode fazer muita diferença. Acredito que podemos curar Ruanda — e o nosso mundo — curando nossos corações um a um.

Espero que minha história ajude.

Agradecimentos

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pai maravilhoso e meu melhor amigo, meu confidente mais leal... e meu salvador. Você tem sido o companheiro constante nas melhores e nas piores entre as piores épocas. Sinto-me grata, meu Deus, por Você ter-me aberto o coração e me permitido amar uma vez mais. Sem Você não sou nada, e sou tudo com Você. A Você me submeto, ó Senhor — seja feita a Sua vontade em minha vida. Continuo a seguir os Seus passos.

À Santa Mãe, a Santíssima Virgem Maria: sinto-a sempre ao meu lado. As palavras são insuficientes para transmitir toda minha gratidão por seu amor e proteção. Mantenha meu coração ao lado do seu — você me faz completa, e eu a amarei para sempre. Obrigada por sua aparição em Kibeho para nos avisar do perigo que nos aguardava... se nós a tivéssemos ouvido!

Ao Dr. Wayne Dyer: o senhor é um anjo enviado pelo céu. Agradeço a Deus por tê-lo colocado em minha vida e sinto como se nossas almas se tivessem conhecido por todos os tempos. Sua inexcusável bondade, seus sábios conselhos e sua paternal afeição são valiosos para mim. É fácil entender por que tantas pessoas se sentem inspiradas por suas palavras — o senhor é meu herói e eu o amo profundamente. Do fundo do meu coração, obrigada por acreditar em mim, por me guiar em direção ao meu sonho e por me mostrar qual era minha verdadeira missão. E obrigada por tornar realidade este livro e por me dar a oportunidade de contar minha história.

A Skye Dyer: obrigada por me apresentar ao seu pai. Eu amo você.

A Maya Labos: adoro viajar com você — obrigada pelo apoio e gentilezas.

A Reid Tracy: mil vezes obrigada por acreditar em mim e fazer com que tudo acontecesse, por estar à minha retaguarda o tempo

todo, e por fazer da Hay House a minha casa.

À equipe fantástica da Hay House: Jill Kramer, Shannon Littrell, Nancy Levin, Christy Salinas, Jacqui Clark, Stacey Smith e Jeannie Liberati — foi um prazer trabalhar com vocês. Obrigada pelos ensinamentos, paciência e encorajamento.

Ao meu colaborador Steve Erwin: depois de trabalharmos juntos neste livro, creio que ninguém me conhece tão bem quanto você. Você é uma pessoa maravilhosa, agora um irmão para mim. Obrigada por ter se mostrado tão bom terapeuta — sua sensibilidade ao fazer tantas perguntas íntimas sobre minha família teve um grande significado. Agradeço a Deus pela magia de suas mãos — sua escrita deu vida a minhas palavras e emoções. Estendo minha gratidão a sua esposa Natasha, que compreende todas as emoções que expressei neste livro, pois ambas dividimos a dor de perder muito cedo nossas mães. Natasha, você é minha irmã.

A Judith Garten: eu amo você. Obrigada por me encorajar e por acreditar na mensagem deste livro.

A Gail Straub e David Gershom: obrigada por me pressionarem a terminar de escrever minha história e por me fazerem acreditar em mim mesma.

A Ned Leavitt: agradeço-lhe de todo coração pelos ótimos conselhos e por acreditar que eu tinha algo importante a dizer.

A Elizabeth Lesser: obrigada pelo bom conselho e por me haver convidado para a oficina Omega, em Nova York, onde conheci o Dr. Wayne.

A Vincent Kayijuka e Esperance Fundira: jamais me esquecerei de como me incentivaram, e de como acreditaram em mim desde o início. Amo muito vocês dois! E um grande obrigada para Wariara Mbuga, Robert McMahon, Lila Ramos, Anne Kellett, Bill Berkeley e Rebeka Martensen por toda a ajuda, boas palavras, bons conselhos e valioso encorajamento.

Meus agradecimentos aos meus colegas da UNDP (United Nations Development Programme)⁸ e do Escritório de Avaliação — com um agradecimento especial para David Rider Smith, Ruth Abraham e

Anish Pradhan por sua compreensão e apoio. Deus os abençoe — eu amo vocês.

Aos muitos amigos que não pude mencionar, mas que me ajudaram de um modo ou de outro. Obrigada. Guardo vocês em meu coração.

E agradecimentos muito especiais a dois sacerdotes muito especiais, padre Ganza Jean Baptiste e meu padrinho padre Jean Baptiste Bugingo.

A meu irmão Aimable Ntukanyagwe, com quem divido tantas memórias de amor e sofrimento, e tantas dores silenciadas: espero que, em *Sobrevivi para contar*, você encontre respostas a tantas perguntas que não foi capaz de fazer, e eu de oferecer. Agradeço ao Todo-poderoso por você estar vivo — você é muito importante para mim. Não se preocupe com nossa gente... eles estão felizes e são nossos intercessores no céu. Obrigada por ter sido um irmão mais velho maravilhoso — pelo amor constante que me mostrou desde que me lembro, por sua fé em mim e por ter sempre me encorajado a escrever nossa história familiar. Meus melhores agradecimentos a Sauda: é um privilégio poder chamá-la cunhada e amiga — obrigada por ter aumentado nossa família. Este livro terá um significado especial para você, que também sobreviveu ao genocídio. Eu a amo tanto!

A Chantal Nyirarukundo, Consolée Nishimwe e Stella Umutoni: vocês são minhas irmãzinhas! Obrigada por se entusiasmarem tanto com este livro — vocês foram uma grande inspiração. Saibam que este livro é para vocês também, por terem sobrevivido.

A meus lindos filhos, Nikeisha e BJ (Bryan Jr.), a meu pequeno sobrinho Ryan: vocês são meus queridos, meus anjinhos, que chegaram a mim como flores enviadas por Deus. Obrigada pela pureza de seu amor e por me darem uma nova razão para viver. Eu gostaria que vivêssemos num mundo no qual suas vidas inocentes não fossem afetadas pelo ódio e no qual nunca chegassem a ouvir as palavras *genocídio* e *holocausto*. Quando tiverem idade suficiente, vocês conhecerão seus avós e tios através das páginas de *Sobrevivi para contar* — suas memórias viverão em meu livro. Mas, por enquanto, eu lhes transmitirei o amor deles sempre que vocês me

envolverem em seus abraços. Vocês são minha vida, e eu amo vocês.

E, por último mas não menos importante, agradeço ao meu maravilhoso marido Bryan: você me salvou da solidão e é, com certeza, minha melhor metade — a metade que Deus enviou para me completar. Obrigada por seus esforços incansáveis e por me ter ajudado a contar minha história, por todo o encorajamento e pelas noites passadas em claro, lendo e revisando. Obrigada pelo amor constante e por aceitar Deus como nosso amigo. Eu o amo, meu querido, de todo meu coração e toda a minha alma.

— **Immaculée**

Immaculée, obrigado por me ter permitido ajudá-la a contar ao mundo sua história extraordinária. Sua coragem, fé, resistência, percepção e sabedoria ainda me mobilizam e inspiram. Foi um privilégio trabalhar com você, e sou um abençoado por poder chamá-la de amiga.

Obrigado a Jill Kramer, da Hay House, por esta oportunidade — e por seu profissionalismo, cortesia e e-mails instantâneos.

Agradeço também a Shannon Littrell, da Hay House, pelas excelentes sugestões e comentários.

Um agradecimento especial a Faith Farthing, da FinalEyes Communications, pelos conselhos sensatos e pela atenção minuciosa aos detalhes.

E, acima de tudo, obrigado a Natasha Stoyhoff, minha esposa, minha vida e meu tudo. Só Deus sabe o que seria de mim sem você.

— **Steve Erwin**

Sobre os autores

Immaculée Ilibagiza

Immaculée Ilibagiza nasceu em Ruanda e estudou eletrônica e engenharia mecânica na Universidade Nacional. Perdeu a maior parte de sua família durante o genocídio de 1994. Quatro anos mais tarde, emigrou de Ruanda para os Estados Unidos e foi trabalhar nas Nações Unidas, na cidade de Nova York. Dedicou-se no momento à criação da Fundação Ilibagiza, que se destina a ajudar outros sobreviventes a se recuperarem dos efeitos a longo prazo do genocídio e da guerra. Immaculée reside em Long Island, com o marido Bryan Black e os filhos de ambos, Nikeisha e Bryan Jr.

Steve Erwin

Steve Erwin é escritor e um premiado jornalista, com atuação na mídia impressa e falada. Trabalhou recentemente como correspondente internacional na Canadian Broadcasting Corporation. Reside em Manhattan com a mulher, a jornalista Natasha Stoyhoff, e no momento se ocupa em escrever seu segundo romance.

Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Sumário](#)

[Dedicatória](#)

[Mapa](#)

[Epígrafe](#)

[Apresentação](#)

[Prefácio](#)

[Introdução](#)

[Parte I - A tempestade em formação](#)

[Capítulo 1 - A Eterna Primavera](#)

[Capítulo 2 - Todos de Pé](#)

[Capítulo 3 - Estudos Secundários](#)

[Capítulo 4 - Na Universidade](#)

[Capítulo 5 - Novamente em Casa](#)

[Capítulo 6 - Sem Saída](#)

[Capítulo 7 - A Casa do Pastor](#)

[Capítulo 8 - Adeus aos Rapazes](#)

[Parte II - No esconderijo](#)

[Capítulo 9 - Para Dentro do Banheiro](#)

[Capítulo 10 - Confrontando Minha Ira](#)

[Capítulo 11 - Esforçando-me por Perdoar](#)

[Capítulo 12 - Sem Amigos a quem Recorrer](#)

[Capítulo 13 - Uma Reunião de Órfãos](#)

[Capítulo 14 - O Dom das Línguas](#)

[Capítulo 15 - Os Improváveis Salvadores](#)

[Capítulo 16 - Manter a Fé](#)

[Parte III - Um novo caminho](#)

[Capítulo 17 - As Dores da Liberdade](#)

[Capítulo 18 - Uma Carta de Damascene](#)

[Capítulo 19 - O Conforto do Acampamento](#)

[Capítulo 20 - Na Rota dos Rebeldes](#)

[Capítulo 21 - A Caminho de Kigali](#)

[Capítulo 22 - O Trabalho do Senhor](#)

[Capítulo 23 - Enterrar os Mortos](#)

[Capítulo 24 - Perdoar os Vivos](#)

[Epílogo - Amor novo, vida nova](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre os autores](#)